UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ALICE FELISBERTO DA SILVA

EDUCAÇÃO, CULTURA E *HABITUS FRONTEIRIÇO* NA MEMORIALÍSTICA DE HÉLIO SEREJO

CAMPO GRANDE/MS
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ALICE FELISBERTO DA SILVA

EDUCAÇÃO, CULTURA E *HABITUS FRONTEIRIÇO* NA MEMORIALÍSTICA DE HÉLIO SEREJO

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.
Orientadora: Profª Drª Jacira Helena do Valle Pereira Assis.

CAMPO GRANDE/MS
2017

ALICE FELISBERTO DA SILVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr.ª Jacira Helena do Valle Pereira Assis
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

_____

Prof. Dr. Antônio Hilário Aguilera Urquiza
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

_____

Prof.ª Dr.ª Kátia Cristina Nascimento Figueira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

_____

Prof.ª Dr.ª Magda Carmelita Sarat Oliveira
Universidade Federal da Grande Dourados

_____

Prof.ª Dr.ª Silvia Helena Andrade de Brito
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, _____ de _____ de 2017.

À minha doce Isabel.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por abençoar minha vida todos os dias e me amparar nos momentos em que penso em desistir.

Aos meus pais, cujos exemplos de caráter moldaram a minha conduta e me fizeram seguir um bom caminho. Seus incentivos constantes ao longo de minha trajetória escolar e acadêmica foram força motriz para que eu chegasse até aqui.

À professora Jacira Helena, minha orientadora, que não somente me conduziu no percurso desta pesquisa, mas tem demonstrado verdadeira amizade com seus sábios conselhos. Mais do que palavras, suas atitudes são exemplos para mim.

Ao professor Hildebrando Campestrini (*in memoriam*), que teve a iniciativa e o cuidado de reunir as obras de Hélio Serejo demonstrando profundo respeito e reconhecimento pelo trabalho desse importante memorialista.

RESUMO

Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na linha de pesquisa Escola, Cultura e Disciplinas Escolares. Nela, busca-se compreender a constituição de um *habitus fronteiriço* a partir da análise dos registros de Hélio Serejo, o "memorialista da fronteira". O objetivo geral da pesquisa consiste em compreender a constituição de um *habitus fronteiriço* nas práticas sociais, culturais, educativas e religiosas dos grupos sociais que viviam na fronteira no período retratado pelo memorialista Hélio Serejo – final do século XIX e início do século XX. Para tanto, estabelecem-se como objetivos específicos: 1) Extrair das obras de Hélio Serejo elementos que revelem o processo educativo e as práticas sociais, culturais, educativas e religiosas do ser (homem/mulher) fronteiriço; 2) Caracterizar o modo de vida desses agentes configurando-os como um grupo social com suas singularidades; e 3) Analisar se a singularidade do modo de vida desses grupos constitui um *habitus* de grupo, próprio da fronteira Brasil-Paraguai retratadas na obra de Hélio Serejo. O percurso metodológico consiste numa revisão bibliográfica e na análise de conteúdo das obras do referido memorialista. A perspectiva teórica adotada é a Teoria da Prática, desenvolvida por Pierre Bourdieu. Foi possível extrair dos registros de Serejo elementos que revelam que as práticas sociais na fronteira naquele momento histórico constituíram um modo de ser e estar singular, a partir das intensas trocas culturais ali desenvolvidas. Observa-se que são necessários mais estudos sobre outros contextos de fronteira de modo a elucidar como se manifesta esse *habitus fronteiriço*, em diferentes lugares e momentos históricos.

Palavras-chave: Bourdieu. fronteira. memória. habitus fronteiriço.

ABSTRACT

This research is linked to the Postgraduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Mato Grosso do Sul, in the research line “School, Cultura and School Subjects. It seeks to understand the constitution of a frontier *habitus*. For this, an analysis of the memoirist Hélio Serejo’s work was made. The general objective of the research is to understand the constitution of a "frontier *habitus*" in the social, cultural, educational and religious practices, of the social groups that lived in the border in the period portrayed by the memorialist Hélio Serejo – late nineteenth and early twentieth century. To this end, the following specific objectives are established: 1) To extract from the Hélio Serejo’s work elements that reveal the educational process and the social, cultural, educational and religious practices of the frontier being (man / woman); 2) To characterize the way of life of these agents by configuring them as a social group with its singularities; and 3) To analyze if the singularity of the way of life of these groups constitutes a *habitus* of group, own of the Brazil-Paraguay border portrayed in the work of Hélio Serejo. The methodological course consists of a bibliographical review and the content analysis of the works of the memorialist. The theoretical perspective adopted is the theory of practice, developed by Pierre Bourdieu. It was possible to extract from the records of Serejo elements that reveal that the social practices at the frontier at that historical moment constituted a singular way of being, in the intense cultural exchanges developed there. It is observed that more studies are needed about other border contexts in order to elucidate how the border *habitus* manifests in these places, in different historical moments.

Key-words: Bourdieu. border. memory. border habitus.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Obras selecionadas para a análise..... 55
Quadro 2 - Textos e unidades temáticas da obra “Homens de aço”..... 57
Quadro 3 - Textos e unidades temáticas da obra “Vida de erval”..... 59
Quadro 4 - Textos e unidades temáticas da obra “Caraí”..... 62
Quadro 5 - Textos e unidades temáticas da obra “Caraí ervateiro”..... 64
Quadro 6 - Textos e unidades temáticas da obra “No mundo bruto da erva-mate”..... 67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hélio Serejo..... 46
Figura 2 - Ilustração da capa da obra “Homens de Aço”..... 56
Figura 3 - Ilustrações da capa da obra “Vida de erval”..... 59
Figura 4 - Ilustração da capa da obra “Heróis da Erva” (Caraí)..... 61
Figura 5 - Ilustrações da capa da obra “Caraí ervateiro”..... 64
Figura 6 - Ilustrações da capa da obra “No mundo bruto da erva-mate”..... 66
Figura 7 - Gráfico com as Unidades de análise (UA) nas obras analisadas..... 83
Figura 8 - Objeto de pesquisa nas obras analisadas..... 85
Figura 9 - Quais as contribuições das memórias de Hélio Serejo para compreender a educação e a cultura da fronteira?..... 87
Figura 10 - Área de ocorrência natural da erva-mate..... 90
Figura 11 - Comboio na saída de Guaíra..... 94
Figura 12 - Depósito de Porto Mendes..... 94
Figura 13 - Influência da Companhia Mate Larangeira..... 95
Figura 14 - Rótulos das embalagens da erva-mate Cruz de Malta..... 96
Figura 15 - Visita de Getúlio Vargas a Campanário..... 104
Figura 16 - Mineiro em demonstração de como carregava o raído..... 106
Figura 17 - Trabalhadores carregando os raídos de erva-mate..... 132
Figura 18 – Barbaquazeiros..... 132
Figura 19 - O homem fronteiriço..... 136
Figura 20 - A mulher fronteiriça..... 139
Figura 21 - As crianças e adolescentes presentes na obra..... 150
Figura 22 - Pessoas com deficiência..... 151

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 11

DELIMITAÇÃO DO TEMA, JUSTIFICATIVA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA..... 11

QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS..... 16

AS NOÇÕES CENTRAIS DA TEORIA BOURDIEUSIANA OPERACIONALIZADAS NA PESQUISA..... 26

NOTAS SOBRE AS ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS NOS ESTUDOS COM FONTE MEMORIALÍSTICA..... 31

A produção acadêmica sobre memória, *habitus* e fronteira nos bancos de dados BDTD e SciELO..... 33

A importância dos estudos com fontes memorialísticas para a História da Educação..... 36

Considerações sobre os procedimentos de coleta e a categorização dos dados na pesquisa com a memorialística de Hélio Serejo..... 42

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DA TESE..... 43

CAPÍTULO I 45

1 SER E ESTAR FRONTEIRIÇO: APROXIMAÇÕES À MEMORIALÍSTICA DE HÉLIO SEREJO..... 45

1.1 HÉLIO SEREJO: "O TRILHADOR DE TODOS OS CAMINHOS"..... 45

1.1.1 Trajetória individual e social do memorialista Hélio Serejo..... 45

1.1.2 Organização das obras..... 55

1.1.2.1 Homens de Aço: a luta nos ervais de Mato Grosso..... 55

1.1.2.2 Vida de Erval 58

1.1.2.3 Caraí 60

1.1.2.4 Caraí ervateiro..... 63

1.1.2.5 No mundo bruto da erva-mate..... 65

1.2 DO *HABITUS* EM BOURDIEU À NOÇÃO DE UM *HABITUS FRONTEIRIÇO*: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL? 68

1.2.1 Adjetivação do conceito de *habitus*: uma abordagem possível?..... 68

1.2.2 Fronteira e "ser fronteiriço": aproximações conceituais..... 71

CAPÍTULO II..... 83

2. PRÁTICAS CULTURAIS E EDUCATIVAS NA FRONTEIRA: EM CONSTRUÇÃO A NOÇÃO DE *HABITUS FRONTEIRIÇO*..... 83

2.1 EDUCAÇÃO E CULTURA NA FRONTEIRA..... 85

2.1.1 Ciclo da Erva-Mate em Mato Grosso do Sul (1883-1947)..... 88

2.1.2 Fluxo migratório e povoamento da fronteira..... 109

2.1.3 Condições de vida e de trabalho..... 123
2.1.3.1 Práticas culturais e educativas na fronteira..... 124
2.1.3.2 Dificuldades enfrentadas no dia-a-dia dos ervais fronteiriços..... 131
2.2 CARACTERÍSTICAS DOS GRUPOS FRONTEIRIÇOS A PARTIR DE SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS..... 135
2.3 *HABITUS FRONTEIRIÇO* ENTRE BRASIL-PARAGUAI..... 154
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 172
FONTES..... 183
REFERÊNCIAS..... 185
APÊNDICES..... 191

INTRODUÇÃO

DELIMITAÇÃO DO TEMA, JUSTIFICATIVA E FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Nesta pesquisa busca-se compreender a constituição de um *habitus fronteiriço* a partir da análise dos registros de Hélio Serejo[1], o "memorialista da fronteira". Trata-se de uma abordagem histórica e sociológica da referida temática – histórica, pois pretende elucidar fatos do passado, de uma fronteira ainda pouco contemplada pelos estudos acadêmicos; e sociológica, por enfocar as práticas do homem fronteiriço, de modo a apreender o seu habitus[2]. O conceito de fronteira adotado nessa tese é o cunhado por Raffestin (1993): como historicamente situada, estabelecida para legitimar as relações de poder.

Hélio Serejo é um memorialista ainda pouco conhecido pelos sul-mato-grossenses, apesar de sua vasta obra que revela muito da história do estado, em especial, da fronteira com o Paraguai. Seus escritos contam das tradições, da religiosidade, do trabalho e das lutas do homem fronteiriço, sobretudo da cultura guarani[3]. Retrata-se, ali, um período importante da história de Mato Grosso do Sul, quando este começou a ser ocupado por migrantes vindos de outras partes do Brasil e do vizinho Paraguai. Nessa "trama" que traz o olhar do memorialista sobre a realidade na fronteira, revela-se a dinâmica das relações econômicas ali desenvolvidas, de uma grande empresa ervateira – a Mate Larangeira – e dos seus domínios, da exploração da força de trabalho e das lutas travadas nesse campo.

Embora o memorialista escreva a partir do senso comum sobre as vivências por ele testemunhadas - até porque não tinha a intenção de fazer uma crítica, mas sim exaltar os feitos de seus personagens, fossem eles "patrões" ou "empregados"-, a quantidade e a variedade de seus registros permitem que pesquisadores interessados em

[1] A biografia do autor é apresentada no Capítulo 1.

[2] Na pesquisa, adota-se como referencial a teoria elaborada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, o qual apresenta, como um dos seus conceitos centrais, o de *habitus.* Para esse teórico, o *habitus* consiste em um "[...] sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes.". Trata-se, portanto, do mecanismo pelo qual o agente direciona as suas práticas, o seu modo de ser e estar na sociedade, a partir da sua trajetória e de seu grupo.

[3] A menção à cultura guarani utilizada na pesquisa tem o sentido de cultura do povo paraguaio, porém destacando nesta os hábitos, costumes e crenças herdados dos povos indígenas da referida etnia, inclusive no que se refere aos saberes acumulados por esses grupos sobre a elaboração da erva-mate.

incursionar pelos estudos a respeito da fronteira retirem dali inúmeros dados. A obra de Serejo é a fonte, cabendo ao pesquisador trazer a teoria para analisá-la de forma crítica e sistematizada.

Não é exagero afirmar que, ao ler sua obra, quase se podem visualizar os acontecimentos, devido à riqueza de detalhes e à forma como os coloca em palavras, utilizando-se inclusive do próprio vocabulário[4] da área da fronteira internacional. Serejo busca ressaltar a importância do homem dos ervais[5] que, apesar da dificuldade que envolvia seu trabalho, empenhava-se intensamente na execução de suas tarefas.

Por outro lado, Serejo traz também a sua visão a respeito dos proprietários da empresa ervateira. Sua posição social explica por que ele se coloca nesse entremeio. Seu pai era proprietário de uma ranchada, dependente da Mate Larangeira. Sendo assim, como pequeno proprietário e, ao mesmo tempo, vivendo entre os trabalhadores, tais contradições se refletem nas suas memórias.

No que se refere ao conteúdo de suas obras, este é multifacetado, assim como seu formato. Embora sejam predominantes os textos sobre a erva-mate, também há os que abordam sobre folclore, paisagens, animais, fenômenos da natureza etc.

Sobre a forma como o autor realizava sua narrativa, Centeno (2007, p. 58) afirma:

> Autodidata, Serejo descreve tudo que viu e ouviu, em alguns casos sem consulta a nenhum autor ou obra [...]. Na maior parte de suas obras, nota-se a não utilização de fontes historiográficas e uma despreocupação com o rigor acadêmico. O conteúdo é memorialístico e quase toda a pesquisa que o autor realizou foi verificada empiricamente. [...] não era pretensão do autor a exposição sistemática, organizada e rigorosa da história. Não era esse o seu objetivo. Serejo queria expor, por meio da obra literária, os problemas vividos pela população simples, queria mostrar a vida da população fronteiriça [...].

Nas obras de Serejo retratam-se as práticas do homem que vivia na fronteira do então sul de Mato Grosso com o Paraguai, no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX.

---

[4] Para se conhecer mais a respeito do vocabulário dos trabalhadores dos ervais, na obra de Hélio Serejo: TENO, N. A. C. **Um estudo do vocabulário da erva-mate em obras de Hélio Serejo**. Dissertação (Mestrado). Três Lagoas: UFMS, 2003.

[5] Embora apareçam, nas obras do memorialista, personagens não diretamente envolvidos com a atividade ervateira, predominam em sua obra memórias sobre esses trabalhadores, com os quais Serejo conviveu desde sua infância até sua adolescência.

É notória, portanto, a relevância do trabalho de Hélio Serejo para Mato Grosso do Sul. Desde muito cedo, o referido escritor alimentou profunda admiração e curiosidade pelo seu próprio cotidiano, de modo a buscar saber mais sobre as vivências de seu meio. Era um jovem com olhar e ouvidos atentos ao que as pessoas ao seu redor tinham para contar, às técnicas, desafios, costumes e crenças que envolviam a vida na fronteira, aos personagens de um modo geral ou individual e, a partir desse interesse, teve a iniciativa de registrar as suas descobertas, para então compartilhá-las com aqueles que nutrissem a mesma curiosidade.

As obras completas de Hélio Serejo foram editadas e publicadas, no ano de 2008, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS). Segundo Hildebrando Campestrini, que trabalhou organização, essas totalizavam, originalmente, 60 livros[6]. Para a publicação das Obras Completas, no entanto, as produções foram reorganizadas, retirando-se alguns textos repetidos ou que pertenciam a outros autores (com exceção daqueles referentes à introdução ou prefácio), e aquelas obras que acabavam se reduzindo demasiadamente foram reunidas no livro "Textos Esparsos".

Dessa organização, obtiveram-se 50 livros - organizados em 9 volumes e sob autorização do próprio Serejo - cujos títulos são: 1) "Tribos revoltadas"; 2) "Modismo do sul de MT"; 3) "Três contos"; 4) "Quatro contos"; 5) "Lobisomem"; 6) "Carreteiro de minha terra"; 7) "Pialo bagual"; 8) "Vento brabo"; 9) "Homens de aço (a luta nos ervais)"; 10) "Prosa xucra"; 11) "Ronda sertaneja"; 12) "Rincão dos xucros"; 13) "Prosa rude"; 14) "Canto caboclo; 15) "O homem mau de Nioaque"; 16) "Poesia mato-grossense"; 17) "Buenas, chamigo!"; 18) "De galpão em galpão"; 19) "Versos da madrugada"; 20) "Carta de Presidente Venceslau ao cumpadre Ansermo"; 21) "Rodeio da saudade (crônicas)"; 22) "Contas do meu rosário"; 23) "Vida de erval"; 24) "Zé Fornalha"; 25) "Abusões de Mato Grosso e de outras terras"; 26) "Sete contos... e uma potoca"; 27) "Fogo de angico"; 28) "Lendas da erva-mate"; 29) "Campeiro da minha terra"; 30) "Pelas orilhas da fronteira"; 31) "Palanques da terra nativa"; 32) "Mãe Preta"; 33) "Nioaque – um pouco de sua história" 34) "Caraí"; 35) "O tereré que me inspira"; 36) "Paisagem sertaneja"; 37) "Nhá Chaló"; 38) "Pialando... no más"; 39) "Balaio de bugre"; 40) "Astúrio Monteiro de Lima – um exemplo de homem"; 41) "Caraí ervateiro"; 42) "Lendas do Estado de Mato Grosso do Sul"; 43) "Sismório, o

[6] Teno (2003, p. 16) aponta esse mesmo quantitativo: "A produção literária do escritor reúne 60 (sessenta) obras publicadas.".

gringo bochincheiro e bandido"; 44) "No mundo bruto da erva-mate"; 45) "Dorico, um bravo lutador"; 46) "Ronda do entardecer"; 47) "Contos crioulos"; 48) "Dois contos: Zé Fumaça e Chopito"; 49) "Meus bisnetos"; 50) "Textos esparsos e Glossário".

Os registros de Serejo partem de seu olhar sobre as práticas sociais e culturais na fronteira. O autor tinha por hábito escrever em cadernos o que via e vivenciava no seu dia-a-dia, em especial nos ervais sul-mato-grossenses no período conhecido como o Ciclo da Erva-Mate (1883-1947). Sua obra é, portanto, um olhar sobre a fronteira naquele período. A análise de seus escritos propicia o contato com as práticas do homem fronteiriço.

Nesta pesquisa, propõe-se uma imersão nesse universo de memórias de Serejo, por meio da teoria de Pierre Bourdieu e seus interlocutores, no sentido de se compreender em que medida as singularidades das práticas sociais, culturais, educativas e religiosas desses grupos sociais permitem caracterizar um modo de ser e estar, ou seja, "*habitus fronteiriço*", próprio daquela área de fronteira, permeado pelas trocas culturais religiosas, sociais e educativas.

O contato com esse objeto decorre de estudos já realizados anteriormente. No mestrado, foi desenvolvida uma pesquisa intitulada "O processo educativo dos trabalhadores da erva-mate na obra do memorialista da fronteira – Hélio Serejo". Naquele momento, buscou-se analisar como se desenvolvia uma educação para e por meio do trabalho nos ervais.

A obra analisada – "Caraí" – permitiu extrair uma gama considerável de elementos que, uma vez organizados em categorias e cruzados com a teoria, trouxeram à tona os conflitos sociais, a luta dos trabalhadores, a exploração de sua força de trabalho, o seu processo educativo desenvolvido no seu próprio fazer e a "resistência" que esses homens impunham em várias ocasiões por meio de sua cultura e do seu saber, ou seja, ainda que houvesse uma exploração, os trabalhadores encontravam nos seus conhecimentos acerca do trabalho um meio de manter certas práticas culturais e religiosas.

Se no mestrado a teoria que possibilitou realizar as aproximações ao objeto partiu, sobretudo, das categorias marxianas, para a tese de doutorado a abordagem parte dos estudos e conceitos elaborados por Pierre Bourdieu. Nesse sentido, é basilar o conceito de habitus e, assim como propõe o próprio sociólogo, busca-se desenvolver, no processo de análise do próprio objeto, a noção de um "*habitus fronteiriço*".

Parte-se, portanto, da teoria de Bourdieu para a aproximação ao objeto, porém com o intuito de compreender em que medida é possível se tratar de um habitus próprio da área de fronteira, um "*habitus fronteiriço*", caracterizado pelas singularidades das práticas ali desenvolvidas, pelas trocas sociais, culturais, religiosas, educativas etc.

A abordagem que se propõe desenvolver aqui foi inicialmente empregada por Pereira (2013), em seu artigo intitulado: "Brasiguaios ou fronteiriços? A noção de habitus para compreender o pertencimento cultural na fronteira Brasil-Paraguai". Neste, a autora problematiza sobre a polissemia do termo "brasiguaio" e destaca como o ambiente fronteiriço e as trocas culturais que o caracterizam traz indícios de um habitus próprio da fronteira.

Além do artigo supracitado, ainda não há trabalhos que façam um aprofundamento sobre a constituição do habitus no ambiente fronteiriço. Daí decorre a pertinência da presente pesquisa. Busca-se analisar as memórias de Serejo para apreender as práticas do homem fronteiriço.

A problematização que fomenta a pesquisa é a seguinte:

- Quais as contribuições das memórias de Hélio Serejo para compreender a educação e a cultura da fronteira?
- Como se caracterizam os grupos retratados por Serejo a partir da sua educação e trocas culturais?
- O modo de vida nas práticas sociais de agentes do linde Brasil-Paraguai retratadas na obra de Hélio Serejo configura um *habitus fronteiriço*?

Pretende-se, a partir dessas questões, apreender as diversas facetas do objeto, ao entrecruzar as memórias de Serejo com outras fontes e analisá-las à luz da teoria bourdieusiana.

O objetivo geral da pesquisa consiste em compreender a constituição de um *habitus fronteiriço* nas práticas sociais, culturais, educativas e religiosas dos grupos sociais que viviam na fronteira no período retratado pelo memorialista Hélio Serejo – final do século XIX e início do século XX. Para tanto, estabelecem-se como objetivos específicos: 1) extrair das obras de Hélio Serejo elementos que revelem o processo educativo e as práticas sociais, culturais, educativas e religiosas do ser fronteiriço; 2) caracterizar o modo de vida desses agentes configurando-os como um grupo social com suas singularidades; e 3) analisar se a singularidade do modo de vida desses grupos

constitui um *habitus* de grupo, próprio da fronteira Brasil-Paraguai retratadas na obra de Hélio Serejo.

QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

A teoria construída por Bourdieu tem em sua essência uma crítica tanto ao objetivismo presente nas teorias deterministas, quanto à excessiva autonomia do indivíduo defendida pelas teorias subjetivistas.

> Uma das possibilidades de se interpretar a obra de Bourdieu consiste em concebê-la como orientada por um desafio teórico central: constituir uma abordagem sociológica capaz de superar, simultaneamente, as distorções e os reducionismos associados ao que ele chama de formas subjetivista e objetivista de conhecimento, ou seja, por um lado, evitar que a Sociologia restrinja-se, tomando-o como independente, ao plano da experiência e consciência prática imediata dos sujeitos, às percepções, intenções e ações dos membros da sociedade, e, por outro, que ela se atenha exclusivamente ao plano das estruturas objetivas, reduzindo a ação a uma execução mecânica de determinismos estruturais reificados. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2006, p. 23).

A partir dessa crítica, emerge o conceito de *habitus*, segundo o qual há uma relação recíproca entre objetividade e subjetividade, não estando nenhum dos dois aspectos submetido ao outro. Olhando a partir dessa perspectiva, o pesquisador, ao analisar os fenômenos sociais, necessitaria também de conhecer a subjetividade dos grupos estudados, e não somente suas relações objetivas, o que confere uma complexidade ainda maior ao seu trabalho, tendo em vista que aspectos subjetivos são mais difíceis de serem apreendidos e considerando-se inclusive a não neutralidade científica, ou seja, que o próprio pesquisador traz sua visão de mundo, a partir da classe à qual pertence.

Outro aspecto relevante na teoria de Pierre Bourdieu diz respeito à relação entre esta e as práticas sociais, ou seja, os conceitos por ele construídos partiram de suas vivências junto aos grupos sociais, à observação sistemática de suas tensões, interações e lutas.

> Sua combinação rara de exigência conceitual, reflexividade metodológica e pertinência sócio-política capacitaram [Bourdieu] a agir como porta-voz de uma ciência militante da sociedade, que

> alcançou um público leitor bem mais amplo que aquele circundado pelos muros da academia [...]. (WACQUANT, 2002, p. 99).

Os conceitos elaborados por Bourdieu contribuem para se compreender uma diversidade de objetos, pois permitem analisar aspectos essenciais das relações sociais, como a constituição do *habitus*, a aquisição dos capitais, as lutas nos diferentes campos, enfim, os meios pelos quais os grupos e agentes se constituem e se estabelecem na sociedade. De acordo com Gonçalves e Gonçalves (2010, p. 37):

> Durante sua vida acadêmica, Bourdieu teve uma multiplicidade de objetos estudados, porém, pode-se identificar questões de fundo, que perpassam suas obras. As culturas e as práticas sociais, com seus mecanismos de produção e manutenção, bem como as relações de força e a produção simbólica, existentes em cada campo na luta por poder e reconhecimento, são preocupações centrais.

Ainda segundo os autores, uma das principais características da obra de Bourdieu é o "[...] desenvolvimento de conceitos abertos, não definitivos, que, quando tomados a priori, podem funcionar como 'marcos indicadores que assinalam fenômenos dignos de atenção'." (GONÇALVES; GONÇALVES, 2010, p. 39). Por defender a indissociabilidade entre a teoria e a empiria, Bourdieu desenvolve suas noções e conceitos ao longo de sua obra, não havendo uma que reúna todos eles (GONÇALVES; GONÇALVES, 2010).

Suas críticas ao campo intelectual se voltam ao prestígio das sínteses teóricas em detrimento de trabalhos empíricos. Em contraposição, Bourdieu propõe uma reflexividade reflexa, como um método por meio do qual se pode perceber e controlar, na própria realização da pesquisa, os efeitos da estrutura social (BOURDIEU, 2008), as distorções que prejudicam o olhar sociológico. Essa reflexividade é continuamente exercitada por Bourdieu em seus estudos, "[...] seja para transformar continuamente as ferramentas sociológicas em prática científica, seja para refletir criticamente sobre as condições sociais e as operações concretas de construção do objeto." (WACQUANT, 2002, p. 97).

Em "Ofício de Sociólogo", Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004) defendem que o intelectual tenha consciência das problemáticas que envolvem seu objeto, não somente no que se refere à teoria, mas também em relação aos grupos que pretende pesquisar. Há a necessidade de o pesquisador submeter suas próprias interrogações à interrogação sociológica.

Merece destaque o que Bourdieu (2001a, p. 29-30) defende como a função do sociólogo:

> Através do sociólogo, agente histórico historicamente situado, sujeito social socialmente determinado, a História, ou seja, a sociedade na qual sobrevive, volta um momento sobre si mesma; e, através dele, todos os agentes sociais podem saber um pouco melhor o que são, o que fazem.

Na busca de entender a relação entre a produção do conhecimento científico e a vida cotidiana, Bourdieu problematiza a postura escolástica dos intelectuais. Segundo o autor, "Ignorando as condições especiais da sua existência, os intelectuais tendem a universalizar seu próprio ponto de vista escolástico." (BURAWOY, 2010, p. 33). Ele critica os teóricos marxistas quando entende que estes "[...] projetam falsamente seus próprios *habitus* sobre a classe trabalhadora; com isso, iludem-se ao imaginar que os trabalhadores tenham disposições e aspirações revolucionárias." (BURAWOY, 2010, p. 35).

Apesar dessas divergências, reivindicam-se, em ambas as teorias, que a produção intelectual sobre a sociedade não se restrinja a uma mera especulação filosófica, mas que parta das condições reais de existência, das lutas travadas pelos diferentes grupos sociais – em Marx, a luta de classes; em Bourdieu, as lutas no interior dos diferentes campos pela posse dos capitais.

Em relação aos capitais, é inegável que Bourdieu, ao ampliar a concepção de capital presente em Marx, ou seja, ao considerar outros tipos, além do econômico, e a importância de cada um deles nas lutas estabelecidas entre os agentes nos diferentes campos, também altera o próprio conceito de classe social.

Bourdieu faz uma crítica à concepção marxiana de classe social. Para ele, as classes existem no papel, ou seja, são "classes teóricas", devido a uma classificação que o pesquisador faz para enquadrar os grupos analisados, mas só se tornam "classes reais" quando há uma mobilização política.

> A teoria marxista comete um erro semelhante ao que Kant denunciava no argumento ontológico ou ao que o próprio Marx reprovava em Hegel: ela dá um "salto mortal" da existência na teoria à existência na prática ou, nas palavras de Marx, "das coisas da lógica à lógica das coisas". (BOURDIEU, 1996, p. 25).

Para Bourdieu (1996), a passagem de uma classe teórica para uma classe real trata-se de um trabalho simbólico dos grupos nas lutas travadas nos diferentes espaços sociais, no sentido de impor determinada visão de mundo:

> [...] a classe "real", se é que ela alguma vez existiu "realmente", é apenas a classe realizada, isto é, mobilizada, resultado da *luta de classificações* como luta propriamente simbólica (e política) para impor uma visão do mundo social ou, melhor, uma maneira de construí-la, na percepção e na realidade, e de construir as classes segundo as quais ele pode ser recortado. (BOURDIEU, 1996, p. 26).

Concretamente, portanto, não há uma classe social, tal como enunciada na visão clássica do pensamento social. O que há, para Bourdieu (1996), são lutas, são mobilizações pela ocupação de posições nos espaços e campos sociais. Quando um pesquisador se propõe a estudar um grupo ou agente e necessita de entendê-lo a partir de sua classe social, essa classificação se daria somente no sentido de tornar viável a análise, pois a complexidade da dinâmica das relações não permite afirmar que aquela classe social é algo determinado e independente, ou mais do que isso, que ela existe como um dado.

> As classes sociais não existem (ainda que o trabalho político orientado pela teoria de Marx possa ter contribuído, em alguns casos, para torná-las existentes, ao menos através das instâncias de mobilização e dos representantes). O que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como *algo que se trata de fazer*. (BOURDIEU, 1996, p. 27).

Esse "fazer" citado por Bourdieu (1996) é algo essencial que perpassa toda a constituição de sua teoria. O sociólogo busca compreender a realidade não a partir de construções epistemológicas universais, mas das práticas de cada grupo social. É a prática que direciona a análise e, portanto, constrói a teoria, e não o contrário.

Nessa perspectiva, quando propõe a ideia de diversos capitais e campos, Bourdieu busca superar a concepção marxiana de luta de classes e, mais do que entender que há uma antagonia fundamental na história da sociedade, como proposto por Marx, defende que há outras lutas, pela manutenção e acúmulo de diferentes tipos de capitais e, por sua vez, por posições dos agentes nos campos – econômico, cultural, simbólico etc.

> [...] se o mundo social, com suas divisões, é algo que os agentes sociais têm a fazer, a construir, individual e sobretudo *coletivamente,* na cooperação e no conflito, resta que essas construções não se dão no vazio social, como parecem acreditar alguns etnometodólogos: a posição ocupada no espaço social, isto é, na estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital, que também são armas, comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo. (BOURDIEU, 1996, p. 27).

Enquanto que, para Marx, nos diferentes períodos históricos há uma oposição entre duas classes sociais que baliza a própria organização da sociedade - daí a notória frase desse teórico: "A história de toda a sociedade até aqui é a história da luta de classes." - contida no Manifesto do Partido Comunista de 1848 -, em Bourdieu as classes sociais assumem posições e práticas diversas, que não se restringem à posse ou não dos meios de produção.

É possível, inclusive, nos estudos de Bourdieu e seus interlocutores, encontrar expressões como "classes populares", "classes médias", "classes dominantes" ou "elites", pois, segundo essa perspectiva, as classes são entendidas a partir de suas práticas, e as práticas das classes são diversas, dinâmicas, conjunturais. Uma classe não se define pelo capital econômico possuído somente, mas pelos demais tipos de capitais, pela organização interna dos diferentes campos e, principalmente, da lógica das relações estabelecidas dentro desses campos.

Assim, por exemplo, em um campo onde o capital cultural é mais valorizado, os grupos detentores de um maior volume desse capital comporiam uma elite dominante, em comparação à elite que possui capital econômico elevado, porém parco capital cultural. O mesmo pode ser entendido em relação às classes populares. Estas não podem ser classificadas somente pelo baixo volume de capital econômico, mas também pela escassez de bens culturais possuídos e consumidos.

A caracterização de uma classe social em Bourdieu, portanto, depende, em síntese, da dinâmica e da lógica interna dos diferentes campos e de como os agentes e grupos partícipes dessas relações lançam mão de seus capitais visando a elevar ou manter a sua posição social. Por isso, é possível falar em "classes populares", em "elites" e em "classes médias" - no caso dessas últimas, essa complexidade de configurações se intensifica, pois há uma maior heterogeneidade de características nessas classes do que aquelas observadas nas classes que se situam nos dois extremos.

Outra expressão que é recorrente nos textos de Bourdieu e dos demais autores que bebem de sua fonte é: "camadas" – "camadas populares", "camadas médias",

“camadas dominantes”. Como o próprio termo sugere, trata-se de uma forma de expressar a posição ocupada pelos grupos dentro de determinado campo. A princípio, pode parecer que “classes” e “camadas” sejam sinônimos, porém enquanto a perspectiva de “classe” pressupõe uma oposição, ou seja, uma classe dominada se revela pela sua contraposição a uma classe dominante (e vice-versa), no caso de camadas não há esse contraste, mas diferenciações em suas práticas que não engendram necessariamente uma oposição. Dentro de uma classe podem ser identificadas várias camadas.

Sendo assim, embora Bourdieu não deixe de considerar a luta de classes contida em Marx, ao definir seus objetos de pesquisa (os quais foram vários ao longo de sua militância e produção acadêmica), esse teórico acabou por ir além daquela oposição fundamental entre as classes e, partindo das práticas dos grupos, elaborou conceitos que visavam apreender a complexidade dessas relações. É por isso que sua perspectiva é conhecida como “teoria da prática”.

Bourdieu, buscando superar a divisão entre o materialismo e o idealismo, concebe

> [...] a “práxis” como produção de bens – não apenas materiais, mas também de bens culturais. Em outras palavras, enquanto Marx reduz a atividade prática à atividade econômica e sobre essa base constrói a história humana como sucessão de modos de produção, Bourdieu estende a ideia da atividade prática às esferas de produção intelectual. Eis o ponto em que Bourdieu se aproxima e se distancia de Karl Marx. (BURAWOY, 2010, p. 33-34).

Observam-se, portanto, semelhanças e diferenças relevantes nas duas teorias, porém ambas pretendem a superação da postura escolástica e a produção de um conhecimento a partir da realidade concreta.

Ao longo de seus estudos e pesquisas, Bourdieu bebeu de outras fontes teóricas e buscou a superação dos limites que identificava nas principais correntes da Sociologia. Seus conceitos trazem influências de Marx, Weber e Durkheim, sem, contudo, configurarem-se em um ecletismo. Sobre essa questão, Catani (2007, p. 79) afirma:

> [em relação às] críticas que são dirigidas a Bourdieu, no sentido de que ele processa uma “liquidificação sociológica” ao se fundamentar nos três autores clássicos já referidos, pode-se observar que o professor francês tem plena convicção de que a Sociologia experimentaria algum avanço se conseguisse reunir conhecimentos aparentemente antagônicos ou que se encontrassem dispersos. Em outras palavras, se conseguisse integrar as tradições do conhecimento ligadas a Marx, Durkheim e Weber e se superassem as oposições epistemologicamente fictícias (mas socialmente reais) entre os

> "teóricos" e os "empiristas" – ou ainda, dentre os "empiristas", entre os partidários da indagação estatística e os que defendem a observação etnográfica.

Desse modo, ao desenvolver sua teoria, Bourdieu busca superar os conceitos até então desenvolvidos pelos seus precursores. Traz elementos dessas correntes e os concilia, pautado nas práticas sociais que ele mesmo observou nos grupos que investigou. Não se trata de uma mescla de perspectivas teóricas descompromissada com a realidade, mas do desenvolvimento de uma teoria que, embora se diferencie de suas antecessoras em alguns aspectos, as reelabora e passa a contemplar questões não alcançadas por aquelas.

Uma vez discutida a epistemologia em Bourdieu, passa-se a abordar sobre a possibilidade do trabalho com memórias por meio dessa teoria. Conforme revela o estado da arte apresentado no próximo tópico, têm sido cada vez mais frequentes as pesquisas que se apropriam dos conceitos bourdieusianos para analisar as memórias de determinados agentes/grupos.

Tal perspectiva é possível porque, como afirmado anteriormente, Bourdieu desenvolveu uma teoria que busca conciliar a relação entre subjetividade e objetividade, superando um conflito que até então limitava as ciências sociais e acabava por trazer visões parciais das práticas sociais. Ora se defendia um determinismo que desconsiderava o papel da subjetividade na constituição da realidade social e na possibilidade de sua transformação, ora concedia-se demasiada autonomia a essa subjetividade, como se ela não fosse, também, constituída por essa realidade externa.

Quando Bourdieu passa a defender uma perspectiva que não apenas critica e aponta as contradições desses dois extremos, mas propõe uma nova abordagem que busca contemplar os múltiplos elementos constituidores das práticas e suas inter-relações, um novo horizonte se abre às ciências sociais e estas passam a ter um alcance muito maior e mais possibilidades de análise. Passa-se a compreender as práticas dos agentes/grupos de uma forma mais abrangente. Por sua vez, ampliam-se as possibilidades metodológicas.

> [...] parece-me que a contribuição de Bourdieu ajuda a superar esta tensão ou esta contradição, por sugerir que, para cada objeto de análise, devemos pensar ao mesmo tempo no espaço, no campo de coerção, de coações, de interdependências que não são percebidas pelos indivíduos, e, ao mesmo tempo, localizar dentro dessa rede de coações um espaço para o que chamava "sentido prático", ou

> estratégia, ou ajuste às situações — e que, inclusive, para indivíduos que têm as mesmas determinações sociais, não funciona de uma maneira homogênea. (CHARTIER, 2002, p. 151).

Por trazer, no conceito de *habitus*, a relação subjetividade-objetividade para compreensão das práticas sociais, é que se tornam pertinentes os estudos com memórias. Ao se analisarem as lembranças de um agente/grupo por meio dos conceitos bourdieusianos, passa-se a entender não somente a memória em si, mas também o processo pelo qual se constitui a própria memória, ou seja, passa-se a compreender o objeto do relato e o próprio agente que faz o relato. Desse modo, a fala desse agente não é apropriada de um modo ingênuo, mas, ao se conhecer **quem** fala, também se relativiza **o que** é dito, e a análise ganha rigor metodológico.

> E daí este espaço para a estratégia pessoal, individual, para uma competição mais ou menos forte dentro de coações externas ou internas compartilhadas. E muitos dos novos campos da história — os estudos sobre a cidade, os estudos sobre os **processos educativos**, os estudos sobre a construção dos saberes científicos, **inclusive a própria história** — se podem entender, tendo sido superadas as contradições a partir desta perspectiva. E essa é a razão, ao que me parece, pela qual Bourdieu ajudou os historiadores a se distanciarem da herança da história das mentalidades para refletirem de uma maneira mais complexa, ou mais sutil, sobre a relação entre as determinações externas, a incorporação destas determinações e, finalmente, as ações. (CHARTIER, 2002, p. 152, grifo nosso).

Bourdieu (2005, 2006, 2008) foi, ao longo de sua trajetória, reformulando seus próprios conceitos no que se refere a pesquisas (auto)biográficas. Embora não haja, entre seus escritos, um texto específico sobre obras memorialísticas, acompanhar o pensamento do sociólogo francês sobre os trabalhos com história oral permite entender como a memória é absorvida pela teoria desenvolvida pelo autor.

Em seu artigo “A ilusão biográfica”, escrito em 1986, ele apresenta uma crítica às pesquisas que se utilizam da história oral e se apropriam dos relatos como se as trajetórias de vida fossem algo “linear”, um “caminho” meticulosamente planejado e trilhado pelo sujeito. O sociólogo chama à atenção o fato de que, ao falar sobre si, o sujeito tende a organizar os fatos como um roteiro, ocultando acontecimentos, destacando outros e colocando-os em uma sequência lógica e cronológica, que não corresponde às características de uma trajetória real.

O sujeito que relata torna-se um “ideólogo” de sua própria vida, ao buscar conferir coerência aos seus atos, estabelecendo relações de causa e efeito. Para isso,

conta com a cumplicidade do biógrafo, que está ali buscando interpretar o que ouve. As circunstâncias que envolvem esse relato também têm influência sobre o seu conteúdo, tendo em vista que aquele que fala seleciona as memórias e oculta aquelas que julga inadequadas.

Bourdieu (2006) recorre aos conceitos de *habitus* e campo para superar as limitações dos relatos orais.

> De fato, como responder, sem sair dos limites da sociologia, à velha indagação empirista sobre a existência de um eu irredutível à rapsódia das sensações singulares? Sem dúvida, podemos encontrar no *habitus* o princípio ativo, irredutível às percepções passivas, da unificação das práticas e das representações [...]. Mas essa identidade prática somente se entrega à intuição na inesgotável série de suas manifestações sucessivas, de modo que a única maneira de apreendê-la como tal consiste talvez em tentar recuperá-la na unidade de um relato totalizante. (BOURDIEU, 2006, p. 185-186).

> Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado. [...] não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 2006, p. 190).

Sendo assim, segundo Bourdieu (2006), para se conhecer uma história de vida não basta a absorção passiva do relato do biografado, mas uma análise dos campos pelos quais esse agente percorreu, das relações que estabeleceu nesses campos e dos capitais por ele possuídos. Apreender o *habitus* pressupõe, nesse sentido, identificar a totalidade dos aspectos, objetivos e subjetivos, que compõem uma trajetória.

Em seu texto intitulado “Compreender”, do livro “A miséria do mundo”, Bourdieu ([1993] 2008) discute sobre a metodologia utilizada nas pesquisas que compõem a referida obra. O autor destaca o papel do pesquisador diante de seu entrevistado, no sentido de reduzir os efeitos da violência simbólica que envolve essa relação. Essa violência simbólica ocasionaria, segundo o autor, distorções no relato do pesquisado.

Para reduzir os efeitos dessa violência simbólica, Bourdieu (2008) defende, por parte do pesquisador, uma escuta ativa e metódica, a qual consiste, ao mesmo tempo,

numa submissão à singularidade da história do sujeito entrevistado, e no conhecimento acerca das condições objetivas.

Já no ano de 2001, poucos meses antes de sua morte, Bourdieu coroa seus trabalhos com história de vida promovendo uma análise de sua própria trajetória, por meio de seu livro intitulado “Esboço de auto-análise”. Sem pretensões autobiográficas, conforme ressalva do próprio autor, a referida obra é, no entanto, representativa no sentido de revelar a aceitação, pelo sociólogo, de técnicas de pesquisa que envolvem memória.

A tensão existente entre a necessidade de uma objetividade, por parte do pesquisador, e os “riscos” que envolveriam a imersão na subjetividade do pesquisado, é superada do referido livro, ou seja, Bourdieu (2005), ao mergulhar em sua própria biografia e colocá-la como objeto de análise, demonstra que é possível a apropriação das memórias como fonte de pesquisa e o que determina o rigor metodológico desse tipo de trabalho é a forma como o pesquisador se porta nesse “jogo”.

Como se pode observar, embora Bourdieu (2005, 2006, 2008) tenha se referido, em suas obras com memórias, a relatos orais, é possível transportar suas problematizações às pesquisas com obras memorialísticas, isto porque os limites e possibilidades que envolvem esse tipo de fonte se assemelham àqueles observados nas (auto)biografias: ambos são memória e, por sua vez, envolvem subjetividades (do pesquisador e do pesquisado).

Para superar os limites, no trabalho com memorialistas, também é preciso que o pesquisador conheça os campos pelos quais circulou o autor pesquisado, assim como os capitais por ele possuídos, de modo a apreender as condições objetivas que envolveram a trajetória desse memorialista e a constituição de seu relato.

Nessa perspectiva, ao se propor o trabalho com obras de um memorialista, faz-se necessário discutir a questão da subjetividade dessa memória e sua conexão com a objetividade das relações sociais. A memória é fruto das próprias relações sociais, não é algo “falseado”, assim como não pertence apenas a um indivíduo. Conforme afirma Halbwachs (2006, p. 72):

> Examinemos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é

> menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela está muito estreitamente limitada no espaço e no tempo.

As memórias de Serejo não pertencem somente a ele, mas aos grupos dos quais participou. Revela-se, portanto, essa "memória coletiva" do homem fronteiriço. Por outro lado, o agente Hélio Serejo traz uma visão particular, um recorte dessas memórias a partir de sua perspectiva, de sua posição social. Analisar seus registros requer que se conheça quem é esse memorialista, de onde, por que e para quem ele fala, para então entender o objeto de seus relatos.

AS NOÇÕES CENTRAIS DA TEORIA BOURDIEUSIANA OPERACIONALIZADAS NA PESQUISA

A teoria da prática de Pierre Bourdieu busca superar tanto as abordagens objetivistas, quanto as subjetivistas, considerando a dialética das relações.

> Para escapar ao realismo da estrutura, que hipostasia os sistemas de relações objetivas convertendo-os em totalidades já constituídas fora da história do indivíduo e da história do grupo, é necessário e suficiente ir do opus operatum ao modus operandi, da regularidade estatística ou da estrutura algébrica ao princípio de produção dessa ordem observada e construir a teoria da prática ou, mais exatamente, do modo de engendramento das práticas, condição da construção de uma ciência experimental da dialética da interioridade e da exterioridade, isto é, da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade. (BOURDIEU, 1983, p. 60).

Trata-se, portanto, de uma teoria que busca apreender o movimento de constituição das estruturas. É nesse sentido que o autor desenvolve o seu conceito de *habitus*.

> As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente "reguladas" e "regulares" sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o

> produto da ação organizadora de um regente. (BOURDIEU, 1994, p. 60-61).

Wacquant (2007, p. 65) faz uma breve exposição do processo de construção do conceito de *habitus* pelos diferentes teóricos, desde Aristóteles:

> As raízes do *habitus* encontram-se na noção aristotélica de *hexis*, elaborada na sua doutrina sobre a virtude, significando um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta nossos sentimentos e desejos em uma situação e, como tal, a nossa conduta. No século XIII, o termo foi traduzido para o latim como *habitus* (particípio passado do verbo *habere*, ter ou possuir) por Tomás de Aquino em sua *Summa Theologiae*, em que adquiriu o sentido acrescentado de capacidade para crescer por meio da atividade, ou disposição durável suspensa a meio caminho entre potência e ação propositada. Foi usado parcimoniosa e descritivamente por sociólogos da geração clássica, como Émile Durkheim (em seu curso sobre *L'Évolution Pédagogique en France*, de 1904-5), por seu sobrinho e colaborador próximo, Marcel Mauss (mais especificamente em seu ensaio sobre "As técnicas do corpo", de 1934), bem como por Max Weber (em sua discussão sobre o ascetismo religioso em *Wirtschaft und Gesellschaft*, de 1918) e Thorstein Veblen (que medita sobre o "habitus mental predatório" dos industriais em *The Theory of the Leisure Class*, de 1899). A noção ressurgiu na fenomenologia, de forma mais proeminente nos escritos de Edmund Husserl, que designava por *habitus* a conduta mental entre experiências passadas e ações vindouras. Husserl (1973 [1947]) também usava como cognato conceptual o termo *Habitualität*, mais tarde traduzido para o inglês por seu aluno Alfred Schutz como "conhecimento habitual" (daí sua adoção pela etnometodologia), uma noção que se assemelha à de hábito, generalizada por Maurice Merleau-Ponty (1947) em sua análise sobre o "corpo vivido" como o impulsor silencioso do comportamento social. O *habitus* também figura de passagem nos escritos de outro estudante de Husserl, Norbert Elias, que fala de "*habitus* psíquico das pessoas 'civilizadas'" no clássico estudo *Über den Process der Civilizierung* (1937). (WACQUANT, 2007, p. 65).

Segundo o autor, ainda, é no trabalho de Bourdieu que se dá a mais completa renovação sociológica no sentido de superar a oposição entre objetivismo e subjetivismo.

O *habitus* está no cerne das práticas, pois é ele que direciona a ação do agente. Este, ao incorporar as disposições dos grupos dos quais participa, configura um modo de ser e estar, de se portar e de agir no mundo, de acordo com as condições sociais nas quais está imerso. Ao mesmo tempo em que o *habitus* constitui o agente, é a partir e por meio dele que este faz as suas escolhas. É com esse conceito que se pretende apreender as práticas do homem fronteiriço.

As práticas dos agentes envolvem uma complexidade de relações, de influências mútuas, objetiva e subjetivamente. O termo "agente" revela que este não é apenas constituído, mas também tem papel ativo na constituição do mundo social. O *habitus* é definido como estruturas estruturadas e estruturantes. São as práticas, costumes e modos de pensar de um grupo social, que são transferidos de geração para geração e podem ser modificados constantemente, de acordo com as experiências ao longo da vida.

O agente incorpora um modo de ser e pensar, a partir dos grupos dos quais faz parte – em especial, o familiar. Essas disposições definem suas ações nos diferentes campos, ou seja, essas estruturas que são estruturadas na subjetividade do agente direcionam as suas práticas. "O *habitus* é definido como um [...] 'sentido do jogo', uma 'razão prática', uma obediência não consciente a regras tácitas, resultado de um longo processo de inculcação." (LAPLANE; DOBRANSZQY, 2002, p. 61).

Pode-se considerar o *habitus* como uma categoria central na teoria de Bourdieu. A partir da compreensão desse conceito, revela-se que na mesma medida em que o agente se constitui segundo os grupos dos quais participa, mobiliza as disposições incorporadas ao longo de sua vida para agir na sociedade, ou seja, não é autônomo nas suas decisões, porém também não é passivo.

Os campos, outro conceito proposto pelo sociólogo francês, são os espaços em que se situam os agentes e nos quais estes lutam pela distribuição dos capitais acumulados em lutas anteriores. Para cada campo, há um capital correspondente (cultural, econômico, educacional etc., que constituem uma bagagem socialmente herdada). A posição social dos agentes é determinada pelos capitais que estes detêm, ao circular pelos diferentes campos. Estes, por sua vez, não se restringem ao plano objetivo, mas são configurados pelas relações que neles se desenvolvem. "A luta permanente no interior do campo é o motor do campo." (BOURDIEU, 2003, p. 209).

> A estrutura do campo é um **estado** da relação de força entre os agentes ou as instituições envolvidas na luta ou, se se preferir, da distribuição do capital específico que, acumulado no decorrer das lutas anteriores, orienta as estratégias posteriores. Esta estrutura, que está no princípio das estratégias destinadas a transformá-la, está ela própria sempre em jogo: as lutas cujo lugar é o campo têm por parada em jogo o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, quer dizer, em última análise, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico. (BOURDIEU, 2003, p. 120-121, grifo do autor).

Uma vez que o agente ocupa determinada posição na trama social, é a partir dessa posição que ele irá tomar as decisões nas diversas situações de sua vida. Ainda que sem um cálculo consciente e racional, ele está "jogando", está empregando estratégias, sejam estas para manter a posição que ocupa, sejam para superá-la. A metáfora do jogo é bastante pertinente para pensar essas relações.

> A noção de estratégia é o instrumento de uma ruptura com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente que o estruturalismo supõe (recorrendo, por exemplo, à noção de inconsciente). Mas pode-se recusar a ver a estratégia como o produto de um cálculo consciente e racional. Ela é produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais [...]. O bom jogador, que é de algum modo o jogo feito pelo homem, faz a todo instante o que deve ser feito, o que o jogo demanda e exige. Isso supõe uma invenção permanente, indispensável para se adaptar às situações indefinidamente variadas, nunca perfeitamente idênticas. O que não garante a obediência mecânica à regra explícita, codificada (quando ela existe). (BOURDIEU, 2004, p. 81).

Assim, o campo seria o espaço do jogo (um espaço relacional), o *habitus* seria o sentido desse jogo e as estratégias seriam empregadas pelos jogadores a partir das condições que iriam se configurando ao longo da partida – condições que envolvem tanto o agente, quanto o próprio campo. Segundo Bourdieu (2004, p. 81), "O sentido do jogo não é infalível; ele se distribui de maneira desigual, tanto numa sociedade quanto numa equipe.". Sendo assim, os agentes não estão em igualdade de condições. Suas possibilidades podem ser inúmeras, mas as estratégias que irão empregar obedecem a certos limites.

> Percebe-se que não se deve colocar o problema em termos de espontaneidade e coação, liberdade e necessidade, indivíduo e social. O *habitus* como sentido do jogo é jogo social incorporado, transformado em natureza. Nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador. Ele fica naturalmente no lugar em que a bola vai cair; como se a bola o comandasse, mas, desse modo, ele comanda a bola. O *habitus* como social inscrito no corpo, no indivíduo biológico, permite produzir a infinidade de atos de jogo que estão inscritos no jogo em estado de possibilidades e de exigências objetivas; as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas em um código de regras, impõem-se àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las. (BOURDIEU, 2004, p. 82).

Embora o autor admita a existência de regras, faz uma ressalva no sentido de que estas não estão colocadas *a priori* por algum inventor, que as implantaria por meio de normas explícitas. As regras do jogo correspondem às regularidades das atividades. As condutas são regradas, mas não necessariamente obedecem a regras.

> Para construir um modelo do jogo que não seja nem o simples registro das normas explícitas, nem o enunciado das regularidades, mas que integre umas e outras, é preciso refletir sobre os modos de existência diferentes dos princípios de regulação e regularidade das práticas: há, naturalmente, o *habitus*, essa disposição regrada para gerar condutas regradas e regulares, à margem de qualquer referência a regras [...]. (BOURDIEU, 2004, p. 83-84).

Ao promover uma aproximação à teoria desenvolvida por Bourdieu, nota-se que não se pode discutir sobre cultura e educação – elementos centrais desta pesquisa – sem relacioná-las aos conceitos de campo, capitais e *habitus.*

> A maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato de que, em seu estado fundamental, está **ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação**. A acumulação de capital cultural exige uma **incorporação** que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, **custa tempo** que deve ser investido **pessoalmente** pelo investidor [...]. O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da "pessoa", um habitus. (BOURDIEU, 1999, p. 74-75, grifo do autor).

O *habitus* é, em essência, o mecanismo pelo qual a educação se processa, ou seja, é por meio dele que o agente se apropria da cultura, ao mesmo tempo em que é ele que direciona as práticas culturais e educativas de um determinado grupo.

Ao analisar a cultura, Bourdieu (1999) a compreende no âmbito das relações de dominação entre os grupos. Assim, o sociólogo não somente considera que os diferentes grupos possuem diferentes culturas, mas também que os grupos dominantes buscam legitimar, por meio de uma violência simbólica, a sua própria cultura. A cultura é, para Bourdieu (1999), um tipo de capital.

Destacam-se, nos estudos desenvolvidos autor, duas instituições como as principais transmissoras do capital cultural: a família e a escola, sendo a segunda a instância legitimadora das desigualdades operadas no âmbito familiar, ou seja, a disparidade na posse do volume de capital, por parte das famílias, é "mascarada" pela escola que, desconsiderando as desvantagens iniciais daqueles que não detêm esses capitais, favorece aqueles que já os possuem, reforçando as desigualdades.

Há que se destacar, no entanto, que embora grande parte da obra de Bourdieu sobre educação se refira àquela desenvolvida na família e na escola, o autor não deixa de considerar outros campos nos quais circula o capital cultural, como o midiático, o artístico, o religioso, entre outros. No que se refere ao objeto desta pesquisa, há que se considerarem outros campos, para além da família e da escola - tendo em vista que não havia, por parte dos grupos estudados, acesso à educação escolar. Tal abordagem permite aproximar de como se configuraria um *habitus fronteiriço* nas práticas sociais, culturais, educativas e religiosas dos grupos da fronteira no período retratado por Serejo.

NOTAS SOBRE AS ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS NOS ESTUDOS COM FONTE MEMORIALÍSTICA

O percurso metodológico se estabelece para aproximar aos objetivos gerais e específicos da pesquisa. Inicialmente, faz-se necessária a apreensão dos conceitos fundamentais que nortearão a análise do objeto. Essa fase pressupõe uma revisão bibliográfica dos trabalhos cuja discussão desenvolvida relacione-se à presente investigação, em específico os que adotem a perspectiva bourdieusiana.

Para a análise das obras de Hélio Serejo, é empregada a técnica de análise de conteúdo:

> [...] actualmente, e de um modo geral, designa-se sob o termo de análise de conteúdo: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação [...]. (BARDIN, 2006, p. 37, grifo do autor).

Inicialmente, é necessário expor as etapas que envolveram a análise. A técnica utilizada foi a análise de conteúdo.

> A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (MORAES, 1999, p. 9).

Ainda segundo Moraes (1999), a matéria-prima da análise de conteúdo pode ser qualquer material de comunicação verbal ou não verbal, fontes em estado bruto, cujos dados serão processados de modo a facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência.

Ainda que a referida técnica tenha surgido no âmbito dos estudos com dados quantitativos, passou posteriormente a ser incorporada à metodologia dos trabalhos com dados qualitativos. “De certo modo a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação.” (MORAES, 1999, p. 10).

Outra mudança que houve em relação à técnica é que, se antes o enfoque era a busca do significado das mensagens para os receptores, cada vez mais passou a ser considerado o contexto no qual se produziu essa mensagem.

> O contexto dentro do qual se analisam os dados deve ser explicitado em qualquer análise de conteúdo. Embora os dados estejam expressos diretamente no texto, o contexto precisa ser reconstruído pelo pesquisador. Isto estabelece certos limites. Não é possível incluir, nessa reconstrução, todas as condições que coexistem, precedem ou sucedem a mensagem, no tempo e no espaço. Não existem limites lógicos para delimitar o contexto da análise. Isto vai depender do pesquisador, da disciplina e dos objetivos propostos para a investigação, além da natureza dos materiais sob análise. (MORAES, 1999, p. 10-11).

No caso da presente pesquisa, como já se conhecia o conteúdo das obras do memorialista, os objetivos foram definidos *a priori*. A partir deles, direciona-se o olhar sobre os textos, levando em consideração o referencial teórico.

Em relação às etapas da análise, o autor aponta as seguintes:

1. **Preparação das informações**: nesta pesquisa, essa preparação ocorreu a partir da leitura de todas as obras de Hélio Serejo, buscando separar somente aquelas que se referiam ao modo de vida na fronteira. As demais foram descartadas;
2. **Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades**: uma vez separados os textos que diziam respeito ao objeto da pesquisa, foi organizado um quadro[7] com o resumo de cada um deles, assim como as temáticas a eles relacionadas. Nessa etapa, foram identificadas as seguintes unidades temáticas:

[7] Quadro 5.

"ambiente", "atividade ervateira", "costumes", "crenças", "dificuldades", "eventos" e "personagens". Os demais textos foram agrupados em outras três unidades, não necessariamente para análise, mas como fonte para complementação dos dados: "consulta" (enquadrando-se os glossários), "sobre o autor" e "sobre a obra";

3. **Categorização ou classificação das unidades em categorias**: a partir da definição das unidades temáticas e dos objetivos e referencial teórico da pesquisa, os textos foram reagrupados e classificados. Foram organizados dois quadros a partir da problematização levantada no início da pesquisa e os elementos presentes nas obras que contemplam as referidas questões;
4. **Descrição e interpretação**: uma vez organizados os dados nos quadros, a partir da problematização levantada inicialmente, procedeu-se à apresentação do conteúdo das obras e sua interpretação (análise).

A produção acadêmica sobre memória, *habitus* e fronteira nos bancos de dados BDTD e SciELO

Para elucidar a relevância do presente objeto e levantar autores que possam dialogar com este trabalho, é necessário conhecer as pesquisas que já foram produzidas até então, relacionadas à temática estudada. Para tanto, foi realizada uma busca nos dois principais bancos de dados acadêmicos: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*. Para abranger o máximo possível de produções relacionadas, combinaram-se as seguintes palavras-chave: "Hélio Serejo"; "fronteira e "*habitus*"; "fronteira" e "memória"; e "*habitus*" e "memória".

Na BDTD, foram levantados 66 trabalhos[8]. São escassas, no entanto, as pesquisas que tratam da memorialística de Hélio Serejo, de forma específica. Apenas 3 contemplam, sendo que somente 1 delas é da área da Educação e as demais da área de Letras. Essa questão sinaliza tanto a necessidade de mais estudos com a obra desse memorialista, quanto a relevância do presente trabalho, que se debruça sobre seus

[8] Quadro 1 do apêndice A. Para uma melhor visualização da abordagem dos trabalhos quanto ao referencial teórico adotado e a relação das temáticas com a adotada nesta tese, organizou-se o quadro 2 do apêndice A.

registros para buscar compreender o *habitus* do homem fronteiriço. Quanto à perspectiva teórica adotada, nenhum dos trabalhos adota os conceitos bourdieusianos.

Em relação à combinação das palavras-chave "fronteira" e *"habitus"*, obteve-se somente 1 trabalho com essa temática – "*Habitus* (ethos e práxis) na civilização latino-americana: uma compreensão da formação social, cultural e ideológica da América Latina e sua influência nos processos de integração internacional regional e sub-regional, com enfoque no MERCOSUL" -, porém ainda assim não se trata de um estudo específico sobre a área de fronteira, mas das relações entre os países latino-americanos. Reforça-se, assim, a lacuna em que se enquadra o presente objeto, ao tratar de uma temática ainda pouco explorada.

A combinação de palavras-chave "fronteira" e "memória" trouxe um número maior de trabalhos – 23 -, porém somente 3 adotam como fonte obras memorialísticas, 9 contemplam a fronteira do Brasil com o Paraguai e 2 são da área da Educação. Em relação ao referencial teórico, 9 utilizam Bourdieu como uma de suas referências.

Ao buscar pelas palavras-chave "memória" e *"habitus"*, retornaram 38 resultados. Nenhum deles, porém, contempla obras memorialísticas. Não há trabalhos que abordem sobre *habitus* de grupos em área de fronteira, porém 12 deles "adjetivam" o conceito de *habitus*, ou seja, contemplam grupos e revelam singularidades que permitem identificar configurações específicas no *habitus* desses grupos. Destaca-se a quantidade significativa de produções na área da Educação (22) e, dentre elas, as que abordam sobre *"habitus professoral"* (3). Ainda na área da Educação, também estão presentes trabalhos que abordam sobre *"habitus docente", "habitus escolar" e "habitus universitário"*. Quanto ao referencial teórico, 32 adotam conceitos de Bourdieu.

Na *Scielo*, por sua vez, foram encontrados 7 trabalhos[9]. Não foram encontradas produções que contemplassem de forma específica a memorialística de Hélio Serejo, porém o trabalho de Centeno (2012) traz uma das obras desse autor como fonte.

Ao combinar as palavras-chave "fronteira" e "memória", foram levantados 2 artigos, sendo um deles sobre a fronteira do Brasil com o Paraguai (CENTENO, 2012). Esse mesmo trabalho contempla obras memorialísticas como fonte. Os demais trazem outros tipos de fonte. 4 das produções levantadas trazem Bourdieu como uma das

[9] Constantes no quadro 3, do apêndice A. Os trabalhos encontrados na Scielo também foram organizados segundo a relação com o presente objeto, conforme quadro 4, do apêndice A.

referências teóricas. Somente um dos trabalhos traz o conceito de *habitus* adjetivado – *"habitus profissional"*.

No que se refere às produções que mais se aproximam do presente objeto, destacam-se:

- **"Hélio Serejo: por uma literatura entre as orilhas da fronteira"** (ANASTÁCIO, 2014): trata-se de uma tese de doutorado em Letras, cujo objetivo foi investigar, nas obras de Serejo, como se estabelecia a fronteira e como os personagens por ele descritos por ali transitavam, no período do pós-guerra e da ocupação territorial. A autora busca compreender a formação identitária dos sujeitos. A perspectiva teórica parte dos Estudos Culturais. Embora não faça parte do referencial aqui adotado, a proximidade em relação ao objeto torna válida a sua citação.
- **"O processo educativo dos trabalhadores da erva-mate na obra do memorialista da fronteira – Hélio Serejo"** (SILVA, 2010): trata-se da dissertação de mestrado em Educação que antecedeu a presente tese. Ali, porém, a análise partia da perspectiva marxista, e contemplou somente uma das obras do autor - "Caraí". Buscava-se, ali, compreender como se configurava o processo educativo dos trabalhadores dos ervais fronteiriços. Embora esse trabalho tenha originado as discussões aqui presentes, ele se diferencia em aspectos importantes, a saber: a) a abordagem teórica (antes, o materialismo histórico-dialético e, agora, a teoria desenvolvida por Pierre Bourdieu que, embora se aproprie de conceitos importantes do marxismo, possui diferenças substanciais em relação a este); b) o alcance da análise (antes foi analisada somente uma obra de Serejo. Agora, outras são contempladas); c) a problemática levantada (aqui, volta-se a abordar sobre o processo educativo do homem fronteiriço retratado pelo memorialista, porém relacionando-o à configuração de um *habitus* próprio desse grupo).
- **"Retórica e argumentação: fundamentos para análise de um discurso do sul-mato-grossense Hélio Serejo"** (STEFANES, 2006): dissertação de mestrado em Letras. A autora busca recuperar, descrever e analisar os recursos estilísticos, retóricos e argumentativos presentes na obra do autor.
- **"O imaginário da fronteira: Santo Antônio/San Antônio"** (BLICK, 2004): dissertação de mestrado em Literatura. Busca relacionar diferentes relatos,

memórias, ficções no contexto da fronteira, especificamente a de Santo Antonio do Sudoeste, no Paraná, e San Antonio, na Argentina. Utiliza-se de relatos orais e adota Bourdieu como um de seus referenciais.

- **"Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)"** (BALLER, 2014): tese de doutorado em História. Busca-se analisar as relações socioculturais estabelecidas na fronteira - mais especificamente a do Brasil com o Paraguai, na região de Itaipu. Vale-se de fontes da imprensa escrita, estatísticas e leis, além de observações e entrevistas.
- **"Educação, cultura e linguagem: a comunidade tirolo-trentina da cidade de Piracicaba-SP"** (LEME, 2001): tese de doutorado em Educação. Esse trabalho foi destacado por abordar a questão do *habitus* partindo da análise das memórias de uma comunidade. Enfoca a constituição dessa comunidade, de sua identidade e a influência desta nas práticas escolares do grupo estudado.
- **"Diários de campo de um engenheiro: trabalho, cultura e educação no sul do Mato Grosso (1922-1930)"** (CENTENO, 2012): artigo científico que analisa as obras do memorialista Armando de Arruda Pereira - engenheiro-chefe responsável pela construção e reforma dos quartéis no sul do estado de Mato Grosso entre 1922 e 1930 -, identificando como o referido autor interpreta a cultura, a organização do trabalho e a educação desenvolvidas naquela região.

Como se pode observar, são escassas as produções que se relacionam mais diretamente ao presente objeto, o que revela a relevância deste e a necessidade de mais estudos que contemplem as relações socioculturais nas áreas de fronteira, bem como se utilizem de fontes memorialísticas. No que se refere à defesa da existência de um tipo específico de *habitus* próprio da fronteira - um *habitus fronteiriço* – ainda é um objeto não explorado.

A importância dos estudos com fontes memorialísticas para a História da Educação

Conforme demonstrado no estado da arte, há uma quantidade considerável de trabalhos cuja fonte é a memória – seja ela oral, escrita, imagens e outros materiais que trazem em si registros de tempos passados. Ao considerar as condições de constituição

da memória como um dado para a pesquisa, confere-se maior credibilidade a esses estudos e abrem-se novas possibilidades de análise.

Outro aspecto a ser destacado se refere à insuficiência das fontes documentais "oficiais" para se conhecerem determinados eventos do passado. Caso a História somente se baseasse nesses documentos, uma infinidade de fatos e personagens deixaria de ser conhecida, em especial aqueles provenientes das camadas populares, pessoas "anônimas" e sem voz, que não ocupam posições de destaque, pois não detêm um volume considerável de capitais econômico, cultural, social, simbólico etc.

O caráter oficial de um documento não deve ser considerado, portanto, como parâmetro para atribuir validade à pesquisa e, de outro ponto, não há que se desqualificar uma fonte por esta não ser "oficial". O que determinará a legitimidade de uma metodologia e de uma fonte é o problema da pesquisa, ou seja, o objeto que se pretende conhecer.

> Uma fonte oficial e uma testemunha oral não têm o mesmo valor, mas, atenção, o valor de uma ou de outra só pode ser corretamente determinado em relação ao problema pesquisado. Poucas fontes homogêneas não oficiais podem ter mais peso do que muitas fontes oficiais e vice-versa. (RAGAZZINI, 2001, p. 21).

Outro equívoco frequente nos estudos historiográficos é conceber ingenuamente que um documento "oficial" seja desprovido de subjetividade. Traz aspectos subjetivos, assim como qualquer produto do trabalho humano. Se o argumento que sustenta a pretensa superioridade desses documentos em detrimento das fontes memorialísticas é a ausência de subjetividade, então não deve ser considerado. Mais do que isso: a "fidedignidade" a um fato histórico não pode ser reduzida ao tipo de fonte levantada, mas ao processo analítico pelo qual passa essa fonte. Nesse processo, novamente, há a subjetividade do pesquisador, ou melhor, do **trabalho** do pesquisador, de saber selecionar, categorizar, cruzar as fontes, trazer a teoria para lê-las, produzir os dados e apresentar a **sua versão** sobre aquele fato histórico.

Entre as principais questões epistemológicas que se colocam em ciências sociais, problematiza-se sobre se é possível apreender o real. Como o pesquisador (observador) pode controlar as distorções do objeto (observado)? Bourdieu apresenta o seguinte paradoxo, referente à postura analítica: "[...] ela capacita-nos a conhecer o mundo enquanto o mutila, na medida em que requer que nos retiremos do mundo e nos

inclinemos para vê-lo como algo diferente do que é por ele mesmo." (WACQUANT, 2002, p. 104). Sendo assim, entende-se que, diante de todos esses aspectos que o envolvem, o pesquisador pode aproximar-se do real, mas não atingi-lo. O conhecimento é entendido como a reconstrução do real em sínteses provisórias possíveis.

Ainda que o pesquisador presenciasse os fatos que pretende entender, seu olhar estaria direcionado a partir de um lugar que ele ocupa: uma posição de classe, uma função (nesse caso, de pesquisador), o seu envolvimento com os personagens e fatos e mais um sem-número de elementos que circundam o conhecedor (sujeito) e aquilo que se pretende conhecer (objeto).

Observa-se, portanto, que trabalhar com um objeto de pesquisa no campo das ciências sociais exige rigor teórico-metodológico, pois o pesquisador e o pesquisado, a objetividade e a subjetividade, o real e as ideias, estão profundamente relacionados, e essa relação é situada social e historicamente.

Toda a discussão desenvolvida até aqui, embora pareça superada, ainda é objeto de embates acadêmicos em que, de um lado, estão os pesquisadores mais ortodoxos que "torcem o nariz" para trabalhos que tenham como fonte obras memorialísticas, história de vida etc. e, de outro, estão aqueles que não somente consideram essas fontes como válidas, mas também se utilizam delas de forma por vezes romantizada ou descritiva. Ambos os extremos precisam ser superados, em nome de uma melhor qualidade dos trabalhos acadêmicos.

Se, por um lado, é limitadora a resistência cega a fontes que podem, quando bem trabalhadas, enriquecer uma pesquisa historiográfica, por outro há que se ter perícia ao adotá-las. Para quem trabalha com memórias, não é segredo afirmar que a imersão nesses relatos exige cautela. Não é incomum que o pesquisador se envolva com o objeto de tal modo que tenha dificuldades de fazer um distanciamento crítico deste. Nesse processo, corre-se o risco de se produzir um trabalho meramente descritivo, desprovido de uma análise rigorosa que relativize aquela narrativa ou, de outro modo, pode-se deixar tomar pelo misto de emoções que produzem uma memória e não se consegue desvencilhar delas, produzindo um trabalho com tons ufanistas.

Seja aquele pesquisador que se senta à frente de uma senhora idosa e ouve seu relato emocionado, entrecortado por silêncios e suspiros nostálgicos, seja aquele que tome em suas mãos um livro de memórias e mergulhe na beleza das palavras cuidadosamente selecionadas para elevar os feitos dos personagens ali descritos, ambos

trazem consigo também uma história de vida. Entre uma frase ou outra, eles se veem imersos também em suas próprias memórias. E nessa dinâmica, nessa troca, quando as subjetividades do ouvinte e do entrevistado, do leitor e do escritor, se entrecruzam, compromete-se a objetividade do trabalho. Por outro lado, um pesquisador que consiga essa aproximação pode perceber nos relatos ouvidos/lidos nuances que, a alguém mais distanciado, poderiam passar despercebidas.

Desse modo, a relação objetividade-subjetividade não é, em si, prejudicial à pesquisa. O que determinará a qualidade do trabalho, ou uma maior aproximação ao real, será outro elemento: a teoria. É ela que propicia ao pesquisador um olhar crítico. É ela que sistematiza o emaranhado de dados de um relato memorialístico. É a teoria que ilumina o objeto e municia o pesquisador com o rigor metodológico necessário.

> Esta é a prática de pesquisa que tentamos desenvolver: de um lado, ficarmos atentos ao rigor dos conceitos teóricos e à procura de respostas para a problemática formulada, mas, de outro, estarmos "livres" para podermos captar as tramas da realidade investigada. (DEMARTINI, 1998, p. 67).

É necessário, portanto, deixar para trás os preconceitos acadêmicos que acabam por limitar o alcance das análises. Alves (2003, p. 34) defende que os trabalhos de cronistas regionais "[...] contêm numerosas indicações de fatos e de eventos educacionais, além de precisarem datas e personagens envolvidos. Importantes, sobretudo, são os relatos sobre situações vividas e testemunhadas diretamente pelos autores.".

No caso da fronteira retratada por Serejo, há fatos narrados em suas obras que dificilmente viriam à tona por outro meio que não fosse a memória. Eram lugares isolados, pessoas silenciadas pela exploração a que estavam submetidas e por não terem acesso às letras. Numa sociedade que valoriza o documento escrito como a nossa, como se poderia esperar que aqueles fatos viessem ao conhecimento público senão pelas memórias daqueles que os presenciaram?

Daí também emerge a importância de tomar essas obras como objeto de análise, promovendo uma leitura cuidadosa e extraindo das palavras ali escritas e de suas entrelinhas, elementos que revelem as práticas sociais, culturais e educativas daquele grupo. A obra do memorialista é, nessa perspectiva, uma fonte primária de significativo potencial analítico que pode trazer conteúdos dificilmente encontrados em outras fontes

documentais, já que estas, na maioria das vezes, trazem conteúdos mais pontuais – como é o caso dos documentos oficiais.

O trabalho com as memórias de Serejo pressupõe também conhecer quem foi esse memorialista, de onde ele fala, qual foi sua história de vida, o que o levou a se interessar pelos registros de seu cotidiano, a quem se destinariam os seus relatos etc. É necessário, ainda, trazer outros trabalhos historiográficos de modo a conhecer como se organizava a sociedade naquele período e naquele local. Ao contemplar essas questões, busca-se lançar um olhar não ingênuo sobre as memórias de Serejo.

Os aspectos a serem considerados na análise das obras dizem respeito à postura do pesquisador, seu referencial teórico-metodológico – que iluminará o objeto de pesquisa –, seus procedimentos durante a investigação, sua "liberdade" na busca pelos objetivos (não se enclausurando em técnicas predeterminadas), à sua visão crítica na realização da análise (para que sua pesquisa não se caracterize apenas por uma descrição ou uma transcrição das narrativas do autor) e, por fim, à contribuição de outros estudos na área (que podem apresentar certas lacunas, críticas e informações e também abordagens importantes à realização do trabalho).

Discutiu-se, até aqui, sobre a relevância das fontes memorialísticas para os trabalhos historiográficos. Passa-se agora a abordar especificamente sobre como essas fontes podem contribuir para a História da Educação. Primeiramente, cabe situar a "História da Educação" como uma ramificação dos estudos historiográficos. Sendo assim, a mesma relevância que as memórias têm para se compreenderem os fatos históricos mais "gerais", também ocorre com aqueles específicos do campo da Educação.

Saviani (1998, p. 11-12) faz a seguinte reflexão:

> Efetivamente, dada a historicidade do fenômeno educativo cujas origens coincidem com a origem do próprio homem, o debate historiográfico tem profundas implicações para a pesquisa educacional, vez que o significado de educação está intimamente entrelaçado ao significado da História. E no âmbito da investigação histórico-educativa essa implicação é duplamente reforçada: do ponto de vista do objeto, em razão da determinação histórica que se exerce sobre o fenômeno educativo; e do ponto de vista do enfoque, dado que pesquisar em história da educação é investigar o objeto educação sob a perspectiva histórica.

Além disso, a Educação não é uma prática isolada. Embora a escola seja um dos principais espaços educacionais em nossa sociedade, as práticas educativas não se restringem a essa instituição, mas se estendem ao longo da vida do agente, em todos os grupos dos quais ele participa – da família, passando pelo trabalho, amizades, a mídia etc. A educação é prática cultural. É por meio dela que o homem se torna um ser social. Tudo o que se faz, se pensa, passa por um processo educativo. Todas as práticas humanas são culturais e, portanto, são fruto desse processo.

A educação transmite e manifesta a própria cultura. Valente (1999, p. 16) revela a relação cultura-educação a partir da perspectiva de uma dinamicidade do processo histórico:

> Esse processo de criação e transmissão contínuas do conhecimento conforma aquilo que chamamos de processo cultural. Tal processo é inseparável da condição social do homem. Porque se transforma ao longo do tempo, é histórico, e, por ser comum a todos, é considerado universal. Porque implica o conhecimento e o aprendizado, é um processo educacional.

Nesse sentido, o conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu está intrinsecamente ligado ao conceito de educação. Neste trabalho, ao se buscar analisar o *habitus* dos grupos sociais da fronteira, se estará conhecendo o seu processo educativo. Ainda que os homens retratados por Serejo não tenham acessado a educação formal da escola, eles passaram por um processo educativo por meio de sua cultura, de seu trabalho, de sua interação com o ambiente e com os seus pares etc. Em cada espaço social, quando o agente participa, ele assume uma posição e, para isso, incorpora disposições que passam a direcionar as suas ações. Isso pressupõe um processo educativo. O *habitus* de um grupo é, nessa perspectiva, uma estrutura, estruturada e estruturante, profundamente arraigada às práticas educativas.

Ao se buscarem, nas memórias de Serejo, as práticas do homem fronteiriço, de modo a conhecer o seu *habitus,* também é elucidado o processo educativo que envolve essas práticas e esse *habitus*, pois estes fazem parte de um movimento contínuo de constituição dos grupos sociais. Tais elementos não viriam à tona caso o trabalho se restringisse a fontes documentais oficiais, por exemplo, em especial por se tratar de um grupo “anônimo”, segundo as próprias palavras de Serejo. Daí a relevância de se contemplarem as obras memorialísticas para o presente objeto.

As obras dos memorialistas podem ser de grande contribuição à pesquisa educacional na medida em que revelam as vivências dos sujeitos, as relações estabelecidas, os percalços enfrentados e, partindo da compreensão do papel desempenhado pela educação – compreendida como um processo de inserção desses indivíduos nos diferentes espaços sociais e também como um produto dessas mesmas relações – tais narrativas podem elucidar questões educacionais.

Ao aproximar o leitor às práticas na fronteira, as obras de Serejo podem revelar o *habitus* dos grupos que ali viviam, tendo em vista que este é que direciona as escolhas dos agentes, ao mesmo tempo em que é configurado a partir dessas práticas. As memórias de Serejo conduzem o leitor por entre as "orilhas da fronteira", falam da vida do homem fronteiriço, de seus costumes, de suas lutas, de seu trabalho, de sua cultura e de como esse grupo se constituía – seu processo educativo. Os escritos do memorialista podem, nesse sentido, contribuir para que se conheça o *habitus fronteiriço.*

Considerações sobre os procedimentos de coleta e a categorização dos dados na pesquisa com a memorialística de Hélio Serejo

Como afirmado anteriormente, o acesso à obra completa de Hélio Serejo foi possibilitado devido a uma iniciativa do IHGMS que, no ano de 2008, lançou uma coletânea de todos os livros do autor.

É importante dar destaque ao trabalho do professor Hildebrando Campestrini (*in memoriam*), que catalogou, organizou e editou as obras de Serejo, com o cuidado e o respeito de preservar os escritos originais. Destaca-se o trabalho do professor Campestrini junto ao Instituto, que contribuiu sobremaneira com a preservação da memória do estado, disponibilizando esta e outras obras que propiciam conhecer a cultura, a história e a identidade do povo sul-mato-grossense.

Sem o trabalho do professor, o acesso seria difícil e muitos textos talvez se perderiam. Portanto, pode-se afirmar que essa iniciativa foi crucial para a realização desta pesquisa e da dissertação de mestrado que também abordou sobre as memórias de Serejo.

Uma vez tendo disponíveis todas as obras, procede-se a uma leitura destas de modo a selecionar os textos e resumi-los, classificando-os em uma planilha de acordo com as temáticas (eventos, costumes, dificuldades, atividade ervateira etc.). São

adotados somente os textos que abordam sobre as práticas do homem fronteiriço e que propiciam identificar o seu *habitus*.

Após essa seleção, procede-se à análise de conteúdo dos textos[10]. Esse estágio consiste em organizar quadros, conciliando o conteúdo dos textos com os questionamentos levantados na problematização. Uma vez organizados esses quadros, é trazida a teoria para proceder à análise em si, buscando contemplar os objetivos da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DA TESE

A Tese está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo, intitulado **"Ser e estar fronteiriço: aproximações iniciais à memorialística de Hélio Serejo"**, está organizado em dois tópicos:

1) **Hélio Serejo: "o trilhador de todos os caminhos"** – nesse tópico, procede-se a uma exposição da trajetória de vida de Hélio Serejo, buscando compreender como se constitui a sua obra, ou seja, quais são as condições sociais que influenciaram o seu olhar sobre a fronteira. No tópico 1.1.1, "Trajetória individual e social do memorialista Hélio Serejo", apresenta-se a biografia do memorialista e, a partir dos conceitos propostos por Bourdieu, busca-se apreender os capitais herdados/possuídos, os campos nos quais ele transitava na mobilização desses capitais e as disposições por ele incorporadas, elementos esses que moldaram os escritos do autor. No tópico 1.1.2, "Organização das obras", expõem-se as obras selecionadas para análise e um breve resumo de seu conteúdo.
2) **Do *habitus* em Bourdieu à noção de um *habitus fronteiriço*: uma abordagem possível?** – começa-se a construir a tese de um *habitus fronteiriço*. Para tanto, no tópico 1.2.1, "Adjetivação do conceito de habitus: uma abordagem possível?", apresentam-se trabalhos que revelam que é possível adjetivar o *habitus* ao analisar as singularidades das práticas dos grupos. No tópico 1.2.2, "Fronteira e 'ser fronteiriço': aproximações conceituais", procede-se a uma

[10] Inicialmente, a intenção era fazer a análise com o apoio do *software NVivo*, porém não foi possível ter acesso às obras na versão digital e não haveria recursos para digitalizá-las para um formato que pudesse ser trabalhado no *software*. Sendo assim, optou-se por fazer a análise sem esse suporte, o que não compromete a qualidade do trabalho, tendo em vista que é possível fazê-lo dessa forma, como ocorreu na dissertação de mestrado.

exposição sobre o conceito de fronteira aqui adotado, assim como as singularidades desta, no caso em estudo.

O segundo capítulo, "**Práticas culturais e educativas na fronteira: em construção a noção de '*habitus fronteiriço*'",** está organizado em três tópicos:

1) **Educação e cultura na fronteira** - são analisados os aspectos objetivos e subjetivos que envolveram as práticas dos grupos retratados por Hélio Serejo. Busca-se contemplar a questão: quais as contribuições das memórias de Hélio Serejo para compreender a educação e a cultura da fronteira?
2) **Características dos grupos fronteiriços a partir de suas práticas educativas e culturais -** o foco é a questão: como se caracterizam os grupos retratados por Serejo a partir da sua educação e trocas culturais? Esta é norteadora do presente estudo.
3) ***Habitus fronteiriço* entre Brasil-Paraguai** – faz-se uma aproximação à seguinte questão: o modo de vida nas práticas sociais de agentes do linde Brasil-Paraguai retratadas na obra de Hélio Serejo configura um *habitus fronteiriço*?

Por fim, são trazidas as considerações finais, sintetizando as aproximações desenvolvidas.

CAPÍTULO I

1 SER E ESTAR FRONTEIRIÇO: APROXIMAÇÕES À MEMORIALÍSTICA DE HÉLIO SEREJO

Neste capítulo, procede-se a uma incursão inicial na memorialística de Hélio Serejo, para compreender como esta se constitui e se organiza. No primeiro tópico, "Hélio Serejo: 'o trilhador de todos os caminhos'", a partir da análise da trajetória social e individual do autor, evidenciam-se os elementos que influenciaram a sua obra e o seu olhar sobre a fronteira. Também é realizada uma exposição acerca das obras analisadas nesta pesquisa. No segundo tópico, "Do *habitus* em Bourdieu à noção de um '*habitus fronteiriço*': uma abordagem possível?", expõem-se as possibilidades de adjetivação do conceito de *habitus*, assim como se apresenta o conceito de fronteira adotado.

1.1 HÉLIO SEREJO: "O TRILHADOR DE TODOS OS CAMINHOS"

Neste tópico, procede-se a uma exposição da trajetória de vida de Hélio Serejo, na busca de compreender como se constitui a sua obra, ou seja, quais são as condições sociais que influenciaram o seu olhar sobre a fronteira. No tópico 1.1.1, "Trajetória individual e social do memorialista Hélio Serejo", apresenta-se a biografia do memorialista. No tópico 1.1.2, "Breve exposição das obras selecionadas para análise", é realizado um panorama sobre os livros de Serejo que foram escolhidos para compor o *corpus* de análise desta pesquisa.

1.1.1 Trajetória individual e social do memorialista Hélio Serejo

> Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e aragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguaio, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias matogrossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos "barbaquás", do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da "jungle", sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargedo. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo.

> Os ventos do destino – maus e bons – levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muitos caminhos.
> Fui, no perpassar inexorável do tempo, obreiro de crença, fé e esperança, como o fui, também, imagem viva de desesperança, revolta e sofrimento. (SEREJO, 1973 apud REIS, 1980, p. 16-17).

As palavras da epígrafe acima estão no discurso de posse de Hélio Serejo na Academia Matogrossense de Letras, no ano de 1973, cuja eleição ocorrera 20 anos antes. Serejo não compareceu à cerimônia por motivo de saúde. O referido discurso é com frequência reproduzido por, de forma sucinta, representar as diversas facetas que constituíram a trajetória do escritor, a partir de seu próprio olhar.

Figura 1: Hélio Serejo

Fonte: Correia, 2012.

A notoriedade da obra de Serejo em Mato Grosso do Sul decorre tanto pelo seu volume – totalizando 60 livros publicados -, quanto pela qualificação e prêmios que recebeu e, sobretudo, pelos registros memorialísticos do local onde viveu e de sua gente. Reflete, em sua obra, "[...] manifestações culturais do trabalhador fronteiriço, hábitos esses ligados ao tipo de trabalho desenvolvido na região." (CENTENO, 2007, p. 57).

> Seus escritos têm um pouco de tudo: de poesia, de folclore, de memória, de contos e de crônicas históricas. [...]. Suas obras mais significativas são crônicas, que envolvem lembranças do sertão e falam do trabalhador, do homem simples do campo, do povo sem instrução, das revoltas, da violência e, sobretudo, da produção da erva-mate. **Seus personagens e histórias não são ficcionais** e, talvez para não comprometer algumas pessoas, o autor usa nomes fictícios. [...]

> Serejo sobressai-se como o memorialista dos ervais fronteiriços, em especial, de tudo que esteja ligado aos trabalhadores ervateiros. (CENTENO, 2007, p. 52-53, grifo nosso).

Desde a infância, Serejo alimentou curiosidade pela vida nos ervais. Seus registros decorrem da sua observação atenta e de pesquisas que realizava acerca do trabalho ervateiro, além das crenças, lendas, costumes e histórias que ouvia.

> As histórias que nosso escritor regionalista, folclorista e poeta nos narra, têm todas fundo verídico. Nesse tipo de narração Hélio Serejo se fez mestre, retratista com palavras diretas, por vezes duras, como dura e pesada foi a vida dos que ele nos apresenta com impressionante autenticidade. (REIS, 1981, p. 8).

Segundo nos conta Elpídio Reis[11], em seu livro "Os 13 pontos de Hélio Serejo", uma biografia que escreveu sobre o memorialista, Hélio Serejo era filho de Ernestina Batista Serejo e de Francisco Serejo e nasceu em Nioaque/MS, em 1º de junho de 1912. Casou-se, no ano de 1938, com Henriqueta Barbosa Serejo e teve duas filhas. Foi escritor, jornalista, poeta e folclorista. Pertenceu a diversas Academias de Letras, Centros Culturais e Sociedades. Faleceu em Campo Grande/MS em 8 de outubro de 2007. Apesar de alguns problemas de saúde que lhe dificultavam a mobilidade da mão e sua visão, Serejo nunca deixou de escrever.

Quanto aos ascendentes de Hélio, seu avô e pai eram ligados ao Exército. O avô paterno, Coronel Francisco Marcos Tury Serejo, servira na Guerra do Paraguai. Após a Guerra, passou a morar em Cuiabá e ali constituiu família. O pai de Hélio, Francisco Serejo, nasceu em Cuiabá, em 1878, e aos 17 anos auxiliava o pai no policiamento da fronteira. Foi nomeado Tenente da Guarda Nacional, aos 20 anos, pelo Presidente da República, Campos Sales. Foi incorporado à 3ª Companhia do 21º Batalhão, sediada em Corumbá. Em 1900, passou a servir em Ponta Porã como encarregado do Destacamento Policial. Casou-se com Ernestina Batista, em 15 de julho de 1901. O casal teve 10 filhos (4 meninos e 6 meninas), sendo Hélio o sétimo deles.

Francisco Serejo passou a falar guarani, o que, segundo Reis (1980, p. 43), "[...] deu notoriedade àquele Oficial.". Devido às necessidades financeiras, deixou a Guarda Nacional e tornou-se fazendeiro. Sua fazenda, denominada "São João", era localizada

[11] Elpídio Reis publicou, no ano de 1980, uma biografia de Hélio Serejo, intitulada "Os 13 pontos de Hélio Serejo". Os fatos aqui descritos foram retirados da referida obra.

no município de Nioaque. Francisco acabou vendendo-a, no entanto, pois "[...] viu que sua vocação não era bem aquela. Uma força interior exigia dele algo mais pesado, uma aventura maior, talvez." (REIS, 1980, p. 44). Tornou-se, então, ervateiro. Sua iniciativa inicial não foi bem sucedida. Teve prejuízos, mas não desistiu. Abriu outra ranchada em Porto Baunilha, na margem direita do Rio Paraná.

Embora o trabalho nos ervais lhe exigisse muito esforço e tempo, ele não abria mão do hábito de ler. Além disso, empenhou-se na elaboração de um dicionário[12], cujos volumes totalizavam 2704 páginas. Para esse trabalho, levou 30 anos.

No ano de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Francisco e Hélio tiveram a ideia de produzir combustível para os aviões que participavam do conflito, a partir da extração do óleo de laranja azeda. Para tanto, adquiriram todo o maquinário, arrendaram um pedaço de terra e contrataram 28 funcionários paraguaios. No entanto, logo no início das atividades, a Guerra terminou e Francisco teve novo prejuízo.

Além dessas funções, Francisco Serejo foi agrimensor, comprador e vendedor de gado, couros, peles de animais, crina e outros produtos e proprietário de casa comercial em Ponta Porã e Caarapó. Faleceu em Campo Grande, em 1959.

Como foi dito anteriormente, Hélio Serejo nasceu em Nioaque, em 1º de junho de 1912, na fazenda São João. Sua família mudou-se para Ponta Porã quando ele tinha 5 anos. Frequentou o grupo escolar da cidade e, segundo Reis (1980), ali se destacava, em especial em redação e ao representar nos teatrinhos escolares.

Ainda no período em que frequentava o curso primário, trabalhava com o pai na Torrefação Brasil, que fornecia café para o Exército Paraguaio. Foi ali que teria recebido o seu primeiro "título importante", quando seu pai o encarregou da gerência da empresa. Reis (1980, p. 50) afirma que após algum tempo a torrefação ficou quase que unicamente sob a responsabilidade de Hélio, sendo que seu pai passou a se dedicar a outra atividade: "[...] viajar, medindo terras, comprando e vendendo gado, couro, crina, etc.".

Aos 14 anos, já tendo concluído o curso primário, Hélio passou a trabalhar com o pai na ranchada de Porto Baunilha. Exercia as mais diversas atividades:

[12] Denominado "Dicionário dos Charadistas e Cruzadistas", trazia um conteúdo bastante variado, sobre história, geografia, arte etc. Sem recursos para editá-lo, doou-o a uma Organização de Charadistas e Cruzadistas de Belo Horizonte, que acabou não o publicando, também por falta de recursos.

> Ali ele cozinhava o locro (milho cozido com carne. Comida tipicamente paraguaia), comprava o costo (rês para o sustento do trabalhador ervateiro), atendia a comissaria (armazém de suprimento), ajudava na monteação (procura das árvores de mate). Foi ainda balanceador (pessoa encarregada de pesar o raído ou braçada de folhas que o mineiro traz às costas). (REIS, 1980, p. 50).

Além de aprender tudo sobre o trabalho nos ervais, tinha grande curiosidade pelas coisas que seu pai estudava. Sonhava em conhecer outros lugares do mundo e ser professor de Geografia. Na adolescência, às vezes ficava por um ou dois meses em Ponta Porã e era sempre chamado por um casal da cidade – Júlio Martins e Anita Costa – para participar de peças de teatro.

Ao voltar para o trabalho na ranchada, continuava com seus estudos, "[...] aos seus livros de Geografia e já, agora, pendendo para a Geografia Humana (daí se ter transformado em escritor regionalista, com especial pendor para o folclore)" (REIS, 1980, p. 54). Passou, ainda, a registrar tudo o que via em cadernos. Pelas dificuldades que encontrava nos caminhos por onde se transportava a erva-mate, Hélio também passou a alimentar o sonho de se tornar engenheiro, para construir pontes e pontilhões.

Além disso, foi aos 14 anos que Hélio passou a publicar alguns de seus textos no jornal "A Folha do Povo", de Ponta Porã. Quando estava na cidade, auxiliava na revisão do jornal e com o tempo tornou-se revisor oficialmente. O dono do jornal, Aral Moreira, incentivava Hélio e sempre lhe pedia opinião sobre os artigos que publicava. Além do jornal ponta-poranense, Hélio escrevia para revistas do Rio de Janeiro. Aos 18 anos passou a alimentar outro sonho, além daquele de ser engenheiro: ser escritor.

Reis (1980) não especifica o ano, mas afirma que Hélio chegou a estudar em Campo Grande, numa certa época de sua adolescência, no ginásio. Estudou no Colégio Joaquim Murtinho e passou a participar do escotismo. Pela sua atuação como escoteiro, chegou a receber três medalhas Baden-Powel (general inglês criador do escotismo).

Um dos capítulos mais difíceis da vida de Hélio é o de sua prisão. Isso ocorreu quando ele servia, como voluntário, no 3º Regimento de Infantaria localizado no Rio de Janeiro, onde ingressou no ano de 1934. Vale mencionar que Hélio, embora já fosse reservista, entrara para o referido Batalhão devido ao seu desejo de se tornar engenheiro. Como não dispunha de recursos para pagar tal curso, viu no Exército essa oportunidade. Frequentaria quantos cursos fossem necessários, para que pudesse ingressar no curso de Engenharia do Exército. Assim o fez. Enquanto fazia os cursos

especializados, estudava para os exames para obtenção do diploma de ginásio – o qual recebeu. Além dessas atividades, continuava a escrever, inclusive para jornais.

Em 1935, a um mês dos exames que realizaria para ingressar no curso e para os quais já se sentia preparado, um fatídico episódio daria um rumo inesperado à sua vida. No Regimento em que Hélio servia, houve uma revolta, popularmente conhecida como a "Intentona Comunista"[13]. No conflito, muitos soldados que ali se encontravam – participantes do movimento ou não – foram presos, inclusive Hélio Serejo.

Hélio acabou sendo expulso do Exército e mandado para a Ilha das Flores[14] para responder a um processo no Tribunal de Segurança Nacional, uma vez que não se declarara integrante do movimento. Os julgamentos desenrolaram-se nos seis meses seguintes. Hélio foi absolvido por unanimidade e teve sua expulsão do Exército anulada pelo Ministro da Guerra. Como sua saúde estava seriamente abalada pelo período em que ficou preso, acabou desistindo de seus projetos de se tornar engenheiro e voltou para a casa de sua família, em Campo Grande. Foi na prisão que Hélio, abrindo mão de seu sonho de ser engenheiro, decidiu que seria escritor.

Serejo exerceu várias atividades como funcionário público. Trabalhou na Comissão de Limites Brasil-Paraguai, foi Fiscal de Rendas dos municípios de Rio Brilhante, Maracaju, Dourados e Bela Vista, trabalhou como escrivão do Cartório de Registro Civil de Rio Brilhante. Foi nesse período que se casou com Henriqueta Barbosa Martins, em 1938. Em 1940, nasceu sua primeira filha – Nahara Tatiana.

---

[13] A "Intentona Comunista", termo cunhado por grupos anticomunistas que buscaram no evento reforçar o seu discurso contra o chamado "inimigo vermelho", foi um movimento armado, organizado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), que visava à derrubada de Vargas do poder. A ANL fora criada no ano de 1935 e era liderada por Luís Carlos Prestes. Defendia propostas nacionalistas e tinha como uma de suas bandeiras a luta pela reforma agrária. "Embora liderada pelos comunistas, conseguiu congregar os mais diversos setores da sociedade e rapidamente tornou-se um movimento de massas. Muitos militares, católicos, socialistas e liberais, desiludidos com o rumo do processo político iniciado em 1930, quando Getúlio Vargas, pela força das armas, assumiu a presidência da República, aderiram ao movimento." (FUNDAÇÃO..., 2017a). A princípio, a intenção do grupo era que houvesse levantes militares em várias regiões, porém com o apoio do operariado, por meio de greves em todo o território nacional. "O primeiro levante militar foi deflagrado no dia 23 de novembro de 1935, na cidade de Natal. No dia seguinte, outra sublevação militar ocorreu em Recife. No dia 27, a revolta eclodiu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Sem contar com a adesão do operariado, e restrita às três cidades, a rebelião foi rápida e violentamente debelada. A partir daí, uma forte repressão se abateu não só contra os comunistas, mas contra todos os opositores do governo." (FUNDAÇÃO..., 2017a). O fracasso da revolta não somente contribuiu para que o regime ditatorial de Vargas se fechasse ainda mais, mas também reforçou o discurso anticomunista que até então estava incipiente.

[14] A Ilha das Flores era localizada no Rio de Janeiro e pertencia a um sistema penal cujo objetivo era punir os segmentos da população contrários ao governo. Nesses locais, os presos eram torturados e suscetíveis a doenças, fome e maus tratos.

Segundo Reis (1980), devido à intensa atividade de escrita, Hélio acabou desenvolvendo a "câimbra dos escrivães"[15]. Vendeu o cartório e mudou-se para Campo Grande, em busca de tratamento médico. Passou, então, a trabalhar na redação do "Jornal do Comércio". Desenvolveu a habilidade de escrever com a mão esquerda. Além do referido periódico, também colaborava com jornais de São Paulo e revistas do Rio de Janeiro. Foi em Campo Grande que nasceu, em 1945, a sua segunda filha – Helita.

No governo de Getúlio Vargas, em 1943, Hélio Serejo atuou como Diretor da Repartição de Terras do Território Federal de Ponta Porã, por ter apresentado um Plano de Colonização para a região. Foi então que passou a sofrer uma doença nos olhos e acabou por pedir demissão da função.

O tratamento dos olhos foi feito em São Paulo/SP. Hélio Serejo e sua esposa tinham como fonte de renda uma pensão que mantinham naquela cidade. Em 1948, após esse tratamento, venderam a pensão e tinham a intenção de morar em Campo Grande, porém ao passarem alguns dias em Presidente Venceslau/SP, Hélio acabou sofrendo um sério problema em seu olho direito.

O candidato a prefeito da cidade – Ênio Pipino – recebeu a notícia da chegada de Serejo. Convidou-o, então, para ser redator do jornal da cidade, em prol de sua campanha eleitoral. Diante de sua incapacidade para escrever, ofereceu-lhe inclusive uma secretária. Após relutar, Serejo aceitou a oferta. Quando o candidato se elegeu, convidou-o para permanecer na cidade, na função de redator principal. Após consultar a esposa, Serejo resolveu ficar. Nesse período, também foi chamado pelo Secretário de Agricultura de Mato Grosso, para auxiliá-lo com os cerca de 400 processos referentes às reivindicações de terras no Estado. Atuou como perito designado pelo estado de Mato Grosso e deu encaminhamento a cerca de 300 processos.

Reis (1980) dá destaque, ainda, à religiosidade de Hélio Serejo (que era católico, mas também simpatizante do Espiritismo) e à sua atuação em atividades de assistência social. Quando sofreu a "câimbra dos escrivães" fizera uma promessa para que não tivesse paralisia: durante 15 anos auxiliaria quem precisasse de pão e leite. Até o ano de

[15] Trata-se de uma deficiência de ordem neurológica caracterizada por contrações musculares involuntárias que se manifestam ao escrever e/ou exercer outras funções que dependem do movimento das mãos. Embora não seja objeto desta pesquisa, a referida anomalia, atualmente, ainda é pouco conhecida, porém já se sabe que não se trata de uma doença ocupacional, mas sim congênita, podendo se manifestar ainda na infância. No caso de Serejo, não fica claro, portanto, se era, de fato, essa deficiência ou outra desencadeada pela sua atividade de escritor.

1980, quando Elpídio Reis publicou a biografia, Hélio Serejo já atuava há 25 anos em atividades filantrópicas.

Serejo trabalhou por 9 anos como Diretor do Departamento de Assistência Social de Presidente Venceslau. Sua atuação, segundo Reis (1980), ultrapassava os limites do município, já que beneficiava doentes inclusive de Mato Grosso e chegou a auxiliar o Departamento de Endemias Rurais do Ministério da Saúde na assistência médica às populações do Pontal do Paranapanema – divisa entre São Paulo e Paraná. Algumas dessas populações eram, inclusive, de Mato Grosso.

Além dessa função, Reis (1980) afirma que Serejo foi Relações Públicas de outras entidades filantrópicas, quais sejam, Abrigo de Velhos "Esperança" (AVE), Associação de Proteção à Infância e à Maternidade (APIM), Obras Reunidas de Assistência Social (ORAS), Centro Espírita Amor e Caridade, Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e Conselho Vicentino Particular de Presidente Venceslau da Sociedade de São Vicente de Paula. Serejo auxiliava essas entidades ao possibilitar o seu registro em órgãos estaduais ou federais para obtenção de recursos.

Serejo atuou no movimento que possibilitou a construção da ponte entre São Paulo e Mato Grosso, sobre o Rio Paraná. A Campanha Pró-Construção da Ponte sobre o Rio Paraná foi lançada em 8 de fevereiro de 1955, pelo Rotary Clube de Presidente Venceslau, presidido por Percy Rubens de Mello. Hélio Serejo foi designado como presidente da Comissão de Propaganda da Campanha. Em 60 dias foi desenvolvido um projeto para a obra e a referida Comissão passou a atuar na sensibilização de autoridades federais. A ponte foi inaugurada após 5 anos, 10 meses e 17 dias após o lançamento da ideia.

O início da construção da ponte ocorreu no governo de Juscelino Kubitschek. A Comissão de Propaganda fiscalizou a execução da obra, que enfrentara falta de recursos, além de um episódio relatado por Reis (1980), no qual a verba que estava garantida para a ponte acabou sendo direcionada a outra obra – a construção da rodovia Belém-Brasília. Após sucessivas reivindicações da Comissão, a obra teve andamento.

A obra recebeu o nome de Ponte Maurício Joppert[16], ainda que o clube que trabalhara pela construção da ponte reivindicasse o nome de Hélio Serejo, inicialmente.

[16] Maurício Joppert da Silva (1890-1985) foi engenheiro, professor e doutor em ciências físicas e matemáticas pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Entre outras funções públicas, exerceu a de deputado federal, tendo participado da Comissão que aprovou o projeto que criou a Petrobrás. Esse político, no entanto, segundo Reis (1980), não teve qualquer participação na viabilização da Ponte.

Foi somente no ano de 2012, no entanto, que a obra teve seu nome alterado para “Ponte Hélio Serejo”.

Em sua atuação como jornalista, Serejo trabalhou em prol de Mato Grosso, divulgando o seu potencial econômico, locais turísticos, seu folclore etc. Reis (1980) faz uma lista dos jornais e revistas para os quais Serejo escreveu: “Folha do Povo”, “Correio do Sul”, “O Tempo”, “A Motuca”, “A Fronteira” (Ponta Porã); “Mato Grosso do Sul”, “O Progressista”, “O Satélite”, “O Campograndense”, “A Voz do Sul”, “Correio do Estado”, “O Matogrossense”, “Jornal do Comércio”, “Diário da Serra”, “Folha da Serra” (Campo Grande), “O Progresso” (Dourados); “A Tribuna” (Corumbá); “A Cruz” (Cuiabá); “Correio Paulistano”, “Diário de São Paulo” e a “Brasipés” (São Paulo, capital); “A Gazeta”, “A Tribuna” e “Folha do Povo” (Presidente Prudente), “Vida Doméstica”, “Boa Nova”, “Tico-Tico”, “O Mourisco”, “O Malho” (Rio de Janeiro); “Diário da Tarde” (Lisboa, Portugal); “El Chucaro” (Montevidéu, Uruguai).

Na TV, seu conto “Lua do Brejo” foi apresentado. Em rádios, Serejo também atuou divulgando Mato Grosso, como no programa “Coisas de Mato Grosso”, na Rádio Presidente Venceslau, no qual trabalhou durante 10 anos. Reis (1980) cita algumas produções poéticas que resultaram desse programa. Escreveu 100 poemas para serem declamados no programa “Alma da Terra”, da Rádio Tupi (São Paulo). Nessa rádio, Serejo foi inclusive homenageado, em 3 de julho de 1976, e um de seus trabalhos – “A Mulher do Folclore” – foi apresentado.

Fora do Brasil, como foi afirmado, Serejo publicou artigos de caráter regionalista no “Jornal da Ponte” (Lisboa, Portugal); cooperou com a Sociedade Uruguaia de Folclore (seu conto “O tico-tico” teve uma tradução nesse país), com a Sociedade Mexicana de Folclore (para a qual enviou trabalhos dos maiores folcloristas do Brasil) e com o Departamento de Difusão e Cultura do Paraguai (para o qual enviou dados sobre a vida ervateira, ressaltando o papel do peão paraguaio). Foi, ainda, incluído no Dicionário Internacional de Lendas, editado na Inglaterra (com a lenda “Por que o jaburu é triste”).

Ao se ler a biografia de Hélio nota-se que, embora ele pertencesse à classe média e sua família não possuísse significativo capital econômico, sua ascensão social – que o fez ocupar cargos importantes no Estado – deveu-se, sobretudo, aos capitais herdados de seu pai: o capital cultural (nas formas: institucionalizada, pelos títulos obtidos, e incorporada, pelas disposições para a leitura e apreciação das artes); o capital simbólico (pela notoriedade dos ofícios exercidos por seu pai e, posteriormente, pelo próprio

Hélio, que foi ao longo de sua trajetória assumindo posições de destaque); e o capital social (devido ao círculo de contatos que foi sendo ampliado à medida que Francisco e Hélio ascendiam socialmente).

O trabalho, os estudos e o contato com as artes foram práticas que desenharam o *habitus* do jovem Hélio, configurando disposições que passaram a ser mobilizadas ao longo de sua vida. Ao se analisar sua trajetória, passa-se a entender por que Serejo nunca parou de trabalhar, ainda que suas limitações físicas dificultassem. Também se entende por que ele se tornou autor de tantos livros. A tríade trabalho-estudos-arte que esteve presente desde muito cedo na vida de Serejo influenciou para que ele se tornasse um memorialista, pois sua obra é fruto da conciliação dessas três áreas.

Centeno (2007) observa que a origem de classe de Hélio Serejo, na condição de pequeno proprietário dependente da Companhia Mate Larangeira, foi determinante para o seu olhar sobre a realidade da fronteira e, por sua vez, na composição de sua obra. Pela proximidade do autor com o dia-a-dia dos trabalhadores dos ervais, foi possível que ele enxergasse a empresa além dos seus proprietários e articulações políticas, reconhecendo o esforço dos trabalhadores – sem os quais a mesma não haveria se desenvolvido. Embora em sua obra também sejam narradas as trajetórias de algumas das pessoas que detinham o poder na Companhia, é marcante a preocupação do autor em retratar as vivências dos trabalhadores.

Ao se conhecer sua trajetória e a região onde viveu, ao se ler sua obra, percebem-se as múltiplas influências que se imprimiram em seus escritos. É desse Hélio Serejo – que reúne em sua vida e obra a dificuldade e a superação, a convivência e o conflito, o brasileiro e o paraguaio, a indignação e a resignação, o ilustre e o anônimo, o precário e o desenvolvido, a prosa e a poesia – que este trabalho trata.

O *habitus* de Serejo é marcado pela fronteira em sua mais ampla concepção: seja ela entre dois países, entre duas classes sociais opostas, entre culturas diferentes. Por transitar entre grupos sociais tão distintos entre si, mas cujas práticas se constituíam de sua relação e interdependência, Hélio Serejo é um memorialista que revela em sua obra as vivências paradoxais da fronteira e, portanto, do ser e estar de homens e mulheres da fronteira, logo, do *habitus fronteiriço*. Hélio Serejo é, nesse sentido, a própria "fronteira".

1.1.2 Organização das obras

Neste tópico, são apresentadas as obras de Hélio Serejo que foram selecionadas para análise por sua relevância em relação ao objeto em estudo. No total, foram selecionadas cinco obras, as quais descrevem práticas culturais e sociais das pessoas de forma minuciosa, isto é, a vida na fronteira no período. As obras em estudo são apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Obras selecionadas para a análise

Título	Ano
Homens de Aço: a luta nos ervais de Mato Grosso	1946
Vida de erval	1975
Caraí	1986
Caraí ervateiro	1990
No mundo bruto da erva-mate	1991

Organização: SILVA, 2017.

1.1.2.1 Homens de Aço: a luta nos ervais de Mato Grosso

> Quem este despretensioso livro escreveu, nunca leu obra alguma sobre a cultura e industrialização da erva-mate; baseou-se exclusivamente nas informações colhidas de experimentados ervateiros.
> Se mal recebido for este trabalho, por suas possíveis falhas, não deixará o autor vencer-se pelo desânimo, pois tem certeza de que o fez pensando ser útil a Mato Grosso do Sul. (SEREJO, [1946] 2008, v. 1, p. 229).

Obra datada de 1946, ilustrada, composta e impressa na Tipografia Cupolo, São Paulo. Não há, segundo o editor das Obras Completas, informação da data de publicação.

Figura 2 – Ilustração da capa da obra “Homens de Aço”

Ilustrador: Nicéforo Santo Ávila, 1946.

Conforme se discutirá mais adiante, essa obra “destoa” das demais por trazer um relato menos crítico da exploração sofrida pelos trabalhadores. Chama a atenção o último texto da obra, intitulado “Duas palavras”. Nele, Serejo ([1946] 2008, v. 1) faz uma defesa da Empresa Mate, rebatendo críticas a ela direcionadas e destacando sua contribuição para o desenvolvimento do Estado.

Em outro trecho, no texto “Sertanistas ousados”, Serejo ([1946] 2008, v. 1) inicia descrevendo a paisagem sertaneja tomada por cruzes no caminho, porém, após uma breve explanação, afirma: “Mas deixemos de lado as cruzes.” (SEREJO, [1946] 2008, v. 1, p. 259), mudando o foco de sua narrativa para uma homenagem aos carreteiros.

Sobre essa característica da obra, em específico, Centeno (2007) afirma:

> A obra **Homens de aço** foi dedicada a dois sócios e administradores da Mate Larangeira em Mato Grosso, Heitor Mendes Gonçalves e seu filho Fernando Jorge Mendes Gonçalves. Ao mesmo tempo, o autor ofereceu-a aos homens de aço, heróis anônimos do caaty, os trabalhadores ervateiros, o que demonstra, mais uma vez, aspectos ambíguos no comportamento político do autor, que permeiam todo o conjunto de suas obras. De fato, essa ambigüidade é fruto de sua origem de classe, como pequeno proprietário dependente da Companhia Mate Larangeira.
> É possível perceber, no entanto, que, à medida que se distancia da época retratada, Serejo parece ficar mais à vontade e sua crítica se

> torna mais radical. Isso pode ser observado nas obras publicadas após a década de 1970 [...]. (CENTENO, 2007, p. 60, grifo da autora).

Essa questão, porém, não invalida a obra "Homens de aço" para a análise que aqui se propõe, uma vez que, como afirmado anteriormente, a teoria permite perfurar esse discurso e extrair dele os dados de forma crítica.

No quadro 2, são expostos os títulos dos textos da referida obra e suas respectivas unidades temáticas:

Quadro 2 – Textos e unidades temáticas da obra "Homens de aço"

Título	Unidade(s) temática(s)
Duas linhas	Sobre a obra
Homens de aço	Personagens
Paisagem de erval	Ambiente
Chupando o amargo ao pé do fogo	Costumes
A caminho do caati	Personagens/atividade ervateira
Tirando folhas	Personagens/atividade ervateira/dificuldades
Procedendo ao sapeco	Atividade ervateira/crenças
De volta com o raído	Atividade ervateira/dificuldades
O barbaquazeiro	Personagens/atividade ervateira
Monteando	Personagens/atividade ervateira
O barbaquá	Atividade ervateira
Cancheando a erva	Atividade ervateira
Atacando o mate	Atividade ervateira
Enquanto tungueia saboreia o tereré	Costumes
Um grupo de arrias	Personagens/atividade ervateira
A cacimba ou *ykuá* dos guaranis	Costumes
As heroínas dos ervais	Personagens/dificuldades
Rumo aos mercados	Atividade ervateira
Propaganda	Atividade ervateira
Corte	Atividade ervateira
Rendimento	Atividade ervateira
O plantio	Atividade ervateira
Tentação	Atividade ervateira/dificuldades
Alma boêmia	Personagens/costumes
O aconcágua	Personagens/costumes/violência
A morte de *mitã-i*	Personagens/eventos
Caminhos malditos	Ambiente
Sertanistas ousados	Personagens/eventos/dificuldades
A tapiçoroca	Ambiente
Um padre folião	Personagens/eventos/crenças
Sangue caboclo	Personagens/eventos/dificuldades
Perigos que o homem do erval enfrenta	Ambiente/dificuldades
O fincão	
A cascavel	

Título	Unidade(s) temática(s)
A *ñandu-kavaju*	
O carapanã	
O *jatebu*	
O bicho-de-pé	
O escorpião	
O tigre ou jaguaretê dos guaranis	
O jacaré	
Dois hércules	Personagens/eventos/dificuldades
Duas palavras	Personagens/eventos

Organização: SILVA, 2017.

Como se pode observar, predominam textos referentes à atividade ervateira, embora também sejam retratados outros eventos e personagens. Para a análise, trata-se de uma obra que revela, sobretudo, as práticas dos trabalhadores dos ervais.

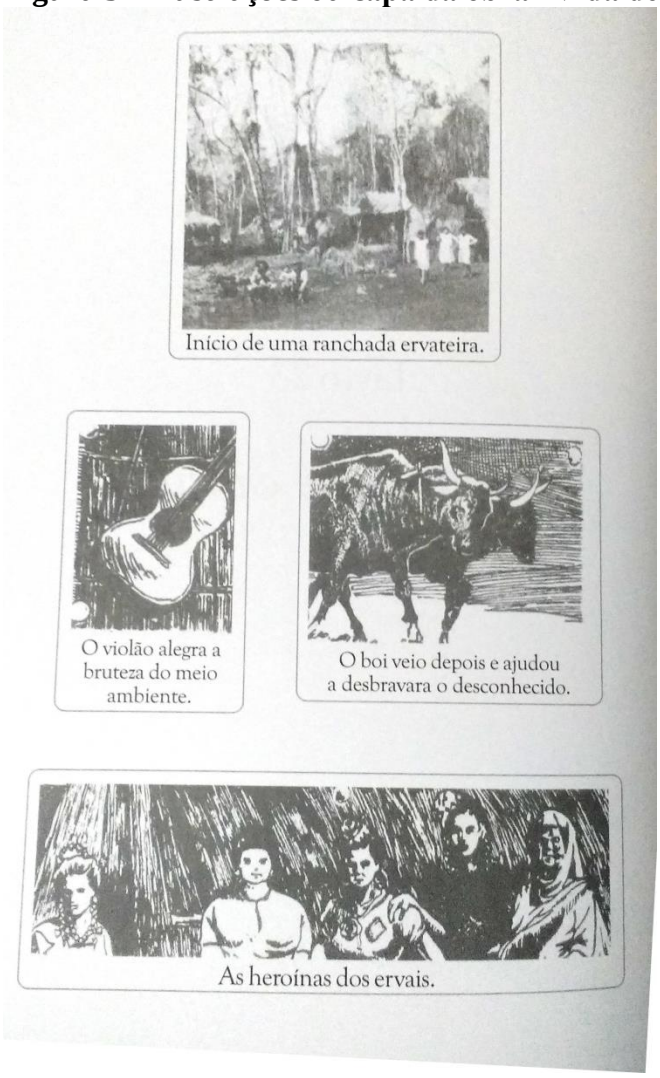
1.1.2.2 Vida de Erval

> Mas falaremos neste trabalho de pesquisas unicamente das coisas dos ervais. Vivemos a vida do ervateiro durante longos anos a fio, com seus dramas, tormentos, desenganos e alegrias, tudo observando, de tudo indagando, dai havermos aprendido muito e coletado precioso material que hoje trazemos à luz com toda fidelidade e justo orgulho de pesquisador e modesto estudioso. (SEREJO, [1975] 2008, v. 4, p. 75).

Segundo levantamento realizado pelo editor das Obras Completas, a referida obra é do ano de 1975 (embora não conste essa informação na obra original). Foi diagramada, composta e impressa por Vander Bícego, São Paulo.

Trata-se de um livro que descreve, por meio de crônicas, a vida nos ervais: os costumes e crenças, os eventos (predominantemente de violência), assim como as características do ambiente e dos personagens que ali viviam. É destacada a importância do peão ervateiro e da mulher paraguaia. Essa obra caracteriza-se sobretudo pela denúncia da exploração à qual os trabalhadores estavam submetidos, diferindo-se, assim, da obra descrita no item anterior: “Homens de aço”.

Figura 3 – Ilustrações da capa da obra “Vida de erval”



Fonte: SEREJO, 2008, v. 4.

Segundo Serejo ([1975] 2008, v. 4), o livro é fruto de uma pesquisa que realizou por meio de leituras e consultas a “amigos eruditos”, assim como seus próprios registros e observações pessoais. No quadro 3, estão relacionadas as crônicas contidas na obra e suas respectivas unidades temáticas.

Quadro 3 – Textos e unidades temáticas da obra “Vida de erval”

Título	Unidade(s) Temática(s)
Homenagem de reconhecimento	Personagens
Paisagem de erval	Ambiente
O ervateiro	Personagens
O despertar no erval	Costumes
O caminho da erva	Violência
Changá-y	Personagens
Urutau	Ambiente/crenças

Tarová	Personagens
Quilombera	Personagens
Colorado	Costumes
Cuñaecovaí	Personagens
Guaino	Personagens
Aichejáranga	Personagens
Mboveri pirê	Violência
Aoaô	Crenças
O ataqueio	Atividade ervateira
Os tapês	Ambiente
Bailanta	Costumes
Piyá	Costumes
Taji-pucu	Ambiente
Arroba carêm	Atividade ervateira
Yporã	Crenças
Tapê hacienda	Ambiente
Caá-yary	Crenças
Sururu	Costumes/violência
Muçurana	Ambiente/crenças
Canela-de-veado	Eventos/violência
Quatrero	Eventos/violência
Pa irundy	Crenças
Teyu-rugudy	Violência
Pombero	Crenças
Kurusu paño	Costumes/crenças/violência
Comitiveros	Eventos/violência
Tiru	Eventos/violência
Carne e pinga	Costumes/violência
Cerração de ranchada	Costumes
Nota final	Sobre a obra

Organização: SILVA, 2017.

Considera-se essa obra relevante por trazer elementos que não se restringem à atividade de produção da erva-mate, mas por descrever, também, eventos e personagens indiretamente relacionados a ela. Também é de se destacar o tom crítico de vários textos do livro. Entende-se que essa característica dá condições para se conhecer o *habitus* do homem fronteiriço, naquele período, de uma forma mais abrangente, identificando as lutas que eram empreendidas dentro do campo.

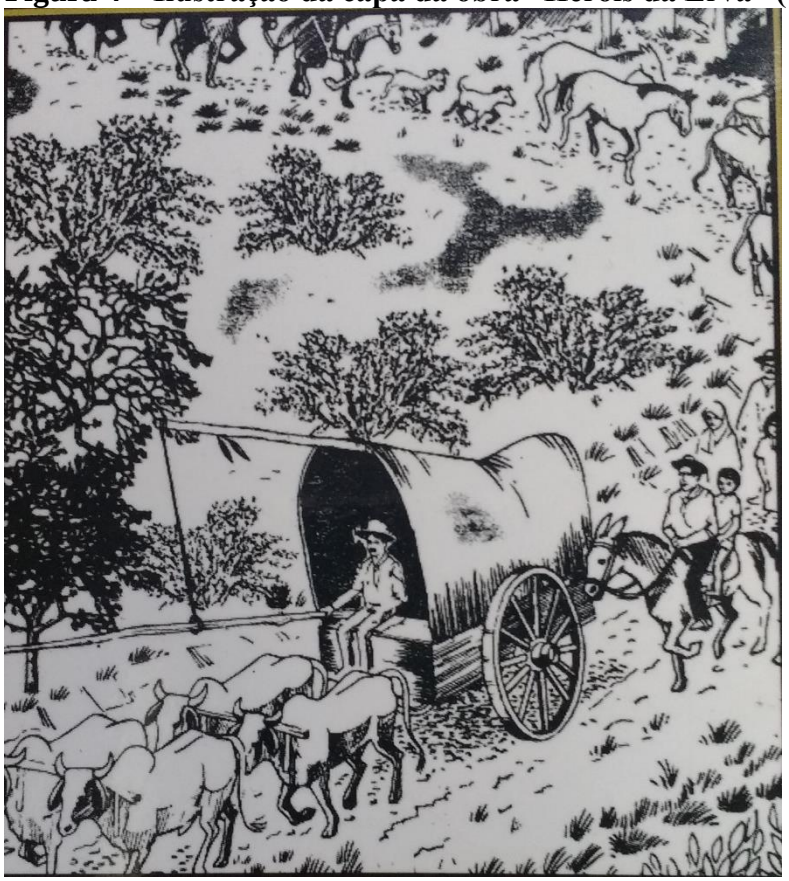
1.1.2.3 Caraí

> Trata-se de um trabalho que se propõe a resgatar, para os estudiosos e para a própria história de Mato Grosso do Sul, um acervo valioso de fatos e informações que remontam um período de grande significado

> sócio-econômico para o nosso Estado. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 7).

A obra “Caraí” – que foi editada e republicada no ano de 1987, com o título “Heróis da Erva” - foi elaborada para um concurso de monografias sobre o Ciclo da Erva Mate, promovido pelo Instituto Euvaldo Lodi, no ano de 1986. Foi classificada em 1º lugar no referido concurso. Nela, Serejo ([1986] 2008, v. 6) busca retratar ao máximo as vivências dos trabalhadores, as articulações políticas e outros acontecimentos do período.

Figura 4 – Ilustração da capa da obra “Heróis da Erva” (Caraí)



Ilustrador: José Flávio Lemos Fontão, 1987.

Na obra em questão, Serejo ([1986] 2008, v. 6) faz uma minuciosa descrição sobre a origem da erva-mate, o trabalho empregado para sua produção, as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores etc. No quadro 4 estão contidos os textos que compõem a referida obra e suas respectivas unidades temáticas.

Quadro 4 – Textos e unidades temáticas da obra "Caraí"

Título	Unidade(s) temática(s)
Origens	Eventos
Exploração econômica	Eventos
Influência política	Eventos
Aspecto social	Dificuldades/violência/costumes
Contribuição cultural e folclórica	Costumes
Declínio	Eventos
Joaquim Duarte Murtinho	Personagens
Heróis anônimos	Personagens
Paisagem de erval	Ambiente
Arboleda	Costumes/crenças
Ranchada ervateira	Ambiente
Peão de erval	Atividade ervateira/personagens
Peões de uma ranchada ervateira	Costumes
As heroínas dos ervais	Personagens
O monteador	Atividade ervateira /personagens
O sapeco	Atividade ervateira/crenças
O mineiro	Atividade ervateira/personagens
Conduzindo o raído	Atividade ervateira /personagens
O barbaquá	Atividade ervateira
Cancheando a erva	Atividade ervateira
O ataqueio	Atividade ervateira
Tungueando	Costumes
Avanço fluvial	Eventos
Carreta-corá	Costumes
Rancho *poriaú*	Ambiente/costumes
Os changadores	Personagens
Os perigos que o homem do erval sempre encontrou	Ambiente/dificuldades
O escorpião	
O carapanã	
O fincão	
O *tu*	
O carrapato	
A *nhandu-cavaju*	
A cascavel	
A onça	
As nhás	Personagens
Transportes da Mate	Eventos
Os famosos fordecos da Mate	Atividade ervateira
A caminhada de Tomás Larangeira	Eventos/personagens
Eles	Personagens/eventos
Os construtores e conservadores de estradas	Personagens
Pequenas anotações sobre a história da erva	Eventos
Expressões de uso corrente usadas nas regiões ervateiras	Costumes

Título	Unidade(s) temática(s)
O lado folclórico	Personagens
Os que viveram pelos ervais, ou comercializaram com a Mate, seguramente tiveram conhecimento do que passamos a narrar	Ambiente/eventos/personagens/ dificuldades/costumes/crenças
Registros da vivência ervateira sulina	Personagens/eventos/dificuldades
Anotações finais	Personagens/eventos
Por questão de reconhecimento e gratidão	Personagens
Ranchadas e ranchos	Personagens
Campanário	Eventos

Organização: SILVA, 2017.

Trata-se de uma obra emblemática de Serejo sobre as práticas dos grupos que viviam na fronteira. Assim como em "Vida de erval", esse livro revela os costumes e crenças que permeavam cada etapa da produção da erva-mate, assim como os personagens direta ou indiretamente envolvidos nessa atividade.

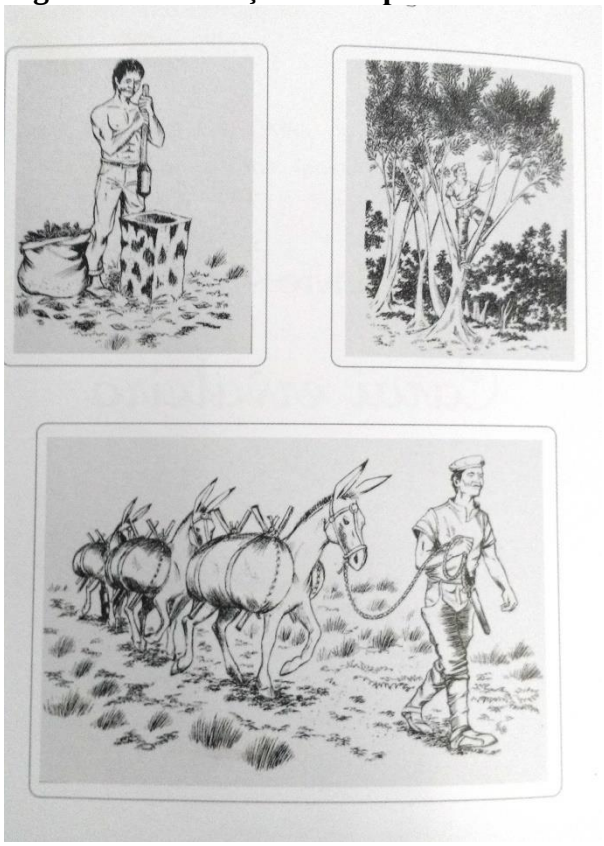
Por meio dessa obra, Serejo ([1986] 2008, v. 6) busca homenagear todos os grupos que participaram da ascensão daquela atividade econômica, em especial o peão ervateiro e, embora atribua, em alguns textos, um tom folclórico aos costumes do homem fronteiriço, não deixa de retratar a realidade em que viviam: o trabalho, as expectativas que alimentaram quando se aventuraram no sertão inexplorado, as festas, e as dificuldades que enfrentavam diariamente.

1.1.2.4 Caraí ervateiro

> Caraí ervateiro é a própria história da erva. Ele escolheu o mundo bruto da caá para a sua vivência porque era um enfeitiçado das arboleras, barbaquás e tapês. Quando adentrou a *jungle*, sabia que iniciava uma vida de sofrimentos inenarráveis. Estava preparado. Não cairia vencido, assim, tão facilmente. Era uma predestinação, só lhe restava cumpri-la. E foi o que fez. (SEREJO, [1990] 2008, v. 8, p. 10).

Obra publicada no ano de 1990, pela editora Versiprosa, de Tupi Paulista/SP. Assim como as demais, traz registros sobre a vida nos ervais, porém com um foco maior na descrição de personagens e eventos. Quando se refere à atividade ervateira, nessa obra, Serejo ([1990] 2008, v. 8) o faz como algo secundário, destacando as crenças, costumes e dificuldades que envolviam o trabalho nos ervais.

Figura 5 – Ilustrações da capa da obra “Caraí ervateiro”



Fonte: SEREJO, [1990] 2008, v. 8.

No quadro 5 estão contidas as unidades temáticas dos textos da referida obra que, como as demais, é composta por crônicas:

Quadro 5 – Textos e unidades temáticas da obra “Caraí ervateiro”

Título	Unidade(s) temática(s)
Caraí ervateiro	Personagens
A procedência	Personagens/eventos
O milagro	Crenças
Mbutu	Ambiente/dificuldades
A velha Brígida	Personagens
La comunicación	Eventos/violência
Um homem que não soube viver	Eventos/personagens
Sapopinga	Personagens
Pochoto	Eventos/personagens
Crendices nos ervais	Crenças
Negócio	Eventos
Viagem-prêmio	Costumes
O jogo de ronda	Costumes/eventos
O chimarrão de duas cuias	Costumes/eventos
O nome	Eventos
Caraí Manuel Ramos	Eventos/personagens/dificuldades

Título	Unidade(s) temática(s)
Flagelo	Ambiente/dificuldades
Cargadeiro	Personagens/dificuldades/atividade ervateira
Changá-y	Personagens
Caá caiguê	Costumes
Apepu	Eventos/personagens
Yurumby-i	Personagens/crenças
Caá-cuí	Atividade ervateira/crenças
Acaê	Ambiente/costumes/crenças
Mitãrusu	Personagens/dificuldades
Tatu Peludo	Personagens/eventos/violência
Mula Manca	Eventos/personagens/dificuldades
Mboeva	Eventos/personagens
A valente mulher paraguaia	Personagens/dificuldades
Nenito Brizueña	Personagens/eventos
Homenage de reconocimiento	Personagens

Organização: SILVA, 2017.

Para a análise que se opera nesta pesquisa, essa obra é relevante por dar destaque a personagens e acontecimentos que não se referiam diretamente à atividade ervateira, ou seja, são retratadas as práticas de diferentes grupos que conviviam na fronteira, naquele período, como as mulheres e as crianças, assim como outros personagens que não estavam ligados à elaboração da erva-mate.

1.1.2.5 No mundo bruto da erva-mate

> Este esforço do pesquisador do mundo bruto da erva deve representar alguma coisa, pelo menos a seriedade dos registros e a extrema dedicação do autor. [...]
> Enfrentou, o prosador idealista, nessa empreitada de registros históricos, uma luta extremamente cansativa. Tinha uma meta e, por ela, porfiava. Assim, sem esmorecimento, chegou aos dias de hoje. Contou histórias, relatou fatos, discordou de muitos, arquivou capítulos controvertidos e, superiormente, não aceitou mentiras deslavadas e informações espelhando vingança.
> [...]
> Alguém pode perguntar ao autor: - Valeu a pena, Hélio Serejo? A nossa resposta, sem orgulho, arrogância ou vaidade: - E como valeu, querido amigo! (SEREJO, [1991] 2008, v. 8, p. 243).

A epígrafe acima foi extraída do texto “A correspondência da erva”. Nele, o autor expõe brevemente como coletava as informações acerca do mundo da erva-mate:

por meio de cartas e entrevistas a conhecidos. Serejo, portanto, não traz registros somente de observações pessoais. Sua obra é fruto, também, de um trabalho minucioso de coleta de dados por meio de diferentes fontes, orais e escritas.

Figura 6 – Ilustrações da capa da obra "No mundo bruto da erva-mate"

Capa da obra original.

Na parte inferior da capa está escrito:
Explorando o erval pelo rio. O caati pode começar a menos de mil passos. Achado el yerbal de buena comensación,*era só descubrir* el puerto *para o embarque da preciosa riqueza nativa. O produto ensacado representava sempre a esperança sonhada por todos.*

Ilustração da quarta capa da obra original.
(De um artigo do erudito mestre Antonio Delgado Martinez).

Na parte inferior dessa capa está escrito:
Efetivamente, Pedro Juan Caballero sempre esteve no caminho da erva. Grande parte da peonada contratada (conchavada) procedia desta cidade. A laguna, portanto, integra, gloriosamente, a história do mundo bruto da erva-mate. Muitos tocadores de violão e cantadores ganharam fama sob a aragem deliciosa da encantadora lagoa paraguaia.

FONTE: SEREJO, [1991] 2008, v. 8.

A obra "No mundo bruto da erva-mate" data de 1991 e foi impressa pela Gráfica e Editora Cingral, de Tupã/SP. Nela estão contidos textos que descrevem, predominantemente, personagens e eventos, não necessariamente ligados diretamente à produção da erva-mate, conforme se revela no quadro 6:

Quadro 6 – Textos e unidades temáticas da obra "No mundo bruto da erva-mate"

Título	Unidade(s) temática(s)
Marangatu carapê	Crenças
O *mayordomo* de Capivari	Eventos/personagens
O berne	Eventos/personagens/dificuldades
A promessa	Eventos/personagens/violência
Merecem ser lembrados	Eventos/personagens/dificuldades
O moço falante que vendia roupa	Personagens
Mulher honrada	Personagens
Macana	Eventos
Os três andariegos	Eventos/personagens/violência
Céspedes	Eventos/personagens/violência
Ranchitos	Ambiente
Jurupiã	Crenças
Devery Jaguá	Eventos/personagens/violência
Hijo del demônio	Eventos/personagens
Uryarte Lescaño, *el bruto*	Eventos/personagens/violência/crenças
Peão cunha	Personagens
A vingança do menino	Eventos/personagens/violência
A operação do defunto	Eventos/personagens/crenças
Luna creciente	Costumes/crenças
As chatas	Atividade ervateira
Ilhéu	Ambiente/dificuldades
A correspondência da erva	Sobre a obra
Uquim	Ambiente/costumes
Py...y...pu	Costumes
Conversación amistosa	Eventos/personagens
Chucho	Ambiente/dificuldades
O triste fim de alguns homens da erva	Personagens/dificuldades
Registros da vivência ervateira	Ambiente/costumes/personagens/ eventos/violência/crenças
Classificadores da erva da empresa Mate	Personagens/atividade ervateira
Os valorosos colaboradores	Sobre a obra

Organização: SILVA, 2017.

Para os propósitos desta pesquisa, o título desse livro é revelador, pois trata sobre o "mundo" da erva, que aqui pode ser entendido como um "subcampo" ligado aos campos econômico e cultural – econômico, por se relacionar ao mundo do trabalho; e cultural, por trazer elementos das culturas dos grupos que ali conviviam. Essa abordagem será melhor desenvolvida no capítulo 2.

1.2 DO *HABITUS* EM BOURDIEU À NOÇÃO DE UM *HABITUS FRONTEIRIÇO*: UMA ABORDAGEM POSSÍVEL?

Neste tópico, começa-se a desenhar a tese de um *habitus fronteiriço*. Para tanto, no tópico 1.2.1, "Adjetivação do conceito de *habitus*: uma abordagem possível?", são trazidos trabalhos que, a partir das singularidades dos grupos analisados, desenvolvem uma noção "adjetivada" do *habitus*. No tópico 1.2.2, "Fronteira e 'ser fronteiriço': aproximações conceituais", procede-se a uma exposição sobre o conceito de fronteira aqui adotado, assim como as singularidades desta, no caso em estudo.

1.2.1 Adjetivação do conceito de habitus: uma abordagem possível?

Sobre a tese aqui defendida – a de que os grupos fronteiriços possuem um *habitus* próprio, um modo de ser e estar, diferenciado dos "não fronteiriços", ou seja, **a tese de que há um *habitus fronteiriço*, constituído no campo da fronteira geográfica que por sua vez agrega singularidades de práticas sociais, culturais e econômicas** -, é importante destacar que se trata de uma adjetivação do conceito de *habitus*, já formulado por Bourdieu, agora sendo pensado num movimento de fronteira internacional.

Outros pesquisadores (SILVA, 2011; PEREIRA, 2014; SETTON, 2002), com diferentes objetos de pesquisa, já se apropriaram do conceito de *habitus* adjetivando-o, com o intuito de compreender as singularidades das práticas de determinados grupos sociais. Silva (2011) analisa as trajetórias de professores desde o período da graduação até o exercício em sala de aula, buscando apreender como se constitui o seu *habitus*, como estes aprendiam o seu ofício, tanto a partir da teoria (nesse caso, a disciplina de Didática, na graduação), quanto no exercício da prática docente.

A autora elabora, a partir de sua análise, a noção de um *habitus professoral*, o qual se constrói no exercício da docência. Nesse processo, o professor vai incorporando um modo de agir singular, próprio de sua profissão.

> Assim, as práticas de agentes sociais que exercem socialmente uma mesma profissão guardam entre si semelhanças que podem ser facilmente percebidas por meio de sua *hexis*, ações objetivadas, atendendo às exigências de seu *ethos*. A *hexis* é a exteriorização da interiorização, o *ethos*, as disposições da objetivação da *hexis*. O *habitus* é em si a *hexis*, o que se observa. (SILVA, 2011, p. 338).

Problematizando se esses saberes são apropriados ainda no curso de graduação, a autora observa que, enquanto aluno de um curso licenciatura, o agente não está manifestando um *habitus professoral*, mas sim um *habitus estudantil*, e isso explica o fato desses agentes não se sentirem "preparados" para determinadas situações quando ingressam na sala de aula. Na graduação, conclui a autora, o agente se apropria dos saberes teóricos, porém é somente a partir da prática docente que ele configurará o seu *habitus professoral*.

É importante destacar que, além da pesquisa realizada por Silva (2011), há uma quantidade considerável de trabalhos que abordam sobre *habitus professoral* (ou *habitus docente*). Tal dado foi demonstrado no estado da arte realizado para este trabalho, cujos quadros constam no apêndice A. Isso demonstra a apropriação do conceito de *habitus*, no campo das pesquisas em educação, assim como a sua conversão em uma noção que permite caracterizar as singularidades de diferentes grupos sociais.

Pereira (2014) faz um estudo comparado dos projetos pedagógicos de cursos de licenciatura em Música de quatro universidades públicas brasileiras[17], defendendo a tese da existência de um *habitus conservatorial*, presente nos currículos desses cursos, que acaba por se reproduzir nas práticas dos professores de Música nas escolas regulares. Considera, em sua análise, a relação entre os conceitos de *habitus* e campo, concebendo as licenciaturas em Música como um subcampo, caracterizado pela inter-relação entre o campo artístico e o campo educativo.

> A tese que defendemos era a de que o *habitus conservatorial* seria próprio do campo artístico musical e estaria transposto (convertido) ao campo educativo na interrelação estabelecida entre estes dois campos. E seria incorporado nos agentes ao longo do tempo no contato com a instituição, com suas práticas, com seu currículo enquanto objetivação de uma ideologia. Assim, as instituições de ensino musical – como resultado da história iniciada pelos conservatórios – poderiam ser entendidas como opus operatum: campo de disputas que tem no *habitus conservatorial* o seu *modus operandi*. (PEREIRA, 2014, p. 94).

Para o autor, há, nesse subcampo, lutas pela conservação e pela transformação de sua estrutura, sendo as ações de seus agentes engendradas por disposições internalizadas – o *habitus.* Esse *habitus* teria sido forjado ao longo da história do campo

[17] Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ).

em questão, o qual privilegia o ensino da música erudita ocidental, em detrimento de outras práticas musicais.

Esse *habitus conservatorial*, incorporado pelos acadêmicos de licenciatura em Música em sua formação, é o que direciona sua prática enquanto professores, e acaba por dificultar a implantação do ensino de Música nas escolas, pois, segundo o autor, este deveria ser um espaço para se promover o ensino de diferentes tipos de Música, para todos. Ademais, ao desconsiderar as desigualdades de acesso ao conhecimento erudito por parte desses alunos e ao não fornecer os saberes necessários à apropriação desses conteúdos, a escola estaria afastando ainda mais esses indivíduos das manifestações musicais eruditas.

Pereira (2014) propõe, nesse sentido, que a música popular seja incorporada aos currículos escolares, e que aos indivíduos sejam oferecidas condições de participar dos processos musicais e formar seu próprio juízo de valor a respeito da Música, evitando, assim, a violência simbólica e o arbitrário cultural[18] que hoje se manifestam na escola.

Setton (2002), ao analisar a complexidade das influências recebidas pelos agentes em sua socialização, na contemporaneidade, constrói a noção de um *habitus híbrido*. Para a autora, além da família e da escola, a mídia aparece como mais uma instância socializadora, estando as três interdependentes e inter-relacionadas. Além disso, as ações, práticas e consciências estariam submetidas constantemente a uma reflexividade: "Na modernidade, a revisão das convenções são radicalizadas em todas as esferas e instâncias da vida social." (SETTON, 2002, p. 68).

> Enfim, neste estudo, considero que esta nova matriz cultural, particularidade vivida e experimentada pelo agente social da atualidade, pode forjar um novo *habitus: habitus* compreendido como um sistema flexível de disposição, não apenas visto como a sedimentação de um passado incorporado em instituições sociais tradicionais, mas um sistema de esquemas em construção, em constante adaptação aos estímulos do mundo moderno; *habitus* como produto de relações dialéticas entre uma exterioridade e uma interioridade; *habitus* visto de uma perspectiva relacional e processual de análise, capaz de apreender a relação entre indivíduo e sociedade, ambos em processo de transformação. (SETTON, 2002, p. 69).

Esses três estudos, embora não diretamente relacionados ao presente objeto, demonstram que o conceito de *habitus* permite diferentes abordagens, com o intuito de

[18] Bourdieu e Passeron (2011) cunham a expressão "arbitrário cultural" para designar o mecanismo pelo qual as classes dominantes impõem, para o conjunto da sociedade, a sua cultura como legítima. Isso se dá principalmente por meio da escola. Essa imposição não ocorre de modo explícito, mas sim ideológico, o que confere maior aceitação por parte das classes dominadas.

compreender como se configuram as práticas dos grupos sociais e as trajetórias dos agentes. Também fica clara a relação intrínseca entre *habitus,* campo e capitais, sendo necessário, para se apreender o *habitus* de determinado grupo, analisar a dinâmica interna do campo no qual ele está situado, suas lutas e hierarquias, assim como os tipos e volumes dos capitais possuídos pelos agentes.

Outro aspecto que é possível de extrair desses estudos é que, se o *habitus* é a relação dialética entre a interioridade e a exterioridade, é possível "alcançá-lo" a partir da análise das práticas dos grupos, pois essas são, em essência, a manifestação do *habitus.* Nesse sentido, diferentes fontes permitem apreender esse *habitus,* desde que revelem as práticas, os modos de ser e estar dos agentes.

Por outro lado, trata-se um terreno escorregadio, uma vez que o *habitus* não é algo estático, que pode ser "capturado" como em uma fotografia. Ao contrário, ele é dinâmico, embora durável, e para se chegar a ele é preciso compreender a complexidade das relações, no seu movimento histórico e social.

Em relação ao objeto aqui analisado, as práticas dos agentes são descritas pelo memorialista com riqueza de detalhes. Busca-se, na análise, conhecer o campo no qual se situa esse grupo, as lutas que ali se estabeleciam, assim como a lógica das relações internas. Para tanto, faz-se necessário que essas memórias sejam lidas à luz da teoria, assim como contextualizadas, tomando os personagens descritos pelo autor não como figuras pitorescas e descoladas da realidade, mas como homens e mulheres historicamente situados.

1.2.2 Fronteira e "ser fronteiriço": aproximações conceituais

> O termo "fronteiriço", como mencionado, é polissêmico, normalmente associado a quem está no limite, mas a fronteira não é o limite. **É uma zona de contato** [...]. (PEREIRA, 2013, p 134, grifo nosso).

> Sou um pouco de cada um. Não poderia ser diferente. Sou produto desse meio bravio. Na violência inopinada. Na quentura do sangue. No respeito ao próximo. Na mesclagem que carrego comigo, como se fora a minha própria sombra. E, acima de tudo, na infinitamente grande crença no Senhor! (SEREJO, [1981] 2008, v. 5, p. 144).

Para se entender o processo de configuração de um *habitus fronteiriço*, há que se compreender a fronteira como um espaço caracterizado por singularidades, assim como os que nela vivem como grupos dotados de um modo de ser e estar próprio desse local.

A fronteira não é um espaço que divide dois países, mas sim que os aproxima ou, ainda, é uma "zona de contato" na qual as trocas culturais dos povos que a compõem se intensificam. Nela, as diferenças e semelhanças se manifestam de forma mais acentuada.

> [...] os espaços de fronteiras nacionais tornam-se propícios para compreendermos o que venha a ser um processo de integração efetivamente. Os povos que habitam as linhas de divisa entre territórios nacionais, ao colocarem em contato direto e constante, culturas, línguas, procedimentos específicos e característicos de cada um dos países, demonstram que é possível, mas nem por isto fácil ou simples, conviver harmonicamente com o outro. (MULLER; OLIVEIRA, 2005, p. 2).

Ser fronteiriço é viver essa integração de forma exacerbada. É um processo nem sempre harmonioso, porém "não há escolha", ou seja, é necessário buscar estratégias de convivência. Segundo Muller e Oliveira (2005), esse exercício de integração é, para o fronteiriço, diário. Para tanto, ele busca formas de enfrentar as dificuldades de modo a tornar viável a vida na fronteira.

No caso de Mato Grosso do Sul/Paraguai, há características que favorecem essa convivência, por se tratar na sua maior extensão de uma fronteira seca. A circulação de pessoas é, até os dias de hoje, livre de um lado para o outro. Os costumes se engendram de tal forma que há uma mútua influência cultural. Pode-se afirmar, nesse sentido, que o *habitus fronteiriço* se forma a partir da incorporação das disposições de um e de outro grupo, como se ele fosse a imbricação das culturas que compõem ambos os países.

> As práticas culturais, que são dinâmicas, dos dois lados da fronteira Brasil-Paraguai, mesclam-se, agregando-se à identidade do fronteiriço. Tanto a cultura paraguaia influencia a brasileira como o inverso também é verdadeiro. Dentre as principais práticas advindas do Paraguai, destacam-se: o bebericar do mate nas rodas de tereré, o consumo de chipa, de sopa paraguaia e de um prato típico da região denominado "locro", espécie de comida caldeada com milho e carne com ossos, além da música paraguaia, especialmente a polca e a guarânia, bastante apreciadas nos bailes brasileiros da área fronteiriça e em outras partes do Estado de Mato Grosso do Sul (PEREIRA, 2002).
>
> Por outro lado, dentre as práticas brasileiras apreciadas pelos paraguaios, há o hábito de comer a feijoada e o churrasco, este último sob a influência dos gaúchos que vieram habitar a área desde a

> fundação da Mate Larangeira; com o tempo, a mandioca foi incorporada como acompanhamento da carne, o que já é uma contribuição paraguaia. A mandioca, inicialmente utilizada por índios guaranis, foi assimilada pelos paraguaios, sendo hoje alimento consolidado na dieta sul-matogrossense. Na cidade de Ponta Porã, os festejos carnavalescos contam com a efetiva participação dos paraguaios, que demonstram gosto pelo samba e por outros ritmos brasileiros. (PEREIRA, 2013, p. 144-145).

Observa-se, portanto, que há práticas culturais singulares, devido à incorporação desses costumes por ambos os povos. Há um modo de ser e estar na fronteira caracterizado pelo intenso fluxo de pessoas de um a outro lado, pelas trocas comerciais, culturais, linguísticas etc. Pereira (2003) defende que a proximidade geográfica das cidades de Ponta Porã-Brasil e Pedro Juan Caballero-Paraguai faz com que a população compartilhe não somente o território, mas toda uma construção cultural dos fronteiriços. O modo de vida dessas pessoas compõe um sentimento de pertencimento à fronteira. "É quando estas criações materializadas e o sentimento deixam de pertencer a um ou a outro país, **passando a pertencer aos fronteiriços**." (PEREIRA, 2003, p. 3, grifo nosso).

Ao defender que há um sentimento de pertencimento à fronteira, um modo de ser e estar fronteiriço, um *habitus fronteiriço*, não se está considerando que os povos que ali vivem e convivem não tenham suas singularidades. Ao contrário. Nesse espaço, as identidades são permanentemente questionadas, o pertencimento a uma ou outra nação é com frequência afirmado, em especial, quando há interesses econômicos envolvidos, como os eventos históricos que envolveram a política nacionalista de Getúlio Vargas[19] e a questão dos "brasiguaios"[20].

No que se refere ao conceito de "nação" e "nacionalismo", esse é ainda objeto de controvérsias nas ciências sociais. Hobsbawm (1990), em sua obra "Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade", faz uma análise comparativa de como esse termo ganhou conotações diversas ao longo da história e nos diferentes

[19] No Estado Novo (1937-1945), o então presidente Getúlio Vargas impôs uma série de medidas nacionalistas que restringiam a entrada de estrangeiros no país, assim como instituía regras rígidas para a forma de organização das colônias de imigrantes. Proibia-se, por exemplo, a utilização e o ensino de/em outros idiomas nas escolas brasileiras.

[20] Embora o termo "brasiguaios" remeta a uma hifenização da identidade fronteiriça do Brasil com o Paraguai, aqui se está referindo especificamente aos colonos brasileiros que, em meados do século XX, uma vez tendo sido expulsos ou vendido suas terras ao sul do Brasil, em razão da substituição da cultura do café pela soja, deslocaram-se para a fronteira com o Paraguai e ali se estabaleceram, sendo por vezes considerados "ladrões" de terras paraguaias. (PEREIRA, 2013).

países. Sobretudo, o autor busca desnaturalizar a concepção de “nação” tal como se apresenta na modernidade e problematizar sobre os fatores objetivos e subjetivos que levam à construção de uma nação.

Para o autor, ainda, a nação pertence a um período particular e historicamente recente e deve ser entendida, enquanto entidade social, quando relacionada ao conceito de Estado-nação. Além disso, destaca:

> As nações, postas como modos naturais ou divinos de classificar os homens, como destino político... inerente, são um mito; o nacionalismo, que às vezes toma culturas preexistentes e as transforma em nações, algumas vezes as inventa e frequentemente oblitera as culturas preexistentes; isto é uma realidade . Em uma palavra, para os propósitos da análise, o nacionalismo vem antes das nações. As nações não formam os Estados e os nacionalismos, mas sim o oposto. (HOBSBAWM, 1990, p. 19).

Sendo assim, para os propósitos deste trabalho, entende-se o conceito de “nação” como historicamente situado, relacionado à constituição dos Estados-nação, os quais, em sua origem e para sua legitimação, passaram por um processo de diluição das diferenças culturais em nome da construção de uma “identidade nacional” ou, nos termos de Anderson (1989), uma “comunidade imaginada”.

> Dentro de um espírito antropológico, proponho, então, a seguinte definição para nação: ela é uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana.
> Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão. (ANDERSON, 1989, p. 14).

Ainda sobre a questão dos “limites” de uma nação, questão que interessa especialmente a esta pesquisa, é relevante o que afirma Anderson (1989, p. 15):

> A nação é imaginada como limitada, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações. Nenhuma nação se imagina como coextensiva com a humanidade.

Sendo assim, o sentimento de pertencimento a uma nação pressupõe o entendimento da existência de “outras” nações. O “outro” é aquele que está para além

dos limites territoriais ou, em outras palavras, aquele que está “do outro lado da fronteira”.

Nesse sentido, ao se discutir sobre fronteiras, é necessário considerar que estas envolvem a relação de alteridade entre duas nações. Por outro lado, essa alteridade emerge de um sentimento de pertencimento que é “imaginado”, ou seja, não é algo natural – embora esse “imaginado”, como defende Anderson (1989), não deva ser entendido como algo “falso”, mas como algo “construído”.

Desse modo, pensar a fronteira – a partir do conceito aqui adotado, ou seja, de uma zona de contato entre dois países - pressupõe entender que esta existe porque existem as nações, ou seja, as diferenças entre os povos que nela convivem não são tão claramente definidas como reivindicam os “ideólogos da nação”, mas, ao contrário, estão muito mais relacionadas ao processo de constituição dos Estados-nação – e aos interesses políticos e econômicos nele envolvidos - do que às diferenças culturais propriamente ditas. Essas são questões relevantes que devem ser consideradas na análise das práticas do homem fronteiriço.

Bourdieu não se atém, em seus escritos, à discussão sobre nação e nacionalismo, porém o faz indiretamente em seus textos sobre Estado. Para o autor, a escola exerce um importante papel na disseminação de uma cultura unificadora, nos processos de constituição dos Estados-nação:

> A criação da sociedade nacional acompanha a afirmação da possibilidade da educação universal: todos os indivíduos são iguais perante a lei, o Estado tem o dever de fazer deles cidadãos, dotados dos meios culturais de exercer ativamente seus direitos civis.
> Ao impor e inculcar universalmente (nos limites de seu âmbito) uma cultura dominante assim constituída em cultura nacional legítima, o sistema escolar, particularmente através do ensino da história e, especialmente, da história da literatura inculca os fundamentos de uma verdadeira “religião cívica” e, mais precisamente, os pressupostos fundamentais da imagem (nacional) de si. (BOURDIEU, 1996, p. 106).

Nesse sentido, pode-se entender que a construção de uma nação operaria por uma espécie de arbitrário cultural, por parte do Estado, uma vez que, para que se constitua como tal, o Estado-nação necessita de estabelecer para o conjunto de sua população uma cultura que se sobreponha às demais e, para que isso se concretize, é necessária a aceitação, por parte dos grupos dominados, da ideia de legitimidade dessa cultura. Esse processo se dá por meio da educação, em especial, da educação escolar.

Essas discussões são relevantes para este trabalho quando possibilitam desnaturalizar os conceitos de nação e nacionalismo e, por sua vez, o entendimento sobre a constituição das fronteiras entre essas nações. As diferenças – e semelhanças - culturais entre os países passam a ser vistas não como algo dado *a priori*, mas como fruto de uma construção histórica – e simbólica - que se incorpora/expressa ao/pelo *habitus.*

Uma leitura diletante das obras memorialísticas sobre a fronteira pode passar uma visão romantizada da convivência entre os grupos ali retratados, porém um olhar atento consegue enxergar as contradições que envolvem essas vivências.

> Ao se lançar o olhar sobre estas e outras fontes memorialísticas da fronteira, apreende-se o que é simbólico para o homem da fronteira: as suas festas, as comidas típicas, as vestimentas, os jogos, as relações, a comunicação. No entanto, ao se deter na convivência dos fronteiriços, entende-se que os intercâmbios, apesar de intensos - afinal, a fronteira é um espaço vivo, dinâmico, facultando o entrelaçamento amplo e irrestrito entre as culturas -, não se exime a superação dos conflitos entre dois povos que são vizinhos. (FEDATTO, 2005 apud PEREIRA, 2013, p. 133-134).

A fronteira é zona de contato, porém tem suas lides constituídas por relações de poder, ou seja, a geopolítica entre os estados nacionais. É por essa razão que nesse espaço se revelam tantos paradoxos.

> De fato, desde que o homem surgiu, as noções de limites e de fronteiras evoluíram consideravelmente, sem no entanto nunca desaparecerem. É evidente que os significados do limite variaram muito no decorrer da História. Não há por que se admirar, pois o limite é um sinal ou, mais exatamente, um sistema sêmico utilizado pelas coletividades para marcar o território: o da ação imediata ou o da ação diferenciada. Toda propriedade ou apropriação é marcada por limites visíveis ou não, assinalados no próprio território ou numa representação do território: plano cadastral ou carta topográfica. Toda função é também marcada por limites frouxos ou rígidos que determinam sua área de extensão ou de ação. Nesse caso, os limites estão em estreitas relações com o trabalho, portanto com o poder. Limites de propriedade e limites funcionais podem coincidir, superpondo-se, ou, ao contrário, se recortarem. Mas vê-se logo que, na qualidade de sistema sêmico, os limites são utilizados para manifestar os modos de produção, isto é, para torná-los espetaculares. O limite cristalizado se torna então ideológico, pois justifica territorialmente as relações de poder. (RAFFESTIN, 1993, p. 165).

Trata-se, portanto, de um espaço em que as práticas culturais emergem da convivência entre diferenças e semelhanças, limites e contatos, identidades e alteridades. Não é somente uma demarcação de territórios, mas da relação, ora

harmoniosa, ora conflituosa, entre dois povos. Viver na fronteira exige que se busquem estratégias de convivência e que se forme, para tanto, um *habitus* próprio do homem fronteiriço.

No período retratado por Serejo (ciclo da erva-mate, 1883-1947), a fronteira do então sul de Mato Grosso com o Paraguai era dominada pela Companhia Mate Larangeira. As práticas sociais, culturais, educativas, eram, sobretudo, regidas pelo domínio econômico e político da referida empresa[21].

> Os ervais mato-grossenses passaram a ser explorados no período posterior à demarcação dos limites com o Paraguai, logo após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Corrêa (1999) define a referida Guerra como um "divisor de águas" no que se refere à ocupação da fronteira oeste de Mato Grosso, pois ainda que a província tenha desempenhado um papel secundário no conflito, passou por mudanças significativas principalmente no setor econômico, por receber, a partir de então, influência direta e decisiva da região do Prata. (SILVA, 2010, p. 50).

A obra de Hélio Serejo retrata uma fronteira naqueles idos em constituição, tendo em vista que o período por ele registrado é imediatamente posterior ao processo de demarcação, quando a região passou a receber migrantes provenientes de diversas partes do Brasil, Paraguai e outros países da América Latina.

O Paraguai, na ocasião, devastado pela Guerra[22], vivia uma instabilidade econômica e política, com conflitos crescentes[23] e precárias condições de vida. Os ervais fronteiriços eram, naquele momento histórico, uma oportunidade de trabalho que

---

[21] Sobre essa questão, Centeno (2000) identifica, na historiografia sobre o referido período, divergências no que se refere à relação do Estado com a empresa. Enquanto alguns autores (e grupos políticos da época) consideram a Mate como um "Estado dentro do Estado", outros, inclusive a própria autora, discordam dessa concepção. Para ela, o Estado burguês reflete as contradições evidenciadas pela luta entre os grupos dominantes. No caso aqui retratado, esse Estado favorecia o monopólio exercido pela Mate, porém também se manifestavam as forças políticas contrárias de outros grupos, como os comerciantes e os imigrantes gaúchos que buscavam ocupar a região e contestar os direitos da Companhia.

[22] Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Recebeu esse nome devido à aliança formada entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai contra o Paraguai. Originou-se de disputas político-territoriais entre os países. Desse conflito o Paraguai saiu derrotado e teve sua população drasticamente reduzida.

[23] "Autorizada a instalação do governo provisório paraguaio, organizaram-se dois grupos políticos para disputá-lo: o 'Club dei Pueblo' e o 'Club Unión'. No 'Club del Pueblo', defendiam-se as idéias liberais, originárias da Revolução Francesa, mas sem um projeto político e econômico concreto. [...]. O 'Club dei Pueblo' foi o embrião do Centro Democrático — Partido Liberal — fundado em 1887. Já do 'Club Unión', composto por conservadores, antigos seguidores de Solano López e emigrados antiliberais, originou-se a Asociación Nacional Republicana, fundada nesse ano e que se tornou conhecida por Partido Colorado. Entre liberais e conservadores predominavam os conflitos pessoais sobre os ideológicos." (DORATIOTO, 1994).

surgia, a qual foi abraçada pelos trabalhadores paraguaios, que herdaram, da tradição guarani, o saber-fazer do referido ofício.

> Só se falava em erva... em produzir erva-mate. A erva estava valendo ouro em pó. Só a erva valia... só a erva-mate compensava. Era o meio, o caminho selvagem para um ganho rápido e seguro.
> Daí a razão de cruzarem a fronteira, semanalmente, grandes levas de paraguaios que esperavam por dias melhores, mesmo sofrendo e derramando o seu suor no mundo bruto e selvagem da erva-mate.
> Muitos vieram, sim, em propósito de aventura. Se desse certo, elevariam *los agradecimientos a Diós*; caso contrário, retornariam ao local de origem. E foram, em número considerável, os que pegaram o caminho de volta, como desiludidos e fracassados. (SEREJO, [1998] 2008, v. 9, p. 112).

Por outro lado, a empresa ervateira viu naquele "exército" de trabalhadores uma possibilidade de exploração de sua mão-de-obra. Esta, barateada pelas condições sociais supracitadas, favoreceu os interesses da referida empresa. Os trabalhadores paraguaios eram contratados em seu país.

> De onde vieram esses peões e por quê? Vieram, quase todos, da República do Paraguai, em dezenas e dezenas de levas, porque não estava compensando o pagamento na zona ervateira guarani. Ainda outros vieram (e em número elevado) como fugitivos de uma revolução derrotada. Dada a violência política reinante no país, foram os vencidos considerados personas não gratas e em conseqüência da situação dramática, outra saída não encontraram a não ser a marcha penosa e aflitiva, em busca das fronteiras do Brasil, onde, no extremo sul, existiam em grande quantidade riquíssimos ervais nativos. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 19).

Nos ervais nativos da fronteira, homens e mulheres enfrentaram as doenças provenientes das pragas típicas da região (em especial, a malária); a violência (ali se instalara um regime próprio de "leis", havendo muitas execuções sumárias[24] aos que não se submetiam a tais normas); a escassez de toda sorte de recursos necessários à vida (alimentos, moradia, higiene, assistência médica, educação etc.) e a baixa remuneração, desproporcional à dureza do trabalho ervateiro.

> Eis a ranchada ervateira... esse quisto bendito cravado no coração da selva, que representou o primeiro passo para a grande arrancada civilizadora do seu rincão natal.
> O homem estóico, o arrieiro chasqueador, vencendo as endemias, lutando contra o meio adverso, furou o sertão agressivo e levantou-a, atabalhoadamente, ali naquele ermo terrificante; e dessa ranchada, povoação ervateira, aglomerado de homens rudes, nasceu a caminhada

[24] "Na imensa fronteira sem lei, a justiça era um cadáver pelo outro." (SEREJO, [1991] 2008, v. 8, p. 131).

> legendária para o povoamento da terra virgem. (SEREJO, [1962] 2008, v. 3, p. 227).

A fronteira que Hélio Serejo retrata é uma fronteira incerta, apesar da então recente demarcação[25], pois indefinida era a identidade dos povos que ali conviviam, devido à fluidez das vivências e à incorporação, tanto de um lado, quanto de outro, de elementos culturais dos países vizinhos.

Nos textos de Serejo são presentes vocábulos das diferentes línguas ali faladas: português, espanhol e guarani. Os costumes, as crenças, ora se assemelhavam (apenas mudando a denominação, de acordo com o idioma[26]), ora se distinguiam, num processo de distanciamento e aproximação constante, entre as culturas dos dois povos.

Apesar da situação precária em que viviam os trabalhadores, estes buscavam "refúgio" na religião e nas festas, bastante frequentes naquele ambiente hostil. Serejo retrata em vários textos esses eventos, assim como os consequentes conflitos que por vezes culminavam em morte, devido à presença constante de bebidas alcoólicas e a disputas passionais pelas mulheres – naquele contexto, por muitas vezes "objetificadas" e subjugadas devido à pobreza extrema[27].

Diante desse contexto, formou-se, ali, uma comunidade fronteiriça, caracterizada principalmente pelo compartilhar das inúmeras dificuldades enfrentadas. Ajudavam-se. Na ausência de assistência médica, recorriam às nhás e a outros curandeiros que, com seu saber popular e utilizando-se de ervas, tratavam das doenças e dos ferimentos ocasionados pelo trabalho ou pelos conflitos. Na ausência da escola, o saber compartilhado era o da elaboração da erva-mate, das crenças religiosas, assim como as lendas que provinham da proximidade com a natureza.

---

[25] O início do processo demarcatório deu-se no ano de 1872, quando foi assinado o Tratado de Limites entre os dois países. Os trabalhos foram concluídos no ano de 1874. No entanto, já no ano de 1927, foi assinado um Tratado Complementar estabelecendo a fronteira no rio Paraguai, no trecho compreendido entre a foz do rio Apa e o desaguadouro da Bahia Negra - ponto tripartite Brasil-Paraguai-Bolívia. Os trabalhos de caracterização se iniciaram na década de 1930. (FRONTEIRA...; 2012).

[26] "A sagrada bênção fronteiriça, a que irmana duas Pátrias amigas. Bênção ou *bendición*, a qualquer hora do dia ou da noite, falam a mesma língua, num só mesmo pago, porque nasceram e cresceram ligadas. Bênção brasileira ou bendición paraguaia representam o mesmo respeito ao Senhor em todos os instantes da vida. Cruzando a fronteira, bendición fez morada como se estivesse em seu próprio torrão. Entrou no coração do cristão vizinho, se apoderando de sua fé e de sua crença." (SEREJO, [1988] 2008, v. 6, p. 213).

[27] "Conheceu a graciosa rapariguinha num juvenil de Pedro Juan Caballero. Ficou enrabichado. Foi correspondido. Falou com a avó, pois era órfão de pai e mãe. A aguelita concordou. Recebeu, como ajuda, unas buenas platas. Eis por que a orfãzinha de dezesseis anos ali se encontrava no derecho, bien arreglado." (SEREJO, [1981] 2008, v. 5, p. 142).

> A raça guarani, a raça impoluta, verdadeira da América do Sul, continua viva através de sua língua. Vive, ainda, com toda sua pureza virginal, uma vez que não pode se separar da natureza, visto que ela representa a própria natureza. (SEREJO, 2008, v. 9, p. 178).

A religião, por sua vez, assim como as festas, conferia certa "conformidade" ao trabalhador paraguaio, uma resignação perante as suas condições de vida. Trabalhavam muito. Ganhavam pouco. E se endividavam, despendendo, nas festas, mais do que possuíam, buscando nessas práticas esquecer, ainda que fosse por alguns momentos, das suas duras condições de existência.

> Há uma época no ano em que o peão do erval tudo esquece. É quando se aproxima a semana santa. Aí ele, abandonando o caati, a pé ou a cavalo, alegre e satisfeito, procura o primeiro bolicho da estrada e vai gastar, em sete dias, todo o pecúlio que conseguira fazer em onze meses de trabalho árduo e penoso. Sim, com sete dias, pois, não raro, muito antes de expirar o prazo, já torrou as economias e contraiu dívida para muito tempo. (SEREJO, [1946] 2008, v. 1, p. 253).

E nesse processo iam para além dos limites da existência: matavam, morriam, ou apenas sobreviviam aos inúmeros eventos de violência que circundavam os ervais. Não é exagero afirmar que esta estava incrustada na vida do homem fronteiriço. Era cotidiana. A vida do trabalhador dos ervais era banalizada, desde o seu nascimento, pois não foram poucas as crianças que não sobreviveram sequer para dar início ao precoce ofício de "guaino"[28].

A fronteira e os fronteiriços retratados por Serejo são caracterizados pelo antagônico[29]: ora a violência, ora a solidariedade, o socorro, o cuidado; ora o trabalho, ora as festas, as pausas, as folgas; ora a obediência, ora a rebeldia; ora o enraizamento, ora a partida.

> O ervateiro [...] é, em suma, um resoluto. Quando quer agir, age; dê o que der. Por isso, devido a esse sentimento de morbidez e independência, transformou-se num judeu errante. Hoje aqui, amanhã ali, isto pouco lhe importa. O essencial é que seja, em seu juízo errôneo, um livre pensador e, portanto, senhor absoluto do seu nariz. (SEREJO, [1952] 2008, v. 2, p. 143).

[28] "Guaino – menino ajudante, menino aprendiz. Um aluno ervateiro que, normalmente, dá prova, logo de início, de apurado senso de responsabilidade. Ouve com atenção as explicações do mestre e segue as suas recomendações com obediência filial." (SEREJO, [1975] 2008, v. 4, p. 80).

[29] "Convivi com essa gente mesclada. Rude. Violenta. Desrespeitadora. Obediente também. Buenacha. Temente a Deus." (SEREJO, [1981] 2008, v. 5, p. 144).

Esses são elementos que dão pistas sobre um *habitus* singular da fronteira, mas não de qualquer fronteira. Embora se defenda, aqui, a existência de um *habitus fronteiriço*, é mais adequado afirmar que existem vários "*habitus fronteiriço*s" - no plural mesmo -, caracterizados pelas singularidades do tempo e espaço em que se situam essas fronteiras. No entanto, o que há de semelhante é a cotidianidade da alteridade com o outro, as práticas com o que é estrangeiro, embora próximo geograficamente, fala outra língua, tem sentimentos nacionais e culturais diferenciados.

Ao pensar na perspectiva do homem dos ervais, o que ele detinha era o conhecimento sobre o seu ofício (o saber-fazer) e a sua cultura. Enquanto o primeiro era necessário ao capital, para que fosse possível a produção da erva-mate, a segunda apresentava-se de forma paradoxal: trazia os conhecimentos do saber-fazer, porém continha elementos que entravam em conflito com a rotina do trabalho ervateiro, como as rodas de tereré e os feriados religiosos, que além de interromper o trabalho, permitiam que o grupo se confraternizasse, se unisse e ameaçasse os interesses da empresa ao planejar fugas, por exemplo.

As possibilidades de escolha que esses agentes detinham eram restritas pelo parco volume de capitais possuídos. Suas ações se direcionavam pela "lógica da necessidade". Seu horizonte era tão reduzido, que sequer havia estratégias para ascensão social, mas pela sobrevivência.

Junto a esse contingente de trabalhadores diretamente ligados à produção da erva-mate, outros grupos também se deslocaram para a região, além das famílias desses ervateiros, como os comerciantes, líderes religiosos, pessoas que exerciam o curandeirismo, os grupos responsáveis pelo "patrulhamento" na fronteira etc. Em torno da atividade de produção da erva-mate, portanto, formou-se uma rede que vinha a atender às necessidades básicas da comunidade que ali se instalara, ainda que de forma precarizada.

Nota-se, portanto, uma especificidade da configuração das relações na área de fronteira naquele período. Serejo ([1986] 2008, v. 6) revela que as ranchadas eram distantes umas das outras, o que dificultava a formação de comunidades. As precárias condições de vida e a exploração que enfrentavam em seu trabalho eram elementos que influenciavam na forma como aqueles homens se relacionavam. Ora havia ajuda mútua por enfrentarem dificuldades semelhantes, ora se exacerbavam os conflitos devido às condições hostis em que viviam.

Há, portanto, que se olhar para essa fronteira situada num tempo e espaço específicos, o que pressupõe, ainda um *habitus fronteiriço* também singular.

> Assim, pois, o limite ou a fronteira não decorrem somente do espaço, mas também do tempo. De fato, a quadrícula não é exclusivamente territorial, é também temporal, pois as atividades que são regulamentadas, organizadas e controladas se exprimem de uma só vez, no espaço e no tempo, num local e num momento dados, sobre uma certa extensão e por uma certa duração. (RAFFESTIN, 1993, p. 169).

Sendo assim, questiona-se: como se configura o *habitus* desse homem fronteiriço retratado por Hélio Serejo tendo em vista as características do espaço em que ele vive? Quais práticas ele emprega no seu dia-a-dia de modo a conviver com seus vizinhos? Como as culturas se entrecruzam? Quais são os conflitos e consensos decorrentes dessas trocas? Quais as lutas empregadas?

Ao incursionar pelas memórias de Hélio Serejo, busca-se uma aproximação a essas questões, mas não se pretende esgotá-las. Defende-se que é possível, ao revelar essas práticas, compreender como se constitui o *habitus fronteiriço* desse grupo social específico, porém também sinalizar elementos para pensar o *habitus* de outros fronteiriços no tempo e espaço da fronteira dos nossos dias.

CAPÍTULO II

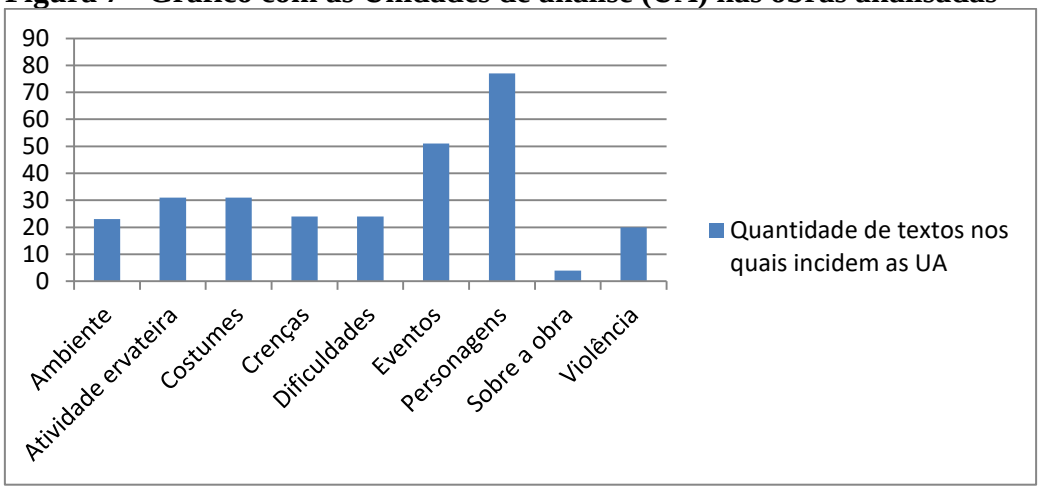
2 PRÁTICAS CULTURAIS E EDUCATIVAS NA FRONTEIRA: EM CONSTRUÇÃO A NOÇÃO DE *HABITUS FRONTEIRIÇO*

Neste capítulo procede-se à análise das obras de Serejo. Organiza-se em três tópicos, cada um trata de uma questão específica da problematização: no primeiro são analisados os aspectos objetivos e subjetivos que envolveram as práticas dos grupos retratados por Hélio Serejo. Busca-se, nesse tópico, contemplar a questão: quais as contribuições das memórias de Hélio Serejo para compreender a educação e a cultura da fronteira?

No segundo tópico, o foco é a questão: como se caracterizam os grupos retratados por Serejo a partir da sua educação e trocas culturais? E, por fim, no terceiro tópico, contempla-se a seguinte questão: o modo de vida nas práticas sociais de agentes do linde Brasil-Paraguai retratadas na obra de Hélio Serejo configura um *habitus fronteiriço*?

Inicialmente, faz-se necessário apresentar mais alguns dados quantitativos referentes às obras analisadas. A partir da leitura dos livros e da elaboração dos quadros e gráficos do capítulo 1, é possível caracterizar a narrativa do memorialista, no que se refere à predominância de determinados conteúdos e na pouca incidência/ausência de outros.

Figura 7 - Gráfico com as Unidades de análise (UA) nas obras analisadas



Organização: SILVA, 2017.

É importante destacar que, nesse levantamento, um mesmo texto poderia contemplar mais de uma temática. Para determinar as unidades de análise, levou-se em consideração tanto o conteúdo das obras quanto o objeto de pesquisa. Por esse motivo, é possível que, outro pesquisador, ao ler as mesmas obras, identifique outras temáticas.

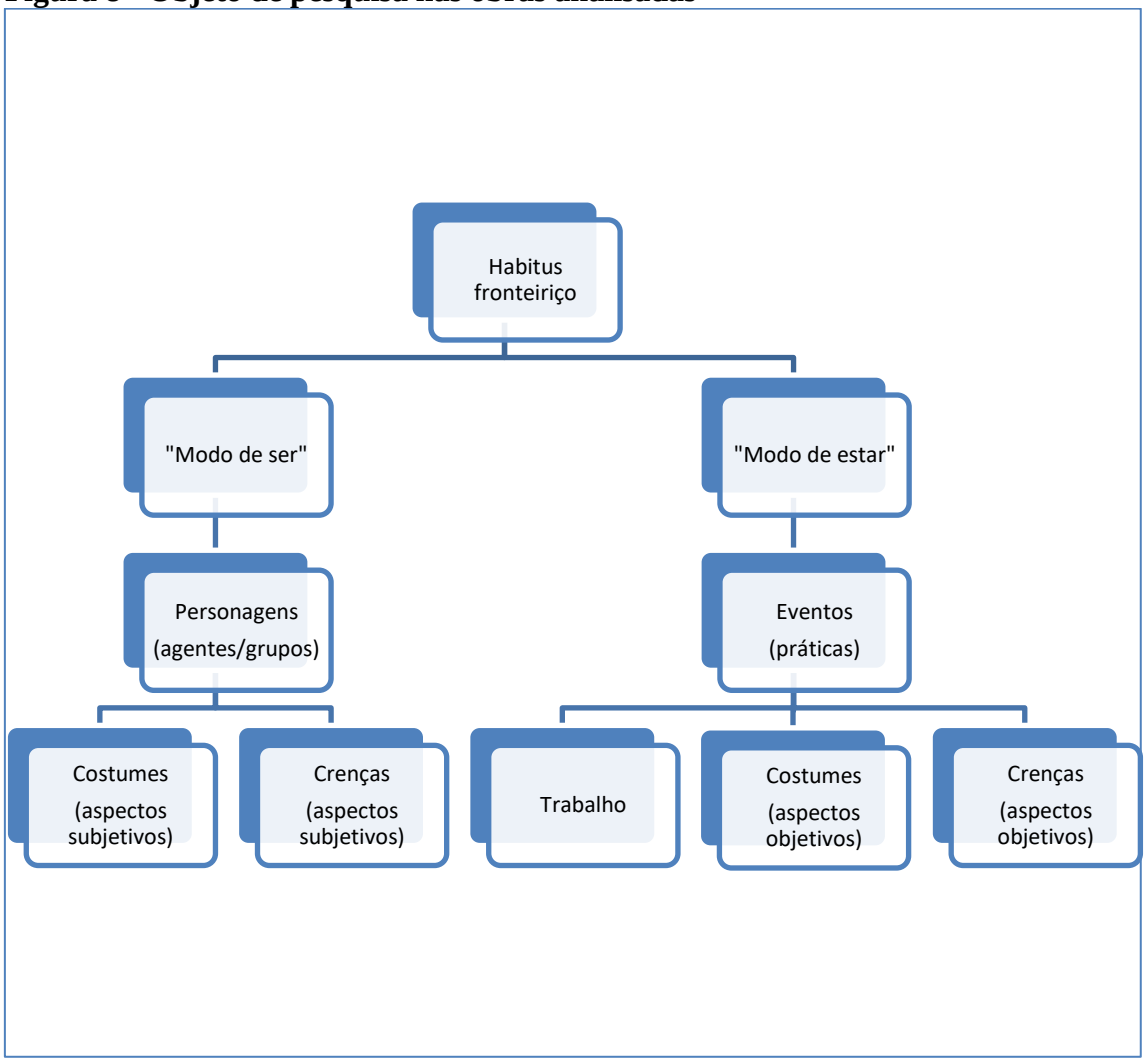
Para o enfoque desta pesquisa, essas foram as unidades de análise levantadas das obras. Uma vez definidas, procedeu-se a uma nova leitura dos textos buscando identificar de modo mais detalhado como estas eram contempladas pela narrativa do memorialista. O objetivo desse segundo levantamento não é estabelecer qual a principal temática presente em cada texto, como foi feito no levantamento inicial[30], mas mapear onde e como as temáticas são apresentadas, de modo a direcionar a análise.

Como se pode observar no Gráfico 6, a maior parte dos textos é relacionada à unidade de análise "personagens". Neles, Serejo (2008) descreve o "modo de ser" desses agentes: seus hábitos, sua aparência (vestimentas e atributos físicos), a forma como se relacionavam, falavam, agiam etc. São textos que privilegiam a caracterização do homem fronteiriço. Também são bastante presentes textos que descrevem eventos (acontecimentos) ocorridos - desde os mais corriqueiros, que faziam parte do dia-a-dia, até os mais "incomuns". Esses registros trazem elementos sobre as práticas dos grupos, o "modo de estar" na fronteira.

A seguir se apresenta um organograma sobre como o objeto de pesquisa se apresenta nas obras analisadas:

[30] Quadro 5 do apêndice B.

Figura 8 - Objeto de pesquisa nas obras analisadas



Organização: SILVA, 2017.

O *habitus fronteiriço* se apresenta, nas obras, tanto como estrutura estruturante, por meio das práticas dos grupos – no trabalho e nas manifestações culturais (costumes e crenças) -, quanto como estrutura estruturada – disposições incorporadas a partir das práticas (nesse caso, são também os costumes e as crenças, porém na sua forma subjetivada, inscrita no corpo).

2.1 EDUCAÇÃO E CULTURA NA FRONTEIRA

Neste tópico, procede-se à análise dos aspectos objetivos e subjetivos que envolviam as práticas do homem fronteiriço. Tal abordagem contribui para se chegar ao *habitus* desses grupos. Na análise das práticas culturais e educativas, optou-se por não separá-las por se considerar que elas estão inter-relacionadas.

Bourdieu (1999, p. 74-75, grifo do autor), ao analisar como se constitui o capital cultural incorporado, afirma:

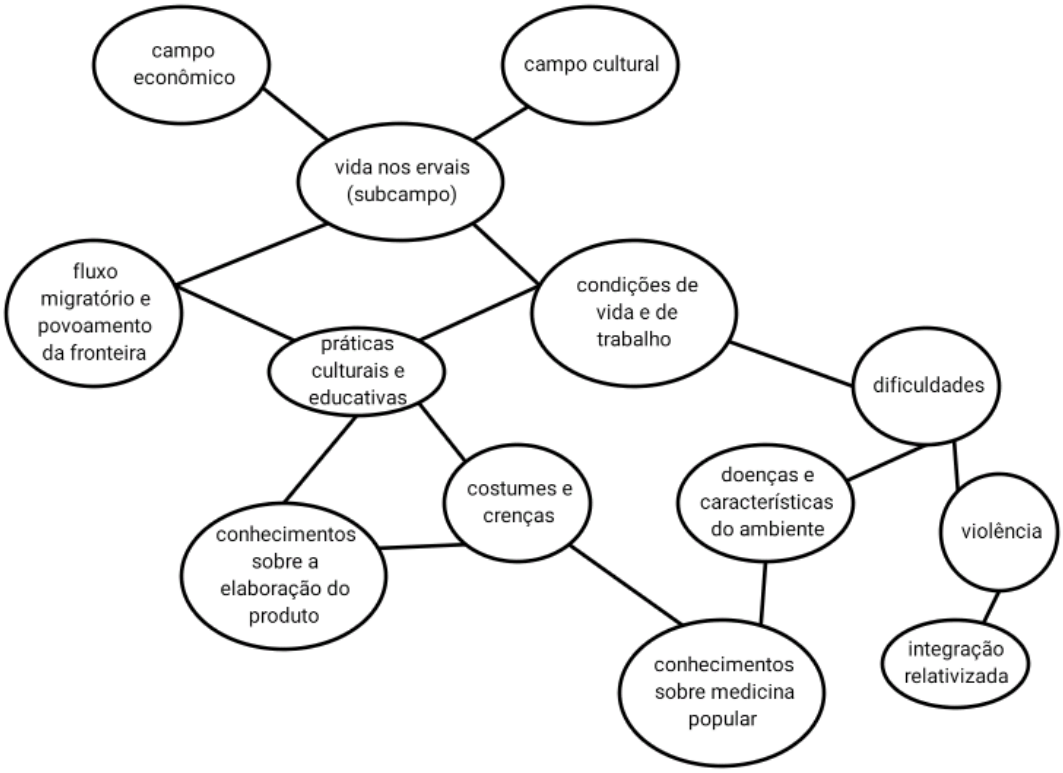
> A maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato de que, em seu estado fundamental, está **ligado ao corpo** e **pressupõe sua incorporação**. A acumulação de capital cultural exige uma **incorporação** que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, **custa tempo** que deve ser investido **pessoalmente** pelo investidor [...]. O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da "pessoa", um habitus.

Nesse texto, Bourdieu (1999) está se referindo à cultura como um capital, transmitido ao agente, de forma dissimulada, por um processo educativo. O autor entende que esse "capital cultural incorporado" favorece as trajetórias escolares, pois a escola trabalha com os mesmos códigos dessa cultura considerada legítima, que é herdada da família.

No caso do homem fronteiriço retratado por Serejo, embora ele não tivesse acesso à escola e a essa cultura "legítima", trazia consigo um *habitus*, cultura incorporada que fora transmitida por um processo educativo – não o escolar, mas o de outras instâncias sociais pelas quais esses agentes circularam em sua trajetória. Embora não houvesse acesso a uma educação formal, havia ali uma cultura que era herdada pelas gerações e transmitida por meio de processos não-formais e informais de educação.

Para a análise dos dados presentes nas obras do memorialista, a partir da teoria aqui adotada, organizou-se o mapa conceitual a seguir, referente à primeira questão da problematização:

Figura 9 - Quais as contribuições das memórias de Hélio Serejo para compreender a educação e a cultura da fronteira?



Organização: SILVA, 2017.

A vida nos ervais é concebida, na tese, como um subcampo, relacionado aos campos econômico e cultural. Dela, Serejo (2008) descreve o fluxo migratório decorrente dessa atividade econômica e o processo pelo qual a fronteira foi ocupada. Em suas obras estão retratadas as condições de vida e de trabalho dos grupos que ali viviam.

O autor enfoca, em sua obra, as trocas culturais, tanto no que se refere aos saberes utilizados na elaboração da erva-mate, quanto em relação aos costumes e crenças manifestados no dia-a-dia. Também têm destaque as dificuldades com as quais os agentes se deparavam, sejam aquelas próprias do ambiente (doenças e acidentes ocorridos), seja a própria violência que se manifestava devido às condições em que se deu a ocupação da fronteira, naquele período. Diante desse cenário, havia, nos ervais fronteiriços, uma "integração relativizada", a qual será analisada nos tópicos seguintes.

Para se apreenderem as práticas na fronteira em estudo, organizou-se a análise a partir dos seguintes tópicos:

- **Ciclo da Erva-Mate em Mato Grosso do Sul (1883-1947):** nesse tópico, são apresentados a origem, a ascensão e o declínio dessa atividade econômica em Mato Grosso do Sul (então sul de Mato Grosso). A atividade econômica que se desenvolveu na fronteira naquele momento histórico fomentou o povoamento da região e os intercâmbios culturais decorrentes da convivência entre os grupos originários de diferentes países. A empresa ervateira não possuía uma nacionalidade, afinal o capital não tem pátria. Seus domínios não reconheciam os limites entre os países. Sua área de abrangência era de cinco milhões de hectares. Essa condição influenciou sobremaneira na configuração da região fronteiriça desde sua origem.
- **Fluxo migratório e povoamento da fronteira:** o Ciclo da Erva-Mate foi um dos fatores principais que fomentaram esse movimento de migração e povoamento da fronteira, unido a outros eventos, como a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) e ao processo demarcatório;
- **Condições de vida e de trabalho**: No que tange às condições de vida e de trabalho, Serejo (2008) descreve o desenvolvimento da atividade ervateira na fronteira naquele momento histórico, um evento que influenciou nos processos migratórios de vários grupos para a região. Conhecer como se configurava esse subcampo permite compreender as lutas que se estabeleciam em seu interior.

2.1.1 Ciclo da Erva-Mate em Mato Grosso do Sul (1883-1947)

Para se compreenderem as práticas do homem fronteiriço é necessário conhecer tanto as condições objetivas em que viviam, quanto a subjetividade deste, tendo em vista que o *habitus* encontra-se na inter-relação entre essas duas dimensões. Sendo assim, como o momento histórico retratado por Serejo trata-se do Ciclo da Erva-Mate, é pertinente que se conheça como este se configurava na fronteira do então sul de Mato Grosso com o Paraguai.

> Pode-se dizer que a economia política da erva-mate esteve nessa época relacionada a todos os aspectos da vida social nessa região: migrações, costumes, atividades produtivas e comerciais, vias e meios de transporte, práticas políticas e, enfim, as políticas públicas em todos os níveis de governo – sem excluir a própria política exterior do Estado nacional brasileiro, haja vista a situação fronteiriça da região considerada. (QUEIROZ, 2015, p. 205).

O Ciclo da Erva-Mate em Mato Grosso durou de 1883 a 1947. Iniciou-se com a concessão do governo imperial a Thomaz Larangeira para exploração dos ervais[31] da região sul de Mato Grosso. O declínio dessa atividade deu-se com o fim do monopólio exercido pela Mate Larangeira[32]. Essa é a fase em que essa atividade teve uma maior importância para a economia do Estado[33].

> O "ciclo" ervateiro sul-mato-grossense, isto é, uma economia extrativista voltada ao mercado externo (tendo a Argentina como mercado praticamente único), caracterizou-se ainda pelo fato de que a erva não sofria em Mato Grosso senão um primeiro beneficiamento (o chamado "cancheamento"). Mantendo tais características, esse "ciclo" durou quase um século, visto que seu colapso se deu apenas quando a Argentina, por volta de 1965, encerrou definitivamente suas importações. (QUEIROZ, 2015, p. 207).

A origem desse ciclo econômico corresponde ao final da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), durante o processo de demarcação dos limites na fronteira com o Paraguai. Durante a Guerra, a região sul de Mato Grosso, com seus ervais nativos, passou a ser conhecida. Até então, a presença de índios Guaicuru dificultava a entrada de exploradores na região (CENTENO, 2000), porém com o trabalho da Comissão de Limites essa área foi "liberada" para exploração, tendo sido os indígenas, em sua maioria, incorporados ao trabalho no campo, nas fazendas de criação de gado e nos ervais. Uma pequena parte ficou confinada em reservas controladas por missionários católicos e protestantes e outros grupos foram dizimados ou se marginalizaram (CENTENO, 2007).

Serejo (2008) relata que, após a Guerra, Larangeira teria integrado como secretário, por um breve período, a Comissão Mista de Limites Brasil-Paraguai. Teve a

---

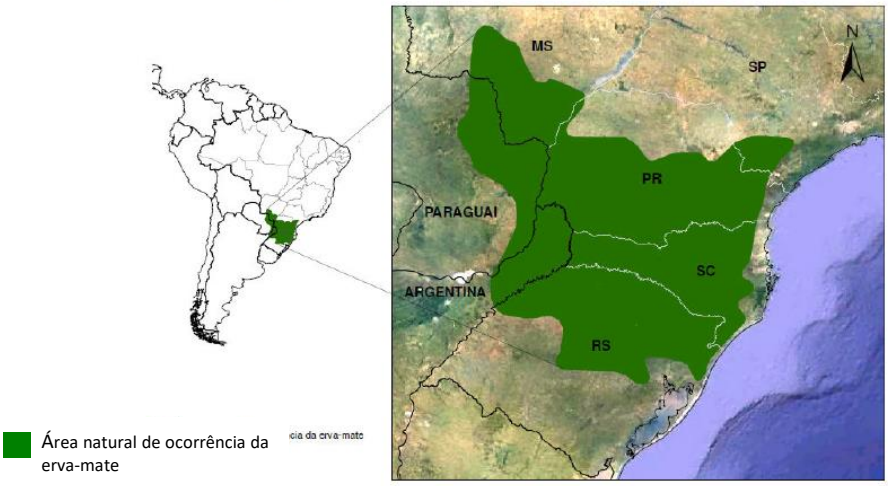
[31] O hábito de consumir a erva-mate é anterior à Era Cristã. Na América, há registros feitos por exploradores europeus sobre o consumo da planta pelos povos indígenas desde a época das colônias (FREIRE, 2014). No início do século XVII, os jesuítas proibiram os índios de consumir o mate por considerarem-no "alucinógeno", ou uma "erva do diabo". Um tempo depois, porém, os missionários passaram não somente a liberar o consumo como também passaram a fazer uso da planta e comercializá-la. O consumo da planta se disseminou, portanto a partir do contato dos colonizadores com os povos indígenas, porém estes já faziam uso dela muito antes dos colonizadores chegarem. No texto "Origens" da obra "Caraí" Serejo ([1986] 2008, v. 6) faz uma descrição desses fatos históricos, dando ênfase ao papel dos povos indígenas nesse processo, assim como o interesse dos europeus pela planta.

[32] Criada em 1891 e extinta em 1947. Quanto ao fim do monopólio, segundo Queiroz (2015), uma lei estadual de 1915 assegurava aos migrantes o direito de adquirirem legalmente suas terras (das quais eram, até então, posseiros) e explorarem os ervais nelas situados. Nesse período originou-se uma camada de produtores independentes que, na década de 1950, reunidos em cooperativas, assumiriam a produção ervateira sul-mato-grossense até seu colapso, em 1965.

[33] Segundo Centeno (2000, p. 130), a exploração da erva-mate na região já ocorria anteriormente, por capitalistas instalados no Paraguai. Após 1947, com o fim da concessão à Companhia Mate Larangeira, a atividade continuou a ser exercida por cooperativas de pequenos produtores, mas já não tinha importância significativa para a economia do Estado. (CENTENO, 2000, p. 4).

ideia de fornecer víveres à Comissão. Durante suas viagens pela região, teria descoberto os ervais e se interessou em explorá-los, pois já conhecia a atividade do estado de onde viera, Santa Catarina. Quando o processo de demarcação terminou, em 1874, Larangeira recebeu, como pagamento, duas carretas. Passou então a explorar a região e conhecer os ervais nativos. A figura 10 mostra a área em que se encontravam os ervais tanto no sul do então Mato Grosso, quanto nos estados e países vizinhos.

Figura 10 - Área de ocorrência natural da erva-mate



Fonte: ROSSA, 2013.

Em 1878, Larangeira iniciou as atividades nos ervais e, em 1879, enviou uma carta ao governo de Cuiabá[34], solicitando uma concessão[35] para industrializar o produto dentro da lei. Argumentou que, em pouco tempo, a atividade daria retorno aos próprios cofres públicos. Por meio do Decreto 8.799, de 9 de dezembro de 1882, Larangeira obteve a permissão[36]. Passou, então, a contratar os trabalhadores (principalmente em Encarnación, no Paraguai), aprimorar as técnicas, estudar maneiras de escoar a produção e divulgar a qualidade do produto nos países vizinhos.

[34] De acordo com Centeno (2000), Larangeira beneficiou-se de seus contatos com nomes influentes da política mato-grossense para conseguir o direito de exploração dos ervais. Mobilizou, portanto, seu capital social.

[35] Quanto às concessões para exploração, embora na década de 1880 tenha havido um aumento no número de pedidos, a maior parte não foi atendida. O que ocorria, então, é que muitos passavam a explorar clandestinamente. Devido à falta de controle por parte das autoridades, havia inclusive, nos ervais mato-grossenses, capitalistas ligados à Industrial Paraguaia (CENTENO, 2000, p. 131-133). Nessa época, segundo a autora, Larangeira ainda não monopolizava a atividade na região. O monopólio iniciou-se, de fato, após a fundação da Companhia Mate Larangeira.

[36] Inicialmente, a sede da empresa de Thomaz Larangeira era localizada em Concepción, no Paraguai. O Decreto de concessão estabelecia que Larangeira não poderia impedir a exploração também por parte dos moradores do território.

> Embora a perspectiva de exploração dos ervais sul-mato-grossenses tenha atraído, nos anos posteriores à guerra contra o Paraguai, o interesse de diversos empreendedores, apenas um deles chegou a obter, para tanto, concessões oficiais duradouras. Trata-se de Tomás Larangeira, quem, graças a seus vínculos pessoais com dirigentes provinciais e logo federais, obteve em 1882 sua primeira concessão, depois renovada e ampliada até atingir, no início do período republicano, praticamente a totalidade das áreas ervateiras do estado. Observa-se assim que a economia ervateira assumiu, no SMT, feições distintas das que prevaleciam nas províncias sulinas brasileiras (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul): nessas últimas, a extração e o
> cancheamento eram feitos por numerosos pequenos proprietários, cuja produção era vendida aos chamados "moinhos" – os quais por sua vez exportavam a erva já pronta para o consumo. (QUEIROZ, 2015, p. 207).

A qualidade da erva mato-grossense era considerada melhor[37] do que a da Argentina (SEREJO, 2008). Devido a esse conceito e a partir da habilidade da empresa Larangeira Mendes & Cia, a erva-mate do Estado passou a ser prestigiada, comparando-se à paraguaia. O autor relata, ainda, que o mate de Mato Grosso era misturado ao argentino na produção e, embora o primeiro fosse em maior quantidade, o produto era comercializado com o rótulo de "produção industrial argentina".

O crescimento da empresa foi proporcional ao aumento no número de trabalhadores. A maioria deles era de paraguaios[38]. Havia alguns poucos argentinos e brasileiros e, ainda, indígenas (das tribos Teís e Caiuá). A empresa passou a alcançar projeção internacional, investir em saídas mais seguras e menos onerosas e em novas ferramentas e meios de transporte.

A Mate Larangeira foi criada[39] no ano de 1891, pelo Decreto nº 436. Logo após a criação da empresa, esta foi vendida[40], em 1892, aos irmãos Murtinho[41], sócios do

[37] A técnica de produção do mate de Mato Grosso era superior em qualidade, pois preservava as plantas nativas, assim como havia um maior cuidado na armazenagem e no transporte. Segundo Serejo (2008), a empresa brasileira era organizada em zonas, de modo a facilitar a comunicação e favorecer a localização e instalação de ranchos, com saída para a produção em qualquer época do ano. Larangeira era conhecido por sua organização tanto na produção quanto no transporte da erva.

[38] Segundo relato de um dos trabalhadores da Mate, contido no livro "A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais", organizado pelo APE: "Tinha pouco brasileiro, o empregado era do Paraguai, os brasileiros não sabia mexer com a erva, os argentinos não conseguiram trabalhar aí vortô também." ([CENTURIÃO] ARQUIVO..., 2000, p. 32).

[39] A Companhia foi criada, pois Larangeira, até então sem o suporte legal para transferir sua concessão, viu nessa transação tal possibilidade, por meio da incorporação do direito de concessão à empresa, que a partir daí poderia pertencer a terceiros.

[40] Centeno (2000) afirma que há divergências em relação às condições que implicaram na venda da Companhia. A autora fica com a versão de que a família Murtinho, influente no Estado e interessada pela

Banco Rio-Mato Grosso. A Companhia passa então a elaborar e exportar a erva-mate com exclusividade para a firma argentina Francisco Mendes & Companhia[42].

> Em julho de 1891 Larangeira foi autorizado pelo governo provisório da República a criar, para o fim da exploração de suas concessões, uma sociedade anônima com o nome de Companhia Mate Larangeira, a qual foi efetivamente constituída no Rio de Janeiro em setembro do mesmo ano. Entretanto, embora Larangeira houvesse desempenhado a função de incorporador, o controle da empresa coube a uma outra sociedade, igualmente recém-fundada no Rio de Janeiro, denominada Banco Rio e Mato Grosso – o qual [...] subscreveu nada menos que 97% das ações em que se distribuía o vultoso capital da CML.
> [...]
> Tomás Larangeira era também acionista do BRMT, embora não me tenha sido possível identificar, até o momento, o montante de suas ações. De todo modo, ao longo do período aqui abordado, além de participar da diretoria e do conselho fiscal da CML, Larangeira integrou também o conselho fiscal do banco. (QUEIROZ, 2015, p. 207).

Em 1893, sobre o rio Paraguai, foi fundado Porto Murtinho, para a exportação da erva.

> [Ali era localizada a] fazenda Três Barras, do Major Boaventura da Mota, que a vendeu a S. A. Banco Rio-Mato Grosso, ligado à Companhia, que, por sua vez, doou ao Estado 3.660 hectares de terras, para que aí fosse construído um povoado, com o honrado nome do dr.

---

rentabilidade da exploração, teria pressionado Larangeira. Para evidenciar essa questão, a autora ressalta que o período de criação da Companhia corresponde à exoneração de Antônio Maria Coelho da presidência do Estado por Deodoro da Fonseca, em 1891, devido à aliança deste com Murtinho e Ponce, que estiveram ligados ao poder no Estado até o ano de 1910, defendendo os interesses de diferentes grupos da classe burguesa – Murtinho, ligado ao capital financeiro e Ponce, ligado ao comércio. Esses embates entre diferentes setores da burguesia decorrem, segundo a autora, da descentralização fundiária após a Proclamação da República, que permitiu aos Estados decidir sobre a concessão de terras. Essas articulações políticas implicaram na contestação dos privilégios de Larangeira e na ascensão dos Murtinho, que então passaram a monopolizar a exploração da erva-mate por meio da recém-criada Companhia Mate Larangeira. A disputa entre os diferentes grupos da burguesia, no entanto, continuou, já que o grupo ligado ao comércio, aliando-se aos migrantes gaúchos que passaram a ocupar a região, contestava o poder da Companhia. Analisando essas relações, a autora revela a ligação entre o Estado e a empresa, característica do Estado burguês.

[41] "Joaquim Murtinho foi ministro de Estado dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas no ano de 1896. Em 1898 ocupou o cargo de ministro dos Negócios da Fazenda de Campos Salles. Exerceu ainda três mandatos de senador por Mato Grosso nos anos de 1890, 1903 e 1907 (FARIA, 1993). A família Murtinho, bastante influente em Mato Grosso, monopolizou cerca de cinco milhões de hectares para exploração da erva-mate e juntamente com Thomaz Larangeira funda a Companhia Matte Larangeira. Além de ser um dos sócios da Cia. Matte, a família Murtinho gozou de concessões para exploração de minério em Cáceres e de vias férreas no Rio de Janeiro" (FARIA, 1993, p. 212 apud CENTENO, 2007, p. 132).

[42] "De origem argentina, a Sociedade Comercial Francisco Mendes e Companhia tinha como objetivos a industrialização e a venda da erva-mate recebida do Brasil e do Paraguai. Sua fundação data do ano de 1874 quando o português natural da Ilha da Madeira e radicado no Rio de Janeiro, desde os cinco anos de idade, Francisco Mendes Gonçalves inaugurou o empreendimento." (TREVIZAN, 2011, p. 17).

> Joaquim Murtinho, em homenagem ao notável estadista mato-grossense. O que aconteceu. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 99).

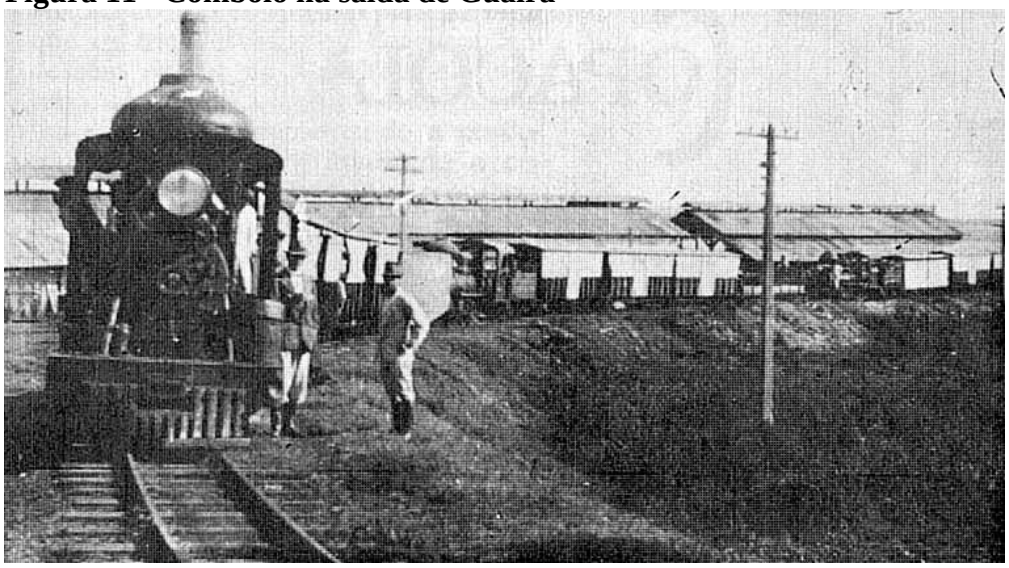
Por ali passou a ser exportada a erva de Ponta Porã e de parte da zona sul. O referido porto contribuíra para o crescimento da região fronteiriça, já que por ele também entravam mercadorias do Paraguai, Argentina e Europa. A Companhia Matte, então, transferiu sua administração para São Tomás, no Brasil. A erva passou a ser transportada de São Tomás até Porto Murtinho, por uma estrada de 390 quilômetros.

> Mais tarde, o ponto terminal das tropas de carretas ficou sendo a paragem denominada São Roque, início da via férrea (ferrocarril), que foi construída para se levar, com maior facilidade, a erva-mate até as barrancas do Rio Paraguai.
> Este ferrocarril solucionou um gravíssimo problema, pois não mais as carretas tiveram que cruzar terrenos baixos e pantanosos. Uma travessia de sacrifícios indescritíveis. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 100).

Como o transporte da erva-mate no trajeto de Ponta Porã ao porto era oneroso, a empresa buscou alternativas e passou a usar o transporte fluvial. A administração foi, então, organizada em Nhuverá, fronteira com o Paraguai, sob a responsabilidade de Raul Mendes Gonçalves. A erva era então transportada até Guaíra, no Paraná. Foi nesse período que, segundo Serejo (2008), a Companhia passou a construir estradas, pontes, rede telefônica, depósitos e uma ferrovia, que ligava Guaíra a Porto Mendes. Esse crescimento motivou, em 1918, a organização da sede da empresa em Campanário[43].

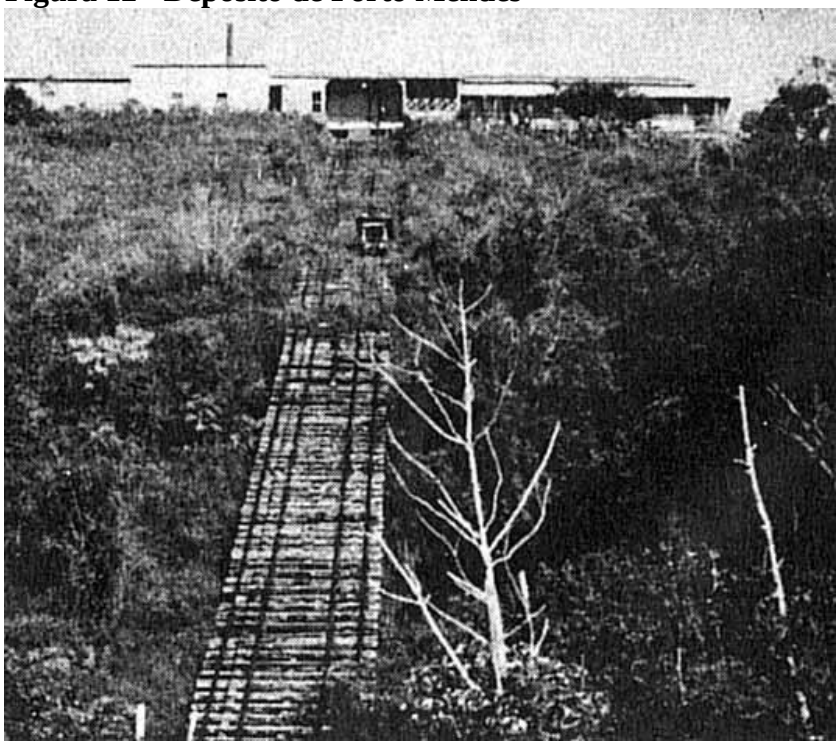
[43] A empresa possuía "[...] polícia e moeda própria em seus domínios." (CENTENO, 2007, p. 12).

Figura 11 - Comboio na saída de Guaíra



Fonte: http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/Rede-Viacao-Parana-Santa-Catarina-RVPSC/Estrada-de-Ferro-Mate-Larangeira.shtml?q=ferrovias/misc/87mate.htm

Figura 12 - Depósito de Porto Mendes



Fonte: http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/Rede-Viacao-Parana-Santa-Catarina-RVPSC/Estrada-de-Ferro-Mate-Larangeira.shtml?q=ferrovias/misc/87mate.htm

Nos anos de 1894 e 1895, segundo Centeno (2000), durante o governo de Manoel Murtinho, a empresa consolidou seu monopólio. Obteve novas concessões[44],

[44] Por meio da Resolução nº. 102, de 15 de Julho de 1895.

chegando a explorar mais de cinco milhões de hectares (figura 13). A lei que autorizava a exploração[45] estabelecia que a empresa teria a posse das terras, de tal modo que a ela cabia autorizar ou não a exploração dos ervais por terceiros (CENTENO, 2000). A Companhia passou, então, a investir em novas técnicas de beneficiamento e comprar outras empresas na Argentina e no Paraguai.

Figura 13 - Influência da Companhia Mate Larangeira

Fonte: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acessado em: 27 fev. 2008. Adaptado de GRESSLER e SWENSSON.

Segundo Serejo (2008), em 1904 foi criada a empresa Larangeira, Mendes & Cia[46], com sede em Buenos Aires, a qual incorporou a Mate Larangeira[47].

> O BRMT foi liquidado, numa operação amigável, entre 1902 e 1903, e a CML, nos moldes formais em que até então se apresentava, desapareceu juntamente com ele. Seus bens e concessões, contudo, foram imediatamente assumidos por uma nova empresa, denominada

[45] Resolução nº 76, de 13 de Julho de 1894.
[46] Essa transação ocorreu a partir da liquidação do Banco Rio-Mato Grosso, em 1902, e a Companhia foi vendida, em 1904, a Francisco Mendes & Companhia (CENTENO, 2000).
[47] Em 1917, a empresa passou por nova mudança em sua denominação: “Empresa Mate Larangeira".

> Larangeira, Mendes & Cia., constituída em Buenos Aires entre fins de 1902 e princípios de 1903. (QUEIROZ, 2015, p. 209).

O arrendamento foi transferido mediante um contrato firmado em 4 de fevereiro daquele ano. Francisco Mendes Gonçalves introduziu inovações e acelerou a exportação da empresa. Seus produtos tinham as seguintes marcas: TL, Murtinho e Cruz de Malta, sendo que, segundo o autor, essa última ganhou fama internacional.

Figura 14 - Rótulos das embalagens da erva-mate Cruz de Malta

Fonte: Memória Digital – Coleção Cia. Mate Larangeira

Sobre o mesmo ano, o autor afirma que foi firmado um convênio para uma guarda fiscal na fronteira, entre o governo de Mato Grosso e o Ministério da Fazenda, este representado por Joaquim Murtinho. O objetivo era evitar o contrabando[48]. A empresa seria a maior favorecida por essa medida. A ação não teria surtido efeitos significativos, já que o contrabando persistiu[49].

A partir do ano de 1909, segundo Serejo (2008), após a saída de Thomaz Larangeira da empresa, seus sucessores, no intuito de reforçar o mercado, passaram a negociar diretamente com as empresas compradoras, Isnardi & Cia, na Argentina e Industrial Paraguaia, as quais formavam um "poderoso truste".

[48] Segundo Corrêa (1999), a falta de aparatos institucionais do Estado na região acabou possibilitando o aumento do contrabando de produtos como sal, erva-mate e gado.

[49] Serejo (2008) fala sobre os caminhos que esses contrabandistas tomavam para despistar a guarda. Eram caminhos perigosos e difíceis. Muitos chegavam ao destino, porém alguns eram mortos. Segundo o autor, isso durou até 1914.

Tal negociação asfixiou os produtores de Mato Grosso, pois dominava a produção entre a barranca do rio Paraguai até a margem direita do Alto Paraná. Nesse período, ainda, a polícia dos ervais se tornou mais poderosa, impedindo o corte e a venda do mate em várias zonas.

Segundo Queiroz (2015), em 1917, a Larangeira, Mendes & Cia transformou-se, ainda na Argentina, em uma sociedade anônima denominada Empresa Mate Larangeira (mudando seu nome, em 1935, para Empresa Mate Larangeira Mendes). Em 1929, a Companhia Mate Larangeira ressurge no Brasil, com sede no Rio de Janeiro, porém como sociedade anônima e ainda sob o controle da empresa argentina. A Companhia Mate Larangeira passa a assumir os antigos contratos de arrendamento de ervais no Mato Grosso.

> Percebe-se, portanto, entre fins do século XIX e meados do XX, uma notável continuidade no empreendimento que, desde sua fundação por Larangeira, poderia ser descrito como uma "grande empresa concessionária dos ervais nativos do SMT" – empresa que, embora tenha assumido, ao longo do tempo, diferentes nomes e configurações, ficou historicamente conhecida pelo nome adotado em 1891 e manteve uma posição predominante nos ervais sul-mato-grossenses até a década de 1940. (QUEIROZ, 2015, p. 209).

Sobre a influência política da empresa no Estado[50], Serejo (2008) afirma que os acordos[51] que ela fazia com o governo, surtindo em benefícios para ambos os lados, fez com que ela aumentasse seu domínio, a ponto de ter influência inclusive nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Para Queiroz (2015, p. 210), no entanto, isso se estendia para além das fronteiras:

> Nesse processo, a empresa criou e manteve conexões que iam muito além dos limites de seus ervais e do próprio território brasileiro. Tais conexões, de caráter comercial, político ou financeiro, estenderam-se por boa parte do chamado "cone sul" da América do Sul – ultrapassando, ademais, os contornos de uma mera ação empresarial para abranger domínios como as lutas políticas, os movimentos sociais, as relações internacionais etc.

[50] Sobre essa influência de determinados grupos nos pequenos estados como Mato Grosso, após o período imperial, Monteiro (1990, p. 302) afirma: "Em muitos estados, como Ceará, Alagoas e Mato Grosso, com a desaparição do poder imperial – que impunha o consenso através da nomeação de seus presidentes de província – a Federação representará a tomada do poder por grupos familiares poderosos, grandes latifundiários, que utilizaram o Estado como uma agência distribuidora de favores e reprodutora de suas necessidades de base política e econômica."

[51] Segundo Centeno (2007, p. 12), a Companhia "[...] teve uma importante atuação na economia mato-grossense, chegando, até mesmo, a conceder empréstimos ao Estado. Como resultado, passou a exercer um controle político e econômico muito grande na região". Foi, durante muito tempo, sua principal fonte de arrecadação.

Segundo Serejo (2008), a empresa “mandava e não pedia” junto ao governo e particulares e passou a exercer “[...] avassaladora influência nos meios políticos do Estado de Mato Grosso”. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 18). Devido às suas relações comerciais, a empresa tinha “[...] um eleitorado da mais alta valia, que cumpria cegamente as ordens, não traindo nunca.” (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 18). Indicava governador, vice, deputado estadual, deputado federal, senador, prefeitos, os quais eram eleitos. “Estendia o seu poderio político até São Paulo e Rio, traçando diretrizes para este ou aquele cometimento e sempre se avantajando na sentença final” (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 19). O autor afirma ainda que a empresa se valia dessa influência política para fortalecer os alicerces de sua industrialização. “Que essa influência política foi prejudicial a muitos, não resta a menor dúvida”. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 19).

Serejo expõe minuciosamente os números da empresa – desde a sua organização – os recursos de que dispunha, até o montante de sua produção e contribuição para os cofres do Estado.

> A Companhia Mate Larangeira, uma demonstração de sua pujança na era remota, além de três mil homens em “serviço permanente”, como elementos de transporte possuía o seguinte: 700 carretas, 50 chatas, 8 lanchas a vapor, 150 depósitos, 2.000 animais, entre cavalos e burros, 30 mil bois mansos, excelentes estradas de rodagem, centenas de pontes da mais absoluta segurança, “postos de comunicação” e duas linhas decauville (via férrea – ferrocarril), com 85 quilômetros de extensão. Quando da encampação da Companhia, pelo Governo Federal, era esta um nome mundialmente conhecido. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 105).

Era uma empresa respeitada e prestigiada devido à sua dimensão e considerada, em 1929, uma das maiores organizações industriais no campo extrativo do país. Corroborando os dados apresentados por Serejo (2008), Queiroz (2015) afirma que, como resultado dos investimentos da Companhia na formação e ampliação da infraestrutura de extração e transportes, esta veio a possuir seus próprios portos fluviais, estradas de terra, ferrovias e instalações para construção e reparação de veículos e embarcações. Era a própria empresa que comandava diretamente suas operações de importação e exportação, contando com milhares de trabalhadores – “[...] contingente esse formado por indígenas e principalmente por paraguaios.” (QUEIROZ, 2015, p. 210).

> [...] contando com mão-de-obra, em sua quase totalidade de paraguaios e de gaúchos egressos da Revolução Federalista, em

> regime de semi-escravidão, a Mate Larangeira transformou-se num grande império econômico, formando, na verdade, um poder paralelo dentro do estado de Mato Grosso. As relações de trabalho impostas pela Companhia caracterizaram-se pela violência, determinada e prenunciada desde o início de suas atividades, quando utilizou na produção ervateira prisioneiros paraguaios, em regime de trabalho forçado. (CORRÊA, 1999, p. 64).

Sobre o declínio da empresa, Serejo (2008) afirma que o que teria influenciado seriam o aumento da produção e a melhoria na qualidade da erva argentina e a Nova República, com novas ideias, novos métodos, um desejo de reformulação da estrutura social, política e econômica do país. Segundo o autor, o governo do Estado concedeu à empresa um prazo para que liquidasse os seus bens, pertences de trabalho e estabelecimentos em geral. Nesse período desapropriou-se a navegação do Alto Paraná e das instalações de Guairá, no Paraná, devido à importância do porto fluvial. Algumas ranchadas cessaram sua produção, outras continuaram, até que venceu o contrato com Buenos Aires.

Segundo Centeno (2000), em 1929, houve uma separação na empresa, ficando a Argentina com a maior parte das ações. Em 1930, devido à política nacionalista de Getúlio Vargas, os sócios foram procurados para a nacionalização da empresa. Na década de 1940, deu-se início a uma política de interiorização do Brasil e, entre outras medidas, foi criada a Colônia Agrícola de Dourados, que visava fomentar o povoamento da área de fronteira entre Brasil e Paraguai (TREVIZAN, 2011).

Ao falar sobre o truste que foi formado na exploração do mate, Centeno (2000) menciona a ligação de Francisco Mendes Gonçalves com o Banco de Comércio, da Argentina, que era associado ao capital inglês proveniente do *London Bank of Mexico and South America*. Além disso, Francisco Mendes foi vice-presidente do *Banco de La Província de Buenos Aires*, de 1906 a 1930.

A referida autora aponta duas fases da exploração da erva-mate: a de ascensão, até a década de 1930 e a de estagnação e declínio, a partir de então. Os motivos que desencadearam o declínio da Mate Larangeira são: 1) a autossuficiência da produção dos ervais argentinos e uma maior oferta de erva-mate no mercado; 2) as medidas do governo de Getúlio Vargas contra os latifúndios, devido à crise enfrentada pelo capitalismo a partir da década de 1920, a qual desencadeara uma pressão por parte de grupos como a burguesia industrial, as classes médias urbanas e a classe trabalhadora;

3) a ocupação de terras em áreas fronteiriças, consideradas de segurança nacional; e 4) o trabalho de estrangeiros, que era considerado ilegal.

> Em suma, foi a crise econômica por ela enfrentada e a perda da concessão devido à política getulista que levaram à derrocada e ao fim de sua exploração. A primeira afetou, de um modo geral, as exportações brasileiras (inclusive no Estado do Paraná) e a segunda teve relação direta com a política de concessão de terras em Mato Grosso, atingindo os privilégios obtidos pela empresa no arrendamento dos ervais. A Companhia respondeu com inúmeros cortes de despesas e tentou, ao mesmo tempo, investir em propaganda; contudo, em 1947 não conseguiu mais resistir e perdeu a concessão de exploração. A partir de então, a erva-mate passou a ser explorada no Estado por pequenos produtores que se reuniam em cooperativas; porém, a atividade não tinha mais importância para a economia regional. (CENTENO, 2000, p. 4).

Sobre as medidas de nacionalização, segundo Centeno (2000) a referida crise mundial, tendo gerado desemprego e superexploração do trabalho, também desencadeou movimentos organizados. Por sua vez, políticas nacionalistas passaram a emergir e alguns de seus alvos principais eram os estrangeiros.

Essa pressão também se manifestou sobre a população paraguaia na fronteira. Ali passou a se desenvolver uma educação escolar que visava à nacionalização da fronteira contra a cultura guarani que ali prevalecia. Tais medidas também se estenderam a outras escolas localizadas em regiões fronteiriças ou em colônias de imigrantes.

> As escolas teriam, em qualquer região do país, mas, sobretudo nas zonas fronteiriças e de colonização, a missão de atuarem como locais de adaptação dos estrangeiros ao meio nacional, pelo uso e ensino da língua portuguesa e ainda pelo cultivo da História do Brasil e da Educação Física, como meios de disciplinamento das inteligências e do corpo para os objetivos integracionistas desejados. Recomendava-se ainda, principalmente nas zonas sujeitas à desnacionalização, que o ensino desta última disciplina, em particular, fosse confiada a membros das Forças Armadas. Da mesma forma, estrangeiros não poderiam ser conduzidos à direção destes estabelecimentos. (BRITO, 2001, p. 252).

Entre as principais medidas do governo Vargas que atingiram os estrangeiros, podem-se citar: 1) Decreto-lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938: em seu artigo 22, proibia o uso de livro didático em outras línguas; 2) Decreto-lei nº 1.545, de 25 de agosto de 1939, que dispunha sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros, estabelecendo, entre outras medidas, o uso da língua

nacional o ensino da história do Brasil, o cultivo do patriotismo, a direção de escolas exclusivamente por brasileiros etc; 3) Decreto-lei nº 3.580, de 03 de setembro de 1941: no artigo 4, proibia a importação de livro didático em língua estrangeira; e 4) Decreto-lei nº 406 4 de maio de 1938: um dos mais emblemáticos quando se trata do nacionalismo de Vargas, dispunha sobre a entrada de estrangeiros no território nacional, estabelecendo rígidos critérios para essa imigração, além de uma cota anual para a entrada desses estrangeiros. Às escolas era determinado o ensino exclusivamente em língua portuguesa, a direção dessas escolas por brasileiros natos, livros para o ensino primário exclusivamente escritos em língua portuguesa; obrigatoriedade do ensino de história e geografia do Brasil; publicações em língua estrangeira condicionadas à autorização pelo Ministério da Justiça etc.

Brito (2001) faz uma minuciosa análise acerca das conjunturas econômicas que influenciaram nas políticas de nacionalização. Em relação à fronteira, a autora afirma:

> [...] o plano de nacionalização das fronteiras deveria ser mais rigoroso do que aquele aplicado a outras áreas do interior do país. Da mesma forma, demandou a inclusão de diferentes categorias de estrangeiros, distinguindo-se pelas suas características negativas o estrangeiro pertencente às nações lindeiras, vistos como indivíduos que dificilmente se integrariam à comunhão nacional, mantendo sempre uma atitude de subserviência aos interesses de seus países de origem. Também eram feitas ressalvas aos imigrantes oriundos das nações totalitárias — japoneses, alemães, italianos e
> russos, além dos judeus e seus descendentes de todas as procedências, cuja presença seria interdita na faixa de fronteira. (BRITO, 2001, p. 216).

Na fronteira com o Paraguai, várias foram as medidas tomadas que contribuíram para a mudança no cenário que até então se colocava: implantação de pequenas propriedades por meio de colônias agrícolas, controle de empresas de capital estrangeiro, controle das terras e concessões e o estabelecimento de uma cota de dois terços[52] de trabalhadores brasileiros empregados (CENTENO, 2007).

Era admitida a permanência de estrangeiros que constituíam família e se integravam ao país e nele fixavam negócio, porém se fossem atendidos alguns critérios, como a utilização de força de trabalho predominantemente nacional e, para as empresas com uma maior tributação, a presença de gerentes ou prepostos brasileiros à frente dos

[52] Decreto nº 19.482, de 12 de Dezembro de 1930.

negócios (BRITO, 2001). Outras medidas de controle, inclusive do quantitativo de imigrantes, foram tomadas[53].

A Lei de Nacionalização da força de trabalho isentava a lavoura, a pecuária e as indústrias extrativas da exigência de dois terços de brasileiros entre seus empregados[54], porém a Mate Larangeira, visando o cumprimento da lei, contratou trabalhadores do Rio de Janeiro e São Paulo, com a ajuda do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Esses trabalhadores, porém, não se adaptaram ao regime de trabalho nos ervais. A empresa, para cumprir as metas de nacionalização, passou a contar com a mão-de-obra dos próprios filhos dos migrantes paraguaios, uma vez que estes já estavam familiarizados com a vida nos ervais (CENTENO, 2007).

A legislação também se tornou mais dura em relação à concessão de terras. Áreas maiores do que dez mil hectares deveriam passar por análise de um Conselho Federal[55]. Os limites da faixa de fronteira – e, portanto, o controle federal dessas áreas e da concessão de terras nelas situadas – também foram ampliados para cento e cinquenta quilômetros (CENTENO, 2007).

> Em relação ao seu capital, a empresa que explorava os ervais mato-grossenses tratou de vender as ações correspondentes para a empresa Matte Larangeira Mendes Sociedade Anônima de Comércio e Indústria, com sede
> social em Buenos Aires, responsável pelo beneficiamento e distribuição do mate na Argentina, então detentora da maior parte das ações da Companhia Matte Larangeira, situada no Brasil (ATA 52, 1937 apud BIANCHINI, 2000, p. 164). Quanto à concessão, de fato não houve nenhuma modificação expressiva, tendo a companhia articulado para prorrogar o período do arrendamento. Essa concessão foi autorizada pelo Interventor de Mato Grosso, no ano de 1937 (GUILLEN, 1991, p. 36; ARRUDA, 1989, p.27). Logo, continha alguns limites à política de centralização efetivada no Governo Vargas, sobretudo a que envolvia a concessão de terras, já que não era tão simples assim interferir no poder econômico de certos grupos, como foi o caso da Companhia Matte Larangeira. (CENTENO, 2007, p. 22).

No ano de 1943, foi criado o Território Federal de Ponta Porã[56]. No mesmo ano, também foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados[57]. O governo federal teria

[53] Segundo relato de um dos trabalhadores da Mate: "- Entrevistadora: O senhor sabe por que fechou a Cia Mate? – Joaquim: Foi mais uma, dizem, que foi uma política de Getúlio Vargas. Diz que tinha muito estrangeiro em Campanário. É o que comentavam." ([FERNANDES] ARQUIVO..., 2000, p. 37).
[54] Decreto nº 20.291, de 12 de Agosto de 1931.
[55] Determinado pela Constituição de 1937.
[56] Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943.
[57] Decreto nº 5.941, de 28 de outubro de 1943.

enfrentado resistência na região – devido ao domínio exercido pela Mate Larangeira - para a criação da referida Colônia e por esse motivo teria criado o Território Federal, com o intuito de ocupar os espaços vazios e amenizar o problema do desemprego.

No texto intitulado "Macana", Serejo ([1991] 2008, v. 8) relata sobre o que chama de uma "antipatia" que Getúlio Vargas tinha em relação à Mate Larangeira. Segundo o autor, no início do ano 1941, o presidente recebera inúmeras denúncias contra a empresa:

> Denúncias de maus tratos, exploração do ser humano e domínio nocivo aos interesses do Estado de Mato Grosso. Eram acusações violentas, principalmente de parte de pessoas que tiveram os seus interesses contrariados. (SEREJO, [1991] 2008, v. 8, p. 198).

Vargas teria, então, solicitado que o caso fosse investigado *in loco*. Após se inteirar da situação, não tomou nenhuma atitude imediata. "No fundo, entretanto, sabia-se que o verdadeiro desejo do presidente de todos os brasileiros era mesmo encampar a Empresa Mate, a fim de garantir 'outros rumos' ao sul mato-grossense." (SEREJO, [1991] 2008, v. 8, p. 199).

No dia 4 de agosto de 1941, o presidente visita a cidade de Ponta Porã, participa de solenidades e, posteriormente, comparece a um churrasco promovido pela Mate Larangeira, representada na ocasião por Heitor Mendes Gonçalves. Enquanto Vargas participa da festividade, seu irmão, Benjamin Vargas, vai a diversos locais da cidade coletando informações a respeito da empresa, questionando líderes políticos, ervateiro e a população em geral.

No dia anterior, segundo Serejo ([1991] 2008, v. 8), o presidente estivera em Assunção, Paraguai, e lá fora ovacionado pela população local:

> No arroubo da oratória histórica, disse em dado momento: - Somos todos amigos e irmãos. Para Brasil e Paraguai não existem fronteiras. Vivem bem os brasileiros aqui; vivem os paraguaios lá.
> Foi exatamente a esta altura do notável discurso presidencial, que um grito vibrante eclodiu pelos ares: - *Macana... macan... señor presidente, mi hecharan de la Empresa Mate Brasileña como uno jaguá piru.* (Mentira, mentira, senhor presidente, me tocaram da Empresa Mate Larangeira – diziam também *brasileña* – como um cachorro magro).
> Quem era esse ousado protestador? Félix Cantalício Centurión (Centu), o mecânico famoso de Guaíra e antigo servidor da Mate. Estava embriagado. Foi preso, no mesmo instante, pela polícia. Tentou reagir. Acabou sendo subjugado. Gritou, novamente, enraivecido: - Macana... macana.
> Taparam-lhe, então, a boca, a força. Getúlio Vargas, ao lado do presidente paraguaio, general Higino Morinigo, ouviu perfeitamente o

> desabafo atrevido, pois Centu estava a menos de vinte metros do palanque oficial. (SEREJO, [1991] 2008, v. 8, p. 201).

Ao ler os registros de Serejo ([1991] 2008) e de outras fontes históricas pode-se observar que, durante a visita do presidente, a Companhia buscou causar uma "boa impressão", transparecendo proximidade com seus trabalhadores e um espírito nacionalista, como se pode observar na figura 15, na qual aparece o presidente em meio à população local, e uma criança empunhando uma bandeira brasileira.

Figura 15: Visita de Getúlio Vargas a Campanário

Fonte: Arquivo Público Estadual

Centurião (ARQUIVO..., 2000, p. 33), um dos trabalhadores entrevistados pelo Arquivo Público Estadual (APE) relata:

> - Entrevistadora: O senhor estava lá, quando Getúlio Vargas foi visitar?
> - Idelfonso: Eu estava lá (risos). Getúlio Vargas acho que foi em 1925, no churrasco e todos os trabalhadores foram neste churrasco.
> - Entrevistadora: Então quer dizer que a Cia parou nesse dia?
> - Idelfonso: Parou! mandou parar tudo.
> - Entrevistadora: E o senhor sabe o que o Getúlio foi fazer lá?

> - Idelfonso: Ah! O Getúlio foi atrás de muita coisa. Foi muito bom. Mas eu não sei o que ele foi fazer lá.

Ressalvado o equívoco em relação à data do evento, destaca-se do relato que a empresa buscava passar uma boa imagem a Vargas, como em harmonia com seus trabalhadores e com os ideais nacionalistas, porém na fala, o entrevistado afirma não saber o porquê da visita, ou seja, era algo que se restringia às articulações internas dos grupos dominantes.

Outro relato traz alguns detalhes sobre o referido evento:

> - Hermógines: Eu estava trabalhando no rancho Diarapé quando Getúlio Vargas visitou Campanário, foi uma festa muito bonita. O President foi visitar o rancho Campanário, ele foi ver de perto como era o trabalho de mexer com erva. Eu vi ele de longe, não dava para chegar perto, tinha muita gente, mas deu pra ver bem. Ele era uma pessoa muito boa, vou lhe contar um fato que ocorreu nessa visita do Presidente. Getúlio Vargas foi ver o rancho Campanário e ele visitou rancho por rancho de cada trabalhador. Os mineiros estavam todos vestidos com roupa de mineiro com chiripá, plantilha e pijá, alguns mineiros fizeram demonstração levantando o raído, o urú mexendo com erva no barbacuá. E o presidente vendo um mineiro velho ali no meio de tantos ele chegou para o mineiro e disse (repete o diálogo): "Quantos anos o senhor trabalha nessa lida de erva?" – Mineiro: "A vida toda." – Getúlio Vargas: "E quantos anos o senhor tem?" – Mineiro: "Sessenta anos." – Getúlio Vargas: "Eu quero que o senhor vá lá no escritório do Heitor Mendes que eu estarei lá a tal hora." E a hora chegou e o mineiro foi lá se ter com o Presidente no escritório da Cia Mate. Chegando lá o Presidente já estava lá e falou (simula o diálogo novamente): - Getúlio Vargas: "Heitor! Esse homem está aposentado por um salário de 500 mil réis!" ([LOPES] ARQUIVO..., 2000, p. 74).

Figura 16: Mineiro em demonstração de como carregava o raído

Fonte: Arquivo Público Estadual

Assim como relata Serejo ([1991] 2008), Vargas esteve *in loco* com o intuito de observar, entre outras coisas, as condições de vida dos trabalhadores. Nos anos seguintes aumentou a pressão contra a Empresa, "[...] já então asfixiada pelo mercado de terríveis oscilações. Chega, enfim, o dia 21 de julho de 1944. O Governo Federal encampa a Empresa Mate Larangeira." (SEREJO, [1991] 2008, v. 8, p. 201). Para o memorialista, os protestos de Centu, juntamente com as denúncias que recaíam sobre a empresa, influenciou na decisão do então presidente.

Foi no ano de 1944, ainda, que uma nova legislação[58] passou a vigorar e abrandou as restrições anteriores, especialmente em relação aos imigrantes de países vizinhos, tendo em vista que, após um estudo sobre o impacto das medidas da legislação anterior, não era interessante para o país impedir ou dificultar a presença desses imigrantes, uma vez que seus países poderiam adotar restrições semelhantes em relação ao Brasil (BRITO, 2001).

[58] Decreto-Lei n. 6.430, de 17 de abril de 1944. Dispõe sôbre as transações imobiliárias e o estabelecimento de indústria e comércio de estrangeiros na faixa de fronteiras. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6430-17-abril-1944-452643-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 11 set. 2017.

No entanto, nesse momento histórico a atividade ervateira já se encontrava em declínio no estado. A Companhia Mate Larangeira era vista como um empecilho a esse processo de nacionalização. Nesse cenário, ainda, novos grupos dominantes emergiram no estado, como aqueles ligados à pecuária, atividade em ascensão na região sul.

Os coronéis, que até então detinham certa autonomia política em relação à concessão de serviços, terras etc., viram seu poder ser transferido para a União.

> Alterações profundas de ordem sócio-econômica vinham se tornando sensíveis já na década de 1920, a exemplo da intensificação da migração, da criação de novos centros urbanos, da penetração da estrada de ferro no sul do Estado, da instalação de indústrias como os saladeiros, da formação de novos grupos econômicos e de camadas sociais médias. Essas alterações ensejaram a mudança de comportamento político dos coronéis, que foram abandonando a luta armada como estratégia de poder, ainda que mantivessem certas práticas de mandonismo local. (CENTENO, 2007, p. 19).

Os trabalhadores paraguaios passaram a ser criticados por seu modo de vida e por insistir em empregar parte de seu tempo de trabalho para manter suas tradições. Melo e Silva, intelectual cearense que migrou para o sul de Mato Grosso em meados da década de 1930, escreveu duas obras[59] sobre a fronteira daquele período. O referido autor apresenta um discurso contrário à presença da Mate Larangeira, à forma de ocupação que se desenvolveu na região e, em especial, ao povo guarani. Por pensar em um projeto de nacionalização, Melo e Silva defende a colonização da área de fronteira por migrantes nordestinos (BRITO, 2001).

> O autor ainda enfatizava como, até aquela data, toda a ocupação desta região de fronteira se fizera de maneira aleatória, sem a necessária intervenção planejadora e dinamizadora do Estado. Para transformar tal situação, e permitir a maior prosperidade e riqueza produtiva da região, era necessária a migração nordestina e um novo caldeamento racial, que criasse um tipo de homem infenso às características negativas da população guarani, tais como seu nomadismo, seu localismo (manutenção de costumes indígenas e uso da língua materna), seu gênio alegre, porém pouco afeito ao trabalho pesado ou prolongado, bem como seu apego à religião e suas tradições, que o afastavam das lides diárias. (BRITO, 2001, p. 254).

Em relação ao papel da escola, o autor destacava esta como uma agência social responsável pela formação de um trabalhador de novo tipo , por meio de uma educação profissional e agrária, que introduziria uma mentalidade de "amor ao trabalho".

> Com isso se resolveria a aparente contradição existente entre a exigência do ensino moderno, que propugnava a necessidade de

[59] "Fronteiras Guaranis" (1939) e "Canaã do Oeste" (1947).

> conformar a escola às tendências regionais, de forma a harmonizá-la com as atividades que fossem mais propícias para a fronteira, e a existência de uma realidade viciada nesta região — isto é, a civilização paraguaia — que poderiam deitar por terra todos os esforços no sentido de integração e desenvolvimento deste espaço social. Dito de outra forma, com a implantação da escola a fronteira deixaria de ser terra de ninguém, passando a ser produtiva e integrada ao restante do país. (BRITO, 2001, p. 255).

Segundo Brito (2001), esse era o pensamento dos intelectuais da época em relação às fronteiras. Isto, somado às políticas de nacionalização, contribuiu para que a fronteira sul de Mato Grosso se reconfigurasse, com o fim do monopólio da Mate Larangeira, o declínio da economia ervateira e a ascensão de outras atividades econômicas.

A extinção dos contratos de arrendamento por parte do Governo Federal deu-se ainda no ano de 1942, quando, embora com a anuência da Interventoria de Mato Grosso, o Conselho Federal não autorizou a renovação e Vargas endossou tal decisão. No entanto, segundo Centeno (2007, p. 25), "[...] a empresa se manteve na região ainda neste período.".

> Já no intervalo em que a fronteira esteve sob jurisdição do Território Federal,
> Vargas negou novamente, através do despacho publicado no Diário Oficial de 01.02.1944, a renovação do contrato (ROSA, 1962, p. 86), reforçando, assim, a recomendação anterior da presidência da CEFF para que se executasse a extinção do arrendamento (GUILEN, 1991, p. 41). Segundo Rosa (1962, p. 86), vários lotes de terras foram concedidos pelo Governador do Território, Ramiro Noronha, nas áreas ocupadas pela empresa. (CENTENO, 2007, p. 25).

De fato, segundo levantamento realizado pela autora, a atividade da Companhia no estado findou-se no ano de 1947, havendo nesse período um consenso – dos setores políticos, da população e dos proprietários da empresa - em relação à extinção da concessão. Ainda segundo Centeno (2007, p. 26-27), outros fatores influenciaram para a retirada dessa empresa do setor de erva-mate em Mato Grosso:

> Como foi visto, mesmo com a instalação de pequenos proprietários na região, o mate ainda era controlado e monopolizado comercialmente pela Companhia. Mas, em vista da crise econômica do pós-1930 e, sobretudo, com a queda nas exportações para a Argentina, o governo federal implantou, em 1938, o Instituto Nacional do Mate, que visava proteger o mercado nacional e controlar preços. Segundo Brito (2001, p. 37), o diretor da Companhia Matte Larangeira manifestou a discordância desta empresa com a criação do Conselho Nacional do Mate e com sua política de uniformização da produção e comercialização, que taxava o mate cancheado em 50 réis, acabando por proteger os produtores paranaenses que beneficiavam a erva.

> Haveria, de fato, uma disputa pelo mercado entre os industriais instalados no Paraná, maior produtor de erva-mate do país, e a empresa que monopolizava o mate em Mato Grosso. Para Lenharo (1985, p. 66), a sobretaxação do mate cancheado e a proteção e incentivo da produção industrializada visavam "quebrar os vínculos que a Matte mantinha com os
> moinhos argentinos que industrializavam a matéria-prima brasileira". Lenharo ainda aponta uma outra questão acerca do processo de ocupação da fronteira, nesse período, que merece maiores investigações. Segundo ele, o historiador paranaense Ruy C. Wachowicz teria sugerido que interesses de companhias colonizadoras gaúchas encontravam-se subjacentes à criação dos territórios federais de Iguaçu e Ponta Porã [...].

Mesmo após a extinção das atividades da Companhia no estado, a disputa entre os pequenos produtores de Mato Grosso e os industriais do Paraná se manteve. Segundo Centeno (2007), mais do que as medidas nacionalistas de Getúlio Vargas, o que contribuiu para a derrocada da atividade ervateira da Mate em Mato Grosso foi a crise econômica e o consequente aumento da concorrência entre os produtores do país (CENTENO, 2007).

Embora, assim como destaca Queiroz (2015), não se possa atribuir à Companhia o papel exclusivo em relação à história da região fronteiriça, é notório que a forma como esta se instalou nos ervais mato-grossenses teve significativa influência sobre a configuração da fronteira em estudo. O grande número de trabalhadores por ela contratados, a forma como se organizava o trabalho, o domínio político-econômico estabelecido, foram fatores que delinearam as relações sociais na fronteira, naquele período.

2.1.2 Fluxo migratório e povoamento da fronteira

O processo demarcatório da fronteira e a exploração dos ervais nativos, assim como a situação político-econômica instalada no Paraguai no pós-guerra foram fatores que incentivaram um movimento migratório, de pessoas vindas de diversas regiões do Brasil e de outros países, em especial do Rio Grande do Sul e Paraguai (CENTENO, 2007). Vinham ou para exercer a atividade ervateira ou para funções direta ou indiretamente ligadas a esta, pois se formava ali uma demanda por serviços de diferentes naturezas.

Sobre a ocupação da fronteira oeste de Mato Grosso, Corrêa (1999, p. 35) afirma:

> Além [da demarcação dos limites com o Paraguai], diversas foram as motivações que levaram à ocupação da fronteira oeste. A reocupação da região de Corumbá, por exemplo, através da utilização do rio Paraguai, sofreu uma decisiva interferência dos interesses da Corte brasileira. Por outro lado, na região mais ao sul, a atração que motivou correntes migratórias de gaúchos, mineiros e paraguaios encontrava-se nos extensos ervais nativos e nos campos próprios à atividade criatória.

Para Centeno (2007), enquanto os gaúchos se deslocaram para a fronteira sul de Mato Grosso fugindo da crise econômica e política instalada no Rio Grande do Sul após a Revolução Federalista de 1893[60], os paraguaios começaram a migrar para a região logo ao final da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), devido à instabilidade que o conflito causou naquele país. Vieram pela fronteira seca e ali constituíram o maior contingente estrangeiro. Muitos deles eram camponeses expropriados de suas terras, que viam, no trabalho nos ervais, a alternativa à sua situação. Ainda de acordo com a autora, muitos eram trazidos à força. Havia, segundo fontes[61] consultadas pela autora, cerca de 3000 paraguaios nos domínios da Mate Larangeira.

> [...] um dos efeitos principais da guerra da Tríplice Aliança em solo mato-grossense foi a contribuição da grande migração paraguaia, fenômeno de efeito marcante na formação econômica, social e cultural do Sul de Mato Grosso. Os paraguaios, ao lado dos remanescentes das comunidades que restaram após esse período, representaram os braços da lavoura tão necessários ao desenvolvimento da região Sul e fronteiriça de Mato Grosso. (CORRÊA, 1997, p. 142).

Segundo Serejo ([1986] 2008, v. 6, p. 71):

> Caraí ervateiro, em menos de um ano, formou uma legião de quatro mil criaturas, dos mais diferentes tipos, hábitos e costumes. Veio e ficou deslumbrado com a pujança da Empresa Mate, nome pelo qual ficou sendo conhecida até sua extinção.
> Velhos, moços e crianças se embrenhavam na selva bruta – enfrentando estoicamente o ambiente hostil – e as ranchadas ervateiras, os trabalhados foram surgindo aqui e a ali.

---

[60] Esse conflito, ocorrido entre os anos de 1893 e 1895, eclodiu após grupos das classes dominantes gaúchas divergirem em relação ao regime político que seria adotado após a Proclamação da República (1889), além da disputa pelo poder na província. Não se tratava de uma "Revolução", de fato, pois não visava a uma transformação estrutural profunda na sociedade. Além do Rio Grande do Sul, a guerra civil chegou a Santa Catarina e Paraná, sendo que neste os revoltosos foram derrotados pelas tropas federais, em 24 de junho de 1895. (FUNDAÇÃO..., 2017b).

[61] O próprio Serejo (2008) apresenta essa informação.

Ainda para o referido autor, os peões, em sua maioria paraguaios, eram contratados principalmente nas cidades de Posadas, na Argentina, e Encarnación, no Paraguai. Havia os que vinham devido ao fato de o pagamento em seu país não compensar ou eram fugitivos de conflitos políticos no Paraguai. Segundo Serejo (2008), muitos não se adaptavam, como os "desordeiros", "fora-da-lei", "assassinos" e "desertores do exército"[62].

Sobre a migração de gaúchos para a região, Serejo ([1983] 2008, v. 5, p. 180) afirma:

> Com a desmobilização das tropas imperiais [após a Guerra do Paraguai], inúmeros rio-grandenses, participantes da guerra, retornaram ao seu torrão natal. Outros, porém, ficaram levantando morada com a intenção de fixação definitiva.
> Os que retornaram levaram a notícia: os campos eram formosos, boas aguadas, terreno próprio para se transitar a cavalo ou com carreta, infindáveis capões de matos para se fazer roça, sem nenhuma dificuldade, tudo de jeito para erguer moradia, tal as variedades de madeiras existentes, capim de cobertura, pindó, cedro para tabuinha, terra-barro e tabatinga para reboco de parede, bem como espécies variadas de cipós lisos para amarrio fácil e seguro.
> Cartas dos que aqui se achavam sugeriam que viessem, pois na largueza despovoada havia lugar para todos, sendo que as terras eram devolutas e a obtenção de registro da posse não era difícil.
> Pouco antes de 1880, já exploravam a pecuária e se dedicavam à lavoura e pequenas indústrias várias famílias rio-grandenses e mineiras.

O autor identifica um novo fluxo migratório:

> Irrompe, no Rio Grande do Sul, em 1893 a revolução dos federalistas, saindo vencedores da brutal contenda os republicanos. Foi uma luta de ódios, traições e vinganças, que teve seu fim em 1895. Meses após a eclosão da porfia de tão triste memória, elementos de ambos os partidos atravessaram o rio Uruguai e, pela província de Corrientes, ganhavam pleno território da República da Argentina. (SEREJO, [1983] 2008, v. 5, p. 181).

Ainda acrescenta o autor que, enquanto algumas famílias permaneceram na Argentina suprindo a carência de mão-de-obra naquele país - especialmente na fabricação de fumo -, outras prosseguiram viagem em direção ao Paraguai e, posteriormente, ao Mato Grosso. O memorialista se refere a esse percurso como uma verdadeira "odisseia", pois eram inúmeros os desafios que se colocavam ao longo do

[62] É importante fazer uma ressalva em relação a essas expressões empregadas pelo autor. Elas refletem uma visão enviesada que desvincula esses indivíduos das determinações históricas. A situação em que se encontrava o Paraguai após a guerra favoreceu o crescimento da violência, assim como as condições que envolveram as relações sociais na fronteira, explicitadas no tópico inicial desse capítulo.

caminho: desde as chuvas torrenciais - que prolongavam o tempo de chegada de dois para seis meses -, até as doenças e roubos que esses grupos sofriam. As famílias chegavam a fazer plantações em algumas paradas, devido ao tempo prolongado da viagem e o consequente esgotamento dos víveres que levavam com elas.

> Pelo estoicismo e desejo sincero de se fixarem numa ponta qualquer de mato com boa aguada, para início de uma nova vida, em paz, no sossego do grande despovoado, esses caminheiros audazes foram peças de imensa valia no povoamento dos rincões que encheram de brilho estranho os olhos interrogadores do comendador Tomás Larangeira. (SEREJO, [1983] 2008, v. 5, p. 183).

Nota-se, portanto, que embora predominem nos escritos do memorialista relatos sobre os peões paraguaios, ele também descreve as vivências de migrantes vindos de outros lugares, em especial, do Rio Grande do Sul.

> Gressler e Swensson (1988: 25-30) esclarecem que, a partir de 1893, foi significativa a nova corrente migratória que se dirigia para o Estado, em conseqüências da Revolução Federalista, ocorrida no Rio Grande do Sul (1883-1895). Em vista disso, inicialmente os rio-grandenses e, posteriormente, os mineiros, os goianos, os paranaenses e os paulistas, dentre outros, migraram para a faixa de território, atualmente o estado de Mato Grosso do Sul. Registram ainda estes estudiosos que a ação desenvolvida pela Companhia Mate Larangeira retardou o povoamento do Estado, embora haja o reconhecimento quanto à influência da Empresa no povoamento da região Meridional do estado de Mato Grosso do Sul em virtude da exploração da erva. (TENO, 2003, p. 25).

Sobre essa questão, conforme Centeno (2007), devido ao monopólio exercido pela Mate Larangeira, os migrantes que vinham em busca de terras deparavam-se com a dificuldade de encontrar áreas disponíveis, uma vez que os poucos espaços eram alvo de especulação ou contestados pela Companhia, que buscava incorporar os migrantes aos serviços nos ervais. "A dificuldade de adquirir terras na fronteira levou muitos migrantes a se dirigirem para o Paraguai ou tentarem a vida em outras regiões em que o acesso à pequena propriedade ainda era facilitado." (CENTENO, 2007, p. 12-13). Havia, ainda, aqueles que permaneciam e entravam em conflito com a empresa[63], o que contribuía para a violência que se instalara na região.

[63] Num dos relatos colhidos pelo APE, o entrevistado afirma: "O Rancho Manga foi incendiado por um grupo de pistoleiros contratados por um gaúcho, João Cristiano Otto, que era inimigo da Cia. Ele tentava junto ao Governo a concessão do título da terra mas a Cia. Mate acabou impedindo que ele requeresse o título da terra. Ele entrava com o pedido e a Cia negava e isso rolou por muitos anos. Ele acabou organizando um grupo de pistoleiros para acabar com o depósito da Manga e depois eles iriam para

Predominantemente, portanto, a mão-de-obra nos ervais era de paraguaios. Estes eram contratados por um regime análogo à escravidão, uma vez que se endividavam logo no momento da contratação e ao longo de sua permanência nos ervais, ao adquirirem mercadorias nos armazéns da empresa. Como não conseguiam saldar suas dívidas, ficavam cativos e vivendo em condições precárias.

Ao analisar a maneira como Serejo (2008) aborda a questão do processo migratório na fronteira, percebe-se a importância que se atribuía a esses migrantes, a partir do conhecimento que traziam consigo.

> Quando falamos em povoamento de ranchada ervateira, cunhamos na *jungle* hostil a imagem [do peão paraguaio e da mulher guarani] que, na data longeva, enfrentaram estoicamente toda sorte de martírios, na grande e vigorosa arrancada da época da penetração ervateira.
> Superiormente intrépido, foi o peão paraguaio e engrandecedoramente corajosa a mulher guarani dos ervais. Ambos trilharam, inquebrantavelmente, o caminho de todos os desalentos e amarguras. Ambos fizeram morada na selva quase impenetrável, numa provação grandiloqüente, para que das erveiras, que representavam o sangue e as lágrimas de cada um, saísse a plata para enriquecimento de muitos. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 155).

Esses homens e mulheres, que trouxeram consigo a cultura de seu povo, imprimiram, na terra onde passaram a morar, um modo de vida singular, constituído por seus costumes, suas crenças, seu trabalho etc. Junto a outros migrantes que para ali se deslocaram, engendraram um *habitus fronteiriço*, marcado pela fluidez das trocas sociais, culturais, linguísticas, econômicas, simbólicas e educativas dos povos que ali se encontraram.

A história de Mato Grosso do Sul – e do próprio país – evidencia a importância dos migrantes na sua constituição. Segundo perspectiva de Demartini (2004, p. 216):

> É preciso considerar que, em algumas sociedades, a imigração é constituinte de sua história, é marca que se torna mais evidente quando os processos migratórios estão em curso, mas que permanece nessa sociedade de recepção; os processos migratórios, se são datados, enquanto entradas de imigrantes, são constituídos por levas de pessoas que carregam consigo as vivências e a cultura da sociedade de origem, as relações com povos distantes, a convivência com um outro Estado, que não o da sociedade de recepção.

Campanário. Eles pretendiam queimar Campanário, mas houve um cidadão que contou e a Cia. Mate pediu ajuda do exército para impedir esse fato. Os Paraguaios fugiram para o Paraguai e eu não me lembro direito dessa história, já faz tempo. Nessa região os gaúchos se organizaram com advogados e tudo para lutar pelos seus direitos, mas a lei valia para o mais forte." ([LOPES] ARQUIVO..., 2000, p. 76-77).

Nesse sentido, há que se considerar que o *habitus* em uma sociedade formada por migrantes é diferenciado, pois é em essência constituído na alteridade de culturas de diferentes povos. Numa área fronteiriça, tal característica se intensifica, pois além de se tratarem de países compostos por imigrantes, o encontro que a fronteira promove entre diferentes povos dá maior movimento às trocas culturais, pois a convivência com o "outro" não se restringe à formação de comunidades separadas entre si, mas promove intensos e cotidianos intercâmbios.

Sobre esse aspecto, Sayad (2000, p. 10) afirma:

> Não se pode ignorar a particularidade dos países do Novo Mundo que, em razão de sua história singular, são, por definição, países de imigração e países que, até o momento, apesar de parecerem ter esgotado sua capacidade de receber população, têm uma relação diferente com a imigração, distinguindo-se muito, neste ponto, dos países do Velho Mundo e, essencialmente, dos países europeus; uma particularidade que faz de toda a sua história, uma história de imigração [...].

A partir dessa concepção, questiona-se: até que ponto as fronteiras dos países do "Novo Mundo" se diferenciariam daquelas do "Velho Mundo"? Seriam aquelas mais receptivas a essas trocas, a essa convivência entre os diferentes? Em outras palavras: a diversidade que constitui os países predominantemente formados por imigrantes favoreceria as trocas culturais em suas fronteiras? Essa é uma questão que foge do alcance do presente trabalho, porém revela uma possibilidade de objeto a ser analisado em pesquisas posteriores.

O processo migratório marca tanto a sociedade de partida quanto a de adoção. Tanto a ausência como a presença tem seus efeitos, cuja intensidade depende da forma como se dá o contato (SAYAD, 2000). No caso do Paraguai, sua população já escasseada pela Guerra viu muitos de seus homens e mulheres se deslocarem para o Brasil. Essa foi uma marca na sociedade de partida. Por sua vez, a vinda desses migrantes para a sociedade de acolhimento deixou marcas na sua identidade, em especial no estado de Mato Grosso do Sul – então sul de Mato Grosso.

> O imigrante carrega consigo a identidade forjada pelo processo de socialização no país de origem. Sob as novas condições em que irá viver, em outra realidade, esta identidade irá se reconstruir. Não se rompem, contudo, os elos que ligam o imigrante ao país de origem, elementos constitutivos de sua identidade. (LANG, 1999, p. 1).

Todas essas singularidades da fronteira em estudo são fatores relevantes para se compreender o *habitus* desses homens e mulheres: a Guerra e o que ela ocasionou para o Paraguai; as motivações que influenciaram no movimento migratório; as culturas dos povos que ali se encontraram; a característica desse "acolhimento", que era relativo, suscetível à adaptação, ou não, às normas locais; a característica dos povos dos países vizinhos, formados por imigrantes de diversas origens; os interesses econômicos que envolviam as relações naquele contexto histórico etc.

As duas facetas do processo migratório – os atos de "emigrar" (sair de um país) e de "imigrar" (chegar a um país) - são determinantes para a constituição da subjetividade daquele que migra – e também daqueles que o recebem. Desse modo, o migrante traz consigo esse conflito – de intensidade variável, mas sempre presente – entre a sua origem e a sua nova condição de vida, entre a sua cultura e a cultura da sociedade em que está se inserindo, entre a sua intenção de "voltar" e a sua necessidade de permanecer – mas uma permanência de caráter provisório.

Também é necessário destacar que os "heróis anônimos" contemplados na obra do memorialista não eram somente anônimos nos registros históricos, mas também na sua identidade oficial, pois muitos vinham para o Brasil e deixavam em seu país o seu passado, seja por terem cometido algum crime, seja por terem participado de conflitos políticos.

Esse anonimato tinha implicações nas relações que ali se estabeleciam e contribuía para um clima de desconfiança pelos que chegavam, assim como conferia uma transitoriedade dos vínculos sociais estabelecidos, ou seja, esse migrante que chegava sem um passado conhecido, quando este vinha à tona muitas vezes culminava na sua expulsão. Não criavam raízes.

> [*"Poner el rastro en el camino"*] Expressão de uso corrente na região fronteiriça. Pôr os pés na estrada podia ter dois significados: a fuga precipitada porque *estaba llegando la policía,* ou a marcha sem *conducción* e sem *rumbo cierto,* em busca de novas paragens para início de *otro vivir, sin molestia y lejos de los desenganos.* Em qualquer das situações, o coração batia aflitivamente, por *medio del dolor e de la duda del siguiente amanhecer, siempre uma dolorosa interrogación...* (SEREJO, [1989] 2008, v. 7, p. 36).

Para o migrante, há um sentimento de que ele não pertence àquele local. Embora crie novos vínculos e relações, não cria raízes. Isso não apenas pela sua intenção de "voltar", mas porque, quando assim determinam as condições objetivas, em especial nos

períodos de crise do capitalismo e das políticas nacionalistas, ele é lembrado de que "não é dali". Constantemente, esse agente lida com a necessidade de afirmar essa provisoriedade, pois os fluxos migratórios – influenciados principalmente pelas necessidades do mercado de trabalho – são circunstanciais, o que faz com que o migrante seja sempre um "estrangeiro", ainda que o tempo de sua permanência seja longo (SAYAD, 1998).

Golgher (2004, p. 33), ao discutir sobre as "migrações espontâneas", ou seja, aquelas que ocorrem a partir de uma opção do indivíduo se deve mudar ou não, afirma:

> O indivíduo buscaria dentre todas a possibilidades, a região mais atraente. Surge então um problema a ser explicado: o que torna uma região mais atraente do que uma outra? A resposta é: por causa de uma série de fatores como características econômicas, além de outras facetas políticas, sociais e físicas do local. De forma geral, considera-se os fatores econômicos os mais importantes. (GOLGHER, 2004, p. 33).

O termo "migrações espontâneas" utilizado pelo autor deve ser apreendido com cautela, pois embora aparentemente o agente "escolha" migrar, não se trata de decisão espontânea, mas parte das condições objetivas que se colocam a esse agente. Mesmo quando o agente possui maiores possibilidades de escolha, ainda assim se deve a uma condição social favorecedora. Por outro lado, é importante considerar o que afirma Raffestin (1993, p. 88):

> [...] a mobilidade é autônoma quando resulta de uma escolha deliberada, e heteronômica quando resulta de uma coerção. Há, naturalmente, casos limite. Trata-se de uma mobilidade autônoma o caso daqueles que têm para escolher o deslocamento ou a morte? A alternativa é brutal, mas devemos admitir que ainda há uma escolha, quando resulta de uma decisão própria do migrante. [...] Por outro lado, aquele que é deslocado à força por uma autoridade qualquer é coagido a uma mobilidade heteronômica, uma vez que a decisão lhe foi imposta do exterior.

Os migrantes que então se deslocaram para a fronteira Brasil-Paraguai não foram coagidos a tal, tampouco o fizeram por uma decisão espontânea. Ainda que limitadas, havia opções e, ainda que houvesse opções, estas não estavam desvinculadas de uma condição objetiva. Golgher (2004, p. 33-34) vai além ao discutir como os grupos da base da pirâmide social optam pela migração:

> [...] diferenças regionais atuam diretamente sobre as razões que fazem um indivíduo trocar de local de moradia ou permanecer em seu local de origem. Dois grupos de fatores atuam em conjunto na formação dos fluxos de migrantes: a baixa qualidade de vida no local de origem e um melhor nível de vida no local de destino. Os determinantes da migração são usualmente descritos a partir desses dois grupos. Esses são respectivamente conhecidos como: fatores "*push*", que significa ser empurrado ou impelido; e "*pull*", que significa ser puxado ou atraído.
>
> A força principal subjacente ao processo migratório na linha dos fatores "*push*" seria o baixo nível de qualidade de vida no local de origem. Assim, o indivíduo teria um ganho muito baixo em seu local atual de moradia, sendo que qualquer outro local de moradia apresentaria um ganho superior. Dessa forma, o indivíduo teria uma grande propensão a mudar, menos por causa de um alto retorno em um novo local de moradia e mais por causa do baixo retorno em seu local atual de residência. O migrante em potencial seria, então, impelido a sair de seu local de origem e não, essencialmente, atraído por outros sítios.
>
> Indivíduos na base da pirâmide social tendem a apresentar uma condição precária de vida em seu local atual de residência, principalmente por causa de fatores econômicos como a dificuldade de obtenção de níveis mínimos de renda que garantam sua subsistência. Esses indivíduos seriam impelidos a trocar de local de domicílio pela incapacidade de se manterem em sua condição atual de moradia de forma satisfatória. [...]. Assim, acredita-se que as classes mais desfavorecidas em termos de renda preocupem-se quase que exclusivamente com questões econômicas e, ao migrar, façam isso basicamente pelas forças "*push*".

Assim, é possível falar em "opção pela migração" no caso dos grupos aqui estudados. No entanto, é preciso considerar que mais do que uma "opção", o que se colocava como primazia era a lógica da necessidade, a busca por melhores condições de existência. Essa é a dinâmica que implicou na emigração dos trabalhadores paraguaios para Mato Grosso, e que fomentou, posteriormente, a vinda de outros grupos de migrantes para atender a esse contingente.

Quanto à imigração, ou melhor, à condição dos agentes como imigrantes, vale trazer um trecho da obra de Sayad (1998, p. 54-55):

> Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasmo), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está diretamente sujeita ao trabalho, única

> razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem – sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante. Foi o trabalho que fez "nascer" o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz "morrer" o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser.

O que há aqui é uma questão bastante complexa que envolve a constituição do *habitus* do migrante. A existência do trabalhador está condicionada à relação de trabalho. Ao discutir sobre a condição do imigrante, há uma intensificação desse caráter de submissão. O "imigrante trabalhador" – expressão que o autor define como quase um "pleonasmo", devido ao fato de que nesse caso o fator constitutivo do migrante é justamente a sua condição de trabalhador – não apenas está sujeito à instabilidade própria da relação de trabalho, mas também ao próprio caráter circunstancial de seu estado atual. A sua posição na sociedade é constantemente desafiada devido à provisoriedade das condições que a determinam.

> E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o "mercado de trabalho para imigrantes" lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. Como o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa do imigrante, essa justificativa, ou seja, em última instância, o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos. [...]
> Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele. (SAYAD, 1998, p. 55).

Percebe-se então a complexidade, o quão desafiado – e "ameaçado" – o "imigrante trabalhador" se encontra. Sua condição de imigrante é muito mais um fruto das circunstâncias do que uma escolha sua. Disso decorre o caráter de superfluidade que configura também sua subjetividade e tem implicações na constituição de seu *habitus*.

> Como por um efeito bumerangue, os imigrantes, confrontados hoje à verdade de sua condição, descobrem o turbilhão no qual estão presos [...]: eles são os grãozinhos de areia (*i. e.*, os indivíduos esparsos) arrancados à rocha-mãe (*i. e.*, a sua sociedade, as suas comunidades de origem) pela ação de um vento que assopra numa longa tempestade (*i. e.*, os efeitos destruidores, perturbadores, iniciados pela imposição da economia monetária) e que, transplantados para longe, acabaram constituindo, assim que encontraram o primeiro acidente de terreno (*i. e.*, a primeira fábrica que os atraía e que se oferecia para comprar a

> força de trabalho que as condições novas haviam liberado neles), essa imensa "duna" (o paradoxo do "monte de trigo") em que hoje se transformaram os imigrantes. Eles também estão descobrindo que, afinal, a tempestade inicial que os levara e o elemento que os manteve em sua louca corrida eram uma só e única coisa: a economia capitalista e seus efeitos de transferência de um campo econômico (a agricultura, aquela que é chamada de tradicional) para outro (a indústria, essa atividade que se autodenomina moderna), de um país para outro, de um continente para outro, de uma civilização para outra. Será preciso que essa tormenta ainda dure e que hoje levante ou retome os imigrantes para voltar a transportá-los para seu ponto de partida, sem poder contudo colá-los de volta à "rocha" de origem, que, aliás, já não existe? (SAYAD, 1998, p. 72).

No caso dos grupos retratados por Serejo (2008), observa-se nos textos sempre uma "tensão"[64]. A vivência nos ervais era permeada pela constante iminência de conflitos, devido às condições extremas a que se submetiam aqueles homens e mulheres e à instalação de um regime próprio de normas que envolvia execuções sumárias[65], de modo a desencorajar fugas e revoltas.

A estadia do migrante paraguaio também era algo "em suspenso". Enquanto este estivesse servindo aos interesses dos patrões, sua presença era permitida, "tolerada", porém caso apresentasse algum traço de rebeldia, ou era punido severamente, ou era mandado de volta ao seu país. Havia ainda situações de execução sumária.

> [*Changá-y*] é o ervateiro clandestino, o ervateiro *mondahá*, isto é, ladrão. Burlando a vigilância de todos, quase que ordinariamente numa sagacidade espantosa, ocultando-se, disfarçado pela noite, avança em concessão alheia e faz a sua erva.
> É crença nos ervais que a erva produto de *changá-y* tem gosto de sangue e de pólvora. E tem mesmo... Quem faz *changá-y* tem sempre

[64] Fala de Francisco Serejo, pai de Hélio, a um padre que se instalava na região: "- Padre, aqui o povo é diferente, não está habituado a certas franquezas, que costuma receber como desconsideração aos da casa, como ofensa. **Para se lidar com gente da fronteira e moradores do sertão, há necessidade de uma certa habilidade, doçura na voz, paciência... sobretudo paciência. Fora desse tratamento tudo se torna difícil e perigoso."** (SEREJO, 2008, v. 5, p. 119, grifo nosso).

[65] "Ou tinha que trabalhar ou então morria, matavam, lá mesmo. Naquele tempo a coisa era muito feia, depois o quartel endireitou. Mais antes o sujeito sofria mesmo, não prestou p'rá nada ia mudando de serviço e se não prestava pagavam a conta e iam embora. Aí eles iam ali com a Argentina e o Paraguai, contratavam tudo, aí se num rendia matavam mesmo, aquele tempo era feio! E você não pode falá nada, tem que ficá quieto. É, não podia falá nada." ([CENTURIÃO] ARQUIVO..., 2000, p. 32-33).
"Tinha muito peão que vinha daí do Paraguai, que não se adaptava fugiam com contas sem água no mato, naqueles tempo era muito sertão e a mate mandava, tinha os encarregados, que ia perseguir esses peão que fugia, muitos pegava, levava p'rá trás, e outros conseguia escapar ia embora, mas era muito difícil, teve um peão que fugiu aí nesse, no Guiraí ficou 21 dia no mato, veio sair aqui no (...) na região da fazenda por nome capão rato, com 21 dia ficou no mato sem comer, comendo só cabeça de coqueiro, saiu aí, e assim por diante. O que fugia, voltava trabalha, tinha carrasco encarregado, muito carrasco que alcaçava esse peão no mato matava, matava, não levava pra trás, e outros vortava a trabalhá." ([PEDROSO] ARQUIVO..., 2000, p. 59-60).

atrás de si a mira da comblein sanguinária, a terrível arma dos patrulheiros dos ervais. (SEREJO, [1975] 2008, v. 4, p. 75).

Aporriaus – Os aporriaus vieram dos mais distanciados pontos do Paraguai, expulsos pelo partido vencedor. Imperando, na ocasião, a lei "na guerra, como na guerra", o caminho certo seria esse. Seleção alguma foi feita.
Na condição de indesejáveis, em pequenos grupos, rumaram em direção a Pedro Juan Caballero, fronteira com o Brasil. Por que essa direção? É que do outro lado estavam os ricos ervais sulinos mato-grossenses. De particulares, e a faixa imensa a se perder de vista, arrendada pelo governo de Mato Grosso à Empresa Mate Larangeira, para muitos deles também Empresa Mate Brasileña. Seria a salvação, o ganho seguro, a alimentação garantida.
Poucos conheciam a industrialização da erva. Não havia, porém, outra opção. Somente a erva necessitava de braços. Somente ela possuía diversificação de atividades. Entraram para os ervais. Nada conhecendo dos trabalhos, em sua maioria. Eram despatriados. Uns sem-destino. Nada podiam exigir. O recurso era se ambientar, procurando aprender, sendo dóceis, conformados.
Não aconteceu o que deveria ser o ideal. As erveiras só amedrontaram e, espavoridos, ficaram com o bicharame infernal dos caatins. Não suportaram a bruteza. Foram se arrenegando. Não conseguiram cultivar a docilidade. Botaram falação agressiva. A vivência com cheiro de sacrifício indescritível os martirizava.
Nem trabalharam a contento, nem cruzaram os braços como protesto. Foram, aos poucos, se transformando na figura repulsiva dos aporriaus. O sem-ambiente. De reduzida capacidade de trabalho. Sempre em arrenegação. Inconformado. Maldizente.
O apelido penetrou todas as ranchadas ervateiras: aporriau. Sinônimo de complicado. De zanga permanente. O azedume em pessoa. O eterno irritado, criticador, mordaz que nunca soube lutar pela adaptação. Que seria a sua felicidade. O marco seguro do destino. A sua tranquilidade e dos seus. O seu pão.
A figura do aporriau ficou nos ervais. Ficou como uma espécie de praga. Ele, o aporriau, desesperou a muitos. Injuriou. Provocou bochinchos. Peleou. Surrou. Apanhou. Apanhou de todas as maneiras. Caiu furado de balas do 44 ou da comblein sanguinária, a lei que sempre falou mais alto, no recôndito do mundo selvagem da erva.
O aporriau procurou estrangular uma civilização que nascia. Não foi feliz. Teve contra si o ódio dos penetradores heroicos. Espalhou-se por terras distantes. Não teve sossego. Era um inadaptado. Hoje aqui, amanhã ali. Foi vivendo. Desaparecendo. Morrendo.
Ficou, porém, nos ervais, a sua figura, o seu todo, como uma espécie de praga, que se abateu sobre as ranchadas. A grande e repelente prova dos inadaptados, dos abjurados e dos que não buscam a fixação para início de nova vida. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 132-133).

Entre as inúmeras caravanas de peões que rumaram em direção à fronteira, com o pensamento fixo nos ervais de Amambaí e Iguatemi, vieram, em grande parte, foras-da-lei, fugitivos, assassinos de alta periculosidade, marginais, desertores do exército e desordeiros contumazes.
Esses elementos, maculadores da própria pátria, jamais se ambientavam nos ervais, constituindo-se, sim, em sério problema para

> as autoridades, administradores, capatazes, *mayordomos*, chefes de turmas, comissários, comandantes de embarcações e, principalmente, para a *dirección general* da Empresa Mate.
> Não encontraram os responsáveis outro caminho para coibirem os abusos, as afrontas, as perversidades, os crimes a sangue frio e o desrespeito às mulheres: vieram, então, como recurso extremo, os castigos duríssimos e implacáveis, tais como o *teyu-ruguáy*, o *yvá, el madero,* a *cadena* e outros mais. Não há quem possa desmentir a existência desses tipos de punições nos domínios da Mate, em sua penosa fase inicial.
> O elemento vindo, em sua maioria, trazia no sangue o vírus da truculência, do desacato e da afronta. Assim, velhos e impolutos moradores da vasta região fronteiriça não condenavam o trato porque sabiam que os seus familiares poderiam, no amanhã, ser vítimas desses aventureiros perversos. A vivência pacífica com eles nunca foi possível. Muitos deles foram expulsos dos ervais e o fato moralizador comunicado à autoridade competente. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 20).

Observa-se que o discurso do autor apresenta incoerências. Ao mesmo tempo em que denuncia, nas entrelinhas, a violência exercida pela Empresa, "condena" os que se utilizavam de meios também violentos para se estabelecer nos ervais. Ao afirmar que a população local "aprovava" os castigos empregados pelos patrulheiros àqueles que não obedeciam às leis ali colocadas, desconsidera que tais punições serviam também como um meio de coação contra aqueles que porventura tivessem a intenção de se rebelar contra o regime. Ademais, nota-se que o "não adaptar-se" às normas locais era colocado como uma justificativa para as punições, ou seja, tamanho era o domínio exercido pela Empresa que acatar a ordem estabelecida era condição *sine qua non* para ter sua estadia tolerada.

Sendo assim, embora o memorialista busque abordar sobre a amizade e a solidariedade entre brasileiros e paraguaios, o conjunto de sua obra revela que essa integração era relativa. Aqueles que não se enquadravam no modo de vida estabelecido eram forçados a retornar ao seu país/estado de origem, seja pelas condições precárias de vida que não lhes permitiam permanecer, seja como punição por não obedecerem à ordem local. Nesse contexto, as diferenças eram um obstáculo à integração e a alteridade era constituída de uma forma tensionada.

Há que se considerar que, pelas próprias conjunturas que envolveram esse fluxo migratório, a subjetividade desses agentes era influenciada por essa condição de provisoriedade[66]. Como se expôs anteriormente, os que eram fugitivos e/ou não se

[66] Essa questão se evidenciou no período nacionalista que decorreu da crise econômica mundial de 1929.

adaptavam às normas locais[67] eram mandados de volta ao seu país, ou até mesmo assassinados. Isso demonstra a relatividade desse processo de "acolhimento".

Uma característica singular do processo migratório em estudo e que teve influência direta nas trocas culturais promovidas entre os migrantes paraguaios foi o seu deslocamento para a fronteira entre o Brasil e o seu país – uma fronteira em constituição e uma atividade econômica em que eram maioria. Esse fenômeno pode ser entendido a partir de dois ângulos:

1) Por constituírem um grupo grande de migrantes, pela proximidade com seu país (fronteira) e por ser uma área ainda pouco habitada, havia uma possibilidade maior de manter elementos culturais de seu país de origem;

2) Por ser uma área fronteiriça, apesar de ainda em constituição, como foi discutido anteriormente, as trocas culturais são intensificadas e fazem parte da vivência dos grupos.

Ao analisar as memórias de Serejo, podem-se identificar elementos tanto da primeira hipótese quanto da segunda. Quando o autor evidencia o quanto de sua cultura os imigrantes paraguaios trouxeram para Mato Grosso do Sul[68], elementos que influenciaram inclusive a própria constituição da identidade do Estado, pode-se perceber que foram as condições explicitadas na primeira hipótese que contribuíram para esse processo. Por outro lado, quando o autor fala sobre as relações próprias

[67] "O quarteirão"; "O homem mau de Nioaque"; "Desordeiro"; "Adivinhador"; "El viejito Poincaré"; "O bolicheiro maldito"; "Pio Ramirez"; "O degolado de Jejuymi"; "Um júri nos ervais"; "Satu"; "A garrafa de pinga especial"; "Patrulha volante"; "De tudo um pouco"; "Poner el rastro en el camino"; "Trilho".

[68] Aqui se inclui a própria questão evidenciada por Serejo sobre o "vocabulário da erva-mate". Em relação à influência de diferentes línguas na constituição desse vocabulário, e que evidencia essas trocas culturais, vale trazer o que afirmam Justiniano e Isquerdo (2005, p. 99-100, grifo do autor): "Ao conquistarem o Sul de Mato Grosso do Sul, paraguaios brasileiros e alguns argentinos, trouxeram para a região os seus costumes, os seus hábitos lingüísticos e foram essas normas léxicas, amalgamadas à norma local, que deram origem ao vocabulário da erva-mate. É o encontro de línguas, nessa região de fronteira, onde o português, o guarani e o espanhol se 'fundem' para nomear a planta, os instrumentos, os caminhos e os meios de locomoção, os tipos de erva, a vestimenta e a culinária, as diversões e as crenças, os tipos de bebida, hábitos culturais – pé de erva, caatin, arbolera; garfo, tororembô, tambora; tapê de carreta, picada principal, carreta toldada; erva quê, caa tudyia, erva cancheada; plantilha, ponchilho, manga, cajarê, tortilha, locro; sortija, caa yari, Virgem de Caacupê; tereré, mate, cocido, mate solúvel; roda de tereré. Muitos outros exemplos registrados no VEM ilustram esse amálgama lingüístico no âmbito do léxico, pois 43 % de todo o vocabulário são constituídos de lexias de línguas estrangeiras: 17 % da língua guarani com uma pequena contribuição de outras línguas indígenas (tupi, quíchua, mapuche, kaingang); 12 % da língua espanhola, com alguns americanismos; e boa parcela de híbridas – 14 %; o restante, 57 % são de base portuguesa.". Acrescente-se, a essas considerações, o que afirma Teno (2003, p. 161): "Os grupos de lexias que compõem o campo léxico dos habitantes e o da atividade extrativista deixam transparecer marcas de miscigenação lingüística, tendência essa justificável em função da condição de fronteira da região focalizada. Na extração e comercialização da erva-mate conviviam pessoas oriundas de diferentes etnias, o que se reflete no vocabulário do trabalhador do erval.".

daquela fronteira, a convivência entre paraguaios, brasileiros – e estrangeiros vindos de outros países, como Argentina, Alemanha, Portugal, Espanha etc. – percebe-se que, embora houvesse, ali, uma baixa densidade demográfica, uma área que começava a ser demarcada, explorada e, povoada[69], havia, sim, um contato intenso entre os indivíduos dos diferentes países.

> [...] a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso que faz dela um lugar singular: À primeira vista é o lugar de encontro dos que, por diferentes razões, são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados do outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. (MARTINS, 1997, p. 150).

Em síntese, percebe-se nos migrantes paraguaios o quanto de sua cultura foi modificado pelas circunstâncias próprias de seu processo migratório, mas também se notam quantos elementos trouxeram de seu país e empregaram no seu dia-a-dia, modificando também a cultura local.

2.1.3 Condições de vida e de trabalho

Este tópico é organizado em dois subtópicos. No subtópico "Práticas culturais e educativas na fronteira", discute-se como se desenvolvia a educação nos ervais fronteiriços – uma educação por meio e para o trabalho e nas trocas culturais entre os grupos que ali conviviam. Por se configurar numa zona de contato entre dois países, havendo, também, a presença de migrantes vindos de outros estados e nações, a fronteira caracterizava-se por acentuados intercâmbios culturais que se manifestavam nos costumes, nas crenças e, inclusive, na língua, algo que se revela na própria obra de Serejo (2008), caracterizada pela utilização de um vocabulário variado, com expressões em espanhol e guarani.

No subtópico "Dificuldades enfrentadas no dia-a-dia dos ervais fronteiriços", são apresentadas as situações com as quais os grupos se deparavam no ambiente até

[69] "[...] toda imigração de trabalho contém em germe a imigração de povoamento que a prolongará; inversamente, pode-se dizer que não há imigração reconhecida como de povoamento (com exceção talvez dos deslocamentos de populações que a colonização requer ou ainda dos movimentos de populações consecutivos ao estado de guerra ou aos remanejamentos de fronteiras) que não tenha começado com uma imigração de trabalho." (SAYAD, 1998, p. 67).

então pouco conhecido, no qual doenças e acidentes eram frequentes, além da violência que se manifestava de forma corriqueira, e que acabou por também influenciar na constituição do *habitus* dos grupos. Esses são os aspectos que as memórias de Serejo (2008) permitem analisar.

2.1.3.1 Práticas culturais e educativas na fronteira

> Disseram já, e é verdade, que o tereré, refrescante, é o abraço de quatro nações amigas: Paraguai, o grande líder no uso, Uruguai, Argentina e Brasil. Afirmativa sem *contestación.* Esta bebida *crioja*, em qualquer um desses pagos, significa emotivamente: descanso, hora de meditação, amizade, troça, parceria para trabalho, alegria e, algumas vezes... troca de ideia para a fuga temerária. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 197).

As práticas culturais na fronteira no período aqui retratado provinham predominantemente da tradição guarani, porém com elementos da religião católica. Na diversidade que ali se instalara, costumes e crenças dos diferentes povos se entrecruzavam. As lendas que emergiam do profundo contato com a natureza, as crenças e superstições, as comidas[70], o hábito de tomar tereré[71], as festas e feriados religiosos ou não[72], são todos elementos que se "misturavam" no cotidiano dos homens e mulheres fronteiriços.

---

[70] "Locro, comida de paraguaio e de porco, meus arrogantes senhores das grandes rodas, é prato finíssimo, quando bem preparado. É prato que não tem rival, porque somente ele possui o aroma do tempero crioulo e a força da raça guarani, livre e heroica.
Enquanto houver brasita nos fogões dos ervais e das fronteiras, o locro sumarento estará presente.
Nele, no seu sabor e na sua força, veremos sempre um povo bravio e indômito marchando estoicamente para a grande e rude batalha do desbravamento e domínio de todos os ermos." (SEREJO, [1949] 2008, v. 2, p. 35).
"No reviro, como também no locro, encontramos sempre a rude alma nativa e o perfil gauchesco dos bravos peões de todas as ranchadas ervateiras e das estâncias crioulas, que enfeitam o gigantesco palco da natureza sábia e caprichosa." (SEREJO, [1974] 2008, v. 3, p. 298).

[71] "O tereré e o fumo, numa ranchada ervateira, são elementos tão indispensáveis quanto a carne e a graxa. E é preciso notar com que satisfação o arrieiro paraguaio ingere essa esquisita bebida. Senta-se, alça ao cós o piyá, ou desvencilha-se momentaneamente do incômodo e deselegante aparato, e vai sorvendo-a em largos goles. Analisando-o bem, é nessa ocasião um ser quase inútil. Enquanto está formada a roda, jamais se ergue, nem mesmo por instinto próprio de defesa." (SEREJO, [1946] 2008, v. 1, p. 244).
"Tereré é conversação encaminhada, livre, espontânea, à sombra de uma erveira, sob a árvore copuda, ou na galhada que caiu com a tormenta da noite. Tereré são causos, gozação, mentiras, planos e deboche para alegrar a roda e matar a sede cruel, de enrijar os beiços e engorgolar as tripas do intestino." (SEREJO, 2008, v. 6, p. 197).

[72] "É o paraguaio dos ervais, já identificado com as coisas nossas, quem convida. Está de folga e, recostado sobre o balcão do bolicho, se expande e se diverte. Sua alegria consiste nisso: convidar, beber, pagar e se emborrachar." (SEREJO, [1950] 2008, v. 2, p. 80).

O processo de elaboração da erva-mate também trazia elementos da cultura guarani, porém reelaborados pela forma como a empresa explorava os ervais, em busca de maximizar a produção, utilizando-se, para isso, de um regime de trabalho extremamente penoso e insalubre para seus empregados.

Serejo (2008) não poupa detalhes ao relatar os eventos ali ocorridos, sejam aqueles que revelavam a relação de amizade entre os conviventes da fronteira, sejam os acontecimentos que envolviam doenças e violência. Por vezes, um mesmo personagem retratado por ele revela facetas opostas, como o caso do ex-guerrilheiro[73] paraguaio que fugira para os ervais e, na lida diária, ocultava seu passado por um comportamento submisso e pacífico.

Sobre as práticas culturais na fronteira, pode-se afirmar que havia um profundo entrecruzamento dessas culturas, porém na medida em que as condições de vida permitiam. Enquanto era conveniente ser "igual", essa convivência era possível, porém, aos primeiros sinais de contrariedade às normas ali instaladas, as diferenças emergiam como algo intransponível, de tal modo que ao outro restava ou a morte, ou a volta ao outro lado da fronteira.

Em relação às práticas educativas, estão intrinsecamente vinculadas a esse processo, pois a educação consiste na apropriação da cultura. Havia, ali, um aprendizado do ofício ervateiro – educação não formal -, porém também havia a incorporação de saberes populares provenientes de ambos os povos – educação informal[74].

Serejo (2008) retrata o peão paraguaio como predominantemente esforçado e solícito no seu ofício. Foi essa característica que tornou possível, por um tempo considerável, a exploração dos ervais, pois, caso contrário, diante dos inúmeros percalços e dificuldades que assolavam o ambiente, tal atividade não seria viável.

As condições socioeconômicas também foram determinantes para que o trabalhador paraguaio se submetesse à vida nos ervais. Não fosse a necessidade de

[73] "*El viejito Poincaré",* da obra "Pelas orilhas da fronteira" (SEREJO, 2008, v. 5, p. 103-114).

[74] "A educação transmitida pelos pais na família, no convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas, etc. são considerados temas da educação informal. O que diferencia a educação não-formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar. Conforme Afonso (1992), a educação informal ocorre nos espaços de possibilidades educativas no decurso da vida dos indivíduos, como a família, tendo, portanto, caráter permanente." (GOHN, 1999, p. 99-100).

sobrevivência, dificilmente aquele "exército" de homens e mulheres deixaria sua terra natal para se embrenhar pela mata nativa e hostil da fronteira sul-mato-grossense.

Foi, portanto, um conjunto de fatores que contribuiu para que os povos vizinhos se encontrassem e convivessem na fronteira de Hélio Serejo. São elementos objetivos (a guerra, a crise, as necessidades de sobrevivência, a exploração econômica dos ervais) e subjetivos (o saber-fazer da cultura guarani pelo peão paraguaio, o seu temperamento perante o ofício, o medo instalado pela violência constante) que, inter-relacionados, levaram os povos da fronteira a compartilhar seu dia-a-dia e suas culturas, configurando um processo educativo caracterizado por esses saberes populares e voltados para o trabalho.

A obra de Serejo não aborda especificamente sobre a educação, porém ao revelar as práticas dos grupos esse processo acaba emergindo. Serejo ([1946] 2008) cita, entre os empreendimentos da Mate Larangeira, a construção de escolas:

> Ela, num audacioso empreendimento, ligou Mato Grosso com várias nações vizinhas, desbravou e povoou o sul, e fez a terra de Pascoal Moreira Cabral conhecida e admirada em outros continentes. Mas não parou aí. **Abriu escolas**, fundou núcleos de população, deu assistência médica gratuita aos seus empregados, aumentou a minguada renda estadual e levou a civilização para o sertão. (SEREJO, [1946] 2008, p. 277, grifo nosso).

No pequeno texto "Mestre", da obra "Pelas orilhas da fronteira", Serejo conta sobre um professor chamado Jobim, que viera do Rio Grande do Sul. Patriota, agradava seus alunos pelos ensinamentos sobre o Brasil. No entanto, quando deu uma aula sobre a Guerra do Paraguai, teria criticado Solano Lopes. Tal atitude fora reprovada pelos estudantes de maioria paraguaia e a escola deixou de ser frequentada (SEREJO, [1981] 2008, v. 5, p. 149).

Trevizan (2011) menciona a existência de iniciativas isoladas da Mate na construção de escolas de primeiras letras para os filhos de seus funcionários[75]. O autor

[75] Ao se lerem os relatos dos trabalhadores entrevistados pelo APE, no livro "A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais", fica evidente que quem vivia em Campanário tinha muitos privilégios em relação àqueles que viviam nas ranchadas. Campanário contava com uma estrutura completa, em relação a comércio e serviços, como hospital e escola. Havia, inclusive, lazer e esporte para os que ali viviam, numa vida luxuosa que contrastava – e muito – com a vida de privações e necessidades pelas quais passavam os trabalhadores. Em relação à escola, cabe destacar um dos relatos presentes no livro: "[...] eu sou analfabeto. Eu tinha que ajudá mio pai cortá foia, ele tinha que levar bastante foia pra pesar, mio pai não deixava estuda, o colégio era pra fio de gente rica, de brasileiro e nóis era paraguaio, tinha que trabaiá muito, eu aprendi com ele a ser mineiro." ([LOPES] ARQUIVO..., 2000, p. 79).

cita, ainda, três grupos escolares: um localizado na fazenda Campanário[76], em Ponta Porã, criado no ano de 1918, e outro na cidade de Guaíra, no Paraná, no ano de 1913, além daquele que é objeto de sua pesquisa, localizado em Ponta Porã.

Nenhuma dessas instituições, no entanto, é mencionada na obra de Serejo.

> Possivelmente, Serejo não trata dessa escola pelo fato de a mesma ser freqüentada pelos filhos dos funcionários de Campanário, pois os trabalhadores que trabalhavam no campo, na elaboração da erva-mate, ficavam bastante afastados dela e não tinham tempo livre para a escola. Na mencionada entrevista, interrogado sobre a existência de escolas nos ranchos, afirma o autor: "não havia [escola], mas em todas as ranchadas sempre surgia um cristão para ensinar as primeiras letras" (SEREJO, 1999). (CENTENO, 2007, p. 74).

Em entrevista a Centeno (2007), o memorialista afirmou que fazendeiros e comerciantes da região chegavam a reivindicar escolas, porém estas não se sustentavam devido à falta de professores, problemas na comunicação, falta de recursos pedagógicos e meios de transporte para as crianças etc. Como estratégia para ter acesso ao ensino formal, muitas crianças se deslocavam para o lado paraguaio e estudavam em escolas daquele país.

> [...] grande parte da população não tinha acesso à escola, já que dissolvida num imenso espaço rural e concentrada na produção da erva-mate e na criação de gado. Na fronteira, a composição social envolvia fazendeiros, pequenos proprietários de terras e trabalhadores rurais. Para estes últimos, nem se colocava a necessidade de escolarização, uma vez que a educação se dava no próprio trabalho. As poucas iniciativas de implantação de escolas partiam de fazendeiros e pequenos proprietários, que se uniam para atender às famílias próximas. A ajuda estatal vinha, sobretudo, dos governos municipais e, em escala quase desprezível, do governo estadual.
> Houve épocas, durante as décadas de 1910 até 1940, que a ínfima população escolarizada constituída por crianças brasileiras da fronteira, em boa parte era atendida pelas escolas dos municípios paraguaios da divisa. Para tanto, bastava à população atravessar a fronteira seca. (CENTENO, 2007, p. 15-16).

Uma das hipóteses da ausência de escolas para os trabalhadores das ranchadas é de que, devido à mobilidade destas, a construção daquelas era inviável, além da distância e da dificuldade de acesso. Outro fator é que não havia interesse em ensinar as letras aos filhos dos trabalhadores, pois o que interessava naquele momento histórico era a aprendizagem do ofício. Quando esses meninos tinham acesso a algum tipo de

[76] Com a criação, no ano de 1992, do município de Laguna Carapã – o qual pertencia antes ao território de Ponta Porã -, a referida fazenda encontra-se, hoje, em Laguna Carapã.

estudo era a partir de iniciativas isoladas e voluntárias, como se revela nesse trecho do texto intitulado “Janjão”, da obra “Contos crioulos”:

> João Sorongo, o humilde Janjão, nunca frequentou uma escola. Aprendeu a ler e escrever com vizinhos e um pouquinho com os pais de criação. Dotado de força de vontade incomum, não demorou muito e já lia e escrevia desembaraçadamente. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 45).

Serejo ([1990] 2008, v. 8, p. 16) descreve aqueles que detinham algum tipo de conhecimento escolar como detentores de certo “*status*”.

> Na época, de tanta ignorância escolar, aquele que comprovasse saber *hacer escrituración en la cadernieta de la peonada,* era considerado *persona aprovachavel*, mesmo com as compreensíveis falhas de iniciação.
> Por esse motivo, Zeferino Alves, aos poucos, foi subindo, melhorando de posição, até que chegou ao posto de administrador do armazém de Guaíra [...].

O trecho acima revela quão raro era, entre os trabalhadores, aquele que detinha os saberes mais elementares da escrita, de tal modo que os que possuíam tal condição assumiam posições de destaque. Nos ervais, portanto, prevaleciam processos não formais e informais de educação. Pelos processos não formais, os trabalhadores aprendiam sobre seu ofício. E isso se dava desde cedo. Desde a adolescência os chamados “*guainos*”[77] iniciavam no trabalho nos ervais. Além disso, pela trajetória do próprio Serejo, conforme demonstrado no capítulo 1, observa-se que era costume que, desde cedo, os adolescentes iniciassem uma rotina de trabalho junto aos mais velhos. Aprendiam no dia-a-dia e pela prática.

Sobre os processos informais de educação, estes ocorriam por meio das intensas trocas culturais entre os povos que coabitavam a fronteira. Transmitiam-se saberes populares que se vinculavam diretamente às necessidades do dia-a-dia, como os conhecimentos dos tipos de tratamento para as diversas enfermidades que acometiam os que ali viviam.

Além desse saber popular que supria, ainda que de forma precária, a ausência de assistência médica e de outros tipos de atendimento, também a convivência intensa com a natureza favorecia a constituição de uma cultura repleta de lendas[78] e superstições[79].

[77] “Dois hércules” (texto presente na obra “Homens de Aço”); “Guaino” (texto presente na obra “Vida de erval”).
[78] Principais obras que abordam sobre as lendas da região: “Lendas do estado de Mato Grosso do Sul”; “Lendas da erva-mate”. Há, porém, inúmeros outros textos ou passagens com essa temática.

Não são raros os relatos de Serejo (2008) acerca desse folclore. A religiosidade[80] também era traço marcante do cotidiano dos trabalhadores, que buscavam em suas crenças um refúgio à dura vida que levavam.

> **Crença** – Coisa bonita de se ver os ervais (sic) é a crença infinitamente grande em Deus, desses homens rudes. Num terço ou em um rezario (sic), reza de maior duração, o peão ervateiro, às vezes borracho, mantém-se genuflexo, olhos parados, em atitude verdadeiramente comovedora. Embora estouvado e grosseirão ante a própria vivência, faz questão de respeitar o Senhor, até a morte. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 117, grifo do autor).
>
> Outra festa que o empolga é o 8 de dezembro. Dia de Nossa Senhora, *La Virgen de Los Milagros*. Nesse dia a *fiesta* pode ser na própria ranchada, porque será uma festa de rezario, *de respeto cristiano, obediencia, pensamiento e bienquerer a la madre milagrosa de todos los que luchan com dignidad en la tierra*. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 25).

Havia, portanto, na fronteira retratada por Serejo, uma diversidade de costumes e crenças que emergiam do trabalho nos ervais e das relações entre os grupos que ali conviviam. Festas que serviam como uma "fuga" da realidade dura nos ervais, feriados religiosos que eram uma pausa nesse cotidiano, momentos de folga para bebericar o tereré[81] (ou o chimarrão[82]) e confraternizar com os amigos, comidas típicas[83] preparadas com o que era possível e ingeridas muitas vezes apressadamente e somente para manter o peão de pé para dar prosseguimento ao seu trabalho pesado[84].

Não havia acesso à educação formal da escola. Poucos aprendiam a ler e escrever e, quando isso ocorria, era por meio de iniciativas isoladas dos próprios peões. Não havia interesse político no investimento em escolas para os filhos dos trabalhadores das ranchadas. Bastava, apenas, que eles aprendessem o ofício de seus pais. Porém, não são raros os textos em que Serejo (2008) descreve personagens que, embora não

---

[79] "Tereré"; "As superstições do bruxo" (texto presente no livro "Sismório, o gringo bochincheiro e bandido").
[80] "Bendición"; "Ato de creencia"; "Satisfación".
[81] "Tereré".
[82] "Chimarrão".
[83] "Locro"; "Em busca de costo"; "Reviro".
[84] "Deglutina tudo, avidamente, sorve longos goles de água, apanha o machete filoso, e pegando o pique estreito da mata, marcha para as erveiras, em busca do tini.
O reviro, comida dormida ou não, é o verdadeiro alimento da raça primitiva. A combinação de vários elementos torna-o forte e substancial. Se se lhe agrega um poquito de palmito, então a coisa fica macanuda de verdade, e o homem, assim alimentado, resiste à brabeza da luta, até as horas do anoitecer." (SEREJO, [1939] 2008, v. 3, p. 297-298).

tivessem acesso aos livros, possuíam uma significativa bagagem cultural e até mesmo erudição no falar[85].

> Foi nessa vilota, perdida num claro da flora frondejante, que conheci, um dia, o velho Cariaga.
> Das muitas pessoas com as quais convivi, em minha meninice, dessa sempre me recordo com saudade. Em verdade, esse homem, de gestos rudes, era uma criatura intrinsecamente original. Pouco escrevia e, quando tal acontecia, ia lançando, no papel, dezenas de frases desalinhadas, num grotesco garatujar de traços disformes. Espanhol de nascença, nem a sua própria língua sabia manejar na palavra escrita.
> Mas... esse homem, de gestos rudes, sabia, como ninguém, enredar uma história na qual punha a leveza das coisas santificadas, ou o horror, o tragicismo dos dramas de pungente realidade. Enfeitava tudo e romanceava o fato dando-lhe multifárias pinceladas, auxiliado por sua exuberante capacidade de paisagista. Homem viajado, conhecia os mais diversos costumes sul-americanos. [...].
> Palrador loquaz, as imagens lhe surgiam na boca, num ritmo sempre crescente. Ao descrever uma simples corredeira de um rio, prendia a atenção dos ouvintes, porque o fraseado e a conjugação ideais, espontantes, formavam uma espécie de poema bravio de um colorido extravagante. (SEREJO, [1939] 2008, v. 1, p. 110-111).

Eram, portanto, detentores de conhecimentos que lhes conferiam admiração e respeitabilidade por parte dos peões. Além desses personagens, havia os que detinham saberes que eram mobilizados para as necessidades do dia-a-dia, como é o caso das *nhás*. Estas, também, eram reconhecidas pela sua importância devido à função que ali desempenhavam, essencial para a sobrevivência nos ervais. Nota-se que, embora não houvesse o acesso à escolarização, esses personagens eram valorizados e possuíam certo *"status"* perante os demais trabalhadores. Nas palavras de Serejo ([1986] 2008, v. 6, p. 56): "As nhás eram orgulhosas de sua medicina.".

Esse "status", no contexto aqui retratado, pode-se considerar como um capital cultural, tendo em vista que, mobilizando-o, aquele que o detinha gozava de certo prestígio perante os demais agentes, convertendo esse capital cultural em uma espécie de capital simbólico, dentro do subcampo que configurava a vida nos ervais.

Apesar de não haver o acesso à educação formal, ainda assim os grupos empregavam estratégias em suas práticas no dia-a-dia. Estratégias essas que, embora não visassem uma ascensão social, eram mais relacionadas à "lógica da necessidade" que se colocava no campo.

---

[85] "Jasy Taperê".

2.1.3.2 Dificuldades enfrentadas no dia-a-dia dos ervais fronteiriços

Ao se deslocarem para a fronteira inexplorada, os migrantes encontraram os ervais nativos[86]. Enquanto a empresa via naquele ambiente um grande potencial lucrativo, e foi progressivamente ampliando seus domínios, os trabalhadores se depararam com inúmeras dificuldades que ameaçavam sua vida.

Doenças, como a malária[87], eram comuns. São inúmeros os textos[88] de Serejo que as descrevem. São, também, vários os textos que relatam sobre as mortes causadas por essas doenças, seja pela gravidade destas, seja pelas condições precárias que debilitavam o organismo dos que ali viviam, ou mesmo pela ausência de assistência médica.

Diante dessa situação, era comum nos ervais a figura das *nhás* e outros curandeiros que se utilizavam de saberes populares – herdados sobretudo da tradição guarani – para curar os males que ameaçavam a saúde da população. O próprio pai de Hélio, Francisco Serejo, era conhecedor dessas técnicas, como relata o memorialista em alguns de seus textos[89], tendo ajudado a curar as enfermidades de muitos peões.

Outra dificuldade na fronteira aqui estudada era o próprio ambiente. Havia animais selvagens que, por terem seu habitat invadido, atacavam os que ali se aventuravam. Ataques de feras[90], picadas de cobras[91] e outros animais peçonhentos eram acontecimentos comuns.

O próprio trabalho era insalubre. Os mineiros chegavam a carregar raídos[92] de até 250 quilos. Os barbaquazeiros enfrentavam o calor intenso do forno usado para secar a erva (barbaquá). E iniciavam cedo nesse ofício: os *guainos*, aprendizes do trabalho

---

[86] "Paisagem de erval" (textos de mesmo título presentes nos livros "Homens de Aço", "Vida de erval" e "Caraí").
[87] "O flagelo dos ervais".
[88] Vide quadro 5, no ap.
[89] "El viejito Poincaré"; "O guavira".
[90] No texto "Caipó", Serejo conta do ataque de uma queixada a uma criança indígena.
[91] "A urutu"; "Villaflor, o paraguaio alegre e divertido".
[92] "Raído – carga de folhas que o mineiro traz às costas. O fardo é seguro por correias. Um guaino de treze anos ou catorze anos, muito comum nos ervais, pode conduzir na cabeça um raído com mais de cem quilos. A carga do mineiro adulto, aquele que sabe pisar o chão com técnica e mestria, pode ultrapassar trezentos quilos. São muito frequentes esses fatos nos ervais de Mato Grosso." (SEREJO, 2008, v. 9, p. 278).

nos ervais, começavam desde os seus 12 anos a enfrentar os mesmos desafios dos adultos[93].

Figura 17 - Trabalhadores carregando os raídos de erva-mate

Fonte: Amambai Notícias

Figura 18 - Barbaquazeiros

Fonte: Amambai Notícias

Além desses fatores, havia a violência que era comum na região. Os que não se enquadravam nas normas ali estabelecidas eram perseguidos e, ou eram mandados de volta para seu país, ou eram assassinados. As rivalidades políticas ou decorrentes da luta pela posse da terra também influenciavam para o clima de violência. A ausência do Estado deixava tais crimes no esquecimento e sem punição, o que agravava a situação.

> Os migrantes gaúchos travaram uma incessante luta para ocupar as terras cedidas por arrendamento, à Companhia Mate Larangeira. Coronéis contrários ao domínio dessa empresa se aliaram aos posseiros e a região transformou-se num barril de pólvora. Como

[93] "Vinte minutos depois voltava, com um novo raído, e o corpo já sem vida, de Carapeí, o seu minúsculo guaino de treze anos de idade. Uma cascavel, que se aninhara entre as folhas do raído, picara-o mortalmente no pulso.
Dom Nazário pesou, pesou mesmo assim, o produto do seu último corte, e a romana acusou 118 quilos. Sim, 118 quilos, conduzidos na cabeça, por um menino de apenas treze anos. Era, entretanto, a carga comum desse pequenino hércules." (SEREJO, [1946] 2008, v. 1, p. 277).

> afirmaram muitos viajantes e memorialistas, em Mato Grosso imperava a Lei do 44. Além disso, fatores como o afastamento dos grandes centros econômicos, problemas de comunicação, grande extensão da fronteira seca, que permitia plena mobilidade de pessoas, bem como a dificuldade de controlar o contrabando, proporcionaram períodos bastante conturbados na vida dos habitantes fronteiriços. A violência tornou-se corriqueira e envolveu toda a população, que passou a conviver também com o banditismo. (CENTENO, 2007, p. 14).

O coronelismo que se instalava na fronteira aumentava as rivalidades e também ocasionava inúmeros assassinatos. Andar armado era corriqueiro. Sobre a fragilidade das relações na fronteira, naquele período, é interessante resgatar um trecho já citado no capítulo anterior, em que Serejo ([1981] 2008, v. 5, p. 119) relata sobre o que seu pai alertara a um padre que se instalara na região e já começava a criar inimizades por fazer comentários a respeito dos moradores:

> Padre, aqui o povo é diferente, não está habituado a certas franquezas, que costuma receber como desconsideração aos da casa, como ofensa. Para se lidar com gente da fronteira e moradores do sertão, há necessidade de uma certa habilidade, doçura na voz, paciência... sobretudo paciência. Fora desse tratamento tudo se torna difícil e perigoso.

Se Hélio Serejo busca retratar uma fronteira em que havia amizades, solidariedade entre os que ali conviviam, também não se omite em relatar o quanto essa convivência era permeada por tensões devido ao modo como se configurava a vida nos ervais, como a forma de exploração do trabalho, a pobreza extrema, a omissão das autoridades oficiais, ao clima de conflito instalado após a Guerra, às disputas que envolveram a ocupação das terras etc.

O regime de contratação dos trabalhadores tornava-os cativos. Estes contraíam dívidas crescentes para suprir suas necessidades e nas festas que ocorriam com frequência e, por mais que trabalhassem, não conseguiam saldar suas dívidas[94].

> Os mineiros que se alistavam nos ervais arrendados pela Companhia não conseguiam jamais escapar do jugo da empresa. A comissaria (armazém), de propriedade da própria Companhia, fornecia alimentos, roupas e outras mercadorias a serem descontadas nos salários e por mais que trabalhasse o mineiro não conseguia pagar a sua dívida. [...]

[94] "Caso raro, raríssimo mesmo, nos ervais, um peão com haber, na caderneta. Mas... o impossível também acontece." (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 122).

> Como o ganho era contado pelo volume de arrobas transportadas, o ervateiro acabava trabalhando até o limite de suas forças, engrossando o pescoço e enriquecendo a Companhia. Por isso, uma prática nos ervais, que muitas vezes se transformou num bom negócio, consistiu em entregar a própria mulher (esposa ou companheira) como pagamento de dívidas. (CORRÊA, 1999, p. 64-65).

Nesse cenário de pobreza e exploração extrema do trabalho, num ambiente de natureza hostil repleto de animais perigosos e doenças, num momento histórico em que as rivalidades políticas eram latentes e diante da omissão das autoridades perante os crimes ocorridos na região, o clima de violência se instalara e as mortes eram comuns, faziam parte do dia-a-dia.

Até mesmo os momentos de confraternização, como as festas, eram muitas vezes interrompidos por brigas[95]. Se havia amizades e solidariedade entre os peões, por partilharem das mesmas dificuldades, havia, também, hostilidades e rivalidades, no posicionamento político, nos relacionamentos pessoais e, principalmente, decorrentes da situação de miséria em que viviam, que os levava ao limite.

Tais conjunturas também influenciaram na configuração do *habitus* do homem e da mulher fronteiriços. Estes precisavam buscar cotidianamente formas de sobreviver, já que não havia muitas opções àquele modo de vida e muitos deles eram cativos devido às dívidas contraídas.

A tensão constante criava animosidades. Conflitos banais acabavam culminando em mortes. Também havia os casos de assassinatos de trabalhadores que não se enquadravam nas regras dos ervais. A ocorrência constante desses eventos violentos era incorporada ao *habitus* desse grupo, como algo corriqueiro e banal. A própria vida era banalizada.

Diante das poucas perspectivas de melhorar suas condições de vida e da constante ameaça à qual estavam submetidos, encurtavam-se os horizontes desses agentes e suas práticas se restringiam ao imediato. Tal característica de seu *habitus* pode ser observada quando, sem avaliar as consequências[96], os peões frequentavam festas e gastavam o que tinham e o que não tinham, consumiam bebidas alcoólicas de forma excessiva, envolviam-se em provocações e brigas. As mulheres, muitas vezes

[95] "Bochincho"; "Chimarrão"; "A garrafa de pinga especial"; "Vida de erval"; "Desordeiro"; "El gritón".
[96] "O arrieiro"; "Ressaca"; "Trago colhudo"; "O cuestero filósofo".

objetificadas[97], eram entregues como forma de pagamento de dívidas de seus companheiros ou forçadas a casar em troca de pagamento aos seus familiares, ou acabavam se prostituindo[98].

Nesse cenário, pode-se considerar que a integração entre os grupos fronteiriços era algo relativizado. Ao mesmo tempo em que as atividades ali desenvolvidas dependiam das trocas culturais, do compartilhamento de saberes originários, especialmente, da cultura guarani - na elaboração do produto, nos conhecimentos sobre plantas e tratamentos e nos hábitos do dia-a-dia, como as festas, alimentação e pausas para o tereré -, aqueles que ofereciam resistência ao regime estabelecido ou se deparavam com dificuldades de se adaptar à vida nos ervais eram expulsos ou fugiam para seus locais de origem. Essa era uma característica desse *habitus fronteiriço*, que será abordada no tópico 2.3.

2.2 CARACTERÍSTICAS DOS GRUPOS FRONTEIRIÇOS A PARTIR DE SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS

Conforme discutido no capítulo introdutório deste trabalho, os conceitos de cultura e educação são centrais na pesquisa e são entendidos na sua relação com os conceitos de campo, capitais e *habitus*. A singularidade dos grupos retratados por Serejo (2008) emerge do fato de que a educação que se desenvolvia nos ervais era sobretudo voltada para o trabalho, uma vez que não havia acesso à escola. Os costumes e as crenças que se manifestavam giravam em torno da atividade ervateira, sendo esta compreendida, nesta pesquisa, como um subcampo, com suas lutas, hierarquias e capitais.

Neste tópico, discute-se sobre essa educação e essa cultura dos ervais e como estas influenciaram e foram influenciadas pelo *habitus fronteiriço*. Parte-se do entendimento de que o fato de ser um ambiente fronteiriço conferiu características singulares às práticas dos grupos, assim como a exploração dos ervais acabou por

[97] "Um júri nos ervais"; "O aluguel de Nhá Chamé"; "O catre ancho e a rede"; "Arrabal de mujer"; "Nena Patacón"; "De tudo um pouco"; "O carpinteiro".

[98] "Lá em Pedro Juan tinha casa de mulher da vida e o sonho dela era casar e ter família e os peão ia pra lá pra se divertir e acabava enrabichado com uma e levava para morar com ele. Só que a vida era dura e ela não acostuma e acaba fugindo de vorta para casa de mulher da vida, o cabaré, como era chamado. Lá em Pedro Juan tinha muito porque dizia que corria muito dinheiro e lá era a única cidade mais próxima. – Entrevistadora: Quem eram essas mulheres? – Nicanor: Quase sempre paraguaias. Ela vinha de toda parte do Paraguai atraída pelo dinheiro que corria na região ervateira." ([LOPES] ARQUIVO..., 2000, p. 82).

configurar, também, essa fronteira, conforme exposto nos tópicos anteriores, acerca dos processos migratórios e do povoamento da região.

Busca-se, nas memórias de Hélio Serejo, compreender quem eram os agentes ali retratados, quais eram os grupos que se instalaram na fronteira em constituição. Conhecer as práticas desses grupos contribui para se conhecerem os hábitos, de modo a caracterizar como se constituiu um *habitus fronteiriço*.

Para nortear a análise, foram organizados mapas conceituais, a partir da segunda questão levantada na problematização: como se caracterizam os grupos retratados por Serejo a partir da sua educação e trocas culturais?

Predominantemente, Serejo (2008) descreve as vivências do trabalhador dos ervais (nas suas diferentes funções, direta ou indiretamente ligadas à produção da erva-mate), uma vez que sua obra tem como intuito dar visibilidade a esses personagens da história de Mato Grosso do Sul, chamados por ele de "heróis anônimos". Sendo assim, a análise do *habitus* desse homem fronteiriço centra-se no que Serejo (2008) prioriza em sua narrativa: a vida do trabalhador dos ervais, na fronteira, naquele momento histórico. Os demais grupos aparecem na sua relação com esse que tem maior destaque na obra do memorialista.

Figura 19 - O homem fronteiriço

Organização: SILVA, 2017.

> Heróicos e audazes, sem egoísmo e sem ambição, eles são bem o protótipo do homem nascido para as duras refregas contra a *jungle* bravia. Seu pulso de aço empunhando o facão é uma máquina, em destruição ciclônica; são leões nas contendas dos bolichos das estradas; e crianças sem vontade, quando no lar, reunidos à mulher e

> aos filhos. O drama do erval alucina-os e absorve-os; é a epopeia gigantesca do seringueiro da Amazônia, com a única diferença de que este vive livre, feliz e contente no seio de uma floresta dadivosa, e aquele, cativo e sem esperança, no mais recôndito de uma floresta bruta e ingrata.
> Ele, o ervateiro, herói anônimo, mineiro ou barbaquazeiro, é bem a efígie do super-homem. Vive sempre chasqueando, mesmo que a sorte lhe seja má, porque sabe mais do que ninguém que para *llorar hay tiempo...*
> A vós, homens de aço dos ervais de minha terra; a vós, que tendes a missão sublime de transformar folhas em ouro, numa luta cheia de surpresas e perigos; a vós, heróis anônimos, que ao dealbar de cada dia, pelo pique orvalhado e estreito, avançais resolutos contra o caati, em busca da miraculosa *Ilex*, eu dedico estas modestas páginas. ([1946] 2008, v. 1, p. 231).

No excerto acima, o autor exalta a figura dos trabalhadores dos ervais, ao mesmo tempo em que os designa, conforme afirmado anteriormente, como "heróis anônimos", ou seja, homens que enfrentaram os desafios do trabalho ervateiro, porém que não tiveram o seu reconhecimento pelas páginas da historiografia. Essa é uma característica marcante da obra de Serejo (2008). Embora haja textos em que descreva a trajetória dos proprietários da empresa ervateira, os trabalhadores dos ervais predominam em seus escritos. Também aparece no trecho citado certa resignação, por parte desses homens, em relação à sua condição de vida. E nesse aspecto a religiosidade é um traço forte em seu *habitus:*

> O peão paraguaio é um ser humano, seja qual for a sua condição de vida, temente a Deus. Reza todas as noites, em comovente posição, balbuciando demoradamente as palavras, olhos fixos no teto do rancho, para pedir a *Diós omnipotente* proteção para a ranchada, afastando os males e pondo esperança em cada coração. Mesmo em sendo um bruto, um analfabeto, um caú, sabe ter fé, porque *hombre que no tiene fé és hijo de brujo.* (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 21).

Chamam a atenção, na caracterização apresentada pelo autor, essas facetas aparentemente opostas na personalidade desse trabalhador. O memorialista destaca, em muitos de seus textos, a dedicação destes ao trabalho, porém também os momentos de folga e festas que eram frequentes nesse meio.

> Se, com justiça, quisermos analisar a personalidade do trabalhador do erval, veremos que a inércia, ou tudo aquilo que dependa da retenção de movimentos, não lhe agrada. Descendente de uma raça guerreira, afeito às lutas revolucionárias, prefere as contendas sangrentas dos jeroquis ao comodismo enervante. (SEREJO, [1946] 2008, v. 1, p. 244).

> O tereré e o fumo, numa ranchada ervateira, são elementos tão indispensáveis quanto a carne e a graxa. E é preciso notar com que

> satisfação o arrieiro paraguaio ingere essa bebida. Senta-se, alça ao cós o *piyá*, ou desvencilha-se momentaneamente do incômodo e deselegante aparato, e vai sorvendo-a em largos goles. Analisando-o bem, é nessa ocasião um ser quase inútil. Enquanto está formada a roda, jamais se ergue, nem mesmo por instinto próprio de defesa. (SEREJO, [1946] 2008, v. 1, p. 244).

> Há uma época no ano em que o peão do erval tudo esquece. É quando se aproxima a semana santa. Aí ele, abandonando o caati, a pé ou a cavalo, alegre e satisfeito, procura o primeiro bolicho da estrada e vai gastar, em sete dias, todo o pecúlio que conseguira fazer em onze meses de trabalho árduo e penoso. Sim, com sete dias, pois, não raro, muito antes de expirar o prazo, já torrou as economias e contraiu dívida para muito tempo. (SEREJO, [1946] 2008, v. 1, p. 253).

Esse traço do trabalhador retratado por Serejo (2008) é o que confere uma singularidade ao seu *habitus.* Ao mesmo tempo em esse agente se vê submetido a um regime de trabalho penoso, extenuante, insalubre e análogo à escravidão, ele "age" dentro desse campo, emprega resistências, mantém seus costumes e suas crenças, seja como uma forma de tornar mais "suportável" a vida nos ervais, seja como uma estratégia de afirmação dessa cultura e de luta frente à lógica instalada.

Por se tratar de um ambiente fronteiriço, esse traço ganha maiores contornos, uma vez que, sendo um grupo numeroso de migrantes que não deixou seu país de origem para trás – já que este está do outro lado da fronteira -, encontra maiores possibilidades de manter a sua cultura. Embora haja o deslocamento físico, não há, portanto, uma ruptura com suas origens. Elas estão ali: nas práticas, na língua, nas amizades, enfim, nas vivências da fronteira que, embora demarcada, não é um faixa que divide, mas que põe em contato duas nações.

Outra característica do homem fronteiriço retratado por Serejo (2008) diz respeito às perspectivas de futuro limitadas. Seus atos são influenciados pelas necessidades e por um horizonte imediato:

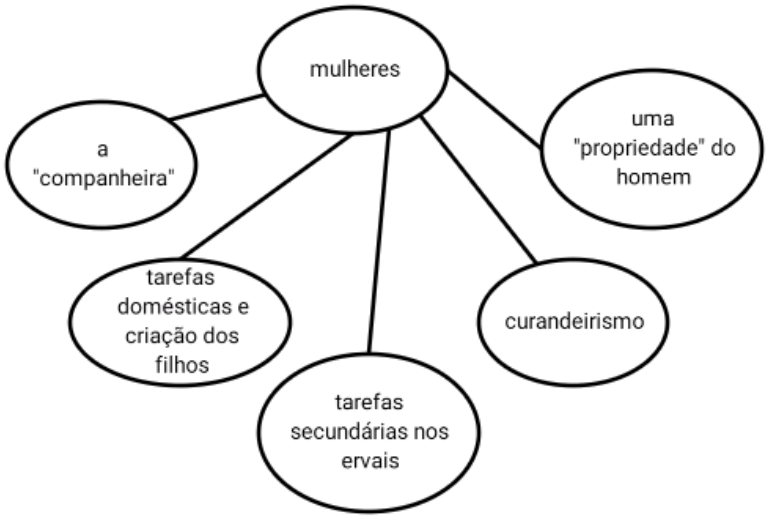
> Vive no mais recôndito da mata bruta, feliz, sonhador, varando o dia sem pensar no futuro, no amanhã, que há de vir, embora seja um pária, um escravo indefeso do meio ambiente, uma parasita dos ervais, ou melhor, um marcado do destino, um tiranizado, ou melhor, um vergastado pelo furacão inexorável.
> Foi ontem, hoje e será amanhã, nas páginas dramáticas da história da industrialização da erva-mate, um herói anônimo.
> Foi escravo e mártir, mas foi, inegavelmente, um gigante e um bravo. Morreu fulminado pelas balas traiçoeiras dos comitiveros, ficou no alto, sepultado no deserto, mas deu seu suor e seu sangue para que fosse desbravada e povoada a imensa região sulina mato-grossense. (SEREJO, [1975] 2008, v. 4, p. 72).

Diante das incertezas que envolviam seu futuro, devido às precárias condições de existência, à violência cotidiana (que acabava por banalizar a própria vida), poucos eram os que almejavam uma ascensão social. Isso explica, em parte, por que despendiam suas poucas economias, que levavam meses para receber, em poucos dias de festa. Ao mesmo tempo em que essas festas eram uma espécie de "fuga" diante do cotidiano marcado pelas dificuldades do trabalho ervateiro, fica claro, nos textos do memorialista, que elas eram aguardadas com grande expectativa pelos trabalhadores, como uma espécie de "recompensa". Trata-se, portanto, de um *habitus* marcado pelo imediato, pelo incerto e pelas expectativas de futuro limitadas.

Pode-se considerar, ainda, que a fronteira teve influência nessa característica. Conforme discutido no tópico 2.1.2, o migrante que se desloca a trabalho, que está submetido à instabilidade das relações de trabalho, não cria raízes. O migrante que sai de seu país, mas não o deixa por completo para trás – como é o caso dos grupos aqui retratados -, também não reforça os vínculos no seu novo local. Esse caráter transitório daquele que vive na fronteira confere também uma incerteza diante do futuro. Esse fator, embora não seja o único, é também responsável por esse imediatismo que envolvia a vida do homem fronteiriço.

Outro grupo que, embora não seja "protagonista" na narrativa do autor, porém tem vários textos dedicados a ele são as mulheres.

Figura 20 - A mulher fronteiriça



Organização: SILVA, 2017.

Observou-se, na leitura das obras, uma diferença substancial nos papéis exercidos por homens e mulheres. Estas, quando desempenhavam alguma função nos

ervais, era de caráter secundário. O autor busca sempre dar destaque à resignação delas diante das dificuldades, colocando-as como heroínas que, junto aos seus companheiros, desbravaram os ervais, prestando a eles o apoio necessário para enfrentar suas lutas diárias.

> Superiormente bravo foi o peão paraguaio e, engrandecedoramente corajosa, a mulher guarani dos ervais.
> Ambos trilharam, inquebrantavelmente, o caminho de todos os desalentos e amarguras. Ambos fizeram morada na selva quase impenetrável, numa provação grandiloquente, para que das erveiras, que representavam o sangue e as lágrimas de cada um, saísse a plata para o enriquecimento de muitos.
> [...]
> O caraí rude foi gigantemente destemido e ela, a sofrida, mas conformada mulher paraguaia, a grande heroína, a imagem portentosa da resignação e o símbolo augusto do amor e da coragem. (SEREJO, [1975] 2008, v. 4, p. 69-70).

> [...] em grande parte de seus textos, as mulheres aparecem marcadas pelo sofrimento e pela humilhação; são expostas por suas singularidades, num local onde o trabalho era eminentemente "masculino", isto é, trabalho manufatureiro, que necessitava de aprendizado, força e especialização, não havendo participação das mulheres, a não ser em pequenas tarefas. Nesse sentido, era reduzido o número de mulheres que habitavam as ranchadas. (CENTENO, 2007, p. 65).

As mulheres eram por vezes objetificadas, a ponto de serem entregues como forma de pagamento de dívidas[99]. Também havia os homens que, por deterem poder e dinheiro, pagavam para poder casar-se com uma mulher de seu interesse – esta muitas vezes ainda na adolescência.

> Os pais paraguaios [...] sentiam-se felizes quando o casamento da filha, às vezes de treze anos apenas, ia se dar com brasileiro, uma vez que para eles representava uma garantia. Dado o número diminuto de *brasileños* nos ervais, o acontecimento não era muito frequente. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 22).

> [...] num ambiente embrutecido e carente pelas próprias condições de trabalho, as mulheres, por serem *peças raras*, viraram mercadoria, passaram a ser ofertadas e negociadas pelos trabalhadores que

[99] "- Entrevistadora: É verdade que o mineiro comprava a mulher do outro? – Nicanor: Eu vi isso acontecer de o homem vendê sua mulher por um conto de réis e por conta também. – Entrevistadora: Como assim? – Nicanor: O mineiro ficava devendo no armazém e não tinha como pagá ele dava a mulher em troca da conta. E aquele que ficava com a mulher pagava a dívida no armazém." ([LOPES] ARQUIVO..., 2000, p. 81).

> possuíam dívida alta. Esse costume difundiu-se como algo muito corriqueiro na região ervateira. (CENTENO, 2007, p. 65).

Mesmo aquelas que não eram submetidas a esse tipo de exploração, também eram consideradas como uma propriedade do homem[100], como se revela no seguinte trecho: "O admirável no trabalhador do erval é o respeito pela mulher **que tem dono**. Um respeto santo, no dizer de todos eles." (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 22, grifo nosso).

Nota-se, portanto, que por mais precária que fosse a condição de vida dos homens, esta se agravava no caso das mulheres, subjugadas e objetificadas num cenário de profunda pobreza. As que não se enquadravam nesse papel de submissão eram olhadas com hostilidade, como o caso emblemático relatado por Serejo em sua obra "Capitoa", de uma gaúcha que liderava uma quadrilha de bandidos na fronteira e desafiava as autoridades locais.

Nos registros de Serejo, essa personagem aparece quase como uma figura folclórica, cercada de mistérios e costumes incomuns[101]. Seus modos "masculinizados" (aos olhos do autor) aparecem em primeiro plano, como algo pitoresco e que causava repulsa perante os habitantes da região.

> Ao aparecer na zona de Nioaque, já envergava a farda do falecido: bombacha grande, túnica de soldado, espada, revólver, etc. Com o tempo substituiu a túnica (talvez por comodismo) por um paletó confeccionado à sua moda.
> Eis os traços característicos da mulher que encheu de pavor muitos lares da região circunscrita entre os rios Brilhante, Perdido e Taquaruçu: estatura baixa, morena clara, cabelos negros compridos, olhos levemente esverdeados, voz grossa, autoritária e rompante, andar nervoso demonstrando constante insofreguidão. Mantinha, invariavelmente, o rosto pintado com carmim vermelho-violeta.
> Além da sua inseparável espada e do 44 de cabo preto, usava uma faca e um belo rebenque, ambos com cabo chapeado de prata; lenço colorado no pescoço, bombacha enfeitada com botões de várias cores,

[100] As condições desiguais em que as mulheres se encontram prevalecem até os dias atuais. Não se restringem ao local aqui retratado. Bourdieu (2002) também abordou sobre essa questão em sua obra "A dominação masculina", concebendo esta como fruto de um arbitrário cultural, profundamente arraigado ao habitus tanto dos grupos dominantes (os homens) quanto dos grupos dominados (as mulheres). Sob essa perspectiva, trata-se de uma questão que não se restringe ao contexto da fronteira aqui retratada, porém há que se considerar que essa dominação se manifesta de diferentes formas, nas diferentes sociedades e momentos históricos e, no caso aqui abordado, tal dominação se dava de forma exacerbada, agravada pelas condições precárias em que esses grupos viviam. A "objetificação" da mulher, aqui, aparece como decorrente das necessidades materiais em que se viam esses grupos.

[101] Seria um trabalho interessante investigar sobre a real história dessa mulher, de modo a desvendar se ela era, mesmo, a figura temerosa relatada ou se esse contorno de sua personalidade se deu somente pelo preconceito sofrido por ela.

> botas, esporas tinideiras, fita de cor no cabelo e um chapelão de vistosa barbela, bem quebrado à testa, completava a sua indumentária. (SEREJO, 2008, v. 1, p. 81-82).

Observa-se que a personagem em questão incorporou um *habitus* próprio do meio no qual vivia, porém mais relacionado aos papéis desempenhados pelos homens. Participara dos conflitos junto ao seu marido e isto imprimiu características singulares no seu modo de agir, pensar e se vestir, porém por ser mulher, isto causava espanto aos que a observavam.

Nota-se, portanto, que os papéis exercidos por homens e mulheres eram diferenciados, de modo que os *habitus* desses grupos também eram distintos. Ao se considerar que uma mulher era "estranha" por se portar de um modo diferente daquele que se esperava dela - a "Capitoa" era: combativa, autoritária, impaciente etc -, demonstra-se que era reservado, para esse grupo, um papel secundarizado, como coadjuvante nas lutas empregadas no campo. Era o que se esperava da mulher dos ervais: ser a "companheira" – ou a "propriedade" - do peão ervateiro.

Quando se refere às ocasiões em que as mulheres paraguaias acabavam exercendo, por necessidade, funções que eram atribuídas predominantemente aos homens, o autor afirma: "No trabalho árduo, **era um homem completo**. No momento da grande precisão, ensacava a erva e fazia, com absoluta perfeição, o custureado." (SEREJO, [1990] 2008, v. 8, p. 60, grifo nosso). Fica claro, portanto, que os papéis nos ervais eram bastante delimitados.

Porém, ao mesmo tempo em que o autor deixa subentendida essa hierarquia entre os grupos retratados, também descreve a relevância do papel da mulher na exploração dos ervais fronteiriços. Serejo (2008) traz vários textos que exaltam a importância da mulher:

> As heroínas dos ervais. Elas vieram muito antes da industrialização do mate por métodos mais aperfeiçoados. Vieram e penetraram a *jungle* através de autênticos trilhos de cabra.
> Chegaram a pé, com os olhos incendiados de expectativa. Viveram elas vida de martírios, mas tudo suportaram ao lado do companheiro, uru, monteador ou mineiro, prestando ajuda preciosa aos que se atiraram, afoitamente, contra aquele mundo, até então, incógnito e enigmático.
> Somente elas souberam suportar os duros reveses da vida, sem lágrimas nos olhos e sem mágoa no coração. No dealbar de um dia qualquer, depois de rude golpe sofrido, enfrentavam a luta de sacrifícios com desassombrado otimismo. Não blasfemavam nunca. Que fosse como Deus quisesse! Nem ao menos sabiam que estavam, como admiráveis símbolos de resignação e força de vontade, abrindo

> caminho para o povoamento daquelas paragens inóspitas, porém, de múltiplas riquezas e que, para muitos, estavam se transformando no caminho sagrado da esperança. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 35-36).
>
> Quem quiser fazer justiça, ao se referir a ranchada, erva, transporte e ranchos, jamais poderá olvidar a extraordinária mulher paraguaia, a que veio de pontos distantes de sua pátria, à procura do eldorado do mate sul-mato-grossense.
> [...]
> Hoje, amanhã e sempre, estas infinitamente valorosas mulheres paraguaias que se irmanaram com muitas brasileiras, serão lembradas como peças de ouro que foram na conquista de mil sacrifícios da erva, num mundo hostil, onde nunca se sabia se a madrugada seguinte seria uma sinfonia de exultação ou um grito de dor e tristeza perfurando as brenhas. (SEREJO, [1990] 2008, v. 8, p. 59-61).
>
> São, bem se pode dizer assim, verdadeiras sentinelas de granito na luta peripeciosa dos ervais. Nada há que abata o seu ânimo forte: nem as convulsões da terçã traiçoeira, nem os duros e prolongados jejuns. Se faltam na ranchada, plantada muitas vezes no mais recôndito da selva bruta, onde os víveres são conduzidos por um trilho tortuoso e estreito, nos lombos das pacienciosas arrias, a preciosa e insubstituível *soó-pirú*, o arroz, o feijão, o café e mesmo a indispensável *ñandy*, soca um pouco de milho, junta nos cantos da lata os últimos bocados de graxa, quase que em geral em estado avançado de deterioriação, e fabrica um repugnante bolo, que come dias seguidos com o companheiro e os filhos.
> É nessa fase aguda que a gente, analisando tudo à luz do raciocínio, sente bem latente o valor da mulher do homem do erval. E essa mulher, símbolo da resignação e da força de vontade, veio às vezes dos ínvios sertões do Paraguai, cheia de esperança, fazendo a pé martiriosa caminhada, empós do eldorado: os opulentos ervais de Mato Grosso. Sabe suportar como ninguém os reveses da vida.
> No dealbar de um outro dia, depois de rude golpe sofrido, enfrenta a luta com desassombrado otimismo. Não blasfema nunca. Seja o que Deus quiser. E assim vai empurrando a vida, guardando sempre no peito uma esperança de melhores dias.
> Nas desregradas orgias dos jeroquis, esquece tudo, e com o adoudado companheiro gasta à mão-cheia para depois, durante longos meses, auxiliar a amortização do débito, batendo nas cacimbas a grosseira indumentária da peonada.
> É uma autêntica heroína. Se o companheiro sofre uma agressão qualquer, põe-se ao seu lado pronta para enfrentar o perigo. Por isso tudo, a mulher dos ervais, sublime na sua fé e na sua coragem, merece a nossa admiração e estima. (SEREJO, [1946] 2008, v. 1, p. 245-246).

Observa-se, no discurso do autor, que essas mulheres, longe de serem passivas, tiveram papel essencial na história dos ervais fronteiriços. O memorialista se coloca, portanto, de forma dúbia ao retratar essas mulheres, pois, enquanto homem, seu olhar sobre elas é a de um observador mais distanciado do que em relação aos seus pares. As próprias mulheres de sua família não estão colocadas nas suas memórias nos ervais,

pois, ao que parece, apenas ele e seu pai se aventuraram na atividade ervateira, o que explica ainda mais esse distanciamento.

Observa-se, assim, que de fato havia uma hierarquia entre os papéis desempenhados pelos homens e pelas mulheres nos ervais. Enquanto cabia aos peões o trabalho mais pesado, a elas eram reservadas tarefas que exigiam menor esforço físico. Elas eram as "companheiras" do peão ervateiro. Essa caracterização aparece em inúmeros textos de Serejo[102]. Eram, portanto, consideradas como um apoio ao trabalhador dos ervais, aquelas que lhes prestavam ajuda e socorro nas situações de acidentes e enfermidades.

Nos registros do memorialista, é exaltada ainda a figura das *nhás,* como importante para a assistência aos feridos e doentes, com suas rezas e conhecimento de plantas medicinais. Serejo (2008) se refere a elas com profundo respeito e gratidão.

> Estas admiráveis mulheres de fibra de aço, que não se conheciam *tiempo malo,* jamais poderiam ser olvidadas. Alijá-las do ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul seria praticar uma imperdoável injustiça.
> Eram respeitáveis pelo que faziam no mundo atormentador dos ervais.
> [...]
> Todas, indiscutivelmente, mulheres heroínas, que são partes integrantes da história da erva da região sulina mato-grossense.
> [...]
> A nhás eram orgulhosas da sua medicina. Cada doente em tratamento era previsão de mais sucesso. O dom vinha de Deus, era só cumpri-lo. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 55-56).

Enquanto essas curandeiras eram figuras respeitadas e gozavam de certo prestígio perante os demais grupos devido aos conhecimentos que detinham, outras mulheres, porém, acabavam submetidas à prostituição[103] ou entregues como mercadorias[104] para saldar dívidas de seus familiares.

São, portanto, diversas as posições ocupadas por essas mulheres dentro do subcampo da vida nos ervais. E diante da lógica que ali imperava, ou seja, a "lógica da necessidade", eram parcas as escolhas que poderiam fazer. Seu *habitus* era configurado num ambiente de profunda miséria, exploração e violência. As que possuíam conhecimentos - ainda que não fossem aqueles transmitidos pela escola -, faziam uso

[102] "As heroínas dos ervais"; "Homenagem de reconhecimento"; "A caminhada de Tomás Larangeira"; "Por questão de reconhecimento e gratidão"; "A procedência"; "A velha Brígida"; "A valente mulher paraguaia".
[103] "Quilombera"; "*Cuñaecoval";* "Arrabal de *mujer";* "Nena Patacón".
[104] "De tudo um pouco"; "O aluguel de Nhá Chamé"; "O catre ancho e a rede", "Negócio".

destes como uma moeda, um capital, para assumir posições mais prestigiadas. Essas eram as lutas empreendidas por esse grupo no subcampo aqui retratado.

Quanto à transitoriedade e à incerteza que caracterizam o *habitus* do homem fronteiriço, estas também aparecem no *habitus* da mulher fronteiriça:

> Ela, a grande martirizada, acompanhou o kuimbaê, a família ou se juntou a parentes, na inabalável decisão de penetrar outros mundos e ganhar uma vivência mais tranquila e duradoura. Mas não pôde ser assim. Foi, isso sim, uma eterna andante, uma predestinada para o sofrimento. Hoje aqui, resignada, sem palavra de lamúria nos lábios; amanhã ali, procurando vislumbrar, no selvoso, os raios furtivos de um outro sol, que se anichasse no coração, tão rudemente golpeado, aura de novas esperanças.
> Nunca parou, como desejava.
> Caminhar, sem jamais ter pouso certo, era o seu destino. Destino de fêmea-macho que, apesar dos pesares, no caminhar contínuo de atrozes dissabores, estava ajudando a uma legião de gigantes a povoar o desconhecido e, consequentemente, a formar a grandeza de uma pátria amiga. (SEREJO, [1975] 2008, v. 4, p. 69-70).

Ao se observarem as práticas culturais na fronteira, portanto, podem se caracterizar os grupos que ali viviam. Eram predominantemente homens, migrantes paraguaios, que por deterem o saber-fazer da cultura guarani foram incorporados ao trabalho nos ervais e imprimiram muito de sua cultura na sociedade de acolhimento[105].

Havia, porém, migrantes vindos de outras regiões do Brasil, como Rio Grande do Sul[106], Paraná[107]; Minas Gerais, e de outros países, como Argentina[108], Chile[109] e até mesmo países da Europa, como Alemanha[110], Espanha[111], França[112] e Portugal[113]. Configurava-se ali uma fronteira composta pela diversidade de origens dos grupos que ali viviam.

Sobre as implicações dessa diversidade de culturas para o vocabulário dos grupos fronteiriços, Teno (2003, p. 161) afirma:

---

[105] "Locro"; "Chiripá"; "El gritón"; "Reviro"; "O fogo da peroba"; "Lenda da erva-mate"; "A transformação de Yari em pé de erva-mate"; "Tereré"; "Bendición"; "Taá"; "Pericón"; "Cai-puente"; "Bala de ojo"; "Ato de creencia"; "Lendas dos tapês"; "Das coisas crioulas" etc.
[106] "Capitoa"; "Promessa cumprida"; "Bodega"; "Mestre"; "Um cristão de grande vivência"; "O plantador de arroz-agulha".
[107] "As moedas de prata"; "O bolicheiro maldito".
[108] "A garrafa de pinga especial".
[109] "O crente".
[110] "Dom Macke"; "El herrero príncipe".
[111] Jasy Taperê"; "Ajudo a meu amigo".
[112] "O padre barbudo".
[113] "Ajudo a meu amigo".

> Os grupos de lexias que compõem o campo léxico dos habitantes e o da atividade extrativista deixam transparecer marcas de miscigenação lingüística, tendência essa justificável em função da condição de fronteira da região focalizada. Na extração e comercialização da erva-mate conviviam pessoas oriundas de diferentes etnias, o que se reflete no vocabulário do trabalhador do erval. Assim temos peonada, *caiguê*, *mitã´i*, *patrón*, *elaborar*, *mbutu*, *kuimba´e*, que designam tanto o trabalhador do erval, como aspectos do seu trabalho, no que se refere à coleta e ao preparo da erva no interior das matas nativas.
> [...]
> Os dados revelaram ainda a presença de uma parcela significativa de unidades lexicais marcadas como regionalismos de diferentes regiões brasileiras: da Região Sul – barbacuá, fronteiriço, mensual, bugre, cristão, peonada, tropeiro, crioulo; da Região Centro-Oeste – mineiro, habilitado, comitiva; da Região Nordeste – fornecedor, cabo, cunhã; da Região Norte: cunhã, comércio, facão.

Ao se encontrarem, na fronteira em estudo, esses grupos promoveram, portanto, trocas linguísticas que compuseram um vocabulário de características singulares, oriundo dos diferentes povos que passaram a conviver – não somente os trabalhadores paraguaios.

> Julgamos interessante e pertinente assinalar que no universo das lexias agrupadas ao campo lexical dos habitantes, das atividades extrativistas e do transporte, ocorreu o predomínio de termos de uso comum da língua e de termos oriundos de diferentes regiões e dos países circunvizinhos. A origem do grupo justifica tal fato. Os trabalhadores dos ervais eram oriundos de diferentes regiões, ex-combatentes de guerra, brasileiros, índios e paraguaios, bem como ex-combatentes ou fugitivos das guerrilhas das Farroupilhas do Rio Grande do Sul que, ao se integrarem ao grupo de ervateiros em questão, trouxeram consigo vestígios da sua língua, bem como hábitos, costumes da sua cultura. Assim, parece ter havido no vocabulário do ervateiro uma mistura de termos comuns da língua com os oriundos de diferentes regiões, gerando, desta forma, certas especificidades lingüísticas, que representam a forma de viver e de pensar do homem dos ervais. (TENO, 2003, p. 163-164).

Sendo assim, o próprio vocabulário utilizado demonstra a intensidade das trocas culturais que ocorria na fronteira. Ao ler os textos de Serejo (2008), essa diversidade de origens linguísticas fica evidenciada:

> O estilo do autor é simples, não se percebem grandes preocupações com a linguagem elaborada; em suas obras, há constantes recuperações da fala coloquial dos habitantes dos ervais, o que acaba refletindo marcas de bilingüismos, dada à grande incidência de termos oriundos da língua guarani – *ka'a* = erva-mate; *ka'ay kambi* = mate com leite; e do espanhol – *pelear* = brigar; *arboleda* = pé de erva bem

> formado, no âmbito dos ervais; ou de formas híbridas, resultantes da combinação de palavras oriundas de duas línguas, como por exemplo, *tapé-hacienda*, do guarani e do espanhol *tape* = caminho, via e *hacienda* = estância, que no vocabulário do ervateiro designa o "caminho principal do erval". (TENO, 2003, p. 32).

As práticas dos fronteiriços retratados pelo memorialista constituem-se – desde os momentos festivos, confraternizações, folgas etc, até a forma como se realizava o trabalho – a partir do contato entre as culturas, de tal modo que uma mesma atividade apresentava características originadas dos diferentes grupos que ali conviviam:

> Pericom, ou *pericón*, é a dança característica dos gaúchos argentinos, uruguaios e rio-grandenses-do-sul. Na Argentina sempre foi considerada dança tipicamente nacional.
> A música é composta em compasso ternário, com movimento vivo, e a dança tem grande semelhança com a quadrilha, com pequena variação na movimentação dos passos.
> A província de Corrientes, na Argentina, foi, na época longeva, sem nenhuma dúvida, a pátria agitada do *pericón*, porém, o seu reinado não alcançou período longo, como o tango, a valsa e a milonga, que vararam os tempos empolgando multidões.
> Esses mesmos gaúchos, principalmente os correntinos, introduziram o *pericón* em Pedro Juan Caballero, fato que não pode receber *contestación* de espécie alguma.
> O paraguaio, inteligente, versátil no bailado, chamado por seu sadio patriotismo, nessa década (vinte) estilizou a dança com a incorporação de graciosos passos da polca de mil encantos, com aqueles requebros do corpo, atributos exclusivos dos dançadores paraguaios. (SEREJO, 2008, v. 7, p. 20-21).

Ao operar com os conceitos da teoria bourdieusiana, observa-se que os trabalhadores não detinham os capitais valorizados socialmente que os permitissem almejar uma ascensão social. Suas estratégias eram restritas como eram limitados os seus horizontes. No entanto, pode-se considerar que os seus conhecimentos acerca do ofício que envolvia a produção da erva-mate converteram-se também em uma espécie de "moeda de troca" que propiciou que eles conseguissem se estabelecer e empregar elementos de sua cultura no seu dia-a-dia.

Como afirmado no tópico anterior, alguns personagens que aparecem nos relatos de Hélio Serejo destacavam-se devido à respeitabilidade atribuída a seu ofício, como é o caso das *nhás* e de outras pessoas que possuíam certo "prestígio" social perante os trabalhadores, como o próprio pai de Hélio, Francisco Serejo. Também havia os peões

que eram reconhecidos pela qualidade do produto de seu trabalho[114], como era o caso dos irmãos Balbuena: “Sempre foram disputados pelos patrões os irmãos Balbuenas. Sabe-se que até leilões eram feitos para conchavação desses notáveis mineiros paraguaios.” (SEREJO, [1981] 2008, v. 5, p. 124). O autor também dá destaque aos peões do Rancho Verdura:

> Peão de Rancho Verdura era peão respeitado. Tinha a sua categoria. A maioria usava bota, o que era uma prova de qualificação especial. A própria indumentária de trabalho de Verdura se diferenciava das demais ranchadas ervateiras. Era a confirmação, aos olhos de todos, de uma superioridade que jamais pôde ser contestada.
> Bolsa de erva-mate, atacada em Rancho Verdura, era o máximo de perfeição, no corpo e no custureado. Era de paladar extra, de aceitação pronta em Buenos Aires – só podia ser de Rancho Verdura. Quando o mineiro dizia que trabalhava nessa ranchada, ninguém punha dúvida sobre sua capacidade profissional. Se era peão de Verdura, era peão, sem nenhuma dúvida, de alta classe. Não era preciso melhor recomendação.
> Verdura, em tudo, era uma ranchada rica e, por esse motivo, invejada por outros trabalhados. Não só a erva especial era produzida ali em grande quantidade. Também o milho, o feijão, mandioca, batata-doce, arroz, alfafa e... até cana. Rancho Verdura e Quarto Arroio foram, anos e anos, a menina dos olhos dos dirigentes supremos da Mate, em Campanário. Qualquer ervateiro dessa época, mesmo tendo sido um indiferente, tem conhecimento do fato. (SEREJO, [1981] 2008, v. 5, p. 126).

Havia, nesse subcampo, uma hierarquia. Os trabalhadores adultos em boa forma física eram colocados nas funções mais importantes e eram de tal forma admirados que muitos deles tinham sua figura associada a algum ser mitológico, como era o caso dos barbaquazeiros, também chamados de “urus”.

> O barbaquazeiro, ou uru, é a ave noturna dos ervais. Trabalha geralmente durante a noite, em virtude de receber os raídos já muito tarde.
> [...]
> E é injustiça dizer-se que o barbaquazeiro desempenha uma função secundária na indústria da elaboração do mate. Ele, a meu ver, é o cérebro, a mola principal de tudo. Se falhar, ter-se-á, indiscutivelmente, um produto sem mercado, ou melhor, um produto sujeito à cotação baixa e irrisória: é a erva jaguarembó. Se é, porém, na acepção da palavra, um mestre no assunto, regula de tal forma o fogo de lenha bruta, que se pode prever um só grau de caloria. É admirável também o seu golpe de vista. Divulga de longe, num raído, qualquer natureza de mistura. E exclama vitorioso: - *Ojeheá pe caá.* (SEREJO, [1947] 2008, v. 1, p. 239-240).

[114] “A espingarda, a rede e o ponchilho”; “Os balbuenas”.

> O barbaquazeiro é outra notável figura folclórica de uma ranchada ervateira. Sua indumentária, quando ele, em verdade, é um caraí, orgulhoso da profissão, é uma mesclagem folclórica que impressiona. Gosta que lhe chamem de uru, a ave noturna dos ervais. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 23).

Pode-se considerar, ainda, que a solidariedade que havia entre os que conviviam nos ervais, por partilharem as mesmas dificuldades, lhes permitiu sobreviver apesar dos inúmeros obstáculos que se colocavam. A coesão do grupo era, portanto, uma estratégia de sobrevivência. Os que não se integravam ao grupo[115] eram vistos com preocupação ou desconfiança.

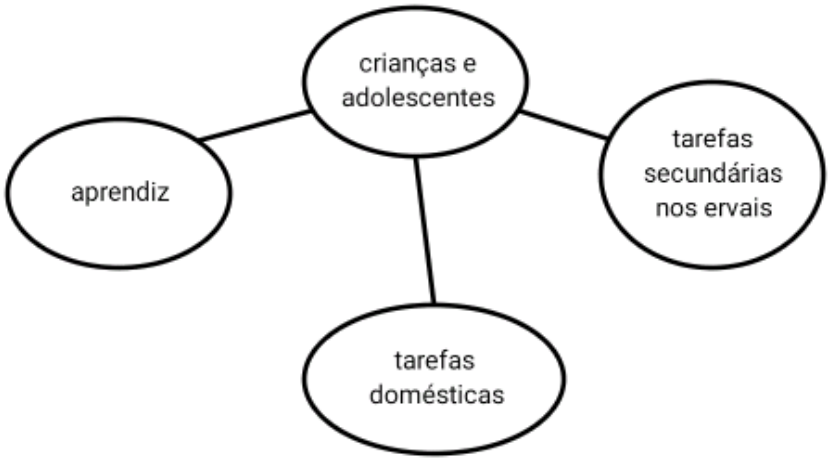
> Nas ranchadas, entretanto, os bons se irmanavam no ajudamento. Um para o outro, em todos os momentos. Em caso de morte, o cristão recebia o tratamento peculiar a todo ser humano [...]. Nas doenças, principalmente a maleita, devido à grande distância, o remédio de boa benzedura era enviado por intermédio de um chasque. Estava aí na hora amarga o apoio humanitário ao vizinho enfermo.

Sendo assim, embora houvesse grupos que desempenhavam papéis distintos nesse subcampo, esses papéis eram interdependentes entre si. Essa característica era crucial para que a vida nos ervais fosse possível. Por configurarem um grupo, os trabalhadores puderam manter determinados costumes e crenças, ao mesmo tempo em que essa mesma cultura reforçava os laços que lhes mantinham coesos. O *habitus* era, portanto, para esses grupos, ao mesmo tempo um fator estruturante desse subcampo e estruturado por este.

Além dos homens e das mulheres, aparecem na obra de Serejo (2008) outros grupos, como as crianças e adolescentes:

[115] "Pio Ramirez".

Figura 21 - As crianças e adolescentes presentes na obra



Organização: SILVA, 2017.

> Mitãrusu. Quantos deles tombaram na azáfama da elaboração do mate? Centenas e centenas. Idade? Entre doze e quinze anos. Nessa faixa era mesmo um *mitãrusu.*
> De que morriam esses rapazelhos, já de responsabilidade sobre os ombros? Vamos enumerar, no cunho da verdade, a *causa mortis* desses pequeninos heróis que mal sabiam assinar o nome: maleita, apendicite supurada, coice de animais, queda de erveiras quando ajudavam no tiru, arrebentamento dos rins, esmagamento no tombo da carreta, picada de *mbói-chini, mbói-ytiapê,* jarara, *tajipucu,* escorpião, *nhandu-cavaju,* caranguejo, mal do estômago, que nada mais era do que infecção intestinal violenta, e até de facadas, tiros nos bochinchos fronteiriços.
> Todos os *mitãrusu*, mesmo de pouca idade, por força das circunstâncias, iam se tornando homens, realizando trabalhos destinados geralmente a adultos experimentados. Fracos, covardes, nunca queriam ser, daí aceitarem, com obediência, as tarefas que lhes eram impostas.
> Até para o barbaquá iam sem queixa, sorridentes, como se estivessem seguindo para uma festança de semana santa.
> Como *mitãrusu*, mas em atividade diferente, estive em muitos trabalhados da erva, ocasião em que conheci dezenas de *mitãrusu*, guapos, afoitos, animosos. (SEREJO, [1990] 2008, v. 8, p. 45).

Os adolescentes, chamados *"guainos"*, eram os aprendizes do ofício dos ervais. Aprendiam pela prática. Muitos deles carregavam raídos tão pesados quanto os dos adultos. Também havia os que se dedicavam às tarefas domésticas, na limpeza e organização das ranchadas e preparação dos alimentos, ou a atividades secundárias na elaboração e transporte da erva. Na obra "Caraí", há um texto em que Serejo ([1986] 2008, v. 6, p. 49-50) relata sobre a participação de crianças indígenas no início da atividade ervateira:

> No início da fabricação da erva, período martirizante de Tomás Larangeira, era comum verem-se changadores trabalhando em ranchadas ervateiras. Nessa época, durante longos anos, duas tribos de índios percorriam a fronteira Brasil-Paraguai: teís e caiuás. Eram denominados os índios errantes, pois jamais levantavam aldeias definitivas pela fronteira.
> Foi com esses índios errantes [teís], e paraguaios idosos, escolha que se fazia por serem os mais aguentadores, na crença da época, que o ervateiro Tomás Larangeira, sempre um apurado cavalheiro para com os silvícolas, levantou os seus primeiros ranchos e deu início à elaboração da erva, por processo rudimentaríssimo, contando com a valiosa ajuda dos índios, inclusive as crianças que recebiam pequenas tarefas e as desempenhavam a pleno contento, uma vez que, a cada semana, mais crescia a produção do rancho.

Observa-se, portanto, em relação à hierarquia nos ervais, que esta não estava condicionada ao esforço físico empregado nas tarefas – uma vez que alguns *guainos* exerciam o mesmo ofício de seus mestres, mas ainda assim ocupavam posições inferiores dentro do subcampo. A posse de determinado saber – capital cultural – era também um dos fatores que influenciavam para que determinado agente gozasse de maior ou menor prestígio.

> Quase todos, além de mineiros, atacadores e barbaquazeiros, conheciam as diversificações do duro ofício, o que facilitava a entrega da erva *prontita para el embarque* no grande depósito de construção extremamente cuidadosa, sem umidade e *sin infiltración de viento.*
> Por isso tudo é que tinham plena noção de quanto valiam aquelas mãos tomadas por calos duros e aqueles braços feitos de nervos de aço. (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 31-32).

Serejo (2008) cita, ainda, em vários textos, as pessoas que apresentavam alguma deficiência física ou intelectual:

Figura 22 - Pessoas com deficiência

Organização: SILVA, 2017.

Por sua limitação, essas pessoas eram colocadas em funções secundárias ou em tarefas domésticas nas ranchadas.

> [Tarová] É aquele que sofre das faculdades mentais, louco, doido, criatura encontradiça em regiões ervateiras, que vive esquivamente, porém, prestando determinados serviços à *mayordomía*, que, por precaução, o conserva sob vigilância, nas imediações da ranchada.
> Numa povoação ervateira, o tarová pode executar muitos trabalhos, menos um: alimentar a canhoneira do barbaquá, isso porque tarová, quando a carga é insuficiente, não sabe fazer guaicuru, fogo lento, absolutamente necessário até que seja completada a carga do barbaquá para o seu livre funcionamento.
> Tarová, afirmam os antigos, sendo arraigada crença ervateira também, é bom para banhar, amilhar e dar alfafa para cavalo de cancha. (SEREJO, [1975] 2008, v. 4, p. 78).

Também há casos descritos pelo memorialista de pessoas que sofriam um tipo de discriminação por sua condição de vida:

> [*Aichejáranga*] Digno de lástima, pobre coitado; pessoa um tanto infeliz, da qual se deve ter pena. Comumente, o *aichejáranga* dos ervais é um enjeitado da vida, um pária, enfim, uma criatura marcada pelo destino cruel e impiedoso.
> Sendo menor, geralmente se trata de um órfão de pai e mãe, ou, quando não, de cristão portador de grave defeito físico.
> Se alguém maltrata o *aichejáranga* ou dele zomba, ridicularizando-o, para galhofa da peonada, pode-se saber: o agressor receberá castigo certo quando *hasy* aparecer na minguante e bordar de branco a ranchada ervateira, morada do *aichejáranga.*
> Ele, o tímido e obediente *yá*, é o faz-tudo, o pau para toda obra, de todo trabalho do ervateiro.
> Dificilmente encontramos uma povoação ervateira que não tenha esse pobre diabo, figura exótica moldada para toda e qualquer espécie de serviço, tais como: rachar lenha, fazer fogo, carregar água, varrer o chão, cuidar de aves domésticas, banhar animais, fazer destoca e preparar o tereré. (SEREJO, [1975] 2008, v. 4, p. 80-81).

Nota-se que, por se tratar de um trabalho que envolvia esforço físico extremo, este também era um dos fatores que influenciavam para que determinado agente ocupasse posições de maior ou menor destaque. Também em relação às diferentes funções exercidas, umas eram mais prestigiadas do que outras, como é o caso, conforme afirmado anteriormente, dos barbaquazeiros e do próprio mineiro, ou mesmo daqueles que eram responsáveis pelo transporte da mercadoria. Outras funções aparecem na obra do memorialista, porém com menor ênfase.

Tratava-se, portanto, de uma hierarquia que envolvia: o capital simbólico relativo à função exercida (o reconhecimento por parte dos demais do “valor” do

ofício), o capital cultural possuído por esse agente (no caso dos trabalhadores dos ervais, como não tinham acesso à escola, esse capital era configurado pelos saberes que envolviam o seu trabalho), assim como a própria configuração do subcampo, com sua lógica interna estruturada e estruturante pelos/dos *habitus* dos grupos que ali conviviam.

Ao se contrapor às teorias subjetivistas, Bourdieu reconhece que o indivíduo não é autônomo, mas se caracteriza por uma bagagem socialmente herdada, a qual envolve componentes objetivos, como os capitais (social, econômico, cultural, simbólico etc). Na contraposição às teorias objetivistas, por sua vez, Bourdieu destaca a importância dos componentes subjetivos que constituem o agente e que também podem ser herdados da família e dos demais grupos dos quais ele participa.

Se nas camadas médias e nas elites as estratégias e o *habitus* se constituem a partir das experiências de êxitos e fracassos dos agentes, nas camadas populares o que prevalece é a "lógica da necessidade". No caso dos grupos retratados por Serejo, as condições precárias de vida, o ambiente hostil, o tipo de trabalho, que exigia considerável esforço físico, intensificavam essa "lógica" e o que esses agentes buscavam era, na realidade, sobreviver, restando a eles poucos recursos para agir de forma autônoma.

O seu "ser e estar" - o seu *habitus* - era voltado em grande parte ao trabalho, porém, como observado anteriormente, o seu saber permitia, ainda que de forma limitada, desenvolver práticas culturais, religiosas e educativas próprias de suas origens. A esse respeito, Centeno (2007, p. 56-57) afirma:

> [...] o trabalho nos ervais era manufatureiro, forma histórica que ainda contava com trabalhadores que dominavam sua especialidade. Era trabalho parcial, mas dependente do conhecimento e da habilidade de cada trabalhador especializado em face das operações que lhe correspondiam. Esse domínio teórico-prático do processo de trabalho foi um importante recurso para que os trabalhadores criassem e impusessem certas resistências, tais como o horário para o tereré e um ritmo mais lento em certos momentos do processo de trabalho. Os hábitos descritos por Serejo eram manifestações culturais do trabalhador fronteiriço, hábitos esses ligados ao tipo de trabalho desenvolvido na região.

A autora afirma ainda que os trabalhadores dos ervais eram considerados importantes por serem herdeiros da "tradição guarani". Aqui se observa uma característica daquelas relações de trabalho: os trabalhadores já obtinham o conhecimento específico de sua função antes de serem contratados, ou iam aprendendo

no cotidiano, uns com os outros. Não havia, por parte dos patrões, a necessidade de proporcionar essa formação.

Os momentos de folga, as festas, faziam parte do cotidiano, mas também estavam limitados, como Serejo (2008) evidencia, de acordo com a produtividade. Por outro lado, essa resistência consistia também num obstáculo aos patrões. Ao se referir às rodas de tereré, Serejo (2008, v. 5, p. 197), afirma:

> Disseram já, e é verdade, que o tereré, refrescante, é o abraço de quatro nações amigas: Paraguai, o grande líder no uso, Uruguai, Argentina e Brasil. Afirmativa sem *contestación*. Esta bebida *crioja*, em qualquer um desses pagos, significa emotivamente: descanso, hora de meditação, amizade, troça, parceria para trabalho, alegria e, algumas vezes... troca de idéia para a fuga temerária.

Os momentos dedicados às rodas de tereré, portanto, não eram apenas uma pausa na execução das tarefas. Embora o autor afirme que a distância entre as ranchadas impedia a formação de comunidades[116], havia momentos em que os trabalhadores se reuniam e estabeleciam vínculos, constituindo-se num grupo com interesses comuns, havendo até mesmo a possibilidade de planejarem fugas.

Revela-se, portanto, que apesar das condições precárias em que se encontravam esses agentes (condições objetivas), estes buscavam manifestar a sua subjetividade por meio de sua cultura. Há, portanto, um movimento constitutivo de um *habitus* de grupo, estruturado e estruturante. Há lutas dentro desse campo. Embora não houvesse, por parte desses agentes, a posse dos capitais valorizados socialmente, seu saber-fazer constituía-se, naquele contexto específico, em um recurso importante para a sua sobrevivência e manifestação de sua cultura.

2.3 *HABITUS FRONTEIRIÇO* ENTRE BRASIL-PARAGUAI

> Tão logo foram iniciados os trabalhos da Mate, no extremo sul de Mato Grosso, possivelmente já em seu segundo ano de atividades industriais, surgiu o nome dado pela peonada paraguaia, que julgava correta a denominação Empreza Mate Brasileña.
> O nome pegou, e pegou com extrema facilidade, não só entre os guaranis, mas também entre as centenas de brasileiros, oriundos de

[116] "Distanciadas as ranchadas léguas e léguas umas das outras, impossível se tornava o contato para uma aparente vivência em comunidade. Uma situação para a qual não havia qualquer espécie de remédio. Era uma exigência do meio selvagem." (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 20).

> vários Estados, que se uniram aos paraguaios, para aprenderem a fazer mate.
> Para todos indistintamente, ficou a organização ervateira sendo conhecido por Empresa Mate Brasileira. Para a peonada rude não existia ali a força do poderia econômico argentino. Nem Posadas, muito menos Buenos Aires.
> Estavam ante os seus olhos tão-somente Mato Grosso, Ponta Porã, Guaíra, Campanários e os rios que transportavam a erva... a erva que os empobrecia, para que inúmeras famílias portenhas vivessem na luxúria, nadando em ouro.
> No período a que nos referimos, o mando da industrialização estava em poder dos argentinos, que jamais aceitaram esse revoltante equívoco. Por que Empreza Mate Brasileña?
> Aos poucos, o domínio argentino foi se acentuando notadamente em Campanário, a sede poderosa e intocável, com a chegada de *nuevos especializados*, na maioria de arrogância odiosa.
> O idioma comum era o castelhano e usavam todos armas, roupas, facas, palas, lenços e lisa bota argentina. Toda correspondência em espanhol, carimbos e as ordens da *administración.*
> Quanto ao nome, houve explicação em termos enérgicos. Que todos observassem que o nome certo da organização industrial era Empresa Mate, com sede em Buenos Aires, e não Empresa Mate Brasileira. E ajuntavam: do Brasil só tinham as terras de ervais, arrendadas no Estado de Mato Grosso, tudo pelos *protocolos oficiales.*
> Julgavam *los mayorales* a denominação de Empreza Mate Brasileña pelos peões e muitos habilitados um menosprezo, uma ofensa.
> A perseguição aos que assim pensavam não se fez esperar. E muitos paraguaios e brasileiros passaram a sofrer injustiças.
> Tudo veladamente, mas sabiam muitos que a causa era aquele nome, humilhante, para a própria Argentina, cujos nobres mandatários ignoravam esse abuso, essa ignomínia, pela interpretação de um nome que, por conter *brasileña*, significava um ultraje, uma provocação.
> Certo é que inúmeros argentinos, no mundo do mate, no início de batalha no martírio, envergonharam a própria pátria, com esse procedimento mesquinho, fruto de uma prevenção mórbida e de um mando insolente e enojador. (SEREJO, [1990] 2008, v. 8, p. 30-31).

Neste tópico, busca-se responder ao seguinte questionamento: o modo de vida nas práticas sociais de agentes na fronteira Brasil-Paraguai retratadas na obra de Hélio Serejo configura um *habitus fronteiriço*?

O excerto acima sintetiza as questões discutidas nesta tese. Na referida citação está presente o processo educativo (as trocas culturais, a aprendizagem do ofício), a cultura (ou, melhor, "as culturas" dos diferentes grupos que migraram para a região) e, por sua vez, o *habitus fronteiriço*, permeado por tensões que caracterizavam as relações na fronteira aqui estudada: o domínio econômico de uma empresa, que não reconhecia limites geográficos e buscava, então, legitimar seu poder e, por outro lado, a resistência dos trabalhadores; o partilhar dos costumes, da língua e, em oposição, os conflitos identitários.

Para se compreender como se constitui um *habitus fronteiriço*, inicialmente, é relevante conhecer como se constrói o conceito de *habitus* em Bourdieu. Conforme afirmado no capítulo introdutório, o *habitus* é uma estrutura estruturada e estruturante, são disposições incorporadas pelo agente que direcionam as suas práticas nos diferentes campos.

O *habitus* aparece como uma noção mediadora que rompe com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade, o modo como a sociedade deposita-se nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, agir, sentir de modos determinados, de acordo com os constrangimentos e solicitações de seu meio social.

> Uma das funções principais da noção de habitus consiste em descartar dois erros complementares cujo princípio é a visão escolástica: de um lado, o mecanismo segundo o qual a ação constitui o efeito mecânico da coerção de causas externas; de outro, o finalismo segundo o qual, sobretudo por conta da teoria da ação racional, o agente atua de maneira livre, consciente e, como dizem alguns utilitaristas, *with full understanding*, sendo a ação um produto de um cálculo das chances e dos ganhos. Contra ambas as teorias, convém ressaltar que os agentes sociais são dotados de habitus, inscrito nos corpos pelas experiências passadas: tais sistemas de esquemas de percepção, apreciação e ação permitem tanto operar atos de conhecimento prático, fundados no mapeamento e no reconhecimento de estímulos condicionais e convencionais a que os agentes estão dispostos a reagir, como também engendrar, sem posição explícita de finalidades nem cálculo racional de meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, situadas porém nos limites das constrições estruturais de que são produto e que as definem. (BOURDIEU, 2001b, p. 169).

As práticas, segundo essa perspectiva, não seriam nem o precipitado mecânico de ditames estruturais, nem o resultado da perseguição intencional de objetivos pelos indivíduos (WACQUANT, 2007). Ao longo de sua trajetória, o agente incorporaria disposições, ou seja, configuraria um *habitus*, a partir das suas próprias experiências e as de seu grupo. Esse *habitus*, num movimento dialético entre as condições objetivas e a subjetividade desse agente, também seria direcionador das práticas.

> A prática é, ao mesmo tempo, necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada em sua imediatidade pontual, porque ela é o produto da relação dialética entre uma situação e um habitus − entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações − e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que

> permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados. (BOURDIEU, 1983, p. 65)

Bourdieu formula o conceito de *habitus* buscando apreender o complexo que configura a relação do agente com a sociedade, de modo a superar as perspectivas que ora reduziam as práticas a uma resposta mecânica às determinações externas, ora conferiam uma autonomia excessiva ao agente, "descolando-o" da realidade social.

> Habitus surge [...] como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (SETTON, 2002, p. 63).

Ao propor o conceito de *habitus*, Bourdieu considera que o agente tem escolhas, porém estas estão condicionadas à configuração dos campos nos quais ele está lutando e aos tipos e volume de capitais possuídos. Quanto maior o volume e a variedade de capitais que o agente detém, melhores as condições de luta dentro do(s) campo(s). Por outro lado, no caso dos grupos que possuem parco volume de capitais, suas perspectivas são restritas e, por vezes, reduzidas à "escolha do necessário"[117].

> O mais importante das diferenças na ordem do estilo de vida e, mais ainda, da "estilização da vida", reside nas variações da distância com o mundo – suas pressões materiais e suas urgências temporais – distância que depende, ao mesmo tempo, da urgência objetiva da situação no momento considerado e da disposição para tomar suas distâncias em relação a essa situação. Tal disposição, que mal podemos chamar de subjetiva, posto que ela e objetividade interiorizada e só pode constituir-se em condições de existência relativamente liberadas da urgência, depende, por sua vez, de toda a trajetória social. É assim que as preferências dos operários recaem, com mais frequência do que para as outras classes, em interiores asseados e limpos, fáceis de manter ou nas roupas de corte clássico sem os riscos da moda que a necessidade econômica, em todo caso, lhes destina. (BOURDIEU, 1983, p. 84-85).

As camadas populares, uma vez que têm sobre si as pressões materiais, engendrariam práticas baseadas nessas urgências. O seu *habitus* direcionaria suas

[117] Na perspectiva bourdieusiana, a "lógica da necessidade" ou "escolha do necessário" seria aquela adotada pelas camadas populares em suas práticas que, diante do parco volume de capitais possuído, seriam direcionadas a partir das baixas perspectivas de ascensão social, visando a atender tão somente às necessidades imediatas. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2006).

escolhas levando em conta as necessidades básicas de existência. O parco volume de capitais limitaria as suas possibilidades de luta e de ascensão social. Suas estratégias seriam mais voltadas para um futuro mais imediato.

No caso dos grupos retratados por Serejo (2008), essas questões se tornam evidentes. Conforme discutido no tópico 2.2.2, as práticas desses agentes visavam às necessidades imediatas. O pouco que recebiam pelo seu trabalho era muitas vezes gasto nas festas. O ambiente de violência e os perigos da vida nos ervais tornavam os horizontes ainda mais restritos. A condição de migrante trabalhador, a provisoriedade das relações de trabalho, contribuía para que as perspectivas de futuro se estreitassem.

Bourdieu (1983) defende que, apesar de o agente empregar estratégias em sua trajetória, estas não são fruto de escolhas conscientes, mas de um "sentido de jogo" que faz com que as práticas sejam direcionadas de acordo com as conjunturas que se colocam. "O *habitus* está no princípio de encadeamento das 'ações' que são objetivamente organizadas como estratégias sem ser de modo algum o produto de uma verdadeira intenção estratégica [...]." (BOURDIEU, 1983, p. 61).

> A relação de interdependência entre o conceito de habitus e campo é condição para seu pleno entendimento (Bourdieu, 1992, p. 102). Ou seja, a teoria praxiológica, ao fugir dos determinismos das práticas, pressupõe uma relação dialética entre sujeito e sociedade, uma relação de mão dupla entre habitus individual e a estrutura de um campo, socialmente determinado. Segundo esse ponto de vista, as ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais não derivam de cálculos ou planejamentos, são antes produtos da relação entre um habitus e as pressões e estímulos de uma conjuntura. (SETTON, 2002, p. 64).

Esse "direcionamento inconsciente" se dá pelo *habitus*, o qual é definido pelas possibilidades de sucesso – e fracasso - já vivenciadas em experiências anteriores (seja pelo próprio agente ou pelo grupo do qual ele faz parte).

> No mesmo momento em que elas aparecem como determinadas pelo futuro, isto é, pelos fins explícitos e explicitamente colocados de um projeto ou plano, as práticas que o *habitus* produz (enquanto princípio gerador de estratégias que permitem fazer face a situações imprevisíveis e sem cessar renovadas) são determinadas pela antecipação implícita de suas consequências, isto é, pelas condições passadas da produção de seu princípio de produção de modo que elas tendem a reproduzir as estruturas objetivas das quais elas são, em última análise, o produto. (BOURDIEU, 1983, p. 61).

As disposições são tão profundamente incorporadas pelo agente, que aparentemente as suas práticas, seu modo de agir, pensar, sentir são "naturalizados". O

agente se depara com uma situação e age quase que “instintivamente”. Porém não se trata de um instinto inato, mas de escolhas inconscientes determinadas a partir de experiências anteriores, seja do próprio agente ou do grupo do qual ele faz parte. Não é algo natural. É social. É aprendido. É o *habitus* se manifestando.

> Princípio gerador duravelmente armado de improvisações regradas [...], o habitus produz práticas que, na medida em que elas tendem a reproduzir as regularidades imanentes às condições objetivas da produção de seu princípio gerador, mas, ajustando-se às exigências inscritas a título de potencialidades objetivas na situação diretamente afrontada, não se deixam deduzir diretamente nem das condições objetivas, pontualmente definidas como soma de estímulos que podem aparecer como tendo-as desencadeado diretamente, nem das condições que produziram o princípio durável de sua produção: só podemos, portanto, explicar essas práticas se colocarmos em relação a estrutura objetiva que define as condições sociais de produção do habitus (que engendrou essas práticas) com as condições do exercício desse habitus, isto é, com a conjuntura que, salvo transformação radical, representa um estado particular dessa estrutura. (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Ao observar as trajetórias de um grupo, nota-se certa homogeneidade em suas práticas, como se houvesse um “roteiro” a ser seguido. Isso decorre das experiências acumuladas ao longo das gerações. Conforme determinada prática favorece ou não o sucesso dentro dos campos, esta será reproduzida pelas gerações ou reconfiguradas de acordo com a dinâmica das lutas empregadas dentro desses campos, pela posse dos capitais.

> Diferentemente do cálculo das probabilidades que a ciência constrói metodicamente, com base em experiências controladas e a partir de dados estabelecidos segundo regras precisas, a avaliação subjetiva das chances de sucesso de uma ação determinada numa situação determinada faz intervir todo um corpo de sabedoria semiformal, ditados, lugares-comuns, preceitos éticos ("não é para nós") e, mais profundamente, princípios inconscientes do ethos, disposição geral e transponível que, sendo o produto de um aprendizado dominado por um tipo determinado de regularidades objetivas, determina as condutas "razoáveis" ou "absurdas" (as loucuras) para qualquer agente submetido a essas regularidades. (BOURDIEU, 1983, p. 62-63)

No caso dos grupos de camadas populares, por predominantemente terem suas escolhas condicionadas à “lógica da necessidade”, as possibilidades são mais restritas de acordo com o volume e tipos de capitais possuídos (ou não). Sendo assim, como se observa nos grupos retratados por Serejo (2008), o meio em que viviam lhes oferecia um horizonte restrito de escolhas.

> O ervateiro, brasileiro, paraguaio ou correntino, é, como o sertanejo de Euclides da Cunha, um forte, acima de tudo um forte, um resoluto, um destemido, um bravo.
> Costuma enfrentar o perigo com coragem de pasmar.
> Geralmente, não professa o meio-termo. Ou é, ou não é, sendo essa a sua primeira maneira de entender as coisas, de encarar a solução dos problemas.
> Abrutalhado pela vivência prolongada em meio agreste e rude, tem em determinadas ocasiões atitudes que assombram e comovem.
> Torna-se, então, dócil e submisso. É um ser humano completamente transmudado: no olhar, nos gestos, nos traços fisionômicos e na brandura da voz.
> Se o momento é para briga, briga e, com a ferocidade de um tigre, peleia... e peleia feio. E rola o garrão, mas não se acovarda.
> Vemo-lo, no entanto, vezes várias desajeitadão ninando nos braços hercúleos, para que adormeça, o filho amado, razão de sua existência, sangue do seu sangue, acalento do seu coração...
> O drama do erval alucina-o e absorve-o. (SEREJO, [1975] 2008, v. 4, p. 72).

No excerto acima, além de se retratar que os costumes na fronteira independiam das nacionalidades que ali se encontravam, ou seja, que o meio acabava por formar um *habitus* próprio da região, também se revela como as práticas desse homem e mulher fronteiriços se direcionavam segundo os "problemas" do dia-a-dia: os perigos, a violência, o próprio trabalho e a vivência familiar. Não se delineavam estratégias de ascensão social, uma vez que o que se colocavam eram as necessidades básicas do dia-a-dia, de sobrevivência àquele contexto hostil.

O *habitus* é uma ferramenta conceitual que auxilia na apreensão da homogeneidade de disposições, gostos e preferências de determinado grupo e agentes com trajetórias semelhantes. Não pode, no entanto, ser confundido com um tipo de memória sedimentada e imutável, mas como um sistema construído continuamente, aberto e sujeito a novas experiências (SETTON, 2002).

É relevante esse caráter mutável do *habitus*. Embora seja uma estrutura durável e que não se modifica facilmente, pois decorre de condicionamentos tanto objetivos quanto subjetivos, não significa que não seja passível de alterações. Pelo contrário, o *habitus* é, em essência, modificável, pois as relações são dinâmicas e estão em constante reconfiguração.

> Tendo como base a definição de habitus como sistema de disposições ligado a uma trajetória social, a teoria praxiológica pretende apreender a historicidade e a plasticidade das ações (Dubar, 2000). Ou seja, as ações práticas transcendem ao presente imediato, referem-se a uma mobilização prática de um passado (trajetória) e de um futuro inscrito

> no presente como estado de potencialidade objetiva. Enfim, o conceito de habitus não expressa uma ordem social funcionando pela lógica pura da reprodução e conservação; ao contrário, a ordem social constitui-se através de estratégias e de práticas nas quais e pelas quais os agentes reagem, adaptam-se e contribuem no fazer da história. (SETTON, 2002, p. 65).

Um movimento migratório é uma mudança significativa na vida de um agente que promove alterações no *habitus*, uma vez que ao se deslocar para um país diferente, o migrante precisa adaptar-se a esse novo lugar, aprender outra língua, integrar-se à cultura etc. Embora o migrante carregue consigo as suas origens, as transformações que se operam nesse deslocamento são incorporadas e passam a modificar o seu *habitus.* É o caso dos grupos aqui estudados: "O caraí ervateiro paraguaio veio de sua Pátria para início de uma nova vida no eldorado da caá." (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 154).

> No mundo bruto da erva, nem todos conseguiam a adaptação mais que necessária. Passavam a ser um peso morto para a ranchada. Peões de produção limitada, ou mesmo quase nula. Nestas circunstâncias não saldariam, nunca, *la deuda*. **Seriam devolvidos, então, para a cidade de origem.** (SEREJO, [1986] 2008, v. 6, p. 128, grifo nosso).

Nos escritos de Serejo (2008) fica evidente essa necessidade de adaptação, para a própria sobrevivência, daqueles que migravam para a região. O "início de uma nova vida" que o autor descreve é, em essência, a mudança no *habitus.*

Wacquant (2007) destaca alguns aspectos a respeito do *habitus*: 1) não é uma aptidão natural, mas social, variável, portanto, através do tempo, do lugar e das distribuições de poder; 2) é transferível a diversos domínios de prática; 3) é durável, porém não é eterno ou estático. "[...] as disposições são socialmente montadas e podem ser corroídas, contrariadas ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças externas, como demonstrado, por exemplo, a propósito de situações de **migração** [...]" (WACQUANT, 2007, p. 67, grifo nosso); 4) é dotado, por outro lado, de uma "inércia incorporada", pois as práticas são moldadas a partir das estruturas sociais e, além disso, as experiências mais antigas são sobrepostas pelas mais recentes, sendo as primeiras mais difíceis de serem alteradas (como aquelas incorporadas na infância); 5) possui uma defasagem entre as determinações passadas que o produziram e as determinações atuais que o interpelam. "[...] como 'história tornada natureza', o habitus 'é aquilo que confere às práticas sua relativa autonomia no que diz respeito às determinações externas do presente imediato.'" (WACQUANT, 2007, p. 67).

> Contra o estruturalismo, a teoria do habitus reconhece que os agentes fazem ativamente o mundo social por meio do envolvimento de instrumentos incorporados de construção cognitiva; mas também afirma, contra o construtivismo, que estes instrumentos foram também eles próprios feitos pelo mundo social (Bourdieu, 2000 [1997], p. 175-177). O habitus fornece, ao mesmo tempo, um princípio de sociação e de individuação: sociação porque nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (assim, podemos falar de um habitus masculino, de um **habitus nacional**, de um habitus burguês etc.); individuação porque cada pessoa, tendo uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas. Por ser simultaneamente estruturado (por meios sociais passados) e estruturante (de ações e representações presentes), o habitus opera como o "princípio não escolhido de todas as escolhas" guiando ações que assumem o caráter sistemático de estratégias mesmo que não sejam o resultado de intenção estratégica e sejam objetivamente "orquestradas sem serem o produto da atividade organizadora de um maestro" (Bourdieu, 1990 [1980], p. 256). (WACQUANT, 2007, p. 67-68, grifo nosso).

Observa-se, portanto, que para se chegar ao *habitus* de determinado grupo, é necessário conhecer o(s) campo(s) no(s) qual(is) ele está situado, os capitais que ele possui, o momento histórico e as singularidades locais. Como o *habitus* não é um mecanismo autossuficiente, mas opera a partir de um "gatilho externo", para compreendê-lo é necessário conhecer o complexo de aspectos que o configuram. "Uma análise completa da prática requer uma tripla elucidação da gênese e estrutura sociais do habitus e do campo e das dinâmicas de sua 'confrontação dialética'" (WACQUANT, 2007, p. 69).

Para Bourdieu (1983), portanto, o agente não é nem livre nem determinado, mas o produto da interação entre as condições objetivas e as disposições incorporadas ao longo das trajetórias. É dotado de um "senso prático", de um *habitus* gerador (disposições adquiridas pela experiência) que varia no tempo e no espaço.

> Se o habitus pode funcionar enquanto operador que efetua praticamente a ação de colocar em relação esses dois sistemas de relação na e pela produção da prática, é porque ele é história feita natureza, isto é, negada enquanto tal porque realizada numa segunda natureza. Com efeito, o "inconsciente" não é mais que o esquecimento da história que a própria história produz ao incorporar as estruturas objetivas que ela produz nessas quase naturezas que são os habitus [...] (BOURDIEU, 1983, p. 65).

O *habitus* é história feita natureza. É a interiorização das estruturas objetivas, ao mesmo tempo em que é uma estrutura estruturante. E esse processo pressupõe um aprendizado. O agente aprende a agir e pensar de determinado modo dentro do(s)

grupo(s) do(s) qual(is) participa. As experiências comuns partilhadas pelo grupo configuram um *habitus* de grupo.

Observa-se, portanto, a intrínseca relação entre o processo constitutivo do *habitus* e a educação. O *habitus* é configurado a partir de um contínuo processo de aprendizagem, que ocorre nos diferentes campos, pelos diferentes grupos. Não se pode falar em educação sem pressupor um *habitus* construído ao longo das gerações e das trajetórias, assim como não se pode conceber um *habitus* que não seja fruto de um processo educativo.

E por ser aprendido, o *habitus* pode ser modificado, apesar de ser algo profundamente arraigado à subjetividade dos grupos/agentes. Essa mudança pode ser gradual ou mais radical/abrupta, de acordo com as conjunturas que se colocam nas trajetórias.

> [...] as possibilidades de transformação dos habitus dos agentes podem ser pensadas, por um lado, a partir da movimentação dos agentes entre diferentes campos sociais, e, por outro, a partir da movimentação e das lutas travadas dentro do próprio campo. Outrossim, a transformação do habitus pode ocorrer através de um trabalho de análise reflexiva (portanto racional) sobre as próprias disposições [...]. (BRANDÃO; ALTMANN, 2005, p. 5).

Essa última possibilidade de transformação do *habitus* seria por meio de uma tomada de consciência do próprio agente, via reflexão sociológica, a respeito das condições que configuram o seu *habitus*. Ao conhecer essas condições, o agente poderia, então, agir conscientemente de modo a modificá-las. O trânsito do agente pelos diferentes campos, assim como a modificação da configuração e das hierarquias no interior destes a partir das lutas ali travadas, também seriam fatores modificadores do *habitus*.

> [...] os agentes sociais não são partículas mecanicamente atiradas e impelidas por forças externas. São antes portadores de capital e, segundo sua trajetória e a posição ocupada no campo em virtude da sua dotação de capital (volume e estrutura), eles têm uma propensão a se orientar ativamente, seja em direção à conservação da distribuição do capital, seja em direção a subverter esta distribuição. Considerando que o habitus se forma a partir da inserção do agente nos campos sociais e das lutas travadas no campo, mudanças nas posições no campo e na distribuição de capitais implicam em modificações no próprio habitus. (BRANDÃO; ALTMANN, 2005, p. 6).

Observa-se que, embora o *habitus* seja uma estrutura durável, cujas modificações raramente se dão de forma abrupta, a não ser em condições específicas, a

dinâmica das relações confere dinamicidade ao *habitus.* A posse dos capitais também é definidora de um *habitus* mais ou menos modificável.

> Uma hipótese relaciona-se à extensão e freqüência da movimentação dos diferentes agentes pelo espaço social: os agentes em função de seus habitus (adquiridos sob determinadas condições de vida e de acordo com uma particular trajetória social) têm maior ou menor probabilidade de circular e jogar nos diferentes campos. Por sua vez, a maior ou menor circulação/atuação pelos/nos campos sociais implicará em uma variedade de graus de complexidade dos habitus. Nossa hipótese é que a variedade de capitais na estruturação dos habitus, decorrente da freqüência com que os agentes se movem e "jogam" em vários campos, dota-os de uma maior plasticidade que se desdobra em uma crescente e mais pronta possibilidade de conversões e reconversões das disposições para pensar, agir, sentir e gostar revestindo-as de roupagens cada vez mais complexas e distintas. (BRANDÃO; ALTMANN, 2005, p. 7-8).

Sendo assim, se o *habitus* do agente se configura a partir da posse de variados capitais e circulação por diferentes campos, ele se torna, em essência, passível de conversões e reconversões, de uma diversificação estrutural que, por sua vez, pode favorecer a acumulação de capitais. Os agentes dotados de *habitus* complexos otimizam suas chances de alcançar posições mais elevadas no espaço social.

Por outro lado, os agentes cujas vivências são restritas ao trabalho têm menos condições de atuar nos diferentes campos e, pela posse de um volume escasso de capitais, possuem menores chances de conversão e reconversão de capitais (BRANDÃO; ALTMANN, 2005). É o que ocorre com os grupos descritos na obra de Serejo (2008).

O *habitus* não somente é modificável como é um processo inerente à própria dinâmica das relações. No entanto, a mudança no *habitus* pressupõe que haja uma mudança significativa no interior dos campos, nas hierarquias ali colocadas. Por se tratar de uma estrutura estruturada a partir da realidade externa, é necessário que essa realidade seja reconfigurada. Também, por se tratar de uma estrutura estruturante, o *habitus* pode, sem desconsiderar as limitações objetivas, ser a força modificadora dessa mesma realidade.

Um exemplo desse processo é o que ocorre com grupos de migrantes. Ao se inserir em uma sociedade diferente de sua original, o agente é forçado a modificar o seu *habitus*, de modo a adaptar-se ao novo meio social, porém se esse grupo que migrou é

numeroso, há a possibilidade ainda dele imprimir na sociedade que o acolhe marcas de seu *habitus*, por meio das trocas culturais promovidas.

No caso do grupo social retratado por Serejo (2008), por pertencer às camadas populares, possui parco volume de capitais. Suas escolhas são restritas à "lógica da necessidade". Nesse sentido, poder-se-ia dizer que seu *habitus* possuiria chances restritas de modificação. No entanto, há que se considerar que se trata de um grupo fronteiriço. As trocas culturais ali ocorridas favorecem uma dinâmica modificadora do *habitus* e a constituição de um *habitus* próprio desse meio. A tese aqui defendida é de que as vivências na fronteira configuram um *habitus* próprio desse ambiente. Os grupos fronteiriços partilham de experiências singulares e essas experiências engendram um *habitus fronteiriço*.

Esse *habitus fronteiriço* seria decorrente da conversão do *habitus* constituído pela cultura do país de origem em um *habitus* configurado pelo intercâmbio entre as culturas dos países vizinhos.

> Em nossa juventude, ouvíamos os comentários sobre os Balbuenas, feitos pelos mais velhos, e a nossa imaginação se incendiava, enquanto crescia dentro do peito aquela admiração, já enraizada, pelos irmãos Balbuenas, mormente por Caraícho, o amigo de jogar trompo e soltar pandorgas coloridas, de rabo duplo, **enfeitado com as cores das bandeiras do Brasil e Paraguai, tudo ideia dele, Caraícho, que tinha o direito de prestar essa homenagem à sua Pátria, mesmo sendo um brasileiro de coração.** (SEREJO, [1981] 2008, v. 5, p. 124, grifo nosso).

> Viviam separados por centenas de léguas mas, em suas ranchadas, honrando o nome paterno, e sendo amigos de todos, desde o patrão até o aguateiro humilde. **Amavam o Brasil como a própria Pátria, ou mais, quem sabe.** (SEREJO, [1981] 2008, v. 5, p. 124, grifo nosso).

> Vindo dos rincões paraguaios, em busca dos ervais, se aclimatou tanto que **mais parecia um filho da terra**. (SEREJO, [1962] 2008, v. 3, p. 224, grifo nosso).

A fronteira não possibilita somente o contato com a cultura do outro, mas condiciona o próprio *habitus* a reconfigurar-se, de modo que esse "eu" e o "outro" ora se confunde, ora se afirma, em um jogo de referências cruzadas, no qual as diferenças, as semelhanças e a mútua influência se intensificam e movimentam.

> Na fronteira geográfica, a identidade é tema privilegiado, porque nela o sujeito é constantemente inquirido: quem é você? A que lado você pertence? As respostas para essas e outras questões tornam-se cada vez mais complexas e ambivalentes na afirmação da identidade, quando os sujeitos são migrantes ou gerações de migrantes que

> notoriamente transitam entre os valores da cultura de origem familiar e os valores culturais de, por exemplo, dois países fronteiriços. (PEREIRA, 2003, p. 1).

Ao mesmo tempo, portanto, que um grupo absorve elementos da cultura do outro, há sempre um chamamento à afirmação de sua identidade, de quem se é, ainda que esse "ser e estar" esteja em constante movimento decorrente do trânsito entre as diferentes culturas. O agente/grupo, embora pertença oficialmente a "um lado" da fronteira, possua uma nacionalidade, vivencia uma fluidez identitária que relativiza esse pertencimento, o que se reflete no seu *habitus*.

> [...] há singularidades locais, ou seja, "formas de cultura da fronteira" que podem ser apreendidas nos estudos sobre a fronteira, principalmente na compreensão da identidade, ocasião propícia ao combate da ideia de que a sociedade é construída como um mosaico formado por culturas, etnicidades e nacionalidades diferentes, cada uma delas estática e cristalizada, retirando de cena a relação dinâmica entre as culturas. (PEREIRA, 2013, p. 134).

A fronteira constitui-se, assim, não somente como um espaço físico que delimita dois territórios, mas como campo em que as relações entre as nações engendram um modo de ser, estar e sentir diferenciado, próprio da intensificação das identidades e alteridades decorrente do encontro e das trocas entre as culturas.

Ser fronteiriço é não saber onde termina o "eu" e onde começa o "outro", pois há muito desse "outro" em "mim", e vice-versa. Desde as práticas mais corriqueiras, como, por exemplo, o partilhar do tereré, até as mais complexas, como as trocas comerciais, há, nas condutas, influências mútuas.

> Era, efetivamente, um monteador, um paraguaio de meia-idade, chegado há poucos meses na região, procedente de Caarapó.
> Falava dificultosamente, tanto o castelhano, como o português.
> Meu pai percebeu a situação incômoda do chegante. A abençoada alma salvadora. Que Deus mandara no terrível e angustioso momento.
> Perguntou-lhe, em guarani, seu nome, o que fazia ali e onde morava. **Falando corretamente o idioma guarani, meu pai se entendeu às mil maravilhas com o caazapaveano, que se alegrara sobremaneira em ver um brasileiro conversando em guarani tão fluentemente, não mutilando a palavra nem as frases.** (SEREJO, [1978] 2008, v. 4, p. 309-310, grifo nosso).

> Dizia a todos que viera em uma comitiva no bojo de uma carreta paraguaia. Não portava documento. Para que documento se o mundo era de todos? O importante era *vivir bien*, respeitando,

> compreendendo, prestando ajuda, desta ou daquela forma. (SEREJO, [1981] 2008, v. 5, p. 103).

> Mas calou-se. Sentiu que, **naquele fim de mundo, o melhor seria que todos vivessem irmanados.** (SEREJO, [1981] 2008, v. 5, p. 107, grifo nosso).

> Entre os ervateiros paraguaios, sempre foi conhecida como patrulha *bolante.* Tanto do lado brasileiro como do paraguaio a sua missão era esta: prender, se possível; ou matar, na fuga. Formavam-se volantes só de brasileiros ou unicamente de paraguaios, isto de conformidade com a natureza do problema.
> Se o caso era de interesse dos dois países, *habia um arreglo de caballeros,* segundo o famoso *bolantero* Juan Molina II, que entrou na lida como guaino, e que tem, até hoje, a hospitaleira cidade paraguaia de Vila Encarnación como *su punto de paraje para el descanso y renovar fuerzas,* que consistia no seguinte: patrulha ou *escuelta* de par a par, *por la mitad* ou *en partes iguales,* isto é, o mesmo número de brasileiros e paraguaios. (SEREJO, [1989] 2008, v. 7, p. 44-45).

Observa-se, no modo de vida dos grupos retratados, que há um movimento de aproximação/afastamento a/desse "outro" com o qual se convive na fronteira. Também estão presentes elementos que revelam as estratégias empregadas por esse fronteiriço para, ora facilitar essa aproximação (no caso aqui retratado, por meio do aprendizado da língua, do respeito e da formação de vínculos – como "irmãos"), ora estabelecer os "limites" dessa convivência (no caso acima citado, por meio da força policial).

Nesse sentido, pode-se considerar que esses são elementos reveladores de um modo singular de ser e estar na fronteira, ou seja, de um *habitus fronteiriço.*

> Mas que elementos são considerados na formação de um *habitus fronteiriço*? Inicialmente, cabe considerar que a objetivação de um habitus se dá por meio de práticas visíveis. A estética dos atos é reveladora do modo de ser e agir como fronteiriço. Não precisa ser dito. O fronteiriço sente-se e percebe-se, está na condição de fronteira, partilha-se a cultura. (PEREIRA, 2013, p. 144).

Pereira (2013) defende que perscrutar historicamente como se constitui o *habitus* de grupo é fundamental, pois por meio dele se compreendem as práticas e representações dos indivíduos em situações específicas e particulares, como no caso da fronteira Brasil/Paraguai.

> O habitus é uma mediação construída processualmente durante a trajetória de cada agente, nas suas experiências vividas, interiorizadas, incorporadas durante o processo de socialização, quando se percorrem os mais diferenciados campos. (PEREIRA, 2013, p. 145).

Portanto, conhecer, na obra memorialística de Hélio Serejo, as práticas do homem fronteiriço revela em que medida essas trocas culturais configuraram uma forma singular de ser e estar na fronteira, ou seja, um *habitus fronteiriço*. Antes de trazer uma síntese dos aspectos analisados ao longo do trabalho, os quais permitem identificar o *habitus fronteiriço,* é preciso reiterar os fatores que influenciam na configuração de um *habitus:*

- **Condições objetivas (campo) –** O *habitus* se configura dentro do campo de acordo com a lógica deste e das práticas dos agentes que nele se situam. Embora o agente não incorpore essas condições objetivas de forma mecanizada, ou seja, embora o *habitus* não seja unicamente determinado por aspectos externos, a forma como a realidade se coloca tem influência sobre esse *habitus*. A dinâmica das relações dentro do campo é incorporada pelos agentes que dele participam;
- **Experiências comuns de um grupo (incorporação de disposições) –** A interação do agente com o campo produz experiências. O grupo que se situa em determinado campo partilha de experiências comuns. Essas experiências produzem disposições e estas direcionam as práticas dos indivíduos que pertencem àquele grupo. "[...] todas as pessoas que estão cometidas num campo têm em comum um certo número de interesses fundamentais, a saber tudo o que está ligado à própria existência no campo [...]" (BOURDIEU, 2003, p. 121);
- **Práticas comuns ao grupo -** Ao vivenciar experiências semelhantes, os agentes passam a pensar e agir também de forma similar, ou seja, suas escolhas, gostos e práticas seguem uma espécie de "roteiro" baseado nas trajetórias individuais e de grupo. Esse "roteiro" é a história que se faz natureza, ou seja, são as trajetórias que são de tal modo internalizadas pelos agentes que estes passam a tomar decisões quase inconscientes, baseadas nas suas próprias experiências e nas de seu grupo;
- **Relação dialética entre as condições objetivas e as disposições incorporadas pelos agentes** (interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade) – Esse é o processo por meio do qual se constitui o *habitus,* estrutura estruturada e estruturante. A subjetividade não está submetida às condições objetivas, tampouco independe dessas condições. Ao contrário, o *habitus* é **produtor** e **produto** das relações que o agente estabelece ao longo de sua trajetória, e é também **processo**, uma vez que está em permanente constituição.

A partir dos aspectos supracitados, procede-se a uma síntese das discussões realizadas ao longo do capítulo, as quais evidenciam a existência de um *habitus fronteiriço*, nos grupos retratados por Serejo (2008):

- **A demarcação e o povoamento da fronteira**: foram alguns dos elementos objetivos determinantes na composição do *habitus fronteiriço*, pois a partir da definição dos limites e a ocupação da região, passou a se desenvolver, também, uma zona de contato entre os povos e se intensificaram as relações entre estes, promovendo uma influência mútua nos *habitus* dos diferentes grupos.

  Configurou-se, ali, um subcampo – a vida nos ervais – constituído a partir da relação entre dois campos: o campo econômico, relacionado à atividade extrativista que atraiu e aproximou esses grupos; e o campo cultural, pois a partir da atividade econômica e do fluxo migratório que esta motivou, configurou-se ali um modo de vida marcado pelo encontro e o entrecruzamento entre as culturas dos povos que passaram a conviver.

  Dentro desse subcampo, havia uma hierarquia, definida pelas relações de trabalho, porém também pelos capitais possuídos pelos agentes. Os que detinham capital econômico ocupavam as posições mais altas – os proprietários da empresa. O domínio exercido pela Mate Larangeira era o que definia toda a lógica das relações. Os que não detinham o capital econômico, tampouco o capital cultural na sua forma objetivada ou institucionalizada[118], faziam uso do capital cultural incorporado, ou seja, dos saberes que envolviam o ofício, para galgar posições de relativo destaque.

  Para conceber o capital cultural incorporado desses grupos como portador de um valor dentro do campo, é necessário considerar as singularidades do modo de vida que ali se desenvolvia. Dentro dessas relações é possível entender esses saberes como dotados de valor, tendo em vista que eram usados como uma espécie de moeda de troca, para que esse grupo mantivesse seus costumes e crenças e empregasse determinadas resistências;

[118] Bourdieu (1999) identifica três estados do capital cultural: o objetivado, que são os suportes materiais na forma de livros, quadros, monumentos etc., cuja apropriação não depende somente da transmissão deste de uma pessoa a outra, mas das condições desta de "ler" esses códigos, e isto se dá por meio do capital cultural no seu estado incorporado (que é o próprio *habitus)*. O capital cultural institucionalizado, por sua vez, diz respeito aos diplomas, certificados, conferidos ao agente como um reconhecimento, outorgado pela sociedade. O agente que o possui faz uso dele como uma moeda dentro do campo, passa a ter acesso a posições mais privilegiadas, a depender do valor que esse certificado/diploma, possui perante o grupo.

- O **processo migratório e a impermanência desse acolhimento**: a dinâmica que envolvia os fluxos migratórios para a área fronteiriça também assumia contornos singulares, tendo em vista que os grupos que ali se instalavam não deixavam para trás as suas raízes culturais. Elas estavam logo ali ao alcance, "do outro lado da fronteira". Além disso, essa permanência na sociedade de acolhimento era desenraizada, pois muitos eram os motivos que os faziam retornar ao seu país, seja por vontade própria, seja por meio de expulsão, ou mesmo pela natureza impermanente das relações de trabalho.

  O número elevado de paraguaios que se instalaram na região também conferia características singulares às vivências desses trabalhadores. A trajetória comum ao grupo lhe permitia manter-se coeso. Tanto que, embora as ranchadas fossem distantes umas das outras, havia um sentimento de solidariedade e pertencimento. O partilhar das trajetórias e das dificuldades do dia-a-dia acabava por configurar um *habitus* de grupo;
- **As trocas culturais e o processo educativo**: a convivência cotidiana com diferentes grupos atribuía maior intensidade às trocas culturais. O processo educativo, por sua vez, era permeado por essas relações e trazia elementos das diversas culturas que ali se encontravam.

  Os próprios escritos de Hélio Serejo demonstram, seja no vocabulário empregado, seja nos fatos narrados, que em todas as suas práticas o homem e a mulher fronteiriços carregavam elementos das diferentes culturas. O ser e estar desses agentes era determinado por esses constantes intercâmbios.

  Por se tratar de um espaço fronteiriço, as identidades e alteridades eram permanentemente evidenciadas. Os que se adaptavam, integravam-se ao grupo, os que não se enquadravam nas normas estabelecidas, eram expulsos ou retornavam "espontaneamente" ao seu país/estado de origem.

Observa-se, portanto, que estão presentes os quatro fatores apontados anteriormente, os quais configuram um *habitus* - nesse caso, um *habitus fronteiriço*. As **condições objetivas** eram os campos econômico e cultural, os quais constituíam um subcampo: a vida nos ervais. A fronteira, limite geográfico que também é a zona de contato entre os povos, era o "cenário" em que esses grupos se colocavam, empreendiam práticas, estratégias, resistências, relações.

As **experiências comuns do grupo** eram as trajetórias que culminaram no processo migratório, as necessidades em que se encontravam em seu local de origem e

as condições que se colocaram após a migração. Tais experiências fizeram com que esses agentes incorporassem disposições, ou seja, um *habitus* próprio do ambiente no qual passaram a viver e conviver: a fronteira.

As **práticas comuns ao grupo** são os costumes e crenças que se manifestavam no cotidiano, assim como as estratégias que empregavam diante das dificuldades e da lógica interna do referido subcampo, ou seja, a forma como pensavam e agiam diante das condições que se colocavam, no trabalho, nos relacionamentos, nas normas instaladas etc. Tais práticas partiam das disposições incorporadas pelo grupo, em sua trajetória.

A **relação dialética** entre os aspectos objetivos e subjetivos é, em essência, o meio pelo qual o *habitus fronteiriço* se configurou: um *habitus* que era fronteiriço não somente porque esses agentes se encontravam geograficamente numa área de fronteira, mas também porque sua subjetividade, seu modo de ser e estar, configurava-se a partir da lógica interna do subcampo que ali se constituiu.

Nota-se, portanto, que havia influências objetivas e subjetivas na composição desse *habitus fronteiriço*. Ao mesmo tempo em que este era fruto da estrutura social que se colocava naquele contexto histórico, também se constituía a partir de uma conversão dos *habitus* dos grupos que passaram a viver na fronteira, ou seja, ao se modificarem as condições objetivas, também o *habitus* reestruturou-se a partir das práticas do homem fronteiriço. Formou-se, assim, um *habitus* singular, próprio da fronteira, um *habitus fronteiriço*.

Embora se considere que são necessários novos estudos que, somados a este, caracterizarão as diversas fronteiras e contribuirão para a construção da noção de um *habitus fronteiriço,* entende-se que é possível afirmar que na fronteira Brasil-Paraguai retratada por Hélio Serejo havia um *habitus* de contornos singulares, constituído pelas trocas culturais e pelas práticas próprias da fronteira. Havia, em constituição, um *habitus fronteiriço*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Sentiu-se, por fim, vencido, um homem humilhado dentro das fronteiras do país que muito amava. E tomou aquela resolução. Reuniu a tarequeira toda e mudou-se para o Paraguai. (SEREJO, [1939] 2008, p. 104, v. 1).

> Pagou o saldo de ambos e entregou-lhes as cadernetas. Não havia dúvida para o prenúncio da deportação. Mais dois que retornavam ao Paraguai, como elementos indesejáveis. (SEREJO, [1952] 2008, p. 124, v. 2).

> Contou, então, à mulher e ao filho, companheiros abnegados de infortúnios, a sua resolução: ia voltar para o Paraguai. E voltou. Foi para Capilla Horqueta, seu berço natal, onde morreu, meses depois, pobre, miseravelmente pobre. (SEREJO, [1952] 2008, p. 151, v. 2).

Os excertos acima são ilustrativos no que se refere à "integração relativa" que ocorria entre os grupos que viviam na fronteira naquele momento histórico. Embora o memorialista busque retratar, em muitos de seus textos, uma relação harmoniosa, não são raros os registros que revelam uma tensão permanente, condicionada às incertezas das relações de trabalho, às precárias condições de vida e à violência instalada na região.

O *habitus fronteiriço* retratado por Serejo (2008) é caracterizado por um constante movimento de aproximação e afastamento, idas e vindas, de afirmação das diferenças e semelhanças. Ser fronteiriço é, nesse sentido, não somente estar na fronteira física entre dois países, mas se apropriar dessa fronteira, de modo a torná-la parte da subjetividade, do *habitus.*

Esse *habitus* se manifesta nas relações com o "outro", nas intensas trocas culturais, comerciais, linguísticas etc.. Partilham-se costumes, crenças, símbolos, tradições, mas também se promove a alteridade, a autoafirmação, uma vez que o fronteiriço, ao mesmo tempo em que pertence à fronteira, também se vê em situações em que necessita dizer de onde veio, suas origens.

A educação, entendida como o processo pelo qual os grupos transmitem sua cultura para as gerações e que possibilita a inserção do agente nos diferentes campos, permeia essa trajetória. A constituição do *habitus*, nessa perspectiva, pressupõe um processo educativo e este, por sua vez, é também constituído pelo *habitus* do grupo no qual ele se desenvolve.

Observa-se, na fronteira retratada por Serejo (2008), que foram as motivações econômicas que influenciaram no seu povoamento. Naquele contexto, esse migrante era necessário e, embora recém demarcada, a fronteira se caracterizava como uma zona de contato. O trânsito de pessoas era de tal modo facilitado que não são raros os registros memorialísticos sobre fugitivos que se instalavam na região. No entanto, com a crise econômica que se instalou na década de 1930 e as políticas nacionalistas de Getúlio Vargas, esse "outro" passa a ser indesejado e os limites evidenciados.

Pode-se afirmar, portanto, que, assim como as fronteiras são historicamente constituídas e as suas demarcações – mais ou menos rígidas – são utilizadas para manifestar os modos de produção e justificar ideologicamente as relações de poder (RAFFESTIN, 1993), o *habitus fronteiriço* é permeado pela tensão constante que caracteriza o campo da fronteira internacional.

No capítulo introdutório da Tese, foi apresentado o objeto. Inicialmente, procedeu-se a uma delimitação do tema, justificou-se a sua relevância, assim como apresentou-se a problematização que veio a fomentar a análise, qual seja:

- Quais as contribuições das memórias de Hélio Serejo para compreender a educação e a cultura da fronteira?
- Como se caracterizam os grupos retratados por Serejo a partir da sua educação e trocas culturais?
- O modo de vida nas práticas sociais de agentes do linde Brasil-Paraguai retratadas na obra de Hélio Serejo configura um *habitus fronteiriço*?

Ainda na introdução, apresentaram-se os conceitos principais desenvolvidos por Bourdieu – *habitus*, campo, capitais, estratégias etc. –, assim como as possibilidades que esse teórico apresenta à metodologia aqui adotada, qual seja, a análise de obras memorialísticas.

Embora Bourdieu (2005, 2006, 2008) tenha se referido, em suas obras com memórias, a relatos orais, é possível transportar suas problematizações às pesquisas com obras memorialísticas, isto porque os limites e possibilidades que envolvem esse tipo de fonte se assemelham àqueles observados nas (auto)biografias: ambos são memória e, por sua vez, envolvem subjetividades (do pesquisador e do pesquisado).

Para superar os limites, no trabalho com memorialistas, também é preciso que o pesquisador conheça os campos pelos quais circulou o autor pesquisado, assim como os capitais por ele possuídos, de modo a apreender as condições objetivas que envolveram a trajetória desse memorialista e a constituição de seu relato.

Outro aspecto discutido no capítulo introdutório se refere à metodologia de análise de conteúdo. Foram expostas as etapas que compreendem essa técnica, assim como a sua pertinência para se trabalhar o presente objeto. As produções acadêmicas relacionadas à presente pesquisa também foram expostas no referido capítulo. Observou-se uma escassez de trabalhos, o que reforça a necessidade de mais pesquisadores incursionarem por esse campo. Uma vez expostas as produções, discutiu-se sobre a importância das obras memorialísticas para os estudos em História da Educação. Por fim, ainda na introdução, apresentou-se brevemente como foram selecionadas e analisadas as obras para esta pesquisa, assim como a estrutura da Tese.

No primeiro capítulo, apresentou-se a biografia de Hélio Serejo, situando-o no tempo e no espaço e abordando sobre a sua condição social, a qual direcionou o seu olhar sobre o cotidiano dos ervais. Posteriormente foi realizada uma exposição das obras selecionadas para análise e suas respectivas unidades temáticas. Ainda no primeiro capítulo, procedeu-se a uma aproximação inicial ao conceito de *habitus*, discutindo-se sobre as possibilidades de adjetivação deste, e se expôs o conceito de fronteira adotado nesta pesquisa.

Acerca da biografia de Hélio Serejo, observou-se que ele teve a iniciativa de escrever sobre seu cotidiano, pois desde cedo teve acesso aos livros e apropriou-se de um capital cultural que lhe concedeu disposições para enveredar pela literatura. Por pertencer às camadas médias, pois seu pai era pequeno proprietário, retrata ao mesmo tempo a vida do trabalhador dos ervais e a trajetória dos proprietários da Mate Larangeira e de outros grupos que detinham o poder. No entanto, devido à intensa convivência com os trabalhadores, predominam os textos que retratam a vida destes, seu ofício, as dificuldades que enfrentavam no seu dia-a-dia, seus costumes e crenças. Trata-se de uma referência na memorialística regional acerca do período compreendido como ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul (1883-1947).

As obras analisadas – “Homens de aço” (1946), “Vida de erval” (1975), “Caraí” (1986), “Caraí ervateiro” (1990) e “No mundo bruto da erva-mate” (1991) - foram selecionadas por sua relevância em relação ao objeto em estudo. Elas descrevem práticas culturais e sociais das pessoas de forma minuciosa, isto é, a vida na fronteira no período. As unidades temáticas identificadas foram: “personagens” (agentes/grupos retratados pelo memorialista), “eventos” (acontecimentos), “costumes”, “crenças”, “dificuldades”, “ambiente”, “violência”, “atividade ervateira” e “sobre a obra”.

Uma vez expostas as obras que compõem o *corpus* de análise, problematizou-se sobre as possibilidades de adjetivação do conceito de *habitus*, trazendo trabalhos (SILVA, 2011; PEREIRA, 2014; SETTON, 2002) que desenvolvem noções diferenciadas de *habitus*, a partir das especificidades dos grupos por eles analisados. Silva (2011) traz a noção de um *habitus* professoral, Pereira (2014) trabalha com a noção de um *habitus* conservatorial e Setton (2002) discute sobre um *habitus* híbrido. Esses três estudos, embora não diretamente relacionados ao presente objeto, demonstram que esse conceito permite diferentes abordagens, de acordo com as singularidades das práticas dos grupos sociais e das trajetórias dos agentes.

Outra questão discutida no capítulo inicial deste trabalho diz respeito ao conceito de "fronteira" e "ser fronteiriço". Adotando a perspectiva de Raffestin (1993) e Pereira (2013), a fronteira passa a ser entendida na sua historicidade, como um limite ideológico e não territorial, que justifica as relações de poder, porém também como uma zona de contato entre os povos que nela coabitam. Logo, a fronteira não é o limite de um país com o outro. Por ser um espaço permeado por trocas – culturais, econômicas, linguísticas etc. -, a fronteira propicia um ser e estar, ou seja, um *habitus* singular. Dessa concepção emerge a noção de um *habitus fronteiriço.*

A partir dessa aproximação inicial ao memorialista e aos conceitos principais adotados, procedeu-se à análise de conteúdo das obras selecionadas. Esse foi o objeto do segundo capítulo. Cada tópico do referido capítulo corresponde a uma questão da problematização. Sendo assim, no primeiro tópico, buscou-se responder à seguinte questão: **Quais as contribuições das memórias de Hélio Serejo para compreender a educação e a cultura da fronteira?**

A vida nos ervais é concebida como um subcampo, relacionado aos campos econômico e cultural. Dela, Serejo (2008) descreve o fluxo migratório decorrente dessa atividade econômica e o processo pelo qual a fronteira foi ocupada. Em suas obras estão retratadas as condições de vida e de trabalho dos grupos que ali viviam.

O autor enfoca, em sua obra, as trocas culturais, tanto no que se refere aos saberes utilizados na elaboração da erva-mate, quanto em relação aos costumes e crenças manifestados no dia-a-dia. Também têm destaque as dificuldades com as quais os agentes se deparavam, sejam aquelas próprias do ambiente (doenças e acidentes ocorridos), seja a própria violência que se manifestava devido às condições em que se deu a ocupação da fronteira, naquele período. Diante desse cenário, havia, nos ervais

fronteiriços, uma “integração relativizada”, a qual compõe o *habitus fronteiriço* dos grupos aqui estudados.

Para se apreenderem as práticas na fronteira em estudo, organizou-se a análise a partir dos seguintes tópicos:

- **Ciclo da Erva-Mate em Mato Grosso do Sul (1883-1947):** nesse tópico, foram apresentados a origem, a ascensão e o declínio dessa atividade econômica em Mato Grosso do Sul (então sul de Mato Grosso). A atividade econômica que se desenvolveu na fronteira naquele momento histórico fomentou o povoamento da região e os intercâmbios culturais decorrentes da convivência entre os grupos originários de diferentes países. A empresa ervateira não possuía uma nacionalidade. Seus domínios não reconheciam os limites entre os países. Essa condição influenciou sobremaneira na configuração do espaço fronteiriço desde sua origem.
- **Fluxo migratório e povoamento da fronteira:** o ciclo da erva-mate foi um dos fatores principais que determinaram esse movimento de migração e povoamento da fronteira, unido a outros eventos, como a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) e ao processo demarcatório;
- **Condições de vida e de trabalho**: trata das condições de vida e de trabalho. Serejo (2008) descreve o desenvolvimento da atividade ervateira na fronteira naquele momento histórico, um evento que influenciou nos processos migratórios de vários grupos para a região. Conhecer como se configurava esse subcampo permite compreender as lutas que se estabeleciam no interior deste.

Sobre a fronteira estudada, esta recebia naqueles idos sua delimitação político-administrativa, bem como estava sendo ocupada por migrantes vindos de outros estados brasileiros e de outros países, porém estes eram, em sua maioria, trabalhadores paraguaios que vinham para exercer o ofício da produção da erva-mate, uma atividade que naquele momento marcou a economia no estado.

Esses peões eram contratados em seu país, por possuírem os saberes herdados da tradição guarani e, pela condição em que se encontrava o Paraguai no período pós-guerra, havia um exército de trabalhadores disponíveis, que viam nos ervais uma oportunidade de melhorar de vida. O regime de contratação tornava esses trabalhadores cativos, pois por contraírem dívidas e receberem pouco por seu trabalho, não conseguiam saldar o que deviam e acabavam sendo obrigados a permanecer nos ervais.

Para atender às necessidades da população que passava a se instalar naquela região, outros grupos também chegaram. Na ausência de autoridades e serviços oficiais, recorriam-se a iniciativas particulares para atender às demandas por saúde, educação e segurança – esta última predominantemente voltada aos interesses da empresa. Quanto à saúde, recorriam-se aos saberes populares do curandeirismo.

A educação se dava por meios informais (transmissão da cultura) e não formais (para o trabalho). Eram poucos os que tinham acesso à escola, pois a forma como se organizava a vida nos ervais, assim como a falta de interesse governamental em oferecer esse acesso, inviabilizava a instalação dessas instituições. O conhecimento sobre as letras era, quando ocorria, oferecido por pessoas isoladas que se dispunham voluntariamente a ensinar aos peões.

Eram inúmeras as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores no seu dia-a-dia. Além da própria natureza do trabalho e das precárias condições de vida, o ambiente hostil repleto de animais selvagens e doenças, a violência era comum devido à omissão das autoridades oficiais e à forma desordenada como se deu a ocupação, além das disputas políticas e pela posse da terra.

Como uma forma de amenizar as duras condições de vida, os trabalhadores recorriam a práticas religiosas, festividades e momentos de confraternização. Conseguiam, por deter certo controle sobre seu ofício, empregar um ritmo próprio, inclusive usufruindo de folgas para o tereré, por exemplo.

Por ser ali uma fronteira constituída por grupos vindos de diferentes lugares do Brasil e de outros países, as culturas que ali se encontravam entrecruzavam-se se influenciando mutuamente. As crenças, os costumes, o vocabulário, eram incorporados dos/pelos diferentes grupos e compunham um modo de ser e estar singular na fronteira em estudo. Sendo assim, nesse processo – que se pode considerar como um **processo educativo** -, configurou-se um *habitus fronteiriço* caracterizado pelas trocas culturais, econômicas e simbólicas dos grupos que ali passaram a conviver.

Em relação à segunda questão levantada na problematização, qual seja: "**como se caracterizam os grupos retratados por Serejo a partir da sua educação e trocas culturais?",** observou-se que predominantemente Serejo (2008) descreve as vivências do **trabalhador dos ervais** (nas suas diferentes funções, direta ou indiretamente ligadas à produção da erva-mate), uma vez que sua obra tem como intuito dar visibilidade a esses personagens da história de Mato Grosso do Sul, chamados por ele de "heróis anônimos". Além de relatar sobre a vida do trabalhador dos ervais, porém, Serejo

(2008) retrata sobre as mulheres, as crianças e adolescentes e as pessoas com deficiências.

O autor revela que, dentro do subcampo da vida nos ervais, havia uma hierarquia, constituída pelos capitais possuídos pelos agentes (em especial, o econômico, o cultural e o simbólico) e pela lógica instalada dentro desse subcampo.

Assim, embora os agentes retratados não tivessem acesso à educação escolar, os saberes que possuíam acerca do ofício eram dotados de valor, uma vez que eram tomados como uma espécie de moeda de troca nas relações dentro do campo. Ainda havia aqueles trabalhadores cuja função era portadora de certo *"status"* perante os demais, ou seja, de um tipo de capital simbólico, como era o caso dos mineiros, barbaquazeiros e, no caso das mulheres, das chamadas *"nhás"* (curandeiras).

As mulheres, por sua vez, assumiam funções secundárias, de apoio. Eram as "companheiras" desse trabalhador. Outras, porém, eram vistas como propriedade destes, dadas inclusive como forma de "pagamento" de dívidas. Nos relatos de Serejo (2008), chama a atenção a forma como as retrata: ora como pessoas resignadas diante das dificuldades, ora como destemidas e sonhadoras, que se deslocaram para os ervais com os mesmos objetivos dos homens: uma mudança de vida.

Essa caracterização dúbia, por sinal, não está presente somente nos relatos sobre as mulheres, mas também sobre os homens. Ora Serejo (2008) busca ressaltar as lutas que estes empreendiam no seu dia-a-dia, ora demonstra o seu refúgio nas festividades e na religião, como um contraponto aos desafios enfrentados diuturnamente.

Os demais grupos retratados por Serejo (2008) são os adolescentes aprendizes (guainos), que embora fossem chamados assim, exerciam muitas vezes as mesmas funções dos adultos; e as pessoas com deficiência que, assim como as mulheres e adolescentes, também exerciam tarefas de importância considerada secundária.

Por fim, no último tópico do segundo capítulo, busca-se responder à questão central do trabalho: **"o modo de vida nas práticas sociais de agentes do linde Brasil-Paraguai retratadas na obra de Hélio Serejo configura um *habitus fronteiriço*?"**. Para tanto, inicialmente aprofundou-se na teoria bourdieusiana e no conceito de *habitus.*

Para se chegar ao *habitus* de um grupo, há que se considerarem as questões objetivas, ou seja, como se configura o campo específico analisado; as experiências comuns, que são as disposições incorporadas pelo grupo e que direcionam as práticas dos agentes que o compõem; e a relação dialética entre os planos objetivo e subjetivo na configuração do *habitus.*

Uma vez realizado o estudo sobre o conceito de *habitus*, e a partir da análise das obras de Hélio Serejo, identificou-se um *habitus fronteiriço* nos grupos retratados pelo memorialista. No que se refere ao processo de demarcação e povoamento da fronteira, observou-se que estes eram os elementos objetivos constitutivos do *habitus*. Ao estabelecer os limites também se estabeleceu uma zona de contato entre os povos ali se encontravam.

Configurou-se, ali, um subcampo – a vida nos ervais – constituído a partir da relação entre dois campos: o campo econômico, relacionado à atividade extrativista que atraiu e aproximou esses grupos; e o campo cultural, pois a partir da atividade econômica e do fluxo migratório que esta motivou, estabeleceu-se ali um modo de vida marcado pelo encontro e o entrecruzamento entre as culturas dos povos que passaram a conviver.

Dentro desse subcampo, havia uma hierarquia, definida pelas relações de trabalho, porém também pelos capitais possuídos pelos agentes. Os que detinham capital econômico – proprietários da empresa - ocupavam as posições mais altas. Os que não detinham o capital econômico, tampouco o capital cultural na sua forma objetivada ou institucionalizada, possuíam um tipo de capital cultural incorporado.

Em relação ao processo migratório e a impermanência desse acolhimento, trata-se da forma como se deu a ocupação da fronteira, naquele momento histórico. Os grupos que ali se instalavam não deixavam para trás as suas raízes culturais. Elas estavam logo ali ao alcance, “do outro lado da fronteira”. Essa permanência na sociedade de acolhimento era, ainda, desenraizada, levando em consideração o caráter impermanente das relações de trabalho, assim como as dificuldades que esses migrantes encontravam, o que os fazia retornar ao seu país, seja por vontade própria, seja por meio de expulsão.

Também se pode considerar o número elevado de paraguaios que se instalaram na região. Isto fazia com que o grupo se mantivesse relativamente coeso, uma vez que partilhavam de trajetórias comuns. É identificado nas obras do autor um sentimento de solidariedade e pertencimento. O partilhar das trajetórias e das dificuldades do dia-a-dia também contribuía para a constituição de um *habitus* de grupo.

Em relação às trocas culturais e ao processo educativo, estes foram também aspectos que caracterizavam a vida na fronteira. A convivência cotidiana com diferentes grupos atribuía maior intensidade às trocas culturais. O processo educativo, por sua vez,

era permeado por essas relações e trazia elementos das diversas culturas que ali se encontravam.

Por se tratar de um espaço fronteiriço, as identidades e alteridades eram essencializadas. Havia influências objetivas e subjetivas na composição desse *habitus fronteiriço*. Ao mesmo tempo em que este era fruto da estrutura social que se colocava naquele momento histórico, também se constituía a partir de uma conversão dos *habitus* dos grupos que passaram a viver na fronteira, ou seja, ao se modificarem as condições objetivas, também o *habitus* reestruturou-se a partir das práticas do homem fronteiriço. Formou-se, assim, um *habitus* singular, próprio da fronteira, um *habitus fronteiriço*.

Uma ausência, porém, é notada na narrativa de Serejo (2008) e precisa ser discutida: os indígenas. Ferreira (2007) destaca que Serejo foi um dos poucos autores que registraram a participação indígena como mão-de-obra da Mate Larangeira, no entanto geralmente o faz com mais ênfase ao discutir sobre as origens[119] da utilização da erva-mate ou no início da exploração ervateira[120]. Sabe-se que a participação de índios Guarani e Kaiowá, porém, foi muito além da descoberta das propriedades da planta. Eles estiveram maciçamente presentes nas atividades ervateiras, ao longo de todo o período (FERREIRA, 2007).

Por que, então, o memorialista omite-se em relação à presença desses povos nas atividades ervateiras? Em entrevista concedida a Brand (1990 apud FERREIRA, 2007), Serejo afirma que os índios nunca trabalharam nas atividades de elaboração da erva-mate, mas somente na extração de lenha para os barbaquás.

Esse discurso de "ocultação" do índio não se restringe à obra de Hélio Serejo. É característica da memorialística e da historiografia regional. Quando não se omite em relação a essa participação, coloca esses povos como um "empecilho" à expansão econômica (FERREIRA, 2007). Desconsidera-se a sua presença antes dos chamados "desbravadores" chegarem à região. Retratam-se como povos hostis que dificultaram essa incursão. Omite-se a forma - violenta - como se deu a ocupação de seu território.

Cabe ressaltar que a área que a Mate Larangeira passou a ocupar era território tradicional dos Kaiowá e Guarani (FERREIRA, 2007). Foi nesse período, mais especificamente no ano de 1902, que a empresa passou a explorar a mão-de-obra indígena. Promoveu profundas mudanças na vida e na territorialização dessas

[119] "Origens": texto presente na obra "Caraí" ([1986] 2008, v. 6).
[120] "Changadores": texto presente na obra "Caraí" ([1986] 2008, v. 6).

populações. Segundo Ferreira (2007), mesmo aqueles que não se envolveram diretamente na atividade ervateira viviam sob as ordens da empresa, que dispunha de poder e polícia própria.

Ferreira (2007) aponta a presença dos índios nos ervais a partir da análise que realizou de relatórios do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e de entrevistas com índios e não-índios. Segundo a autora, em vários estabelecimentos ervateiros o número de índios superava o de trabalhadores paraguaios.

A empresa se utilizava de paraguaios – por estes falarem guarani - para facilitar a incursão nos territórios indígenas. O próprio SPI atuou no "agenciamento" da mão-de-obra indígena para o trabalho fora das reservas. Para Ferreira (2007), a posição de subalternidade assumida pelos índios contribuiu para sua invisibilidade, assim como o fato de muitos deles se esforçarem para se "parecer" com os paraguaios, adotando costumes e vestimentas semelhantes, buscando fugir da discriminação de que eram alvo.

Embora essa invisibilidade seja um traço característico historiografia regional, estes não foram os únicos grupos negligenciados por ela. Assim como se discutiu no capítulo segundo desta tese, as mulheres, crianças, adolescentes e pessoas com deficiência, embora estivessem presentes nos ervais, não são tão enfaticamente retratados, aparecendo muitas vezes em uma posição secundarizada, coadjuvante.

Na memorialística de Hélio Serejo, esses grupos aparecem, porém é evidente em sua narrativa o esforço em exaltar a importância do peão paraguaio, que estava mais diretamente envolvido na elaboração da erva-mate. Ao se considerar que por um longo período a chamada "história oficial" privilegiou em seus registros os feitos dos grupos dominantes, em detrimento das camadas populares, este já pode ser considerado um avanço, ou seja, toda uma obra dedicada a um grupo até então "anônimo", por sua posição social desfavorecida. Nesse sentido, deve-se reconhecer a contribuição de Serejo (2008) em dar voz aos trabalhadores.

No entanto, é necessário lançar um olhar crítico sobre esses relatos e buscar também as suas lacunas. Trazer à tona essas questões não tira o mérito do autor analisado, mas o reconhece como um homem historicamente situado.

Pode-se afirmar que Serejo (2008) diz muito sobre o trabalhador paraguaio e é uma das principais referências sobre o período conhecido como o ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul, porém sua obra carece de registros mais consistentes sobre os demais grupos. Esses "silêncios" são, porém, reveladores. Também são "dados". Eles revelam sobre as relações de hierarquia, das posses dos capitais pelos agentes, ou seja,

os grupos ocultados são aqueles que estão colocados em posições inferiores dentro dos campos.

Para os propósitos desta pesquisa, considera-se que a obra de Serejo (2008), apesar de seus limites, permitiu chegar ao objeto, qual seja, o *habitus fronteiriço*, uma vez que foi possível adentrar as práticas culturais e sociais da fronteira estudada e revelar as singularidades de suas relações. É necessário, a partir desta pesquisa, que outras se dediquem a objetos semelhantes, buscando em outros espaços e tempos de fronteira esse *habitus fronteiriço.*

FONTES

SEREJO, H. Quatro contos. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo** – Vol. 1. Campo Grande: IHGMS, [1939] 2008, p. 77-123.

SEREJO, H. Homens de aço. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo** – Vol. 1. Campo Grande: IHGMS, [1946] 2008, p. 223-278.

SEREJO, H. Ronda sertaneja. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo** – Vol. 2. Campo Grande: IHGMS, [1949] 2008, p. 5-48.

SEREJO, H. Rincão dos xucros. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo** – Vol. 2. Campo Grande: IHGMS, [1950] 2008, p. 49-85.

SEREJO, H. Prosa rude. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo** – Vol. 2. Campo Grande: IHGMS, [1952] 2008, p. 87-179.

SEREJO, H. De galpão em galpão. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo** – Vol. 3. Campo Grande: IHGMS, [1962] 2008, p. 201-233.

SEREJO, H. Rodeio da saudade. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo** – Vol. 3. Campo Grande: IHGMS, [1974] 2008, p. 283-320.

SEREJO, H.. Vida de erval. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 4. Campo Grande: IHGMS, [1975] 2008, p. 61-112.

SEREJO, H.. Sete contos... E uma potoca. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 4. Campo Grande: IHGMS, [1975] 2008, p. 259-319.

SEREJO, H. Pelas orilhas da fronteira. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo** – Vol. 5. Campo Grande: IHGMS, [1981] 2008, p. 93-171.

SEREJO, H. Palanques da terra nativa. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 5. Campo Grande: IHGMS, [1983] 2008, p. 173-220.

SEREJO, H. Caraí. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 6. Campo Grande: IHGMS, [1986] 2008, p. 5-161.

SEREJO, H. O tereré que me inspira. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 6. Campo Grande: IHGMS, [1986] 2008, p. 163-205.

SEREJO, H. Paisagem sertaneja. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 6. Campo Grande: IHGMS, [1988] 2008, p. 207-257.

SEREJO, H. Pialando... no más. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 7. Campo Grande: IHGMS, [1989] 2008, p. 5-83.

SEREJO, H. Caraí ervateiro. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 8. Campo Grande: IHGMS, [1990] 2008, p. 5-67.

SEREJO, H. Sismório, o gringo bochincheiro. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 8. Campo Grande: IHGMS, [1991] 2008, p. 123-161.

SEREJO, H. No mundo bruto da erva-mate In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 8. Campo Grande: IHGMS, [1991] 2008, p. 163-271.

SEREJO, H. ... In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo –** Vol. 8. Campo Grande: IHGMS, [1991] 2008, p. 243....

SEREJO, H. Contos crioulos. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo** – Vol. 9. Campo Grande: IHGMS, [1998] 2008, p. 39-126.

SEREJO, H. Textos esparsos e glossário. In: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Obras completas de Hélio Serejo** – Vol. 9. Campo Grande: IHGMS, 2008, p. 171-287.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. L. O universal e o singular: em discussão a abordagem científica do regional. In: ALVES, G. L. **Mato Grosso do Sul**: o universal e o singular. Campo Grande, MS: UNIDERP, 2003.

ANASTÁCIO, E. B. A. **Hélio Serejo:** por uma literatura entre as orilhas da fronteira. Tese (Doutorado). São José do Rio Preto: UNESP, 2014. Disponível em: <http://200.145.6.238/bitstream/handle/11449/122247/000813368.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 30 mar. 2017.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo : Ática, 1989.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL (MS). **A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais.** Campo Grande: O Arquivo, 2000.

BALLER, L. **Fronteira e fronteiriços:** a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014). Tese (Doutorado). Dourados: UFGD, 2014. Disponível em: <http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2531/1/LEANDRO%20BALLER.pdf> Acesso em: 30 mar. 2017.

BLICK, G. **O imaginário da fronteira:** Santo Antônio/San Antonio. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/87968/209372.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 30 mar. 2017.

BONNEWITZ, P.. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, P.. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. 46-81. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

BOURDIEU, P.. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. 82-121. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

BOURDIEU, P.. **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ed. Ática, 1994.

BOURDIEU, P. **Razões práticas.** Sobre a teoria da ação. 9 ed. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos de educação.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 72-79.

BOURDIEU, P.. **Lições da aula**. Aula inaugural proferida no *Collège de France*. São Paulo: Ática, 2001a.

BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** 2 ed. Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia.** Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século Edições, 2003.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P.. **Esboço de auto-análise**. Tradução Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FIGUEIREDO, J. P. A. B.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BOURDIEU, P.. Compreender. In: BOURDIEU, P. (Coord.). **A miséria do mundo**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 693-732.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. **Ofício de Sociólogo** – Metodologia da Pesquisa na Sociologia. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução.** Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 4 ed. Tradução de Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRANDÃO, Z. ALTMANN, H. Algumas hipóteses sobre a transformação do habitus. **Boletim SOCED**, 2005, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 1-12, 2005. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/soced.php?strSecao=input> Acesso em: 14 mar. 2017.

BRITO, S. H. A. **Educação e sociedade na fronteira oeste do Brasil:** Corumbá (1930-1954). Tese (Doutorado). Campinas: UNICAMP, 2001.

BURAWOY, M. **O marxismo encontra Bourdieu.** Tradução de Fernando Rogério Jardim. Campinas: Unicamp, 2010.

CATANI, A. M. Um convite aos clássicos: o trabalho sociológico de Pierre Bourdieu. **Educação & Linguagem**. 2007, São Bernardo do Campo, ano 10, n. 6, p. 72-85, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/viewFile/127/137> Acesso em: 29 jan. 2014.

CENTENO, C. V.. **A educação do trabalhador nos ervais de Mato Grosso (1870-1930):** crítica da historiografia regional, de suas concepções de trabalho, história e cultura. Dissertação (Mestrado). Campo Grande: UFMS, 2000.

CENTENO, C.. **Educação e Fronteira com o Paraguai na Historiografia Mato-Grossense (1870-1950).** Tese (Doutorado). Campinas: UNICAMP, 2007.

CENTENO, C. V. Diários de campo de um engenheiro: trabalho, cultura e educação no sul do Mato Grosso (1922-1930). **História,** 2012, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 288-308, jan/jun 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v31n1/a14v31n1.pdf> Acesso em: 30 mar. 2017.

CHARTIER, R. Pierre Bourdieu e a história. Debate com José Sérgio Leite Lopes. **Topoi**. 2002, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4. p. 139-182, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi04/04_debate01.pdf> Acesso em: 30 mar. 2017.

CORRÊA, L. S. **A Fronteira na História Regional:** o sul de Mato Grosso (1870-1920). Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 1997.

CORRÊA, V. B. **Fronteira Oeste.** Campo Grande: UFMS, 1999.

DEMARTINI, Z. B. F.. Questões teórico-metodológicas da história da educação. In: SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Org.). **História e história da educação.** O debate teórico-metodológico atual. Campinas: Autores Associados, 1998, p. 65-78.

DEMARTINI, Z. B. F. Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa. In: **Pro-Posições**, 2004, Campinas, n. 3, p. 215-228, set./dez. 2004. Disponível em: <http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/45-artigos-demartinizbf.pdf> Acesso em: 09 set. 2009.

DORATIOTO, F. F. M.. A participação brasileira no golpe de Estado de 1894 no Paraguai: A Missão Cavalcanti. Textos de História. 1994, Brasília, v. 2, n. 4, p. 145-174, 1994. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5764/4771> Acesso em: 24 out. 2017.

FERREIRA, E. M. L.. **A participação dos índios Kaiowá e Guarani como trabalhadores nos ervais da Companhia Matte Larangeira** (1902-1952). Dissertação (Mestrado). Dourados: UFGD, 2007.

FREIRE, P. C. V. **História dos antigos domínios nos ervais do Paraguai** (1538-1811). Campo Grande: IHGMS, 2014.

FRONTEIRA Brasil/Paraguai. 2012. Disponível em: <http://info.lncc.br/pahist.html> Acesso em: 27 mar. 2017.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. A Revolta Comunista de 1935. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Fatos e Imagens**: artigos ilustrados de fatos e conjunturas do Brasil. 2017ª. Disponível em: < http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/RevoltaComunista> Acesso em 29 nov. 2017.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Revolução Federalista. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO

VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário da Elite Política Republicana** (1889-1930). 2017b. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20FEDERALISTA.pdf> Acesso em: 12 set. 2017.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política.** São Paulo: Cortez, 1999.

GOLGHER, A. B. **Fundamentos da migração.** Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.

GONÇALVES, N. G.; GONÇALVES, S. A. **Pierre Bourdieu:** educação para além da reprodução. Petrópolis: Vozes, 2010.

HALBWACHS, M.. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780:** programa, mito e realidade. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LANG, A. B. S. G.. Imigrantes portugueses em São Paulo: reconstruindo identidades. In: **XXIII Encontro Anual da ANPOCS,** 1999, Caxambu/MG. – p. 1-9. Caxambu, 1999.

LAPLANE, A. F.; DOBRANSZKY, E. A. Capital cultural: ensaios de análise inspirados nas idéias de P. Bourdieu. **Horizontes**. 2002, Bragança Paulista, v. 20, p. 59-68, jan./dez. 2002.

LEME, M. L. A. **Educação, cultura e linguagem:** a comunidade tirolo-trentina na cidade de Piracicaba/SP. Tese (Doutorado). Campinas: UNICAMP, 2001. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000243423> Acesso em: 30 mar. 2017.

MARTINS, J. **Fronteira:** a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MONTEIRO, H. M. O aprofundamento do regionalismo e a crise do modo liberal. In: LINHARES, M. Y. (Org.) **História Geral do Brasil**. 9 ed. rev. atual.. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 302-315.

MORAES, R.. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, 1999, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MULLER, K. M.; OLIVEIRA, T. C. M. Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriças. **1º ENECULT,** 2005, Salvador/BA, p. 1-19. Salvador, 2005. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/KarlaMariaMullereTitoCarlosMachadodeOliveira.pdf> Acesso em 28 fev. 2017.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PEREIRA, J. H. V. Fronteiras étnico-cultural e geográfica: indagações para educação sobre a (re) construção identitária de sujeitos migrantes. **26ª Anped,** 2003, Poços de Caldas/MG, p. 1-15. Poços de Caldas, 2003. Disponível em: <http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/jacirahelenadovallepereira.rtf> Acesso em 28 fev. 2017.

PEREIRA, J. H. V. Brasiguaios ou fronteiriços? a noção de habitus para compreender o pertencimento cultural na fronteira Brasil-Paraguai. **Ideação,** 2013, Foz do Iguaçu, v. 15, n. 2, p. 129-148, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/8778/6955> Acesso em 28 fev. 2017.

PEREIRA, M. V. M. Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo. **Revista da ABEM**, 2014, Londrina, v. 22, n. 32, p. 90-103, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/464/388> Acesso em: 9 ago. 2017.

QUEIROZ, P. R. C. A Companhia Mate Laranjeira, 1891-1902: contribuição à história da empresa concessionária dos ervais do antigo sul de Mato Grosso. **Revista Territórios & Fronteiras,** 2015, Cuiabá, v. 8, n. 1, p. 204-228, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/download/336/pdf> Acesso em: 6 set. 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAGAZZINI, D. Para que e o que testemunham as fontes da história da educação? Tradução de Carlos Eduardo Vieira. **Educar,** 2001, Curitiba, n. 18, p. 13-28, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n18/n18a03.pdf> Acesso em: 30 mar. 2017.

REIS. E.. **Os 13 pontos de Hélio Serejo**. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1980.

REIS, E.. Prefácio. In: SEREJO, H.. **Pelas orilhas da fronteira...** Curitiba: Lítero-Técnica, 1981.

SAVIANI, D. O debate teórico e metodológico no campo da história e sua importância para a pesquisa educacional. In: SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Org.). **História e história da educação.** O debate teórico-metodológico atual. Campinas: Autores Associados, 1998, p. 7-15.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD, A.. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia** - Revista do Migrante, 2000, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 7-32, jan. 2000.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, 2002, São Paulo, v. 20, p. 60-70, maio/ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05> Acesso em: 28 fev. 2017.

SILVA, A. F. **O processo educativo dos trabalhadores da erva-mate na obra do memorialista da fronteira** – Hélio Serejo. Dissertação (Mestrado). Campo Grande: UFMS, 2010. Disponível em: <http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/77/1/Alice.pdf> Acesso em: 30 mar. 2017.

SILVA, M. *Habitus* professoral e *habitus* estudantil: uma proposição acerca da formação de professores. **Educação em revista**, 2011, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 335-359, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n3/v27n3a16.pdf> Acesso em: 1 ago. 2017.

TENO, N. A. C. **Um estudo do vocabulário da erva-mate em obras de Hélio Serejo.** Dissertação (Mestrado). Três Lagoas: UFMS, 2003.

TREVIZAN, M. B. **Grupo Escolar Mendes Gonçalves:** vicissitudes no processo de escolarização republicana na fronteira Brasil-Paraguai (1889-1931). Dissertação (Mestrado). Dourados: UFGD, 2011.

VALENTE, A. L. **Educação e diversidade cultural**: um desafio da atualidade. São Paulo: Moderna, 1999.

WACQUANT, L. J. D. O legado social de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, p. 95-110, nov. 2002.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem,** 2007, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 16, p. 63-71, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/2014-07-19-06-15-59/471-el/v10n16/3753-esclarecer-o-habitus.html> Acesso em: 30 mar. 2017.

APÊNDICES

Apêndice A – Quadros do estado da arte

Quadro 1: Dissertações e teses da BDTD que abordam sobre Hélio Serejo, memória, fronteira e *habitus*

	Título	Ano	Instit.	Curso	Autor
Hélio Serejo	Hélio Serejo: por uma literatura entre as orilhas da fronteira	2014	UNESP	Doutorado em Letras	Elismar Bertoluci de Araújo Anastácio
	O processo educativo dos trabalhadores da erva-mate na obra do memorialista da fronteira - Hélio Serejo	2010	UFMS	Mestrado em Educação	Alice Felisberto da Silva
	Retórica e argumentação: fundamentos para análise de um discurso do sul-mato-grossense Hélio Serejo	2006	UNESP	Mestrado em Letras	Ivonete Stefanes
Fronteira; *habitus*	*Habitus* (ethos e práxis) na civilização latino-americana: uma compreensão da formação social, cultural e ideológica da América Latina e sua influência nos processos de integração internacional regional e sub-regional, com enfoque no MERCOSUL	2006	UFSC	Doutorado em Ciências Humanas – Especialidade em Direito	William Smith Kaku
Fronteira; memória	Memórias boêmias: histórias de uma cidade de fronteira	2006	UFSC	Mestrado em História	Liane Chipollino Aseff
	O imaginário da fronteira: Santo Antônio/San Antônio	2004	UFSC	Mestrado em Literatura	Guilherme Blick
	Memória e história na formação da identidade sem terra no assentamento Conquista na Fronteira	2007	UNICAMP	Doutorado em Educação	Marizete Lucini
	A conquista do oeste/RBS TV: memória e identidade gaúcha na fronteira oeste brasileira	2012	UFSM	Mestrado em História	Priscila Ferreira
	Entre as fronteiras da terra prometida: os trabalhos da memória e da história na representação dos brasiguaios	2015	UFPE	Mestrado em Linguística	Felipe Augusto Santana do Nascimento
Fronteira; memória	Fronteira, mitos e heróis: a criação e apropriação da figura do tenente Antônio João Ribeiro no antigo sul de Mato Grosso	2010	UFGD	Mestrado em História	Camila Cremonese Adamo
	Itaipu, a dança das águas: histórias e memórias de 1966 a 1984	2006	UNICAMP	Doutorado em História	Maria de Fátima Bento Ribeiro

	Título	Ano	Instit.	Curso	Autor
	A pesquisa arqueológica na Estância Velha do Jarau e os museus da fronteira oeste do Rio Grande do Sul - interfaces entre patrimônio, memória e identidade	2011	USP	Mestrado em Arqueologia	Grasiela Tebaldi Toledo
	Oralidades, corpo, memórias: performances de contadores e contadoras de causos da campanha do Rio Grande do Sul	2000	UFSC	Mestrado em Antropologia Social	Luciana Hartmann
	Representações museográficas na fronteira: Museo de la Tierra Guarani (Hernandárias/Paraguai) e Ecomuseu (Foz do Iguaçu/Brasil)	2011	UNIOESTE	Mestrado em História	German Adolfo Ocampo Sterling
	Fronteira, identidade, narrativa: tradição e tradução em Sérgio Faraco	2006	UFRGS	Mestrado em Letras	Andrea Cristiane Kahmann
	Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)	2014	UFGD	Doutorado em História	Leandro Baller
	O gaúcho, a dominação masculina e a educação na fronteira sul-riograndense: o passado no presente	2004	UFMG	Mestrado em Educação	Berenice Lagos Guedes de Bem
	"Mas com isso a gente começou duas vezes no meio do mato": memórias dos desapropriados do Parque Nacional do Iguaçu (oeste do Paraná – 1970-2009)	2010	UNIOESTE	Mestrado em História	Rudy Nick Vencatto
	Imaginários do sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee	2016	PUC-RS	Doutorado em Letras	Cátia Rosana Dias Goulart
	Travessias e passagens em espaços urbanos fronteiriços: Brasil, Uruguai e Argentina	2014	UFRGS	Doutorado em Planejamento Urbano e Regional	Karla Nunes de Barros Coelho
	Discursos, memória e fabricação/construção discursiva da identidade: os brasiguaios nos dois lados da linha	2014	UFRGS	Doutorado em Análises Textuais e Discursivas	Rosemere de Almeida Aguero
Fronteira; memória	A margem do limite: fronteira e narrativa na Foz do Breu, Acre, Brasil	2005	UNICAMP	Doutorado em Ciências Sociais	Andréa Martini
	As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens: estudo da memória coletiva de contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul	2004	UFRGS	Doutorado em Antropologia Social	Flávio Leonel Abreu da Silveira
	Descalvados: a carne de charque em projetos de memória e de identificação de um grupo de trabalhadores (Pantanal, MT, 1945–1990)	2011	UNB	Doutorado em História	Gláucia Tahis da Silva Campos Péclat

	Título	Ano	Instit.	Curso	Autor
	Imaginários políticos e religiosos no sul da América do Sul	2011	UFRGS	Doutorado em Antropologia	Mauro Meirelles
	Da capoeira à prateleira: etnografia da produção de artefatos para a venda no centro de artesanatos Torü Cuagüpa Ta da comunidade Bom Caminho	2014	UFAM	Mestrado em Antropologia Social	Chris Lopes da Silva
	Concepções de natureza e território na visão dos professores guarani da escola indígena de Dourados/MS	2012	UFG	Doutorado em Geografia	Salvadora Cáceres Alcântara de Lima
	Entre a exclusão e a utopia. Um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamento rurais (região sudoeste/oeste do Paraná)	2002	USP	Doutorado em História Social	Davi Felix Schreiner
Memória; *habitus*	Memória social e espacialidade de grupos ceramistas em Trairi, CE	2013	UFPE	Mestrado em Arqueologia	João Nilo de Souza Nobre
	Memória da educação popular nas CEBS no município de Sanclerlândia de 1968 - 1989	2013	PUC/GO	Mestrado em Educação	Adão Donizete Borges
	Habitus e empreendedorismo local: o caso de Panambi-RS	2014	UFSM	Mestrado em Administração	Rosani Zachow
	Os *habitus* professorais: a prática pedagógica em diferentes lugares-ocasiões	2007	UERJ	Mestrado em Educação	Monica Andrade do Nascimento
	Memórias e vida escolar: relatos de formação de professoras da educação infantil Brusque/SC	2006	UDESC	Mestrado em Educação e Cultura	Marcilene Pöpper Gomes
	O colégio israelita Moysés Chvarts: tradição e construção da identidade judaica recifense	2008	UFPE	Mestrado em Educação	Yolanda Maria de Oliveira
	Cultura escolar e *habitus* professoral em uma instituição de educação profissional agrícola	2012	PUC/GO	Doutorado em Educação	Leigh Maria de Souza
Memória; *habitus*	A consagração das vanguardas: memória e biografia coletivas das práticas científicas na Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP	2007	UNICAMP	Doutorado em Saúde Coletiva	Miguel Ângelo Montagner
	Memórias e trajetórias de estudantes de pedagogia da Universidade Estácio de Sá	2005	PUC/RJ	Doutorado em Educação	Adriana de Andrade Gomes
	A escola normal regional Nossa Senhora do Carmo em Belo Jardim-PE: desfilando o *habitus* professoral pelas ruas da cidade	2013	UFPB	Doutorado em Educação	Bernardina Santos Araújo de Sousa
	Trajetórias musicais e caminhos de formação: a constituição do *habitus* docente de três músicos educadores da região do Cariri e suas experiências no curso de música da UFCA	2015	UFC	Doutorado em Educação	Francisco Weber dos Anjos

	Título	Ano	Instit.	Curso	Autor
	Trajetória intelectual de José Américo: contribuições para o pensamento social brasileiro	2012	UFPB	Doutorado em Sociologia	Nilvanda Dantas Brandão
	Quando o professor se torna aluno: tensões, desafios e potencialidades da formação em serviço	2009	USP	Mestrado em Educação	Adolfo Samuel de Oliveira
	Tempo, memória e narrativa kaingang no oeste catarinense: a tradição kaingang e a proteção tutelar no contexto da transformação da paisagem na terra indígena Xapecó	2015	UFSC	Doutorado em História	Carina Santos de Almeida
	Leocádio José Correia : vida, memória e representações	2016	UFPR	Doutorado em História	Marilane Machado de Azevedo Maia
	Educação, cultura e linguagem: a comunidade tirolo-trentina da cidade de Piracicaba-SP	2001	UNICAMP	Doutorado em Educação	Maria Luísa de Almeida Leme
	Entre Grande Otelo e Sebastião: tramas, representações e memórias	2016	UFU	Doutorado em História	Tadeu Pereira dos Santos
	Aprendendo a ser professora: um estudo sobre a socialização profissional de professoras iniciantes no município de Curitiba	2008	PUC/SP	Doutorado em Educação	Adriane Knoblauch
	Vozes de mulheres: educação, universidade e trabalho nos anos 40 e 50 do Século XX	2009	UFRGS	Doutorado em Educação	Fani Averbuh Tesseler
	O trabalho da memória: um estudo antropológico de ocupação camponesa no sertão do Piauí	1993	UNICAMP	Mestrado em Antropologia	Emilia Pietrafesa de Godoi
Memória; *habitus*	A obra vocal de Estércio Marquez Cunha: especificidades da música e memória musical no cenário goianiense	2012	UFG	Mestrado em Música	Leonardo Victtor de Carvalho
	Vivendo do mar: tradição, memória e mudança na vida pesqueira de Pitangui-RN	2007	UFRN	Doutorado em Ciências Sociais	Winifred Knox
	Egressas japonesas da escola de enfermagem da USP: memória histórica da década de 1970	2013	USP	Mestrado em Gerenciamento em Enfermagem	Barbara Felix Fragazi da Silva
	A construção dos CIEPs e da escolarização em tempo integral através da formação continuada em serviço: memórias de professores	2009	UNICAMP	Doutorado em Educação	Yrlla Ribeiro de Oliveira Carneiro da Silva
	O design dos objetos artesanais produzidos no cotidiano de mulheres idosas	2010	PUC/RJ	Mestrado em Design	Mariana de Souza Guimarães
	O movimento estudantil na UFRuralRJ: memórias e exemplaridade	2004	PUC/RJ	Doutorado em Educação	Lucília Augusta Lino de Paula

	Título	Ano	Instit.	Curso	Autor
	Espaços construídos, posições ocupadas: história docente de José Calasans Brandão da Silva em Sergipe	2011	UFSE	Mestrado em Educação	Silvânia Santana Costa
	Da fome à gastronomia: os imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo (1946-1960)	2011	PUC/SP	Doutorado em História	Dolores Martin Rodriguez Corner
	Vozes que recitam, lembranças que se refazem: narrativas de descendentes italianas/os Nova Veneza - 1920-1950	1997	UFSC	Mestrado em História	Lucy Cristina Ostetto
	Acolher, evangelizar e educar: contribuição do oratório festivo São João Bosco para educação feminina em Aracaju (1914-1952)	2011	UFSE	Mestrado em Educação	Nadja Santos Bonifácio
	Pátria livre, meu roçado: sociabilidade e configuração social em assentamentos rurais	2010	UNICAMP	Doutorado em Ciências Sociais	Vanderci Benjamin Ruschel
	Lição de coisas: igreja católica e formação cultural para o cinema no Brasil e na Bahia	2009	PUC-SP	Mestrado em Ciências Sociais	Raquel Costa Santos
	Escola profissional feminina de Florianópolis: reproduções sociais e culturais "costuradas" pela educação popular (1935-1983)	2007	UDESC	Mestrado em Educação e Cultura	Rosane Schmitz Fernandes
	A disciplina de educação física na Escola Técnica Federal de Pelotas	2014	UFPel	Mestrado em Educação	Rony Centeno Soares Júnior
Memória; *habitus*	Salve o dia entre todos o mais belo: educação religiosa e fotografias de primeira comunhão na década de 1940 (Porto Alegre/RS)	2015	UFRGS	Mestrado em Educação	Rita de Cássia de Matos Magueta
	Entre palcos e páginas: a produção escrita por mulheres sobre música na história da educação musical no Brasil (1907-1958)	2011	USP	Doutorado em Educação	Susana Cecília Almeida Igayara-Souza
	Trajetórias de formação de professoras de educação infantil: história oral de vida	2012	USP	Mestrado em Educação	Talita Dias Miranda e Silva
	Rompendo normas: trajetória social e prática docente de Eglê Malheiros no colégio estadual Dias Velho (Florianópolis, 1947/64)	2013	UDESC	Mestrado em Educação	Maristela da Rosa

Organização: SILVA, 2017.

Quadro 2 – Trabalhos organizados por perspectiva teórica e relação com o objeto da tese (BDTD)

	Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
Hélio Serejo	Hélio serejo: por uma literatura entre as orilhas da fronteira	Sudeste	Bhabha, Hall Canclini e Achugar	-	Obra memorialística	Brasil/Paraguai	Letras
	O processo educativo dos trabalhadores da erva-mate na obra do memorialista da fronteira – Hélio Serejo	Centro-Oeste	Cury; Gohn; González Rey; Halbwachs; Lenin; Leontiev; Marx e Engels; Pollak; Saviani; Williams	-	Obra memorialística	Brasil/Paraguai	Educação
	Retórica e argumentação: fundamentos para análise de um discurso do sul-mato-grossense Hélio Serejo	Sudeste	Pontes, Cândido, Aristóteles, Tringali, Perelman	-	Obra memorialística	Brasil/Paraguai	Letras
Fronteira; *habitus*	*Habitus* (ethos e práxis) na civilização latino-americana: uma compreensão da formação social, cultural e ideológica da América Latina e sua influência nos processos de integração internacional regional e sub-regional, com enfoque no MERCOSUL	Sul	Bosi; Bourdieu; Chartier; Elias; Fausto; Fernandes	*Habitus* de povos latino-americanos	-	América Latina	Direito
Fronteira; memória	Memórias boêmias: histórias de uma cidade de fronteira	Sul	Bosi; Backtin; Elias; Le Goff; Hall	-	Relatos orais	Brasil/Uruguai	História
	O imaginário da fronteira: Santo Antônio/San Antônio	Sul	Bourdieu; Certeau; Pollak; Anderson; Raffestin; Foucault;	-	Relatos orais e obras literárias	Brasil/Argentina	Literatura

	Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
Fronteira; memória	Memória e história na formação da identidade sem terra no assentamento Conquista na Fronteira	Sudeste	Certeau; Chartier; Elias; Freire; Halbwachs; Le Goff; Thompson	-	Relatos orais	Brasil/Argentina	Educação
	A conquista do oeste/RBS TV: memória e identidade gaúcha na fronteira oeste brasileira	Sul	Anderson; Certeau; Halbwachs; Hall; Le Goff; Pollak	-	Matérias jornalísticas	Brasil/Argentina/ Uruguai	História
	Entre as fronteiras da terra prometida: os trabalhos da memória e da história na representação dos brasiguaios	Nordeste	Foucault; Hobsbawn; Pêcheux	-	Matérias jornalísticas	Brasil/Paraguai	Linguística
	Fronteira, mitos e heróis: a criação e apropriação da figura do tenente Antônio João Ribeiro no antigo sul de Mato Grosso	Centro-Oeste	Certeau; Gramsci; Halbwachs; Le Goff.	-	Obras memorialísticas	Brasil/Paraguai	Linguística
	Itaipu, a dança das águas: histórias e memórias de 1966 a 1984	Sudeste	Benjamin; Certeau; Chartier; Halbwachs; Le Goff	-	Fontes diversas	Brasil/Paraguai/ Argentina	História
	A pesquisa arqueológica na Estância Velha do Jarau e os museus da fronteira oeste do Rio Grande do Sul - interfaces entre patrimônio, memória e identidade	Sudeste	Halbwachs; Le Goff.	-	Objetos antigos	Brasil/Argentina/ Uruguai	História

	Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
Fronteira; memória	Oralidades, corpo, memórias: performances de contadores e contadoras de causos da campanha do Rio Grande do Sul	Sul	Bakhtin; Benjamin; Lévi-Strauss.	-	Relatos orais	Brasil/Argentina/ Uruguai	Arqueologia
	Representações museográficas na fronteira: Museo de la Tierra Guarani (Hernandárias/Paraguai) e Ecomuseu (Foz do Iguaçu/Brasil)	Sul	Bourdieu; Certeau; Chartier; Williams.	-	Objetos antigos	Brasil/Paraguai/ Argentina	História
	Fronteira, identidade, narrativa: tradição e tradução em Sérgio Faraco	Sul	Bauman; Benjamin; Bhabha; Bosi; Habermas; Hall; Hobsbawn.	-	Obras memorialísticas	Brasil/Uruguai	História
	Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)	Centro-Oeste	Anderson; Bhabha; Bourdieu; Chartier; Elias; Foucault; Pollak.	-	Fontes diversas	Brasil/Paraguai	História
	O gaúcho, a dominação masculina e a educação na fronteira sul-riograndense: o passado no presente	Sudeste	Apple; Bourdieu; Thompson	-	Relatos orais	Brasil/Uruguai	Educação
	“Mas com isso a gente começou duas vezes no meio do mato”: memórias dos desapropriados do Parque Nacional do Iguaçu (oeste do Paraná – 1970-2009)	Sul	Pollak; Thompson; Williams	-	Relatos orais	Brasil/Paraguai/ Argentina	História

	Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
Fronteira; memória	Imaginários do sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee	Sul	Castro-Gómez; Carvalhal; Cornejo Polar; Chappini; Mignolo; Masina; Polar; Pizarro; Palermo; Ricoeur; Rocca.	-	Obras memorialísticas	Brasil/Argentina/ Uruguai	Letras
	Travessias e passagens em espaços urbanos fronteiriços: Brasil, Uruguai e Argentina	Sul	Bosi; Dorfman; Halbwachs; Pollak; Raffestin;	-	Relatos orais	Brasil/Argentina/ Uruguai	Planejamento Urbano e Regional
	Discursos, memória e fabricação/construção discursiva da identidade: os brasiguaios nos dois lados da linha	Sul	Arendt; Halbwachs; Hobsbawn; Pêcheux; Pollak.	-	Fontes diversas	Brasil/Paraguai	Análises Textuais e Discursivas
	A margem do limite: fronteira e narrativa na Foz do Breu, Acre, Brasil	Sudeste	Benjamin; Bourdieu; Elias.	-	Fontes diversas	Brasil/Peru	Ciências Sociais
	As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens: estudo da memória coletiva de contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul	Sul	Benjamin; Bosi; Bourdieu; Elias; Foucault; Ginzburg; Halbwachs; Hall	-	Relatos orais	Brasil/Argentina/ Uruguai	Antropologia Social
	Descalvados: a carne de charque em projetos de memória e de identificação de um grupo de trabalhadores (Pantanal, MT, 1945–1990)	Centro-Oeste	Benjamin; Bhabha; Bosi; Certeau; Chartier; Pollak	-	Relatos orais	Brasil/Bolívia	História

	Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
Fronteira; memória	Imaginários políticos e religiosos no sul da América do Sul	Sul	Bourdieu; Durkheim; Halbwachs	-	Relatos orais	Brasil/Argentina/ Uruguai	Antropologia
	Da capoeira à prateleira: etnografia da produção de artefatos para a venda no centro de artesanatos Torü Cuagüpa Ta da comunidade Bom Caminho	Norte	Bourdieu	-	Relatos orais	Brasil/Peru/ Colômbia	Antropologia Social
	Concepções de natureza e território na visão dos professores guarani da escola indígena de Dourados/MS	Centro-Oeste	Brandão; Carneiro da Cunha; Chamorro; Claval.	-	Relatos orais	Brasil/Paraguai	Geografia
	Entre a exclusão e a utopia. Um estudo sobre os processos de organização da vida cotidiana nos assentamento rurais (região sudoeste/oeste do Paraná)	Sudeste	Bosi; Bourdieu; Hobsbawn; Marx; Williams	-	Relatos orais	Brasil/Paraguai/ Argentina	História Social
Memória; *habitus*	Memória social e espacialidade de grupos ceramistas em Trairi, CE	Nordeste	Halbwachs; Setton; Van Der Leeuw	*Habitus* de um grupo de ceramistas	Objetos antigos	-	Arqueologia
	Memória da educação popular nas CEBS no município de Sanclerlândia de 1968 - 1989	Centro-Oeste	Bourdieu; Freire, Brandão e Barreiro	*Habitus* das camadas populares	Relatos orais	-	Educação

Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
Habitus e empreendedorismo local: o caso de Panambi-RS	Sul	Bourdieu; Schumpeter, Barquero, Becker	*Habitus* "empreendedor"	Relatos orais	-	Administração
Os *habitus* professorais: a prática pedagógica em diferentes lugares-ocasiões	Sudeste	Bourdieu; Nóvoa; Setton; Tardif; Wacquant	*Habitus* "professoral"	Relatos orais	-	Educação
Memórias e vida escolar: relatos de formação de professoras da educação infantil Brusque/SC	Sul	Trabalho indisponível	*Habitus* de professoras de educação infantil	Relatos orais	-	Educação e Cultura
O colégio israelita Moysés Chvarts: tradição e construção da identidade judaica recifense	Nordeste	Adorno; Arendt; Elias; Habermas; Halbwachs	*Habitus* de uma comunidade judaica	Fontes diversas	-	Educação
Cultura escolar e *habitus* professoral em uma instituição de educação profissional agrícola	Centro-Oeste	Bourdieu; Viñao Frago; Dominique Julia; Forquin; Pérez Gómez; Tardif; Nóvoa; Perrenoud; Williams; Cevasco	*Habitus* "professoral"	Relatos orais	-	Educação
A consagração das vanguardas: memória e biografia coletivas das práticas científicas na Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP	Sudeste	Bourdieu; Halbwachs; Ferrarotti; Cooley; Mauss; Boltanski.	*Habitus* "científico"	Relatos orais	-	Saúde Coletiva

	Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
Memória; *habitus*	Memórias e trajetórias de estudantes de pedagogia da Universidade Estácio de Sá	Sudeste	Bourdieu	*Habitus* de estudantes	Relatos orais	-	Educação
	A escola normal regional Nossa Senhora do Carmo em Belo Jardim-PE: desfilando o *habitus* professoral pelas ruas da cidade	Nordeste	Benjamin; Bosi; Bourdieu; Certeau; Chartier; Hobsbawn; Le Goff; Nóvoa	*Habitus* "professoral"	Fontes diversas	-	Educação
	Trajetórias musicais e caminhos de formação: a constituição do *habitus* docente de três músicos educadores da região do Cariri e suas experiências no curso de música da UFCA	Nordeste	Bourdieu; Josso; Passeggi; Bosi; Certeau	*Habitus* "docente"	Relatos orais	-	Educação
	Trajetória intelectual de José Américo: contribuições para o pensamento social brasileiro	Nordeste	Bosi; Bourdieu; Chartier	*Habitus* de um agente	Fontes diversas	-	Sociologia
	Quando o professor se torna aluno: tensões, desafios e potencialidades da formação em serviço	Sudeste	Bourdieu; Elias; Lahire; Nóvoa; Perrenoud; Setton	*Habitus* "escolar"	Fontes diversas	-	Educação
Memória; *habitus*	Tempo, memória e narrativa kaingang no oeste catarinense: a tradição kaingang e a proteção tutelar no contexto da transformação da paisagem na terra indígena Xapecó	Sul	Benjamin; Bourdieu; Elias; Lévi-Strauss; Pollak	*Habitus* de uma comunidade	Fontes diversas	-	História

	Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
	Leocádio José Correia : vida, memória e representações	Sul	Bourdieu; Chartier; Halbwachs; Candau; Catroga; Nora.	*Habitus* de um agente	Fontes diversas	-	História
	Educação, cultura e linguagem: a comunidade tirolo-trentina da cidade de Piracicaba-SP	Sudeste	Bourdieu; Certeau; Demartini; Hobsbawn; Le Goff; Pollak; Valente	*Habitus* de uma comunidade	Relatos orais	-	Educação
	Entre Grande Otelo e Sebastião: tramas, representações e memórias	Sudeste	Adorno; Benjamin; Bernadet; Certeau; Chartier; Ginzburg; Halbwachs; Le Goff; Pollak; Portelli.	*Habitus* de um agente	Fontes diversas	-	História
	Aprendendo a ser professora: um estudo sobre a socialização profissional de professoras iniciantes no município de Curitiba	Sudeste	Bourdieu; Catani; Elias; Setton	*Habitus* de professoras	Relatos orais	-	Educação
	Vozes de mulheres: educação, universidade e trabalho nos anos 40 e 50 do Século XX	Sul	Ariés; Bourdieu; Bosi; Chartier; Elias; Foucault; Hobsbawn; Le Goff; Santos;	*Habitus* de classe e gênero	Relatos orais	-	Educação
Memória; *habitus*	O trabalho da memória: um estudo antropológico de ocupação camponesa no sertão do Piauí	Sudeste	Berger e Luckman; Bergson; Bosi; Bourdieu; Halbwachs; Hosbawn; Le Goff	*Habitus* "camponês"	Relatos orais	-	Antropologia

	Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
	A obra vocal de Estércio Marquez Cunha: especificidades da música e memória musical no cenário goianiense	Centro-Oeste	Bakhtin; Benjamin; Bosi; Bourdieu; Certeau; Chartier; Ginzburg; Hall	*Habitus* de um campo musical	Fontes diversas	-	Música
	Vivendo do mar: tradição, memória e mudança na vida pesqueira de Pitangui-RN	Nordeste	Adams; Barros; Bauman; Bosi; Bourdieu; Cascudo; Certeau; Coradini; Elias; Geertz; Giddens e Beck; Halbwachs; Hobsbawn; Maffesoli; Pollak	*Habitus* de uma comunidade de pescadores	Relatos orais	-	Ciências Sociais
	Egressas japonesas da escola de enfermagem da USP: memória histórica da década de 1970	Sudeste	Barreira; Catani; Bourdieu; Fausto; Minayo	*Habitus* de ex-alunas	Relatos orais	-	Gerenciamento em Enfermagem
	A construção dos CIEPs e da escolarização em tempo integral através da formação continuada em serviço: memórias de professores	Sudeste	Bourdieu; Benjamin, Josso, Pineau, Portelli e Thompson; Nóvoa, Tardif, Freire, Perrenoud e Schön.	*Habitus* de professoras	Relatos orais	-	Educação
Memória; *habitus*	O design dos objetos artesanais produzidos no cotidiano de mulheres idosas	Sudeste	Bourdieu; Bosi; Elias	*Habitus* de mulheres idosas	Relatos orais	-	Design

Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
O movimento estudantil na UFRuralRJ: memórias e exemplaridade	Sudeste	Abramo; Benjamin; Bourdieu; Brandão; Romanelli e Zago; Catani; Elias; Fausto; Ginzburg; Lahire	*Habitus* "universitário"	Relatos orais	-	Educação
Espaços construídos, posições ocupadas: história docente de José Calasans Brandão da Silva em Sergipe	Nordeste	Chartier; Sirinelli; Bourdieu	*Habitus* de um agente	Fontes diversas	-	Educação
Da fome à gastronomia: os imigrantes galegos e andaluzes em São Paulo (1946-1960)	Sudeste	Trabalho indisponível	*Habitus* nas práticas alimentares de imigrantes	Relatos orais	-	História
Vozes que recitam, lembranças que se refazem: narrativas de descendentes italianas/os Nova Veneza - 1920-1950	Sul	Ariès; Bakhtin; Benjamin; Bourdieu; Bosi; Certeau; Chartier; Ginzburg; Halbwachs; Hobsbawn; Le Goff; Pollak; Williams	*Habitus* "familiar"	Relatos orais	-	História
Acolher, evangelizar e educar: contribuição do oratório festivo São João Bosco para educação feminina em Aracaju (1914-1952)	Nordeste	Julia; Chartier; Bourdieu; Halbwachs; Elias	*Habitus* de uma comunidade	Fontes diversas	-	Educação
Pátria livre, meu roçado: sociabilidade e configuração social em assentamentos rurais	Sudeste	Bourdieu; Elias; Garcia Jr.; Martins; Medeiros; Mota e Tavares	*Habitus* "camponês"	Relatos orais	-	Ciências Sociais

	Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
	Lição de coisas: igreja católica e formação cultural para o cinema no Brasil e na Bahia	Sudeste	Trabalho indisponível	Trabalho indisponível	Fontes diversas	-	Ciências Sociais
	Escola profissional feminina de Florianópolis: reproduções sociais e culturais "costuradas" pela educação popular (1935-1983)	Sul	Bourdieu; Romanelli e Freitas	*Habitus* "feminino" burguês	Relatos orais	-	Educação e Cultura
	A disciplina de Educação Física na Escola Técnica Federal de Pelotas	Sul	Bourdieu; Chartier; Cury; Julia; Saviani	*Habitus* de professores	Relatos orais	-	Educação
	Salve o dia entre todos o mais belo: educação religiosa e fotografias de primeira comunhão na década de 1940 (Porto Alegre/RS)	Sul	Certeau e Farge; Bourdieu; Chartier; Frizot, Dubois, Meneses, Mauad, Santos e Possamai	*Habitus* de grupos religiosos	Fontes diversas	-	Educação
	Entre palcos e páginas: a produção escrita por mulheres sobre música na história da educação musical no Brasil (1907-1958)	Sudeste	Bourdieu; Chartier; Certeau; Perrot	*Habitus* de mulheres que escrevem sobre música	Fontes diversas	-	Educação
	Trajetórias de formação de professoras de educação infantil: história oral de vida	Sudeste	Bosi; Bourdieu; Candau; Chartier; Nóvoa, Pineau, Josso, Day, Tardif, Catani e Souza	*Habitus* de professoras de educação infantil	Relatos orais	-	Educação

Título	Região (instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira	Área do conhecimento
Rompendo normas: trajetória social e prática docente de Eglê Malheiros no colégio estadual Dias Velho (Florianópolis, 1947/64)	Sul	Bourdieu; Chartier; Silva; Popkewitz	*Habitus* de um agente	Relatos orais	-	Educação

Organização: SILVA, 2017.

Quadro 3: Artigos do SCIELO que abordam sobre Hélio Serejo, memória, fronteira e *habitus*

		Título	Ano	Instit.	Periódico	Autor(es)
Fronteira; memória	**1**	Diários de campo de um engenheiro: trabalho, cultura e educação no sul do Mato Grosso (1922-1930)	2012	UEMS	História (São Paulo)	Carla Villamaina Centeno
	2	Oralidade, corpo e memória entre contadores e contadoras de causo gaúchos	1999	UFSC	Horizontes Antropológicos	Luciana Hartmann
***Habitus*; memória**	**3**	A ABEn e a preservação da memória profissional: implantação do Centro de Memória da Enfermagem Brasileira	2013	UFRJ	Revista Brasileira de Enfermagem	Tânia Cristina Franco Santos
	4	Entre ganhos e perdas simbólicas: a (des) mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial	2007	Universidade Gama Filho/UFRJ	Escola Anna Nery	Alexandre Barbosa de Oliveira; Tânia Cristina Franco Santos
	5	Setenta anos de vida universitária da Escola de Enfermagem Anna Nery: uma breve reflexão	2007	UFRJ	Escola Anna Nery	Maria Antonieta Rubio Tyrrell; Tânia Cristina Franco Santos
	6	Rachel Haddock Lobo: vida profissional e sua contribuição para a REBEn	2002	UFRJ	Revista Brasileira de Enfermagem	Tânia Cristina Franco Santos; Sonô Taíra Oliveira
***Habitus*; memória**	**7**	A vida e a obra de Zaíra Cintra Vidal	2001	UERJ/ UFRJ	Revista Brasileira de Enfermagem	Gertrudes Teixeira Lopes; Naiva Pereira Caldas; Tábata Cristina Silva Lima; Izabella de Carvalho Martingi

Organização: SILVA, 2017.

Quadro 4 – Trabalhos organizados por perspectiva teórica e relação com o objeto da tese *(Scielo)*

	Título	Região (da instituição)	Referencial teórico	*Habitus*	Tipo de fonte (memória)	Fronteira
Fronteira; Memória	Diários de campo de um engenheiro: trabalho, cultura e educação no sul do Mato Grosso (1922-1930)	Centro-Oeste	Gramsci; Lombardi; Marx	-	Obra memorialística	Brasil/Paraguai
	Oralidade, corpo e memória entre contadores e contadoras de causo gaúchos	Sul	Bauman; Mauss; Zumthor	-	Relatos orais	Brasil/Argentina/Uruguai
Habitus; Memória	A ABEn e a preservação da memória profissional: implantação do Centro de Memória da Enfermagem Brasileira	Sudeste	Bourdieu; Certeau	*Habitus* de um grupo de enfermeiras	Fontes diversas	-
	Entre ganhos e perdas simbólicas: a (des) mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial	Sudeste	Bourdieu; Segalen	*Habitus* de um grupo de enfermeiras	Fontes diversas	-
	Setenta anos de vida universitária da Escola de Enfermagem Anna Nery: uma breve reflexão	Sudeste	Bourdieu	*Habitus* profissional	Discurso de abertura	-
	Rachel Haddock Lobo: vida profissional e sua contribuição para a REBEn	Sudeste	Carvalho; Elias	*Habitus* de um agente	Fontes diversas	-
	A vida e a obra de Zaíra Cintra Vidal	Sudeste	Bourdieu	*Habitus* de um agente	Fontes documentais	-

Organização: SILVA, 2017.

Apêndice B – Obras de Hélio Serejo sobre a fronteira

Quadro 5 – Organização das obras

Obra	Texto	Conteúdo	Observação
Modismo no Sul de Mato Grosso	**Modismo no Sul de Mato Grosso**	Glossário das palavras típicas da região.	**Consulta**
Três contos	**O velho Pastrana**	Conta da ocasião em que Serejo conheceu, em sua infância, o velho Pastrana, um senhor vizinho seu que o socorreu de um ferimento numa das brincadeiras do menino Hélio e seus colegas brasileiros e paraguaios. Destaca-se da referida história a brincadeira: um faz-de-conta de guerra entre brasileiros e paraguaios.	**Personagens**
Quatro Contos	**Capitoa**	Conta a história de uma gaúcha que vivera em Nioaque e liderava um grupo armado na fronteira. Sua fama era tamanha que, segundo Serejo, diminuíra o número de bandidos e arruaceiros na região, por um tempo, devido ao temor que ela e seu grupo despertava. Serejo faz questão de observar como a mulher era "estranha" por apresentar comportamento e vestir-se com trajes masculinos. Era, ainda, alvo de inimizades na região por essas características, de tal modo que chegou a ser presa por se vestir desse modo.	**Personagens**
	Um caso encrencado	Em "Um caso encrencado", o autor narra eventos relacionados às crenças populares. Entre eles, narra-se a história de um paraguaio chamado Júlio Esquibel, ervateiro, cujo filho nascera doente. Este, então, fizera uma promessa para que a criança se recuperasse: registrá-lo com um nome bastante incomum.	**Eventos**
	Jasy Taperê	Sobre um espanhol que vivia em Caarapó e contava histórias ao menino Hélio. Este senhor que não dominava a escrita, possuía, devido às suas viagens, habilidade incomum para as narrativas orais, até com certo lirismo na linguagem. Tinha conhecimento de lendas, civilizações, religião, curandeirismo, atuava como "juiz", "casamenteiro" etc.	**Personagens**

Lobisomem	**Lobisomem**	Conta da lenda do Lobisomem, que é conhecida em várias partes do mundo, com diferentes versões. Entre estas, o autor relata as características do Lobisomem da fronteira Brasil/Paraguai, assim como relatos de seu aparecimento na região.	**Crenças**
Carreteiro de minha terra	**Carreteiro de minha terra**	Poesia dedicada aos carreteiros, que segundo Serejo seriam os que contribuíram para que a civilização vencesse o desconhecido.	**Trabalhadores**
Pialo bagual	**Bochincho**	Fala sobre as festas fronteiriças as quais nem sempre terminavam de modo pacífico, pois eram frequentes as brigas nessas ocasiões.	**Costumes**
Vento brabo	**Limatão**	Narra sobre um cobrador de dívidas que vivia em Nioaque e que fora morto por um dos devedores.	**Personagens**
	Alarico Medeiros	Ex-prefeiro de Nioaque que possuía grande autoridade na região. Indicara seu primo para delegado de policia, porém após um desentendimento ambos acabam matando um ao outro num conflito.	**Personagens**
	A tapera dos Tibúrcios	Conta sobre uma família que vivia na profunda miséria e que morrera em decorrência dessas condições.	**Personagens**
Homens de aço	**Homens de aço**	Trata-se de uma obra voltada ao trabalho nos ervais: todo o processo de produção da erva-mate, assim como os costumes e personagens, estes direta ou indiretamente envolvidos no trabalho ervateiro.	**Atividade ervateira**
Prosa Xucra	**O defunto**	Conta sobre o velório de homem. Seus inimigos velaram seu corpo para que pudessem dividir sua herança. Porém, no decorrer do velório, "desrespeitaram" o morto relembrando os eventos que originaram tal inimizade. Após o enterro, houve uma tempestade e os dois homens foram atingidos por um raio. O ocorrido foi considerado, pela comunidade que o presenciara, como um "castigo" por terem desrespeitado o falecido.	**Personagens**

	André Bode, o feiticeiro	Narra a trajetória de um homem temido em Nioaque, que acreditava-se ser feiticeiro. Ele e seus filhos assassinaram um morador da região e foram presos após os parentes do falecido investigarem o fato. Após ser interrogado, julgado e condenado, André Bode tentou fugir, porém foi capturado. Após alguns dias, a delegacia foi invadida por um grupo que queria vingar a morte de seu amigo e o prisioneiro foi levado, assim como os outros membros de seu bando. Foram assassinados.	**Personagens**
	Promessa cumprida	Conta sobre um gaúcho que foi a Nioaque à procura do assassino de seus pais. Mato Grosso, naquela ocasião, era destino de trabalhadores e de fugitivos de conflitos ocorridos em outras partes do país, entre elas, o Rio Grande do Sul. O referido assassino foi encontrado morto e com uma de suas mãos decepada. O gaúcho que havia cumprido sua promessa de vingança, retornara, então, à sua terra natal.	**Personagens**
	As moedas de prata	Conta a história de um paranaense que migrara para Nioaque em busca de oportunidades. Ali, instalara-se com sua mãe e com seu sobrinho. Ao viajar para Conceição, no Paraguai, em busca de mantimentos, um dos homens que viajava com ele disse que precisaria retornar a Nioaque, pois estava doente. No entanto, essa pessoa armado uma cilada, enganando a mãe do rapaz, roubando suas moedas e jóias. A mãe e o sobrinho do rapaz nunca mais foram vistos.	**Personagens**
	Ajudo a meu amigo	Conta uma breve passagem de um fato ocorrido em Nioaque, quando um Capitão chegou ao local e encontrara, ali, somente um espanhol e um português.	**Eventos**
Ronda Sertaneja	**A cruz do caminho**	Em "A cruz do caminho", Serejo fala sobre as marcas à beira da estrada daqueles que morreram de maneira trágica, inclusive devido às duras vivências nos ervais.	**Dificuldades**
	Locro	Em "Locro", é descrita a comida típica da região, bastante apreciada pelos trabalhadores ervateiros.	**Costumes**
Rincão dos Xucros	**Traguito**	Em "traguito", o autor fala sobre o costume do trabalhador da bebida nos seus momentos de folga.	**Costumes**

Prosa Rude	**O korochiré-pitã**	Em "O korochiré-pitã", descreve o sabiá-laranjeira, presença constante nos ervais.	**Ambiente**
	Um júri nos ervais	Em "Um júri nos ervais", relata um fato ali ocorrido, após dois trabalhadores paraguaios que haviam se desentendido. Foram expulsos pelo dono da ranchada que, ao final, ficou com a paraguaia que fora o motivo do desentendimento.	**Eventos**
	O aluguel de Nhá Chamé	Em "O aluguel de nhá Chamé", é narrada a história de um surto de malária que faz com que um dos trabalhadores vá em busca de medicamentos e, ao retornar à ranchada, desentende-se com um homem que "alugara" sua esposa.	**Eventos**
	O jacu	Em "O jacu", o autor descreve a referida ave que habita os ervais e as superstições que a cercam.	**Ambiente**
	Um mau conselheiro	Em "Um mau conselheiro", conta o que ocorrera com um amigo seu que deixou de trabalhar nos ervais e, posteriormente, devido a um conselho seu, passou a plantar milho. No entanto, devido a uma crise, encontrou grandes prejuízos com essa produção. Retornando ao Paraguai, ali morreu na miséria.	**Eventos**
	Caipó	Em "Caipó", há uma brevíssima passagem em que se refere à Companhia Matte Larangeira, mas o conteúdo do texto refere-se a um índio que residia na região.	**Personagens**
	O flagelo dos ervais	Em "O flagelo dos ervais", descreve uma das doenças que mais acometiam os trabalhadores ervateiros: a malária.	**Dificuldades**
	Em busca de costo	Em "Em busca de costo", o autor descreve como os trabalhadores se alegram ao comer se alimentar da carne que é trazida à ranchada com imensa dificuldade.	**Costumes**
	A urutu	Em "A urutu", o autor descreve a serpente que frequentemente ataca os trabalhadores. Conta, ainda, uma história que teria ocorrido com um homem paraguaio que falecera com seu veneno.	**Dificuldades**

De galpão em galpão	**O arrieiro**	Narra o costume desse personagem que participava das festas nos ervais e pagava a conta de seus "'convidados". Seu trabalho servia para compensar o que gastava. Não permanecia muito tempo num mesmo lugar. O autor afirma que, embora não soubesse nem escrever o próprio nome, o arrieiro conhecia muitas coisas, devido a suas viagens.	**Personagens**
	El gritón	Refere-se ao costume de alguns trabalhadores dos ervais chamados por ele de "gritadores". Esta característica é colocada como uma recordação, num tom nostálgico.	**Costumes**
	Ranchada ervateira	Fala das características das ranchadas e do sacrifício daqueles que queriam erguê-las, naquele ambiente hostil.	**Ambiente**
Rodeio da Saudade	**Reviro**	Fala sobre essa iguaria que costumeiramente era o alimento dos trabalhadores.	**Costumes**
Vida de Erval	**Vida de Erval**	Trata dos diversos aspectos da vida nos ervais: a importância daqueles que iniciaram aquela atividade econômica e dos trabalhadores e suas esposas, a paisagem, os costumes e lendas, alguns personagens que indiretamente faziam parte daquele ambiente, os partidos políticos, os meios pelos quais alguns peões eram punidos, alguns animais que assolavam a região, os crimes, etc.	**Atividade ervateira**
Sete contos... E uma potoca	**Satu**	Relatando sobre a violência na fronteira, o autor fala sobre um caso de um jovem trabalhador que, ao recusar casar-se com a filha de seu patrão, acabou assassinado. Seu amigo, após prometer vingança, assassinou o patrão e entregou-se à polícia paraguaia. Por sua vez, foi solto para lutar contra os revoltosos daquele país e morreu.	**Eventos**
	Bodega	Serejo conta a história de um rapaz que viera do Rio Grande do Sul, enviado por seu pai de criação, que passou a trabalhar na ranchada do pai de Serejo. Com o tempo, foi apresentando um comportamento cada vez mais estranho e acabou sendo mandado de volta ao Rio Grande do Sul, para ser internado num hospital psiquiátrico. Após um tempo de seu retorno, chegava a notícia de que estava internado e tinha matado o pai de criação.	**Eventos**

	El gritón	Conta a história de um peão que trabalhava na ranchada do pai de Serejo, que tinha o costume de provocar e sempre se envolver em brigas.	**Eventos**
	O guavira	Serejo fala sobre o seu cavalo que se chamava Guavira e que tinha esse nome por gostar tanto de comer essa fruta. No entanto, o que fica mais forte na história é o que acontecera a um homem chamado Bueno que, certo dia, tirara sarro de Serejo (que dizia ter, então, 12 anos) e de seu cavalo. Quando Bueno ficou doente, acabou sendo socorrido pelo próprio pai de Serejo e transportado pelo cavalo com o qual um dia fizera piada. Devido a esse "castigo" que recebera por seu ato, pediu perdão a Serejo. Bueno teria morrido numa briga pela herança de sua esposa.	**Eventos**
Fogo de angico	**Lagoa seca**	Serejo narra a paisagem de um lugar onde se localizava uma lagoa e que servia como pouso para os trabalhadores que por ali passavam. A lagoa ganhou esse nome após ter secado e a paisagem ter se modificado completamente.	**Ambiente**
Lendas da erva-mate	**Sabiá Incentivador**	A primeira lenda contada por Serejo nesse livro trata-se do "Sabiá Incentivador", que, quando os peões estavam desanimados ou havia queda na produção, saltava de um lado para o outro e cantava para animá-los novamente.	**Crenças**
	O jaburu	Este animal era bem tratado nas ranchadas pois segundo a lenda protegia os peões dos animais venenosos e garantia sucesso na produção.	**Crenças**
	Lenda da erva-mate	Conta a lenda da Kaá Yari, que seria a deusa da erva-mate. Yari era uma índia que, a pedido do pai a um mensageiro de tupã, tornou-se uma protetora dos ervateiros. O ervateiro, para ter sucesso, deveria casar-se com ela e enfrentar todas as dificuldades dos ervais.	**Crenças**
	A transformação de Yari em pé de erva-mate	Outra lenda da transformação da índia Yari, em pé de erva-mate. Nesta lenda, quem teria feito a transformação seria Jesus.	**Crenças**

Pelas orilhas da fronteira	**El viejito Poincaré**	Serejo narra a chegada, à ranchada de seu pai, de um Sr. gentil e muito trabalhador que viera do Paraguai e cuja história era desconhecida. Após algum tempo, o pai de Serejo descobriu que Poincaré fazia parte do exército e lutara numa revolta para derrubar o governo. Logo após ser questionado sobre esse passado, Poincaré mudou seu comportamento e, como julgaram que estava louco, foi levado de volta ao Paraguai, para ser tratado. Lá, acabou sendo preso, porém a ranchada na qual trabalhou levou seu nome, devido a sua dedicação ao trabalho e a amizade que um dia demonstrou.	**Personagens**
	O padre barbudo	Fala sobre um padre francês que participara de duas guerras e chegara a Mato Grosso, onde catequisou índios da etnia bororo. Chegou a Ponta Porã em 1935 e, após algum tempo, devido à sua aspereza, passou a enfrentar hostilidade dos habitantes da região. Embora o pai de Serejo tenha tentado ajudá-lo, o padre continuou com um comportamento autoritário e, em 1940, partiu para Cuiabá, onde faleceu em 1974.	**Personagens**
	Os balbuenas	Um breve texto sobre os irmãos Balbuena que trabalharam nos ervais e eram "disputados" pelos ervateiros devido à sua dedicação. Um deles, amigo se Serejo, certo dia o reencontrou - trinta e cinco anos depois - e contou o que acontecera com seus irmãos.	**Personagens**
	A espingarda, a rede e o ponchilho	O autor dá um destaque ao Rancho Verdura, onde o fato se originara. Os trabalhadores desta ranchada tinham um "destaque" em relação aos demais, devido à superior qualidade da produção. Neste rancho, trabalhava um casal de paraguaios. Numa festa religiosa, um ervateiro casado se envolveu com a filha desse casal e após algum tempo a levou consigo, para ser sua amante. O fato se espalhou por Campanário e o ervateiro propôs a um peão que se casasse com a mulher, apenas aparentemente. Presenteou o referido trabalhador, buscando convencê-lo, mas, mesmo assim, sua proposta não foi aceita. Diante da negativa, agrediu o peão e fugiu para o Paraguai.	**Personagens**

	Barajo	Conta a história de um peão que fugira dos ervais paraguaios devido aos maus tratos que sofria de seu patrão. Passou a trabalhar nos ervais mato-grossenses. Ganhara esse apelido pois tinha sempre o hábito de jogar baralho. Devido a um mau hálito crônico, acabou se tornando uma pessoa solitária, pois não encontrava nem ao menos que se dispusesse a jogar com ele, devido à sua enfermidade. Passou a jogar com parceiros imaginários. Certo dia, resolveu partir e faleceu pouco tempo depois.	**Personagens**
	Os dois maridos vivos	Fala sobre um casal que trabalhava numa ranchada ervateira e, certo dia, a mulher passou a ter um amante, que chegara para trabalhar na mesma ranchada. O casamento passou a ser apenas aparente, e o marido sofreu muitas humilhações, até que por fim revoltou-se com o amante da esposa e acabou sendo assassinado.	**Eventos**
	O coice da mula	Fala sobre um fato ocorrido na região de Porto Murtinho, na qual a produção havia diminuído devido a alguns conflitos. Lá, Serejo conta que um homem falecera após levar um coice de uma mula. Quando o padre foi visitar o morto, chegou a autoridade da região. Enquanto todos lamentavam o ocorrido, chegou um homem que, embora fosse conhecido pela sua dedicação no trabalho com animais doentes, quando bebia tinha o costume de falar muitos palavrões. Ao chegar, dirigiu-se ao padre com palavrões, o que fez com que a autoridade, ali presente, atirasse, assustando-o.	**Eventos**
	O catre ancho e a rede	Serejo conta sobre um ervateiro casado que, chegando a uma nova ranchada, trouxe consigo uma jovem paraguaia, sua amante (a jovem era órfã e vivia com sua avó que, em troca de uma "gratificação", permitiu que a neta fosse levada). Alugou o "catre" de um dos mineiros para passar a noite com a jovem.	**Personagens**

	A garrafa de pinga especial	Serejo relata o que ocorrera numa de suas viagens, em que se hospedou na ranchada de um ervateiro argentino, conhecido por sua hostilidade. Pela manhã, deparou-se com um barbaquazeiro amarrado a uma árvore, que havia sido torturado pelo ervateiro por ter furtado, numa das festas, uma garrafa de pinga especial. Um tempo depois, soube que o referido ervateiro havia sido assassinado. Entre as versões que cercaram sua morte, estaria a vingança pelo que ocorrera ao barbaquazeiro.	**Eventos**
	O cuestero filósofo	Fala sobre um peão que, bêbado e com seu filho no colo, tentando passar algumas "lições de vida" de como deveria se portar quando se tornasse homem, acabou, além das palavras inadequadas, deixando cair seu filho. A esposa, então, socorreu a criança e deu uma surra no marido, que após o fato acabou fugindo da ranchada.	**Eventos**
Palanques da terra nativa	**Tereré**	Fala sobre o costume dos trabalhadores em tomar tereré, assim como as crenças que envolvem esse hábito (inclusive aquelas relacionadas à produção).	**Costumes**
	Garoa de vento	Serejo descreve um fenômeno que sempre ocorria na região: Primeiro, uma garoa, sempre bem-vinda, depois, um vento, do qual ninguém gostava e fazia com que as cidades fronteiriças de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero parassem. Devido aos efeitos daquele vento, os próprios trabalhadores não saíam do rancho.	**Ambiente**
	Taá	Taá seria um "espírito adivinhador", que só era visto por aqueles que estavam prestes a morrer. No entanto, era chamado por muitos peões de erval para que lhes orientasse a uma condição melhor de vida. Serejo fala sobre um peão, Pedro Jara, que recorria frequentemente ao Taá, na intenção de mudar de vida. Certo dia, teria sido orientado a mudar-se para Vila Encarnación, no Paraguai. Foi para lá e arrendou uma hospedaria e foi bem sucedido.	**Crenças**

Caraí	**Caraí**	Trata das origens da exploração da erva-mate, suas contribuições sociais, culturais e folclóricas, o seu declínio, além de uma minuciosa descrição sobre o trabalho empregado para a produção da erva-mate, as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores, etc.	**Atividade ervateira**
O tereré que me inspira	**O bolicheiro maldito**	Conta sobre um homem que viera do Paraná e montará um bolicho numa região em que se iniciava uma grande exploração de erva-mate. Por certo tempo, foi bem sucedido. No entanto, um dia descobriu-se que o balcão onde se encontravam as mercadorias era feito de uma pedra furtada de um túmulo. O bolicheiro passou a ser conhecido na região como "bolicheiro maldito" e perdeu a freguesia, retornando ao Paraná.	**Personagens**
	Dom Macke	Serejo fala sobre um alemão que trabalhou na administração da Mate de 1934 a 1940 e que tinha inimizade por Francisco Serejo, devido às boas relações que este estabelecia com outras pessoas da administração da empresa. Certa vez, Frederico Macke teria proibido uma carreta paraguaia de passar por Campanário para transportar Francisco Serejo, seriamente doente, para tratamento médico em Ponta Porã. Anos depois, após um negócio mal sucedido em São Paulo, Francisco Serejo reviu Macke, já extremamente pobre e doente, em Campo Grande. Convidou-o para conversar e descansar em sua casa, mas Macke recusou o convite e agradeceu. Um tempo depois, foi para Assunção, onde residiam seus parentes e lá faleceu, com o perdão de muitos com os quais fizera inimizade.	**Personagens**

Paisagem sertaneja	**Juca Peba**	Conta sobre um paraguaio que viera para Mato Grosso e trabalhara em várias funções, inclusive com erva-mate, com o intuito de juntar dinheiro e ajudar sua avó e seu irmão doente que viviam em Concepción, Paraguai. Após algum tempo, tendo montado uma pequena fazenda, vendeu o que tinha e retornou ao Paraguai. Sua avó faleceu um dia depois de sua chegada. Ajudou seu irmão que, devido a uma revolução da qual participara, ficara deficiente. Pagou o tratamento, montou uma chácara para produção de rapadura e mel que deixou para seu irmão e partiu para Posadas, Argentina, onde passou a ser sócio de Juan Molina (que trabalhava com charqueada). Devido à sua aparência, passou a ser alvo de provocações e agressões físicas. Numa delas, ao ver que poderia morrer, defendeu-se e atirou no provocador, que morreu. Fugiu, no entanto acabou sendo assassinado pelos irmãos do homem que matara. Seu irmão, porém, com o auxílio de um padrinho que também participara da revolução, contratou um homem para assassinar os irmãos, o que foi feito.	**Personagens**
	O mascador	Conta sobre um paraguaio, também peão de erval, que tinha hábito de mascar fumo. Foi assim que presenciou uma luta entre seu chefe e um trabalhador de outro rancho que resultou na morte de ambos. Teria apenas observado a luta e tentado fugir. No meio do caminho, se arrependeu e avisou o fazendeiro sobre o ocorrido. A autoridade que ouviu o relato da testemunha, ao saber que esta não intervira para impedir, teria lhe condenado a prestar serviços de limpeza na cidade. Um tempo depois, o "mascador" recebeu uma herança, mas não se adaptou à sua nova condição de vida. Resolveu fugir da prisão - aqui não fica claro se a "prisão" seria pelo fato narrado acima - e partir para Pedro Juan Caballero. No meio do caminho, teria morrido, atingido por um raio.	**Personagens**

	Andaço	Fala sobre algumas doenças que acometiam os trabalhadores dos ervais e seus respectivos tratamentos, de acordo com os conhecimentos da região.	**Costumes**
Nhá Chaló	**Nhá Chaló**	Serejo narra detalhadamente algumas das curas que Nhá Chaló propiciou, inclusive nos casos em que a medicina convencional não resolvia. Em um dos textos, no entanto, Serejo relata sobre um engenheiro argentino que, chegando à região, não era bem quisto pelos trabalhadores devido às críticas que dirigia ao modo como trabalhavam. Um desses ofendidos teria rebatido as críticas, afirmando que, embora não tivesse "gramática", tinha "prática", que era o mais importante. Nhá Chaló teria presenciado quando o engenheiro voltava à Argentina, reclamando incessantemente do tratamento que recebera.	**Personagens**
Pialando... No más	**Boibeado**	O autor explica o significado dessa palavra, originada na Industrial Paraguaia e pronunciada pelos peões, quando estes se revoltavam contra o seu patrão.	**Costumes**
	Ato de creencia	Texto sobre as benzedeiras dos ervais brasileiros e paraguaios.	**Crenças**
	Casado atrás da moita	Um breve texto sobre o grande número de casamentos informais que ocorriam na região.	**Costumes**
	Punía	Descrição de um cupim presente na região, e de como era combatido. Segundo o autor, os peões "destruidores" levavam esse apelido.	**Ambiente**
	Trago colhudo	Hábito de beber dos peões que, segundo o autor, aumentava a produção e consequentemente lhes dava direito de beber novamente.	**Costumes**
	Toruna	Descrição de um pano utilizado na empresa Matte.	**Atividade ervateira**
	El plantillero	Fala sobre um homem que fabricava sapatos na região dos ervais e que era foragido da justiça. Certo dia, teria desaparecido, e nunca mais houve notícias sobre ele.	**Personagens**

	Tenente Parra	Fala sobre um ex-militar paraguaio que se mudara para Mato Grosso e, dentre muitas outras tarefas, também trabalhara nos ervais. Teria sido acusado, por pessoas de muito poder ligadas à empresa Matte, de falsificar uma ordem de pagamento. Como foi absolvido por unanimidade, os acusadores acabaram aproveitando-se da Revolução Constitucionalista de 1932 para matá-lo.	**Personagens**
	Patrulha Volante	Fala sobre as patrulhas que se formavam, de brasileiros e/ou paraguaios, para prender e, por vezes, matar, os peões que fugiam.	**Violência**
	Nhozinho	Referência a um jovem que era bem visto na região de fronteira, filho do advogado Umberto Puiggari. Quando do levante ocorrido nos ervais, em 1932, ao auxiliar o esquadrão responsável por prender os revoltosos, foi morto por um prisioneiro.	**Personagens**
	Cantinho da saudade	Um breve texto no qual Serejo se recorda de quando participava de um grupo de teatro em Ponta Porã e o concurso de polca paraguaia que vencera.	**Sobre o autor**
	Os dois loucos	Embora faça referência a dois personagens, um brasileiro e um paraguaio, Serejo conta a história de Pedro Louco, que tinha uma ranchada próxima a de Francisco Serejo, a qual seria desorganizada. Certo dia, teria adotado um corvo que devido a um ferimento na asa não pode mais voar. Após seu rancho ter sido consumido pelo fogo, passou a perambular pelas ruas dda cidade, tendo como companhia o referido corvo.	**Personagens**
	Mitã-i	Conta a história de um jovem paraguaio que, aos 12 anos, órfão de pai e mãe, foi levado junto com peões de erval para Pedro Juan Caballero. Almejava ser mineiro. Aos 14 anos, mudou-se para o "eldorado da mate" e ali dedicou-se ao trabalho. Quando juntou uma quantia considerável de dinheiro, resolveu retornar a Pedro Juan. Ali, encontrou-se com um antigo amigo, o qual ficou sabendo do dinheiro que Mitã-i trazia consigo. Quando retornavam de uma festa, junto com um terceiro companheiro de	**Personagens**

		viagem, Mitã-i foi morto no meio do caminho.	
	Expressões, ditos, modismos e linguajar fronteiriços	Como o próprio título revela, traz a definição de uma série de expressões usadas na região.	**Consulta**
Balaio de bugre	**Vida de Erval**	Narra um episódio, mais uma das tragédias ocorridas na fronteira, em que um homem é morto numa festa.	**Eventos**
	De tudo um pouco	Fala sobre um peão que fora visitar a família no Paraguai e "alugou" sua mulher para um colega da mesma ranchada. Ao retornar, não teria recebido o pagamento e os dois partiram para a agressão física, sendo que o primeiro, derrotado, ficou com o braço aleijado para o resto da vida. O agressor foi, então, expulso pelo patrão e seu violão dado como forma de pagamento.	**Violência**
	O carpinteiro	Fala sobre um paraguaio que trabalhou na ranchada do pai de Serejo e que trouxera consigo a sua família (sua mulher e cinco filhas). A chegada das jovens teria agitado os peões e provocado desentendimentos e algumas mortes. O pai de Serejo, então, resolveu fechar a ranchada, para proteger as moças. Anos depois, soube-se que o pai delas, estando em precária situação financeira, as teria vendido.	**Eventos**
	João	O autor narra brevemente a história de vários "João", entre eles alguns trabalhadores dos ervais. Os personagens que o autor descreve não se chamam João, mas esse nome compõe um apelido, de acordo com as características que eles tinham.	**Personagens**
	Nó	Fala sobre vários tipos de nó e as superstições e costumes que os envolvem.	**Costumes**

	A lua cheia	Descreve o comportamento do peão de erval ao ver a lua cheia, que embeleza a paisagem.	**Costumes**
	Vento de agosto	Descreve o que o vento de agosto, sem direção, causa no comportamento das pessoas, dos animais e como prejudica o trabalho do barbaquazeiro.	**Ambiente**
Caraí ervateiro	**Caraí ervateiro**	Fala sobre os trabalhadores dos ervais, sua origem e o que os levara àquele ofício, as diferentes idades, a mulher paraguaia, os sofrimentos, animais e doenças, a religiosidade e as crenças, os personagens e acontecimentos, a dificuldade do trabalho, os trabalhadores mais jovens, enfim, trata-se de uma obra que aborda os mais diferentes aspectos envolvidos na atividade ervateira.	**Atividade ervateira**
Lendas do estado de MS	**Lendas dos tapês**	Descreve os caminhos abertos nos ervais para passagem dos peões que transportavam a erva-mate. A lenda que envolve os tapês se refere ao hábito do trabalhador em gritar, o que faria com que eles adquirissem força para prosseguir.	**Crenças**
	Lenda mato-grossense da erva-mate	Fala sobre como um soldado desertor da Guerra do Paraguai encontrou a índia Yari, a qual, após casar-se com ele, teria se transformado num pé de erva-mate e tornado-se a protetora dos ervais.	**Crenças**
	Kaipó	Refere-se à lenda que envolveu o índio Kaipó, cujo filho teria sido devorado por uma queixada. O lugar em que morava teria ficado assombrado. Há um brevíssimo trecho que cita a Empresa Matte, mas o assunto não tem relação com o trabalho nos ervais.	**Crenças**
Sismório, o gringo bochincheiro e bandido	**Sismório, o gringo bochincheiro e bandido**	Fala sobre um homem que viera de Conceição, na Argentina e residiu um bom tempo em Mato Grosso, na região de fronteira com o Paraguai, e ali cometeu vários assassinatos, inclusive no território paraguaio e na Argentina. Apesar do perigo que representava na região, não chegou a ser preso, pois até as próprias autoridades não queriam tê-lo como inimigo. Morreu no Rio Grande do Sul, pelo irmão de um dos homens que assassinara.	**Violência**

No mundo bruto da erva-mate	**No mundo bruto da erva-mate**	Fala sobre várias questões relacionadas à atividade nos ervais: personagens, situações, doenças, violência, ferramentas, crenças, a Empresa Matte, etc.	**Atividade ervateira**
Dorico, um bravo lutador	**Dorico, um bravo lutador**	Narra a trajetória de um ervateiro bastante conhecido na região e bem quisto, que morreu em decorrência de um acidente.	**Personagens**
Ronda do entardecer	**Um cristão de grande vivência**	Breve texto sobre José Bazzo, um gaúcho que vivia na região de fronteira e desempenhara as mais diferentes funções, inclusive algumas relacionadas à erva-mate. Era bastante conhecido na região. Ao falecer, recebeu uma homenagem de Serejo, por meio de uma crônica.	**Personagens**
Contos crioulos	**Nhá Chamé**	Fala sobre uma mulher paraguaia que trabalhou na ranchada de Serejo e que era extremamente dedicada e forte. Num momento de dificuldades financeiras, em que Serejo teve de mudar o tipo de produção e trabalhar com lenha e couro de queixada, Nhá Chamé foi fundamental, executando com dedicação e esforço o serviço de cortar e transportar lenha. Quando a ranchada foi vendida, Serejo a encaminhou para retornar ao Paraguai, onde ela faleceu devido a uma doença.	**Personagens**
	Pio Ramirez	Fala sobre um casal paraguaio que vivia isolado, num lugar chamado Tacuru, região desvalorizada pois não tinha ervais. Após um tempo, as autoridades policiais de Campanário passaram a desconfiar que o paraguaio poderia ser um fugitivo de alta periculosidade da cidade de Mendoza, na Argentina. Ao se dirigirem ao local, constataram. Enviaram o fugitivo de volta à Argentina e, depois, descobriram do que era acusado: de matar, envenenado, um cachorro de um político influente. Após cumprir 8 anos de prisão, também foi morto envenenado.	**Personagens**

	Kirá	Fala sobre Rui Barbosa de Matos, nascido em Coxim, que chegou à fronteira e não trabalhava com erva-mate, mas com couro de queixada. Seu físico, forte, chamou a atenção de Serejo que viu nele um potencial pugilista. Tendo se informado sobre o esporte, por um bom tempo Serejo o treinou e, finalmente, marcou um importante embate contra um pugilista do Rio de Janeiro. Antes, porém, ao buscar um irmão para com ele montar uma fazenda, Rui morreu num naufrágio.	**Personagens**
	O peão que viu Jesus	Fala sobre um homem que trabalhava na ranchada de Serejo e, embora executasse corretamente o serviço, era considerado louco. Certo dia, relatou que vira Jesus Cristo. Um dia desapareceu da ranchada. Por um bom tempo não se teve notícias dele, até que, ao serem encontrados restos mortais próximos a um rio, passou-se a desconfiar que eram do peão, que teria morrido afogado.	**Personagens**
	O andarilho acendedor de velas	Como o próprio título diz, fala sobre um andarilho, cujo irmão era barbaquazeiro e havia falecido devido à maleita, que andava pela fronteira acendendo velas para os mortos.	**Personagens**
	Saca-suerte	Fala sobre as adivinhas que apareciam nas festas das ranchadas ervateiras. Uma delas, chamada Madalena, teria se casado com um funcionário da Petrobrás e, após algum tempo, se mudado para a Índia. Nunca teria renegado o seu passado como "saca-suerte".	**Personagens**
	O último ervateiro	Fala sobre Otaviano dos Santos, um ervateiro que, devido ao cuidado na fiscalização de todas as fases da produção, era conhecido pela superior qualidade da erva-mate que comercializava. Mesmo após a derrocada da atividade ervateira, segundo Serejo, em 1956 (quando a Argentina deixou de importar o produto), persistiu no seu trabalho.	**Personagens**
	Das coisas crioulas	O autor fala sobre diversos elementos que compõem o crioulismo, a vida daqueles que viviam nos ervais, suas crenças, a paisagem, o conhecimento sobre as plantas, os animais, os utensílios, enfim, tudo o que envolve o dia-a-dia daqueles	**Costumes**

		homens.	
	Pô apuá	O autor fala sobre um gesto de comemoração e agradecimento do peão de erval, que consiste em dar um soco para o alto, "em direção ao infinito".	**Costumes**
	Essa lua andeja	Fala sobre a beleza da lua e narra um momento em que ela aparecera, quando Serejo, seu pai e um peão chamado Domingos, ao buscarem um marco para a Comissão de Limites Brasil-Paraguai. Domingos, fizera uma promessa à lua caso encontrasse o marco, o que cumpriu. O peão teria falecido em decorrência de uma infecção, mas Serejo sempre lembrava-se dele.	**Eventos**
	Isto também é crioulismo	Fala sobre elementos que envolvem a cultura da região: o porongo que, quando alguém perdia algum objeto de grande estima, o enchia de água limpa e pensava fixamente, até que o lugar onde o objeto se encontra vem à mente; a árvore dos ninhos, que Serejo viu e se encantou; o tatiá, uma planta ornamental, esférica; e a Jacutinga, uma ave da região que era cercada de crenças.	**Costumes**
	Tipos excêntricos dos ervais	Fala sobre alguns peões que, embora se dedicassem ao trabalho, tinham alguns hábitos excêntricos.	**Personagens**
	O degolado de Jejuymi	Fala sobre Deoclécio Salatiel que, devido a uma doença, tinha o rosto desfigurado. Certa vez, dirigiu-se para os ervais e passou a trabalhar na ranchada de Pedro Roque Ayala. Devido à sua aparência, era motivo de deboche do patrão. Não suportando a humilhação, resolveu fugir. O patrão, furioso, foi atrás de Salatiel e o prendeu. Na viagem de retorno, foram atacados por um enxame de abelhas e, devido a um movimento do prisioneiro para esquivar-se das abelhas, Ayala atirou e depois o degolou, abandonando-o à beira da estrada. Após um tempo, Ayala foi capturado e morto.	**Personagens**

	Carrapato-estrela ou estrelado	Fala sobre uma das pragas que os peões tinham de enfrentar no ambiente dos ervais.	**Dificuldades**
Dois contos: Chopito e Zé Fumaça	**Zé Fumaça**	Fala sobre a trajetória de Leopoldino da Gama Ferreira, conhecido como Zé Fumaça devido ao seu hábito de fumar. Após servir ao Exército, mesmo a sua família residindo em Campo Grande, resolveu voltar ao sertão. Trabalhou na ranchada de Francisco Serejo e, quando a Argentina deixou de importar a produção, foi para o Paraguai, onde se casou e teve um filho. Foi morto quando seu filho tinha apenas 8 anos, por uma facada, ao apartar a briga entre dois peões.	**Personagens**
	Chopito	Fala sobre um carreteiro que fora morto por Sismório, cuja história também foi narrada por Serejo. Há, neste texto, uma diferença com o texto sobre Sismório, já que o sobrenome de quem o matou (Reginaldo) está diferente, assim como o nome do "irmão" cuja morte teria vingado.	**Personagens**
Textos esparsos e glossário	**Apresentação**	Pequeno trecho em que o autor fala sobre a sua obra e o incentivo que recebera para publicá-la.	**Sobre a obra**
	Peão paraguaio	Fala sobre como o peão paraguaio se comportava, sua dedicação ao trabalho e, apesar de tantos problemas que enfrentava, estava sempre alegre e acreditava que tudo estava bem.	**Personagens**
	Discurso	O discurso de Hélio Serejo ao vencer o concurso "O Ciclo da Erva-Mate em Mato Grosso do Sul", evidenciando sua ligação com a vivência ervateira.	**Sobre a obra**
	Peteca	Fala sobre um peão que trabalhou na ranchada de Francisco Serejo e que era muito dedicado. Morreu após sentir uma forte dor na nuca e cabeça (Serejo não revela a doença).	**Personagens**
	Glossário	Definição de diversos termos usados na região.	**Consulta**

Organização: SILVA, 2017.